

DO SONHO

à realização

jornadas de ex-estudantes da UFRN

organização

MILTON SCHIVANI



**Reitor**

José Daniel Diniz Melo

Vice-Reitor

Henio Ferreira de Miranda

Diretoria Administrativa da EDUFRN

Maria da Penha Casado Alves (Diretora)

Helton Rubiano de Macedo (Diretor Adjunto)

Bruno Francisco Xavier (Secretário)

Conselho Editorial

Maria da Penha Casado Alves (Presidente)

Juditha da Costa Leite Albuquerque (Secretária)

Adriana Rosa Carvalho

Alexandro Teixeira Gomes

Elaine Cristina Gavioli

Everton Rodrigues Barbosa

Fabício Germano Alves

Francisco Wildson Confessor

Gilberto Corso

Gleydson Pinheiro Albano

Gustavo Zampier dos Santos Lima

Izabel Souza do Nascimento

Josenildo Soares Bezerra

Ligia Rejane Siqueira Garcia

Lucélio Dantas de Aquino

Marcelo de Sousa da Silva

Márcia Maria de Cruz Castro

Márcio Dias Pereira

Martin Pablo Cammarota

Nereida Soares Martins

Roberval Edson Pinheiro de Lima

Tatyana Mabel Nobre Barbosa

Tercia Maria Souza de Moura Marques

Secretária de Educação a Distância

Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo

Secretária Adjunta de Educação a Distância

Ione Rodrigues Diniz Morais

Coordenadora de Produção de Materiais Didáticos

Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo

Coordenadora de Revisão

Aline Pinho Dias

Coordenadora Editorial

Kaline Sampaio

Gestão do Fluxo de Revisão

Edineide Marques

Gestão do Fluxo de Editoração

Rosilene Paiva

Conselho Técnico-Científico – SEDIS

Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo (Presidente)

Aline Pinho Dias – SEDIS

André Morais Gurgel – CCSA

Antônio de Pádua dos Santos – CS

Célia Maria de Araújo – SEDIS

Eugênia Maria Dantas – CCHLA

Ione Rodrigues Diniz Morais

Revisão Textual

Patrícia Adna Eschevani Takehisa

Design Editorial

Rafael Campos (Projeto Gráfico EDUFRN)

Amanda Marques (Diagramação e capa)

Parecer Externo

Glauco dos Santos Ferreira da Silva (CEFET/RJ)

Elisa Prestes Massena (UESC)

Parecer Interno

Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Coordenação do PPGECONM - UFRN

Ivanise Cortez de Sousa Guimarães

Fernanda Marur Mazze

Coordenação do PPGECM - UFRN

Márcia Gorette Lima da Silva

Josivânia Marisa Dantas

DO SONHO

à realização

jornadas de ex-estudantes da UFRN

organização

MILTON SCHIVANI


edufnr
Natal, 2022

60
anos

Fundada em 1962, a EDUFRN permanece dedicada à sua principal missão: produzir livros com qualidade editorial, a fim de promover o conhecimento gerado na Universidade, além de divulgar expressões culturais do Rio Grande do Norte.

Obra financiada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com recursos do Fundo Editorial da UFRN. A avaliação da obra foi feita por avaliadores/consultores ad hoc com base nos critérios de seleção do Edital 01.2015 da Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - EDITAL DE APOIO À PUBLICAÇÃO DE LIVROS.

Catálogo da Publicação na Fonte

Do sonho à realização : jornadas de ex-estudantes da UFRN / organizado por Milton Schivani. – Natal/RN : EDUFRN, 2022.
3551 Kb.; 1 PDF

ISBN 978-65-5569-216-7

I. Educação - UFRN. II. Egressos - UFRN. III. Educação Superior - UFRN.
IV. Schivani, Milton.

CDU 378
S698

Elaborado por Edineide da Silva Marques – CRB-15/488

Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRN – Editora da UFRN
Av. Senador Salgado Filho, 3000 | Campus Universitário
Lagoa Nova | 59.078-970 | Natal/RN | Brasil
e-mail: contato@editora.ufrn.br | www.editora.ufrn.br
Telefone: 84 3342 2221



Caricatura de Paulo Freire,
por Marcos Manziart @marmanilustrador

Apresentação

Estimada leitora, Estimado leitor,

Esta é uma obra desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática (PPGECNM)¹ e em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM)², ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como uma forma de estimular jovens estudantes na realização dos seus sonhos, pessoais e profissionais.

Trata-se de uma obra que apresenta relatos autobiográficos e reflexões de pessoas que enfrentaram diversos tipos de barreiras. Mães em jornadas múltiplas de trabalho e estudo.

¹ Site: <https://posgraduacao.ufrn.br/ppgecnm>. Acesso em: 15 jun. 2021.

² Site: <https://posgraduacao.ufrn.br/ppgecm>. Acesso em: 15 jun. 2021.

Gente da periferia sufocada pelos mais diversos tipos de preconceitos, muitas vezes oriundos do próprio núcleo familiar, dentre outros casos.

Em comum, todos são exemplos para desconstruirmos os preconceitos que tendem a limitar ou impedir a realização dos nossos sonhos. Talvez você se reconheça em alguns destes relatos. Espero que eles lhe inspirem e lhe motivem a continuar o seu caminhar e a sua luta, para se tornar a pessoa e o profissional que almeja ser.

Sejam bem-vindas e bem-vindos a essa jornada, na qual a **educação** se mostra verdadeiramente **libertadora**.

Milton Schivani
organizador

Prefácio

Escrevo esse texto em agosto de 2020. Ano que marcará a história da humanidade em razão da luta pela sobrevivência à pandemia causada pelo vírus SARS-CoV2 (do inglês *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*) que causou, até o momento, mais de 600.000 mortes por COVID-19, no mundo inteiro. Milhões foram infectados. No Brasil, ultrapassamos as 130.000 mortes e há mais de 4 milhões de casos confirmados, no entanto, esses números podem expressar apenas um terço do real devido à subnotificação de casos em decorrência da baixa testagem da população. No Rio Grande do Norte, já são mais de 2.300 mortes com dezenas de milhares de infectados.¹

¹ Em 30 de novembro de 2021, quando esta obra estava no processo de edição, cerca de 5,2 milhões de pessoas no mundo inteiro já haviam morrido, contaminadas pelo vírus COVID-19. No Brasil, ultrapassamos as 614.000 mortes e há mais de 22 milhões de casos de contaminação confirmados. No Rio Grande do Norte, são cerca de 7500 mortes com dezenas de milhares de infectados. Fonte: <http://www.giscard.com.br/coronavirus/index.php>. Acesso em: 30 nov. 2021. (Nota do organizador)

Em nosso país, além da grave crise sanitária, enfrentamos também uma séria crise política e econômica, já em curso desde 2015, que se agrava fortemente com a pandemia, flertando, inclusive, com tendências fascistas. Uma forte batalha contra o conhecimento científico se instalou no país e, por conseguinte, contra as universidades, por ser o lugar de produção desse conhecimento, elegendo como maiores inimigos, os professores. Grupos que ascenderam ao poder de formas pouco transparentes, com bases conservadoras e ultraneoliberais, começam a negar o conhecimento produzido pela ciência desde o século XVII, quando da sua ascensão, até hoje. Como se não bastasse, tais grupos também se posicionam contra qualquer política de promoção afirmativa para superação das dívidas sociais e econômicas que temos com nosso povo, mais especificamente com as minorias étnicas, religiosas, de gênero, de classe social e de pessoas com deficiências, desmontando progressivamente as políticas de ação afirmativa e dando espaço a uma onda de violência contra tais grupos, poucas vezes tão explícita em nossa história.

E em que tudo isso se relaciona com os textos que apresento neste livro? As narrativas autobiográficas aqui apresentadas, além de muito emocionantes, evidenciam trajetórias de superação de dificuldades enfrentadas por pessoas pertencentes a vários dos grupos citados acima. Além disso, demonstram como as políticas de inclusão podem, se presentes,

dar condições de acesso à educação, a bens culturais, trabalho, moradia e renda ou como sua ausência pode inviabilizar tais ganhos. É preciso ressaltar que esses ganhos não são privilégios de poucos que, por méritos próprios e esforço individual, os “conquistam”. São direitos de cada um de nós, previstos na Constituição Federal de 1988, e dever do Estado.

Nos dados do censo escolar de 2018 para a Educação Básica², consta a matrícula total de 47.874.246 estudantes no país, seja na educação infantil, no ensino fundamental ou no ensino médio. Todavia, o que nos assusta é que, enquanto a matrícula no ensino fundamental era de 26.923.730 estudantes, para o ensino médio não passava de 7.465.891. Mesmo considerando que o ensino fundamental tem atualmente 09 anos e o ensino médio apenas 03, temos assistido uma enorme evasão na completude da Educação Básica de nossa população. Isso tem um rebatimento fortíssimo no ingresso no ensino superior, tendo em vista que a Educação Básica é seu pré-requisito. Significa que grande parte de nossos jovens estão encerrando sua escolaridade antes mesmo de completar o Ensino Médio.

Alguns especialistas, psicólogos, psicoterapeutas, psicanalistas têm afirmado que, com a pandemia da COVID19, a humanidade terá que repensar seus valores e formas de viver,

² Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/indicadores-educacionais>. Acesso em: 06 ago. 2020.

de ser e de se relacionar com o mundo, em especial com a natureza. Esse repensar deverá passar por uma reflexão sobre as formas de produção, de consumo, de trabalho e de acúmulo de capital, pois a doença, sem cura a curto prazo, expôs em todo o mundo, mas mais fortemente no mundo periférico (no qual o Brasil se encontra), as enormes diferenças de acesso a bens básicos, como saneamento, moradia digna, escolarização, saúde pública e trabalho adequadamente remunerado, entre os diversos grupos sociais. Sendo assim, o papel da educação pública, laica, de qualidade e socialmente referenciada se torna ainda mais relevante. Ela, em si, não muda o mundo, mas proporciona às pessoas conhecimentos e formas de pensar que as levem a buscar alternativas melhores para si. Inclusive porque proporciona o conhecimento daquilo que é direito de todos.

Este trabalho contempla narrativas de ex-universitários, hoje em sua maioria professores do ensino superior, em que se desvelam como essas pessoas, em sua maioria do interior do país, tornaram-se intelectuais em suas áreas. Mais ainda, como, hoje, favorecem à população com suas práticas profissionais e seu envolvimento com as políticas de acessibilidade socioeconômicas, para que outros também possam superar dificuldades e se realizarem como seres humanos.

Suas trajetórias universitárias se desenvolveram entre o final da década de 1990 e a primeira década dos anos 2000.

E, nos anos 2000 várias políticas de inclusão no ensino superior brasileiro tiveram início: cotas raciais e para estudantes de escolas públicas, cotas para pessoas com deficiências, novos concursos para docentes e técnicos e um formato mais democrático de acesso à universidade, o Sistema de Seleção Unificada (SISU) que tem como base o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM)³.

Além disso, tivemos nesse período a ampliação da Graduação e da Pós-Graduação em todo o no país, com editais que abriam espaço para as regiões com menor número de cursos e programas. Tais políticas não só reconheceram que as universidades eram importantes, senão os principais espaços de produção do conhecimento do país, como reconheceram que tal produção é fundamental para desenvolver a soberania nacional. Eu própria entrei na universidade, como professora, já no começo das políticas de reconstrução/expansão das universidades em 2004, eram os primeiros concursos da “Era Lula”, depois de um longo período sem concursos.

Em 2007, tivemos o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI),

³ Lamentavelmente, no ano de 2021 o ENEM apresentou o menor número de inscrições dos últimos 14 anos. Também foi o menor com número de inscritos desde que a prova adotou o formato atual, em 2009. Fonte: <https://g1.globo.com/google/amp/educacao/enem/2021/noticia/2021/07/15/enem-2021-tem-4-milhoes-de-inscritos.ghtml>. Acesso em: 30 nov. 2021. (Nota do organizador)

parte integrante de um conjunto de ações do Governo Federal no Plano de Desenvolvimento de Educação do Ministério da Educação (MEC). O Programa foi instituído pelo Decreto Presidencial nº 6.096, de 24 de abril de 2007, com o objetivo de dar às instituições federais, condições de expandir o acesso e garantir condições de permanência no Ensino Superior. Isso mudou a cara das Universidades e dos Institutos Federais de Educação nos anos seguintes, inclusive levando-os para o interior do país.

Paradoxalmente, também tivemos políticas de subsídio à iniciativa privada via isenção de impostos e financiamento dos estudantes com o argumento de que a expansão da rede pública levaria tempo e era preciso ampliar o acesso ao ensino superior. Sendo assim, desde o final da década de 1990 até os dias atuais, essas políticas contribuíram para termos hoje 88,2% do Ensino Superior nas mãos do setor privado (segundo dados do Censo da Educação Superior⁴). Do total de 2.537 instituições de ensino superior, apenas 299 são públicas. Das privadas, apenas 92 são universidades, explicitando a vocação do setor para a mercantilização do ensino como um serviço, sem o compromisso com a produção de conhecimento e a formação intelectual e profissional de seus estudantes

⁴ Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 03 ago. 2020.

amparadas no tripé formativo ensino/pesquisa/extensão, como ocorre nas instituições públicas.

Nas narrativas autobiográficas aqui apresentadas, vemos a importância da educação pública, mesmo que seu tempo tenha sido atravessado pelas dificuldades de alguns grupos sociais para os quais, em algum momento, foi ou é necessário interromper os estudos para trabalhar, pois esta é a única forma de sobrevivência. Evidenciam-se a precariedade de nossa rede pública de Educação Básica, muitas vezes sem a menor estrutura física para acolher crianças e jovens, bem como a ausência de equipamentos como bibliotecas, espaços de lazer e cultura, que poderiam coadjuvar com a escola no processo de formação das pessoas. As narrativas nos fazem evidenciar o papel relevante das famílias, seja para afirmar ou para negar o acesso à educação. E não menos relevante; todas as narrativas, de uma forma ou de outra, nos remetem ao papel dos professores, alguns, mesmo atuando em escolas carentes de recursos, se empenham para estimular os estudantes através de uma prática pedagógica possível, muitas vezes, doando seus próprios livros ou comprando os materiais necessários para o aprendizado de seus alunos. Como dissemos no início desse texto, diante da atual política que se instalou em nosso país, esses são os inimigos, os professores!

Nas páginas que se seguirão o leitor poderá ver como a odisseia formativa se delinea em diferentes contextos para diferentes grupos, em nosso país. O texto é dividido em cinco eixos e cada um evidencia uma dimensão da vida ou trajetória de seus narradores. O que não significa, todavia, que essas dimensões não perpassem as demais narrativas.

No **eixo I, A mulher na desconstrução de preconceitos**, quatro relatos nos apresentam o universo feminino em suas diferentes nuances. Em **Feminilidades em terras áridas**, a autora, de maneira delicada e amorosa, apresenta a influência de sua mãe sertaneja que, embora professora, não conseguiu fugir das agruras da vida no sertão e do machismo no interior nordestino, no entanto, plantou em sua filha “a semente da resistência e do anseio pela liberdade”. Essa narrativa evidencia que o gosto pelos estudos é alimentado também pela amorosidade do ensino das professoras, também mulheres, que encontramos pelo caminho de escolarização. As limitações para seguir os estudos, ainda presente na vida de muitas mulheres, apenas por serem mulheres, e a fuga para o casamento precoce como forma de também conseguir a liberdade estão presentes nesse texto emocionante.

A autora também nos chama a atenção para a questão do enfrentamento ao racismo no contexto escolar e ao longo da trajetória acadêmica, o que atravessa tanto sua atuação

discente, como profissional. Nesse texto também se apresentam as dificuldades do início da carreira docente de uma jovem mulher, em relação à área de conhecimento em que ministra aulas, a Física, bem como a conciliação da continuidade formativa com a maternidade e a construção da família.

O enfrentamento ao racismo que a autora relata nos faz lembrar que, do total de estudantes da Educação Básica brasileira, 9.414.922 das estudantes do sexo feminino se declararam **não brancas** e 6.545.954 sequer opinaram. Entre os do sexo masculino a abstenção foi de 6.752.476, mas 9.868.727 se declaram **não brancos**, com concentração bastante significativa de pardos, nos dois casos. Essa denominação étnica dos censos brasileiros parece servir para deixar mais confortável as pessoas que apesar de não se perceberem brancas, em razão do racismo estrutural que permeia a nossa sociedade, tampouco conseguem se dizer pretas. Aparecem também nesse grupo do censo as pessoas que se dizem pretos, amarelos e indígenas.

Em **Do abstrato ao concreto: um objetivo alcançável**, a autora destaca a qualidade de ser persistente como requisito para a superação de dificuldades. Evidencia também a vida pobre e de trabalho sempre presente, mesmo na infância, para ajudar na sobrevivência da família. Faz-nos recordar circunstâncias em que a condição para prosseguir os estudos lhe é diferente, apenas por ser mulher. A autora também chama

a atenção para as dificuldades da escola pública, com ausência de professores de algumas áreas e com as várias greves que apesar de reivindicarem a melhoria das condições da educação, forçavam-na a estudar sozinha, com livros emprestados ou de sebos e bibliotecas públicas.

Tais problemáticas da educação básica de nosso país melhoraram um pouco, no entanto, as melhorias ainda são insuficientes para favorecer a qualidade e ritmo do trabalho nas escolas, o que termina por delegar aos estudantes das camadas mais pobres, a responsabilidade de contornar, por conta própria, os problemas que são estruturais. O ingresso na universidade, embora tortuoso e alongado pelas escolhas possíveis, primeiro o Curso de Estatística e depois o tão sonhado Curso de Matemática, abre caminhos para novas possibilidades de vida e realização, como a possibilidade de se tornar professora universitária e colaborar na formação de outros jovens que almejem, através da educação, mudanças em suas vidas.

No terceiro texto deste mesmo eixo, **As marcas da Educação que me atravessam**, é descrita a influência familiar, desde muito cedo, em relação à importância da educação. Em contraponto aos textos anteriores, vê-se a importância das crianças e jovens dedicarem seu tempo aos estudos, sem dividi-lo com tarefas domésticas e trabalho remunerado. A autora nos apresenta a experiência de ter estudado na rede

particular de ensino ao longo da primeira etapa da educação básica, o que, segundo ela, lhe deu condições de ingressar no Curso de Magistério no Ensino Médio, agora na rede pública, onde lhe foi apresentado o mundo da docência e mais tarde o vestibular para o curso de Pedagogia na UFRN.

São as experiências extensionistas proporcionadas pela universidade que a levam para uma reflexão mais aprofundada e embasada sobre as questões da formação de docentes para a Educação Básica, em especial para o ensino de ciências, de forma acessível e lúdica, possibilitando que enveredasse por essa área de investigação desde o Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação até sua tese de Doutorado. Tal trajetória evidencia que a formação universitária é mais complexa do que a formação profissional em si. Embora a habilitação profissional seja um caminho formativo, é a coadjuvância das experiências de extensão, tutoria, docência assistida e pesquisa que juntos fazem a formação de um intelectual em determinada área.

No último texto dessa parte, **Lutas, recomeços e conquistas**, a autora nos apresenta sua trajetória de menina do interior da Paraíba, de classe média baixa, até se tornar professora universitária da UFRN no dia 16 de abril de 2004 (exatamente o dia em que eu também tomei posse, nesta mesma universidade, vinda de uma realidade completamente diversa daquela por ela apresentada). Como em toda família

com dificuldades financeiras, precisou trabalhar e assim conheceu a docência, quando ainda cursava o ensino Médio, em uma escola de bairro, realidade comum naquela época.

Era com o salário daquele trabalho que subsidiava os custos de sua própria educação para atingir a meta de entrar em uma universidade, na Licenciatura em Ciências Biológicas, o que consegue ao final, se separando da família para fazer o curso em outro estado. Mais uma vez, conciliar a vida de casada e enfrentar o preconceito de alguns professores com relação a essa condição era uma necessidade para superar os desafios, inclusive de sustento, para participar mais efetivamente da vida universitária como bolsista de iniciação científica. É a investigação científica um dos importantes caminhos para a formação universitária. Todavia, embora seja reconhecida como tal, só nos anos 2000 houve uma ampliação das cotas de bolsas para estudantes de graduação, até então o número de participantes era bem pequeno. Infelizmente, temos notado desde 2016 a diminuição das cotas de bolsas para iniciação científica, diminuindo também a possibilidade de os estudantes terem uma formação mais fundamentada e com o vislumbre da pós-graduação, como aconteceu com a autora.

No **eixo II** do texto **A luta por direitos humanos e constitucionais**, são apresentados dois relatos que trazem as trajetórias de estudantes com necessidades especiais de

aprendizagem, um com dificuldade sensorial e outro com deficiência visual. No primeiro texto, **Um impedimento sensorial, um encargo institucional e uma pesquisa científica: entrelaços da minha jornada**, o autor faz uma reflexão, com base em estudos da área, sobre a diferença entre doença e deficiência, sobre a evolução dos conceitos de inclusão e de educação para pessoas com necessidades especiais, ao mesmo tempo em que nos relata sua trajetória escolar como pessoa com deficiência.

A análise ressalta os obstáculos vividos não só pela dificuldade visual, mas também em razão dos preconceitos que permeavam a compreensão dos outros sobre sua pessoa, seus limites e possibilidades. Ele nos apresenta, como fonte de enorme aprendizado de si e dos direitos coletivos, o movimento estudantil, contexto formativo muitas vezes destituído de legitimidade pela educação formal, mas fundante na formação da pessoa. Acima de tudo, o autor acentua a necessidade de divulgação dos casos exitosos como o seu, hoje funcionário da Justiça Federal, para a superação dos preconceitos contra as pessoas com necessidades educacionais especiais nos contextos acadêmicos e profissionais.

O segundo texto, **Da educação básica ao doutorado: minhas experiências como pessoa cega**, embora se mantenha na temática da deficiência visual, enfatiza a necessidade

da instituição educativa empreender esforços no sentido de dar aportes didáticos e metodológicos para que o estudante com necessidades educativas especiais supere as dificuldades de compreensão, principalmente conceituais, exemplificadas no caso do autor, em referência a área de economia. Os mesmos desafios são enfrentados também no ingresso na carreira da docência universitária, mas superados com as condições de apoio oferecidas pela instituição patronal para o exercício profissional, devido às políticas já instituídas de inclusão no ensino superior público.

No **eixo III, Alçando voos em novos horizontes**, são apresentados três textos, nos quais os relatos enfatizam a superação de condições de vida muito difíceis para a consolidação de formação acadêmica, a qual tradicionalmente era restrita a classes mais abastadas. Os relatos têm um ponto significativo em comum, a ênfase no retorno que os autores direta ou indiretamente proporcionam às populações de origem como forma de retribuição pelo êxito alcançado, não só com o compromisso no trabalho desenvolvido, mas também ao desenvolvê-lo próximo ou dentro das comunidades de origem.

Em **Docência e Medicina: lutas, caminhos e conquistas de minha jornada**, a ênfase é dada à possibilidade alternativa ao trabalho na roça que a escola representava e à forma como a família reconhecia os estudos como possibilidade de mudança

de vida. Outra questão levantada é o papel dos professores para manutenção da motivação dos estudantes diante de tantas adversidades sociais, da baixa autoestima, da timidez etc. Novamente, aqui encontramos a importância dos programas formativos nas universidades, nesse caso o Programa de Educação Tutorial – PET, para a manutenção, e mais ainda, para ampliação formativa dos estudantes, transformando-os em intelectuais de suas áreas.

Embora a escolarização em massa tenha chegado tardiamente em nosso país, e ainda não completamente, desde o início do século XX ela passa a ser compreendida como a grande saída para as classes populares da exploração pelo trabalho servil e pelo capital. Inicialmente, através dos primeiros grandes intelectuais da educação como Fernando de Azevedo (1894–1974), Anísio Teixeira (1900–1971) e Lourenço Filho (1897–1970), os quais, em seu Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, já preconizavam o papel fundamental da educação pública de qualidade, laica, para todos. Posteriormente, ainda liderados por Anísio Teixeira, seguidos por outros como Florestan Fernandes (1920–1995), Darcy Ribeiro (1922–1997) e Paulo Freire (1921–1997), em diferentes épocas. Esse ideário passou a fazer parte das aspirações das populações mais empobrecidas como forma de ascensão social, luta bastante difícil, tendo em vista a qualidade estrutural das escolas públicas e a necessidade de sobrevivência dessas famílias.

O que se evidencia em **Educação: o fio dos nossos sonhos** é a trajetória do menino pobre em cidade pequenina do interior, cuja escolarização era concomitante com o trabalho, formal ou não, na maioria das vezes em pequenos comércios, sempre braçal e extremamente exaustivo ou o escambo de trabalho pelo estudo em instituições educativas. O relato do autor sobre a vida de residente universitário e de bolsista de apoio técnico ressalta a importância desses dispositivos para a permanência de muitos estudantes ao longo do curso. Além disso, seu encontro com a docência e com programas de apoio a estudantes egressos da rede pública, para ingresso na universidade, reforça a importância desses docentes e de seu papel na democratização do ensino superior público, por se tornarem referências.

Com **Desconstruindo preconceitos: um pouco da minha jornada pela medicina**, assim como no primeiro texto deste eixo, fica em evidência a trajetória do estudante pobre e do interior, na busca de uma formação que lhe fizesse realizar o sonho de ser médico. O Autor nos conduz em sua narrativa por todos os caminhos que foram necessários para chegar ao destino desejado. Mais uma vez, a importância da residência universitária e das bolsas de apoio técnico para a manutenção dos estudantes em seus respectivos cursos é ressaltada. Além disso, faz nos vislumbrar uma situação incômoda, o quanto os estudantes filhos das classes trabalhadoras, que, portanto,

precisavam trabalhar, não eram muito bem vistos em cursos supostamente compreendidos como para as elites, fazendo vir à tona não apenas o distanciamento e o estranhamento dos colegas, mas o preconceito de alguns docentes. A trajetória difícil, mas cumprida, destaca mais uma vez, que ao entrar nos cursos superiores das universidades públicas, a maioria desses estudantes oriundos da rede pública de educação básica não só consolida seu compromisso de retorno à comunidade, mas também, se torna exemplo exitoso para outros tantos.

Aqui se faz necessária uma observação sobre a formação dos professores universitários, a formação do formador. Só agora, no século XXI, muito pressionados pela expansão e democratização do ensino superior e pelos diferentes perfis de estudantes que ingressam nas universidades, é que começamos, no Brasil, a atentar para a necessidade de formação desse grupo de professores. Como a exigência de formação em nível de pós-graduação *strictu senso* já é uma realidade desde 2013, nas universidades públicas, em razão da Lei nº 12.863 de 24 de setembro daquele mesmo ano, grande parte dos professores tem mestrado e doutorado. No entanto, historicamente, esse nível de formação deixou de ser voltado para a formação de quadros docentes com vistas ao ensino, pesquisa e extensão e se voltou quase exclusivamente para a formação do investigador, imbuída de uma representação social de que para ensinar basta saber o conteúdo específico

da área de ensino, negligenciando os saberes pedagógicos, fundamentais na relação de ensino-aprendizagem. Sendo assim, várias universidades, devido aos graves problemas que começam a surgir, tanto de relacionamento entre docentes e discentes, como de dificuldades de aprendizagem e de ensino, passam a se preocupar com essa formação, não sem resistência de um grupo representativo de docentes.

Essa ainda é uma dimensão da formação docente que precisamos aprimorar, não apenas com técnicas e tecnologias novas, que às vezes escamoteiam a ação pedagógica, mas com os conhecimentos pedagógicos sobre o que é aprender e o que é ensinar, quais os mecanismos cognitivos e afetivos que mobilizamos ao aprender e ao ensinar, como se estabelece a relação de troca em aula e como nos apropriamos do conhecimento e não apenas copiamos do outro.

Quanto ao **eixo IV: O outro na conquista de nossos sonhos**, mais quatro textos nos são apresentados, agora com a ênfase na participação do outro para a superação dos desafios da trajetória formativa, em um contexto social capitalista/individualista no qual muitas vezes a solidariedade humana como copartícipe de sua realização é apagada. Em **As estrelas do firmamento e o interior nordestino: minha jornada pelo saber**, o autor relata sua trajetória de tardia escolarização e nos faz recordar a importância que alguns

professores, atentos aos sonhos de seus estudantes, têm em sua realização. Ao ser presenteado por um professor com um livro, abriram-se caminhos para o sonho de ser cientista. Sonho alimentado por outros diferentes professores que, apesar das parcas condições das escolas do interior do país, buscam alternativas inventivas para alimentar a vontade, a criatividade e o desejo de aprender de seus alunos, muitas vezes até custeando livros e fardamentos. Evidencia-se, assim, a ausência do Estado para a construção humana e cidadã das pessoas e a solidariedade do povo entre si, para construir as possibilidades. E assim, o garoto pobre de Poço Branco chegou ao curso de Física e dele para *Vatican Observatory Summer School*, onde outro professor fez a diferença em sua trajetória, agora chamando-o a uma reflexão existencial sobre sua formação e sobre como ela poderia ser o melhor a fazer para si e para os outros.

Aqui se evidencia a discussão sobre qual o valor social da formação em nível superior e qual o papel dos cientistas e intelectuais para as pessoas e para si mesmos. Para que serve a ciência ou área de conhecimento para a qual nos dedicamos tão profundamente? A serviço de quem está? A favor de quem? Com quais objetivos? Tais questões não são minhas. Inspiro-me nas reflexões de nosso Patrono da Educação Brasileira, o professor Paulo Freire, que dedicou sua vida a compreender como a educação pode ser instrumento de opressão e de imposição de modelos autoritários e discriminatórios

de sociedade e como pode se prestar a libertação humana, à emancipação da pessoa, à condição humana de vida e de pensamento, promovendo a superação das desigualdades e construindo um mundo mais colaborativo.

O segundo texto deste eixo, **De cobrador de ônibus a professor de Matemática: itinerários de formação**, nos revela a importância da inspiração paterna. Tendo perdido o pai de forma abrupta e precoce, isto marca o retorno de um jovem de 25 anos aos estudos, pois, terminado o Ensino Médio, tinha passado a se dedicar somente a sua própria sobrevivência e a de sua família, sendo ele mesmo pai aos 22 anos. Mesmo tendo passado por diferentes trabalhos, exaustivos e mecânicos, o desejo do pai de que voltasse aos estudos e cumprisse seu destino foi muito mais forte. Mais tarde, ao entrar na universidade, o autor ressalta o papel de uma professora ao lhe chamar a atenção para dois aspectos da formação: o importante não são as notas, o importante é o que se aprende, as notas virão em consequência; e as aulas são o lugar de apresentação e discussão dos conteúdos tratados, mas é necessário o aprofundamento e o estudo para além da aula. Além disso, o autor também evidencia o papel da postura de seus professores, que ao ensinarem os conteúdos, ensinavam igualmente a postura acadêmica que deveria ser adotada, apesar de também sublinhar os efeitos negativos de “práticas pedagógicas inadequadas” — eu diria a inexistência

de práticas pedagógicas — para a formação dos estudantes, pois estas geram medo, ansiedade e bloqueios de aprendizagem.

Em **Oficinas mecânicas e salas de aulas: trilhas da minha jornada**, o autor nos conta sua trajetória de formação técnica na área de mecânica automotiva, que começa aos 16 anos, e seu sucesso profissional, a ponto de ser contratado por uma importante concessionária aos 18 anos. No entanto, o ponto de evidência desse texto é a ajuda e colaboração de um colega de trabalho que não só se dispôs a ensinar-lhe o ofício, como lhe deu suporte para alçar voos maiores, como cursar uma universidade. Mesmo tendo que se afastar desse sonho em alguns momentos da vida, devido ao sucesso na carreira técnica, ao casamento e a vinda de um filho, com a ajuda e incentivo dos colegas de trabalho, consegue entrar na universidade e garantir trabalho como professor em escolas da rede privada da cidade, o que lhe permite continuar o curso, prover o sustento da família, além de ingressar como bolsista de iniciação à docência, dando maior suporte a sua formação.

No último texto deste eixo, **Para além do bullying: desafios para voos mais altos**, como o título já anuncia, o texto evidencia como a criatividade e a inteligência de uma criança poderiam ter sido ceifadas pela falta de conhecimento sobre seus problemas fonoaudiológicos, aborda também o preconceito em razão de situação econômica e situações

de violência física e simbólica. Tais dimensões de violência não estão na escola por acaso, estão presentes porque são marcas da sociedade em que ela está inserida, são marcas de quem não sabe lidar com as diferenças e responde violentamente ao que não entende. O autor demonstra que, ainda que superadas as dificuldades e obtido o êxito como professor universitário, não fosse o apoio de alguns professores que o incentivaram e apontaram caminhos, poderia não ter chegado lá.

O assédio moral, como pano de fundo do relato mencionado, nos remete a *Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem* (TALIS, na sigla em inglês), divulgada pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) em junho de 2019, realizada em 48 países ou regiões, a qual concluiu que as escolas brasileiras perdem mais tempo com tarefas não relacionadas ao aprendizado e são um ambiente mais propício ao *bullying* (assédio moral) e à intimidação do que a média internacional. Enquanto dedicamos 67% de tempo a atividades de ensino e aprendizagem e o restante a questões administrativas ou disciplinares, como manter a ordem na sala de aula, os demais países tem uma média de 78%. Um aspecto, em especial, chama a atenção na pesquisa: 28% dos diretores escolares brasileiros relataram ter testemunhado situações de intimidação ou *bullying* entre alunos, o dobro da média da OCDE. Por outro lado, semanalmente, 10% das escolas brasileiras pesquisadas registram

episódios de intimidação ou abuso verbal contra educadores, segundo eles próprios, com consequências para seu bem estar emocional e para sua permanência na profissão. A média internacional é de 3%. Dois lados de um comportamento violento que denuncia um sintoma social mais amplo.

Outro aspecto importante a ser destacado, mas que não é explicitado, é que o autor que trata do *bullying* neste texto é irmão da autora do texto **Do abstrato ao concreto: um objetivo alcançável**, no eixo I, narrando trajetórias formativas em espaço temporal muito próximos e numa mesma estrutura familiar. No entanto, nos são apresentadas narrativas a partir de dois universos radicalmente diversos, o feminino e o masculino. Isso nos faz refletir explicitamente sobre como a condição de gênero, também presente mais discretamente em outro texto com relação à homossexualidade, pode definir as formas subjetivas de compreendermos e de sentirmos o mundo ao nosso redor, bem como nos apresenta possibilidades de escolhas bem distintas, o que também define os caminhos que poderemos trilhar.

Embora a autora de **Do abstrato ao concreto: um objetivo alcançável** comece seu texto dizendo que é “a história de uma garota com algumas dificuldades e muita persistência”, sabemos que muitas das dificuldades que as estudantes enfrentam são resultantes do que usualmente se chama

o lugar de mulher numa sociedade machista, e muitas vezes misógina, e não dificuldades inerentes a própria mulher. Isso aparece com bastante força nos textos do eixo I. Ser mulher, ter que cuidar de irmãos, ser casada ou ser mãe ainda são características não desejadas nas pessoas que querem inserção no mundo público do estudo e das profissões. O mais grave é que isso só é levado em conta em relação às mulheres, ninguém pergunta aos homens se eles conseguirão cumprir os objetivos traçados por serem pais ou maridos. Herança ainda forte de que somente às mulheres são atribuídas as tarefas do cuidado do lar e da família e ainda, de que ela é ou deva ser posse de algum homem e por isso deve servi-lo enquanto ele, sim, cumpre suas metas e objetivos no âmbito do trabalho.

No último texto desse volume, já compondo o **eixo V – É possível!**, saímos do contexto das narrativas autobiográficas para encontrar o texto da psicóloga que coordena o Programa Hábitos de Estudos (PHE), da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFRN e apresenta **Conversas sobre estudar: desafios e possibilidades**. O PHE visa o “desenvolvimento de habilidades acadêmicas em estudantes universitários. São realizadas ações preventivas de apoio aos estudantes no desenvolvimento de suas competências para estudar, buscando favorecer a aquisição de estratégias e hábitos de estudo adequados às exigências atuais acadêmicas e de preparação

profissional”⁵. Nesse texto a autora trata, de forma didática, de aspectos importantes para a aprendizagem do estudante na academia: o que é e porque estudar, a importância da rotina de estudo e da organização do tempo e do material e finaliza com algumas dicas de como usar aplicativos informacionais em favor do estudo.

Pode parecer infrutífero falar de orientação de estudos a estudantes universitários ou mesmo de Ensino Médio. No entanto, com as dificuldades enfrentadas ao longo da escolarização, conforme vemos ao longo dos textos apresentados, muitos de nossos estudantes o fazem de forma intuitiva e muitas vezes repetindo modelos conteudistas, e pouco reflexivos sobre como acessar o conhecimento, voltados apenas para responder às provas. Pela experiência que temos ao longo de nossa trajetória docente na universidade, essa tem sido uma das causas importantes de desistência, abandono e muito adoecimento entre os estudantes. Tais dificuldades de apropriação do conhecimento transformam-se em estigmas de impossibilidades emocionais, fraturas cognitivas e problemas de autoestima.

Trabalhar por uma sociedade inclusiva é compreender como as pessoas constroem suas trajetórias formativas, é compreender os obstáculos que precisam ser superados, é compreender suas condições cotidianas de vida. Mas também

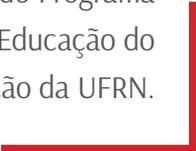
⁵ Disponível em: <http://proae.ufrn.br/pagina.php?a=phe>. Acesso em: 06 ago. 2020.

é evidenciar como as instituições educacionais, de saúde, de trabalho e de segurança podem construir mecanismos que favoreçam a inserção de todos, a permanência das pessoas nos espaços de desenvolvimento humano, além de mecanismos que possibilitem a retribuição social daquilo que lhes foi proporcionado. Condições essas necessárias a todos, sem exclusão de nenhum, sem deixar nenhum para trás!

Natal, agosto de 2020.

Erika dos Reis Gusmão Andrade

Profa. Titular do Departamento de Fundamentos
e Políticas Educacionais e do Programa
de Pós-Graduação em Educação do
Centro de Educação da UFRN.



Sumário

I – A MULHER NA DESCONSTRUÇÃO DE PRECONCEITOS

- 1 Feminilidade em terras áridas.....38
Kamylla Xavier
- 2 Do abstrato ao concreto: um objetivo alcançável.....67
Juliana Schivani
- 3 As marcas da educação que me atravessam.....114
Letícia dos Santos Carvalho
- 4 Lutas, recomeços e conquistas.....140
Luciana Duarte Martins da Matta

II – A LUTA POR DIREITOS HUMANOS E CONSTITUCIONAIS

- 5 Um impedimento sensorial, um encargo institucional e uma pesquisa científica: entrelaços da minha jornada.....176
Vicente Elísio de Oliveira Neto

- 6** Da educação básica ao doutorado:
minhas experiências enquanto pessoa cega.....204
Willian Gledson

III – ALÇANDO VOOS EM NOVOS HORIZONTES

- 7** Docência e Medicina:
lutas, caminhos e conquistas da minha jornada.....225
Saliciano Alves
- 8** Educação: o fio dos nossos sonhos.....258
Samuel Lima
- 9** Desconstruindo preconceitos:
um pouco da minha jornada pela medicina.....295
Carlos Rafael

IV – O OUTRO NA CONQUISTA DOS NOSSOS SONHOS

- 10** As estrelas do firmamento e o interior nordestino:
minha jornada pelo saber.....335
José Ronaldo
- 11** De cobrador de ônibus a Professor de Matemática:
itinerários de superação.....356
Luciano Xavier G. da Nobrega

12	Oficinas mecânicas e salas de aulas: trilhas da minha jornada.....	395
	<i>Jandson Rafael Pessoa da Silva</i>	

13	Para além do bullying: desafios para voos mais altos.....	431
	<i>Milton Schivani</i>	

V – É POSSÍVEL!

14	Conversas sobre o estudar: desafios e possibilidades.....	470
	<i>Poliana Gonzalez</i>	

POSFÁCIO	499
-----------------------	-----

EIXO I

A MULHER NA
DESCONSTRUÇÃO
DE PRECONCEITOS

Feminilidade em terras áridas

Maria Kamylla e Silva Xavier

*Eu não sou livre enquanto
alguma mulher não o for, mesmo
quando as correntes dela forem
muito diferentes das minhas.*

Audrey Geraldine Lorde

Traço aqui o caminho de cristas e de vales em direção ao saber, os tropeços e arrancos de minha vida acadêmica e profissional que sempre estiveram atrelados à minha subjetividade enquanto mulher.

Eu me construí mulher sob influência de minha mãe, fiel companheira que me ensinou a ler, escrever e resolver expressões numéricas aos seis anos de idade. Uma mulher inteligentíssima que não prosseguiu os estudos devido

a obstáculos emergentes da pobreza e da cultura patriarcal. É inevitável associar cada episódio da minha vida à presença dela. Foi, principalmente, através dela, que o amor pela leitura, pelos livros e pelos números foi despertado em mim, bem como o desejo voraz de romper a cultura patriarcal — marca da violência simbólica que nos circundava e que ainda é tão viva, especialmente no interior do nordeste brasileiro.

Essa minha história se passa, ou melhor, começa numa comunidade rural limítrofe com os municípios de Icó, no estado do Ceará, e de Bernardino Batista e Poço Dantas, ambos na Paraíba. Bem ali, nas beiradas do Sertão. Sou a mais velha dos três irmãos.

Se o sertanejo é antes de tudo um forte, o que diria Euclides da Cunha acerca das mulheres sertanejas de um modo geral? Das sertanejas que, tal qual minha mãe, conciliaram os estudos na escola básica com a lata d'água na cabeça; com o pilão e o moinho nas mãos; com o emprego fora para ajudar na renda familiar; com os cuidados com os filhos; com o machismo e com a violência doméstica, para vencerem. Antes que o leitor se pergunte: a resposta é não! Não, ela não rompeu com o contexto machista a sua volta, apesar de ter plantado em mim a semente da resistência e do anseio por liberdade.

Na década de 1990, minha mãe trabalhava como professora contratada da rede municipal — mesmo sem formação

específica — noutra comunidade rural. Por nove anos, ela percorreu, a pé, doze quilômetros diários num percurso de ida e volta no turno da manhã. À tarde, ela trabalhava como agente de saúde, atividade que desempenha até hoje, percorrendo aproximadamente mais quatro quilômetros a pé. Meu pai era comerciante autônomo — era o que poderíamos chamar de “quintal da economia de mercado”.

Para descrever minhas memórias mais antigas, conto com as narrativas feitas por minha mãe — afinal, minha mente não consegue discernir o que é memória real ou fantasia daquela época em particular.

Ela conta que seu empenho em me alfabetizar começou quando eu tinha três anos de idade, enquanto meu irmãozinho aprendia engatinhar, eu aprendia a “carta de ABC”. Aos quatro anos, comecei a frequentar a Escola, na mesma comunidade rural em que eu residia, Baixio dos Lourenços, no município de Icó-CE. Minhas tias eram professoras naquela Escola e foi com elas que estudei durante as séries iniciais. Elas me privilegiavam deixando-me ter acesso às salas das demais séries. Isso me possibilitou, por alguns anos, estudar em período integral. Aos quatro anos, eu conhecia o alfabeto e números; aos cinco, lia e escrevia. A Escola teve seu papel primordial, mas as aulas de minha mãe tornaram menos árida a tarefa de aprender, ao passo que me enchiam de amor.

As vivências de casa e da Escola estiveram totalmente associadas: a descoberta das letras e das cores, os primeiros desenhos, riscos e rabiscos guardados até hoje numa pasta envelhecida na gaveta de minha mãe, e... a fuga das cenas de violência doméstica que eram o ápice dos problemas do meu pai com o alcoolismo. A Escola era meu refúgio. Meu pai superou o alcoolismo quando eu tinha 17 anos. O perdão e o amor vibram mais forte, no entanto não apagam as dolorosas lembranças.

A Escola também me fazia esquecer algumas feridas e preencher alguns vazios. Antes que eu me esqueça de citar o nome, a Escola a qual me refiro chamava-se EMEI Possidônio Lourenço Xavier. Possidônio foi meu tataravô. Era uma Escola Pública Municipal da qual minha família tomava conta, por questões políticas vigentes na época. Ela acolhia alunos de toda a região, atraídos pela forma dinâmica com que minhas tias ensinavam. Tínhamos horários rígidos para tudo, mas nunca era chato, pelo contrário, era divertido, gostoso, bom o suficiente para hoje despertar saudades. A aula começava às 7h da manhã. Então, às 6h30 estávamos em fila, e éramos sempre pontuais. Minhas tias olhavam nossas unhas, ouvidos, roupas e cabelos. Devíamos estar limpos e penteados. Cantávamos os hinos: Nacional, da Independência e da Bandeira em dias alternados e em fila. Elas diziam que todo brasileiro tinha que saber cantar os hinos e desenhar a bandeira. Eu lembro que sexta-feira era dia de ditado.

Os intervalos sem dúvida eram a preferência de todas as turmas. Uma merenda temperada com as verduras da horta de minha avó. Depois da merenda, todos os alunos pegavam sua escova e copo para escovarmos os dentes com raspa de Juá — a parte interna da casca da árvore chamada Juá transformada em pó. Era uma tradição na escola. Minhas tias incentivavam o uso do produto que elas mesmas extraíam, explicando-nos que ele substituíria o creme dental, ajudando na higiene bucal, matando as bactérias, prevenindo cáries, fortalecendo as gengivas, dentre outros benefícios dos quais eu silenciosamente duvidava. Acreditava firmemente que elas estavam evitando gastos com creme dental. Hoje tive a curiosidade de pesquisar e, ao contrário do que eu imaginava, elas realmente tinham razão e queriam mesmo era diminuir o preconceito entre os alunos que usavam este produto em casa e os outros que podiam comprar o creme dental, além de mostrar como a natureza é rica e tanto nos beneficia.

Todavia, a Escola também me era hostil em alguns outros aspectos. O racismo, que ora era sutil, discreto, ora era agressivo, cruel: “*Nêga do pendão!*”. Quantas vezes ouvi isso! Eu não era tão branca quanto meus ou minhas colegas. E, em qualquer desentendimento, a cor da minha pele era evidenciada. Se isso me chateava ou doía? Às vezes. Doía mais intensamente quando ouvia no seio familiar. Todos eram brancos em casa, e eu, mais parecida com a família da minha mãe, tinha a pele

mais escura — era a negra, morena, parda... que diferença fazia? Fazia! Faz. E quanto mais melanina, mais diferença faz. O racismo, em suas múltiplas manifestações, está nas entranhas da nossa sociedade e, eventualmente, eclode com mais intensidade.

A conclusão da quarta série primária foi marcada pelo medo de sair de casa. Eu só iria para a Escola na comunidade vizinha (Oitís, no município de Icó-CE) e mesmo assim senti-me insegura ao deixar o universo caseiro – a Escola das minhas tias.

Eram seis quilômetros a pé todas as manhãs para ir e voltar da nova escola. Colegas desconhecidos, professora nova, rotina completamente diferente. Aos 10 anos de idade, já cheguei ‘na defensiva’. Talvez eu tenha demorado metade do ano letivo para me ‘enturmar’. Enquanto meus colegas se divertiam no intervalo, eu escrevia um diário angustiante com relatos de um ano sem amigos ou amigas e com páginas riscadas com desenhos sem sentido, diário que preferi queimar ao final do ano. A professora, formada em Língua Portuguesa, tinha que ensinar sozinha todas as disciplinas e se desdobrar para controlar a turma barulhenta — polivalente, e valente. Anos depois morreu em consequência de um aneurisma cerebral.

No ano seguinte, já era 1999 e meus pais me mandaram estudar na EEEFM José Nilson Santiago, no município de Poço

Dantas-PB. Acreditem: era melhor estudar à tarde. Mesmo tendo que carregar água na cabeça por um quilômetro na maioria das manhãs. Dizem que é por isso que as meninas sertanejas não crescem muito em estatura (sic) — eu prefiro não saber. Na *cacimba dos batentes*, a gente precisava descer uma escada para apanhar água no balde. *Fazer a rodilha* e sustentar a lata no caminho de volta. Estava virando mulher.

Lata d'água na cabeça, vez por outra milho para moer; a frente da casa, até encostar na estrada, pra varrer; roupas para lavar no açude ou na cacimba — de cócoras, na pedra; obrigação de ajudar a cuidar dos irmãos enquanto a mãe trabalhava, obrigação de aprender a cozinhar... e estudar. A hora de ir para a escola era uma bênção: andávamos por um quilômetro ladeira acima para esperar o caminhão *pau-de-arara* que transportava os/as estudantes para a escola. Lotados ladeira acima e abaixo, todos os dias, com quase todos os/as estudantes em pé na carroceria, segurando-se uns nos outros. Naquela época, os municípios contratavam, em parceria com os estados, os transportes escolares — eram veículos particulares, que de preferência comportassem muita gente. Havia muitos *caminhões pau-de-arara*. O Programa Nacional de Transporte Escolar (PNATE) só foi criado em 2004 e mesmo assim ainda demorou a chegar até nossa região. Enquanto estudante da Educação Básica não contei com transporte escolar digno, merenda ou infraestrutura.

Mas ainda assim: a escola era uma bênção. E ainda era um refúgio. É um Universo do qual ninguém deveria ser privado. Na EEEFM José Nilson Santiago, eu cursei desde a sexta série até o Ensino Médio. Depois, aos 21 anos de idade, retornei como professora de Física. Lá, enquanto estudante do ensino fundamental, conheci a turma fiel que se manteve unida na alegria e na tristeza, nas provas e recuperações até a formatura de Ensino Médio — algumas daquelas amigas perduram até hoje.

Tudo aconteceu numa velocidade incompreensível: a chegada da adolescência, as novas amigas, as novas disciplinas e novos professores, muitas informações absorvidas, outras perdidas, outras que nem vieram. Algumas que não ouvi, outras que não entendi e outras das quais nunca me esqueci...

Apaixonei-me por Português e História. Minhas professoras se expressavam tão bem que eu ficava admirada. Eu nunca soube o que mais me chamava atenção nas duas — o conteúdo era o de menos, elas me faziam entendê-lo sem esforço. O que eu admirava mesmo ia além: devia ser o modo de falar, o tom de voz, o modo de se movimentarem. Não! Na verdade, era o brilho dos olhos. **Elas ensinavam por amor e isso fazia toda a diferença.** Nossa! Descobri, depois de anos, o que me encantava nas aulas de Português da Maria das Graças Sá (Galega) e nas aulas de História da incansável Lindareny Fernandes (hoje afastada da sala de aula,

pois adquiriu problemas nas cordas vocais). A admiração pelas duas não me despertou, de modo algum, vontade de ser professora, mas sim vontade de falar como elas, de falar com amor sobre o que quer que fosse. Deu-me vontade de ser advogada.

Mas mudei de planos quando iniciei o Ensino Médio, em 2002, aos 14 anos de idade. Minha professora de Física era licenciada em História. Ela sempre deu aulas de Física. “— *Ossos do ofício!*”, dizia. Referia-se ao fato de não haver professor com formação específica em Física e ela ser a única cotada para lecionar, pois se “identificava” com a disciplina. Era extremamente tradicionalista no relacionamento com os alunos e também na forma de lecionar. Todavia, ninguém questionava a metodologia e o conteúdo. Vimos as biografias de praticamente todos os físicos (sempre homens) citados no volume único de nosso livro didático. Ainda hoje, não aprecio aquela abordagem “matematiqueira” dos conteúdos. Nosso contato com Física se limitou a complementar as biografias oferecidas em um volume único de Bonjorno e Clinton e a decorar algumas fórmulas, em especial as de Mecânica. Não aprendemos conceitos fundamentais. Revoltas à parte, o Ensino Médio foi o ápice da adolescência, em meus anseios, projetos e sentimentos. Aos 15 anos de idade, eu namorava um colega de classe e não sei se eu gostava da escola porque ele estava lá, ou se gostava dele porque ele estava na escola. O fato é que foi um período de crescimento e de muito

companheirismo, de carinho recíproco, de muita aprendizagem. Estudávamos juntos e competíamos pelas melhores notas. Instigava-me e funcionava.

Senti, em 2005, aos dezesseis anos, a minha primeira grande limitação na condição de mulher: a proibição de prosseguir os estudos após terminar o Ensino Médio, pois segundo meu pai, a Universidade era lugar de corrupção moral, rebeldia e prostituição, de onde os homens saíam ilesos, enquanto as mulheres saíam depravadas. Será que outro pai pensara ou pensava como ele? Por que será que minhas amigas da época nem cogitavam ir para a Universidade? Naquele contexto, crescia em meu peito o desejo de liberdade, de independência, de empoderamento. Desejo silenciado pela voz que me dizia: “— *Se seu irmão quiser se formar, eu ajudo. Mas você e sua irmã vão ajudar sua mãe. Quando você casar, se seu marido deixar... você estuda!*” A essa altura ele já havia se desprendido do alcoolismo e o nosso contexto de violência doméstica havia sido superado, no entanto, o machismo possuía raízes mais profundas (como se observa também em diversos setores da nossa sociedade contemporânea).

Casei-me aos dezoito anos, após cinco anos de namoro e, por incentivo do meu esposo, meu colega de escola, ingressei na Licenciatura em Física na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Fato que meu pai descreveu como “*sorte de encontrar marido bom*”. Naquele momento,

eu só considerava como sorte a oportunidade de continuar estudando e buscando minha independência, meu próprio espaço. E poder fazer isso numa área prioritariamente masculina, era desafiador.

O curso era oferecido pela UFRN no Polo de Apoio Presencial de Luís Gomes-RN, atendia alunos de dez cidades circunvizinhas e funcionava nas dependências do colégio municipal Padre Oswaldo. Éramos os pioneiros da Educação a Distância na região — alunos/as do curso de Física, de Matemática e de Gestão Ambiental. No ano de 2007, frequentávamos o Polo aos sábados e nos domingos de prova. Todos iniciamos atônitos nas novas salas virtuais, com problemas de acesso à plataforma, com computadores que entravam em pane, além de todos termos, na época, pouca prática no uso de recursos informacionais. Aos poucos, construímos uma amizade que nos proporcionou repartir o aprendizado, os problemas e as dificuldades. Iniciamos com cinquenta alunos/as no curso de Física, e muito rapidamente as desistências começaram. As mulheres foram as primeiras a se evadir e, no final das contas, no ano de 2011, apenas sete alunos se formaram — sendo cinco homens e duas mulheres.

No segundo semestre do curso, eu já pensava em desistir. Minha base em Matemática era muito frágil e eu não conseguia compreender os conteúdos e passar nas provas da disciplina de Geometria Analítica e Números Complexos. Precisava tirar

nota 10 na prova de reposição e a angústia tomava conta de mim. Nessa época, tive a mais bela demonstração de solidariedade da qual não posso me esquecer: meu colega de curso, o professor de Matemática Amarildo Formiga, me ofereceu aulas de Matemática básica e dos conteúdos específicos da disciplina. Nós começávamos a estudar às 7h00 da manhã e parávamos quase meia noite. Achei que aquelas aulas me custariam uma fortuna, mas quando fui pagar, Amarildo me cobrou da seguinte forma: “— *Passe adiante. Ajude os outros quando precisarem de você!*”. Eu consegui tirar nota dez na prova de reposição. Minha dívida é eterna e faço questão de pagá-la.

Nos semestres seguintes, eu tive muito auxílio dos tutores presenciais do Polo. Eles nos auxiliavam muito mais do que os professores. No quarto semestre, eu dei aula de Cálculo I e II aos meus colegas, passando adiante o pedido de Amarildo, que embora tenha desistido do curso, me deixou uma nobre missão. A interação via *Moodle* seguia travada, não conseguíamos expressar as dúvidas e estudar sozinhos era extremamente árduo. Naquela época, a maioria de nós só tinha acesso à internet no Polo presencial. Comprei meu primeiro computador no quarto semestre do curso.

Durante essa primeira metade da graduação, eu prestei o ENEM e consegui uma bolsa integral do ProUni para cursar Direito, no período matutino, na Faculdade de Filosofia e Letras (FAFIC) de Cajazeiras, na Paraíba. Iniciei o curso

muito empolgada e sem um centavo no bolso para comprar livros, tirar fotocópias, me deslocar ou mesmo para pagar o lanche. Era período chuvoso e a estrada carroçável (estrada de terra) da época me impossibilitava de sair todas as manhãs da minha cidade (Poço Dantas-PB) para Cajazeiras. Portanto, eu precisava passar a semana na casa de uma tia na cidade de Uiraúna-PB, mais próxima de Cajazeiras.

Antes de continuar, preciso lhes apresentar o *pitaco* — termo muito conhecido no Sertão para designar uma opinião alheia não solicitada. Nas cidades pequenas do Sertão, ninguém vive a vida sozinho e tudo é sempre da conta de todo mundo — uma gostosura e uma tortura só. Imaginem só todos os *pitacos* em relação a uma jovem mulher casada que decide estudar duas faculdades, tendo que ficar fora de casa para isso: “— *Não é coisa de mulher casada, passar a semana fora de casa. Você já faz uma faculdade, não precisa fazer outra agora. Deixe pra depois!*”. Escutava de mau grado cada *pitaco* e acabei cedendo. Eram muitas dificuldades financeiras e emocionais as quais não consegui suportar.

Depois de desistir do curso de Direito, ainda em 2009, fui contratada pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, para lecionar a disciplina de Física na mesma escola em que eu havia integralizado o Ensino Médio. Aos 21 anos de idade e como professora, lá foi um lugar de superação, de entrega, de crescimento pessoal e profissional, mas também

de preconceito e assédio moral: por eu ser jovem demais, por estar ocupando o lugar do antigo professor – um homem, por eu ter engravidado em 2010 e precisar faltar ao trabalho para as consultas de pré-natal, por tirar licença maternidade, por me ausentar de sala de aula por alguns minutos para amamentar, mas, sobretudo, por ser mulher e por estar imersa numa cultura machista reproduzida até pelas próprias mulheres.

O que dizer sobre a emoção de ser mãe? Meu filho se chama Cláudio Henrique — Cláudio como o pai, e Henrique porque significa príncipe do lar. O nascimento do meu pequeno príncipe marcou-me de várias formas: a mudança no corpo, as emoções latentes, o planejamento, os medos, e... a dificuldade de amamentá-lo quando ele nasceu.

No sétimo mês de gestação, eu comecei a sentir dores muito fortes em sala de aula. O bebê estava se antecipando para nascer. Tive várias complicações na gestação a partir dali. Cálculos renais descolaram, a pressão arterial ficou muito alta e o corpo inchava muito. Afastei-me do trabalho até meu filho nascer em setembro de 2010. O médico que fez a cesariana de minha mãe, quando eu nasci, foi o mesmo que ajudou o meu filho vir ao mundo. Tão branquinho que era possível ver suas veias sob a pele. Tão branquinho que com o passar dos dias, semanas e meses, muitos me perguntavam em atitudes racistas escancaradas e cruéis, se ele não havia sido trocado na maternidade.

Eu perguntava a minha mãe se ela tinha visto as enfermeiras saindo com o bebê da sala de cirurgia depois do meu parto. Se ela tinha certeza de que o meu bebê era aquele. Ela dizia que sim, sim e sim. No pós-parto a sensibilidade da mulher está mais a florada e naqueles dias eu internalizava todas as coisas negativas que ouvia. Eu pensava e sofria com a possibilidade (plantada) de que aquele não fosse meu bebê.

Eu não tranquei o período na graduação e tampouco pedi estudos domiciliares devido à gravidez ou ao nascimento do bebê. Eu precisava concluir o curso o quanto antes, pois havia rumores de concurso para professor no estado da Paraíba. A essa altura, meu esposo já era concursado e eu... queria também meu concurso. Aprendi a estudar enquanto amamentava, enquanto o bebê dormia, quando chegava visita e brincava com ele... todas as brechas eram preenchidas com livros e apostilas.

Quando concluí a graduação, aos 22 anos de idade, o Cláudio Henrique tinha um ano e três meses e eu estava novamente grávida. Na gestação da Ana Sophia, eu também tive complicações e ela nasceu aos oito meses e meio. Em meio aos estudos para o concurso público para professor de Física do estado da Paraíba e aos muitos conflitos conjugais, a Ana Sophia nasceu, em agosto de 2012. Minha mãe me convenceu a fazer laqueadura com o argumento de que “*quem dá a felicidade é Deus*” e não outro filho. O sentimento

de castração e de arrependimento, após a laqueadura, me motiva a desaconselhar esse procedimento a mulheres jovens como eu. Existem outros métodos e eu cedi à laqueadura por pressão.

Eu continuei estudando para o concurso enquanto amamentava a Ana Sophia e balançava o Cláudio Henrique no carrinho. Fui aprovada e comecei a trabalhar na EEEFM Nelson Batista Alves, em Bernardino Batista-PB, onde sou lotada até hoje. A Ana Sophia foi desmamada quando tomei posse do concurso e começou a andar enquanto eu viajava para Natal-RN, onde fui para fazer a seleção do mestrado profissional em Ensino de Ciências Naturais e Matemática na UFRN, em 2013.

Nessa época, eu havia iniciado a Licenciatura em Ciências Biológicas, também no Polo de Luís Gomes, pela UFRN; cursava especialização em Educação, pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, em Sousa-PB e especialização em Psicopedagogia pela Faculdade São Francisco da Paraíba-FASP, numa turma aberta na minha cidade.

Quando tomei conhecimento da seleção de Mestrado, me empenhei na escrita do projeto, na organização do currículo e na leitura para a prova. Ouvi os *pitacos* sobre a dificuldade de passar numa seleção de Mestrado, ouvi sobre a UFRN ser muito rigorosa e principalmente, ouvi que seria muito difícil sair de uma graduação a distância e cursar um Mestrado numa

Universidade Federal. Havia escutado as mesmas coisas sobre passar num concurso público. Tomei como desafio maior ainda e consegui! Fui aprovada em segundo lugar na seleção.

Durante o período do Mestrado, eu e meus pequenos sofremos de saudades juntos. Foram três anos, enquanto eu vivia a múltipla jornada de mãe, esposa, dona de casa, professora de escola pública e estudante de pós-graduação. Tranquei a matrícula no curso de Ciências Biológicas, desisti da especialização em Educação e continuei cursando Psicopedagogia, pois eu tinha alunos com dificuldades de aprendizagem e precisava ajudá-los, trabalhando um pouco mais as minhas dificuldades de “*ensinagem*”.

Minha licença para cursar o Mestrado foi negada pelo governo do Estado devido ao fato de eu ainda estar em estágio probatório. Desse modo, eu obedecia à rotina de orientações e de aulas concentradas de segunda a quarta-feira em Natal-RN, e nas quintas e sextas lecionava em Bernardino Batista-PB.

Eram 500 km de saudade e determinação. Uma distância que uma mulher, no contexto do Sertão paraibano, “não deveria” percorrer – não... sendo casada. O natural na cultura patriarcal seria o homem estudar fora, buscando ascensão profissional, e ser provedor do lar e a esposa, já graduada e com cargo efetivo, conformar-se com tal condição — o que seria o ápice para uma grande maioria naquela região. E muito

eu ouvi acerca do que seria “o natural”. Do naturalmente machista eu fugi — e de tudo o mais que não me permitisse ser igual em direitos e deveres.

No pano de fundo, sustentando as minhas ausências, estava a minha mãe. Sendo mãe dos meus filhos para que eu pudesse estudar. Sem o apoio dela eu não teria conseguido. Foi no colo dela que os meus filhos dormiram na maior parte do tempo, no decorrer daqueles três anos. Foi ela que eles abraçaram quando a saudade os sufocava.

Outra coluna de sustentação nesse tempo foi constituída pelos meus alunos e, principalmente pelos meus colegas de trabalho. Cursar uma pós-graduação e trabalhar, ao mesmo tempo, exige muito de qualquer pessoa. Recebi apoio incondicional da gestora da escola na época, Nicleide Nascimento. Eu precisava mesmo ter a oportunidade de publicar meus agradecimentos a ela, a Edvaldo Carvalho, a Verônica Santos e a Sílvia Egídio pelo incentivo naqueles anos, pela amizade, por acreditarem em mim e por me fazerem acreditar ainda mais.

Convivi na UFRN com um admirável homem feminista, o professor Ciclamio Leite Barreto, meu orientador de Mestrado. Fui recebida de braços e coração abertos e apresentada ao universo desafiador da pesquisa, da cidade grande, dos congressos, do medo de fracassar e do apoio incondicional para transcender tudo que havia de novo. Seu apoio foi fundamental para

a mulher e profissional que me construí. Publicamos um livro e ainda mergulhamos por outros campos distintos de nossa pesquisa de mestrado e temos uma cumplicidade bonita que perdura até hoje. Foi ele quem certa vez me definiu como: *Mulher*.

Mulher que sou, construída por todas as experiências que vivi, me convenço a cada dia de que nossa força vem de dentro, mas é alimentada por circunstâncias externas. Ninguém vence sozinho, vencemos juntos. Venci junto de minha mãe e de tantos outros personagens que passaram pela minha vida. Uns não se demoraram, outros continuam ao meu lado. Haverá sempre quem nos vire as costas e quem nos abra os braços. Eu prefiro me apegar a esses últimos, mas todos são importantes para nossa jornada evolutiva.

O Mestrado me trouxe mais do que um diploma. Ele me trouxe Ângela Marta, que assim como eu era ex-aluna do curso de Física na Educação a Distância. Nós nos conhecemos quando fomos aprovadas e dividimos um apartamento ao longo de todo o Mestrado. Foi uma infinidade de momentos e sentimentos compartilhados. Foram três anos de amizade e cumplicidade, dividindo casa, comida, sonhos, lágrimas... vida.

Junto com toda a força também houve o choro, o medo de não conseguir. As semanas eram curtas, as horas escassas. Eu me dividia entre ser mãe, esposa, professora e aluna. Não tive vida social por três anos. Afastei-me da maioria

dos familiares e amigos, porque eu simplesmente não tinha tempo de vê-los, não tinha tempo de conversar. Meu ciclo social se restringiu às pessoas do meu convívio diário. Eu precisava trabalhar e escrever a dissertação de mestrado. Mas uma reflexão importante acerca da minha vida social é que abri mão dela como consequência de cada uma das minhas escolhas: casar jovem, entrar na faculdade, ser mãe, cursar mestrado, doutorado, etc. As nossas escolhas nos impõem consequências — e eu sempre tive consciência delas.

Eu precisava viajar mil quilômetros de ida e volta toda semana. Fiz isso por 3 anos, de 2013 até 2016, entre meus 25 e 28 anos de idade. E essa maratona era, sem dúvidas, a parte mais desgastante. Na maioria das vezes, eu saía da Universidade com a mala, direto para a rodoviária. O percurso do Sertão para Natal, eu fazia em transporte alternativo. Mas de Natal, capital do Rio Grande do Norte, para o Sertão da Paraíba, o percurso era mais difícil. As aulas terminavam às 6h00 da noite da quarta-feira e o ônibus saía às 7h00 para Sousa, na Paraíba. E, sem jantar, eu retornava para chegar a tempo de trabalhar na quinta-feira. Chegava a Sousa às 2h00 da manhã e ficava na rodoviária semiescura, quase vazia, até às 4h30 da manhã para pegar um segundo ônibus com destino a Uiraúna, também na Paraíba. Chegando a Uiraúna às 5h30 da manhã, esperava um terceiro transporte para a minha cidade e, finalmente, estava em casa por volta

das 7h00. Aquelas 12 horas de viagens e de esperas, quebravam minha coluna e rendiam olheiras.

Ao chegar em casa, nas quintas-feiras de manhã, eu sentava e iniciava o planejamento das minhas aulas. Eu precisava trabalhar mais dois expedientes nas quintas e nas sextas-feiras. Nas madrugadas e nos finais de semana, eu me dividia entre as demandas do Mestrado e atenção aos filhos. Apesar do sentimento de culpa de estar perdendo uma fase tão importante da vida deles, minha rotina foi essa, por três longos anos.

É bem verdade que eu não precisava ter tomado tanta *Ritalina* durante o Mestrado. Mas naquelas condições, era o que me deixava acordada, quando os compostos naturais de guaraná já não serviam. Eu recorri a *Ritalina* depois de ver meu casamento desandar e meu esposo se afastar. Enquanto eu sofria as acusações de abandonar os filhos para estudar fora e me privava de vida social para dar atenção às crianças quando voltava de Natal, o meu esposo seguia com a própria vida social, cada vez mais distante da minha. Eu recorri a *Ritalina* por não conseguir ter foco sozinha. O neurologista me advertiu dos efeitos e eu senti todos eles, inclusive os pensamentos suicidas¹.

¹ Para saber mais sobre os riscos dessa substância, vide: “A ritalina e os riscos de um ‘genocídio do futuro’”. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2013/08/05/ritalina-e-os-riscos-de-um-genocidio-do-futuro>. Acesso em: 03 nov. 2019.

No final do primeiro ano de Mestrado, eu estava com 324 experimentos catalogados a partir 18 livros didáticos de Física do PNL D. Eu havia passado dois semestres catalogando os experimentos para fazer análise de conteúdo e a partir daí montar um livro paradidático com experimentos de baixo custo. Era um trabalho exaustivo cujo andamento, semanalmente, mostrava ao meu orientador e discutíamos as possibilidades do trabalho. Tudo certo? Nem tanto, nunca enviei sequer uma planilha dos experimentos por e-mail, nem salvei nada em drives virtuais. Salvava tudo somente na memória interna do meu notebook. O projeto já havia sido aprovado pela banca e estávamos nos organizando para a qualificação, quando o notebook deu uma pane. Não consegui recuperar a maioria dos arquivos: referencial teórico-metodológico e a bendita planilha com os experimentos.

Eu chorei copiosamente na sala do meu orientador. Ele levou meu notebook para a equipe técnica da UFRN, mas não conseguiram recuperar a planilha. Foram dias de angústia e eu tomei uma decisão: “— *Vou desistir! Não dá tempo de qualificar. Eu não tenho estrutura para ler todos aqueles livros de novo e catalogar mais de 300 experimentos.*”.

O professor Ciclamio me olhou serenamente e disse: “— *Dê um tempo. Você não vai desistir. Procure algo pelo que você se*

interesse. Algo que lhe desperte paixão pra fazer. Passe alguns meses lendo. Enquanto isso, termine de cursar as disciplinas.”.

Descrever meu orientador de mestrado é uma tarefa gratificante. Ele foi serenidade quando eu era pura preocupação e *stress*. Passei quatro meses lendo as revistas e livros, como ele orientou, até me decidir: trabalhar com o enfoque Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente (CTSA) e o Ensino por Investigação. Decidimos juntos que meu trabalho seria desenvolver, aplicar e avaliar sequências didáticas que cobrissem os conteúdos de Física Térmica previstos para a Educação Básica no Brasil.

A sensibilidade do meu orientador me fascinava. Ele me lembrou que, no início do Mestrado, eu havia chegado à sua sala furiosa devido a uma torneira quebrada, vazando água há mais de uma semana no banheiro feminino do Departamento de Física. Eu argumentei indignada: “— *Na minha cidade, a água chega, há mais dois anos, por meio de carro-pipa e aqui vocês deixam uma torneira aberta uma semana inteira? Isso é uma Universidade!*”. Esse fato o fez enviar um e-mail para a Reitoria, solicitando o conserto, o que foi prontamente atendido. Ao lembrar-me deste evento, ele sugeriu que nosso trabalho pudesse contribuir com o ensino e aprendizagem da Física em condições ordinárias de trabalho no Ensino Médio de escolas públicas do interior do Nordeste brasileiro. Trazer

temas emergentes da realidade do Nordeste, para ensinar Física. A Seca seria um desses temas. E eu me apaixonei!

Escrevi sobre temperatura e dilatação na mudança de cor do camaleão da Caatinga; sobre as mudanças de temperatura no fenômeno da Seca numa perspectiva ambiental, física e também de política pública; sobre os processos de propagação de calor na produção de sal das salinas do Rio Grande do Norte. Levamos a primeira sequência didática e o roteiro da segunda para a banca de qualificação. Os professores Milton Schivani e Daniel Brito deram suas contribuições e orientaram que nos preparássemos para a banca de defesa com aquela sequência didática. Meu orientador queria mais. Nós tínhamos tempo e, até a data da banca de defesa, eu escrevi cinco sequências de ensino.

Orgulho-me muito do trabalho que fizemos e de todo o incentivo que recebemos do Milton Schivani e do Alexandre Medeiros na banca de defesa. A ideia de que o produto da Dissertação virasse livro, veio do Milton. Um ano e meio depois, foi publicado pela editora Livraria da Física sob o título “Física Térmica com ênfases curriculares em CTSA e ensino por investigação: guia de orientação para o professor”.

Aos 28 anos de idade, o orgulho de ser a primeira Mestre do meu município, o sentimento de superação depois de receber tantos elogios da banca, a satisfação do dever cumprido...

tudo isso foi abafado na semana da conclusão do Mestrado. Meu esposo pediu a separação e saiu de casa. Transitei entre a superação e o sentimento de incompetência. Da paz à solidão. Do orgulho ao ego ferido. Do dever cumprido ao sentimento de culpa.

A traição conjugal masculina é naturalizada socialmente e no contexto patriarcal do Sertão, é ainda mais natural. Fui culpabilizada por não “segurar o marido” e aconselhada a esperar seu retorno. Esperei, presa a ideia preconcebida de família, de moral e de religião. Os conceitos religiosos de perdão, de resignação, de abnegação e de compaixão passam pelo filtro do machismo quando se trata de relacionamento conjugal, culturalmente moldado pela colonização e pela religião.

Depois de oito meses de separação, reatei meu casamento com a promessa silenciosa de que esperaria os filhos crescerem para começar a pensar em Doutorado. Iria me dedicar exclusivamente ao esposo, aos filhos e ao trabalho. E nos dois anos que se seguiram, sufoquei o desejo de cursar o Doutorado em nome da felicidade conjugal e da paz com a minha família.

Em 2017, participei da seleção para a tutoria presencial do Polo de Luís Gomes-RN e voltei ao Polo, dessa vez como tutora da segunda turma de Física. Voltei para dar minha contribuição à casa de onde saí. Os vínculos ali construídos

me devolveram aos poucos a vontade de cursar o Doutorado e de lecionar no Ensino Superior. A amizade e especialmente as portas abertas nas casas de Fernanda Ismael, Joseaní Martins e do casal Márcia Cavalcante e Gerailton Cavalcante tornaram minha jornada de trabalho mais alegre e prazerosa. Sou imensamente feliz pela experiência de retornar ao Polo como tutora e ouvir dos meus alunos que minha história os motivava a concluir o curso de Física, a acreditar que é possível. Eu acredito em todos eles, e quero ainda ler suas histórias.

A vontade de lecionar no Ensino Superior me levou a participar do processo seletivo para professor substituto no curso de Física da Universidade Federal de Campina Grande, no Campus de Cajazeiras-PB. Passei em primeiro lugar, mas não tomei posse devido à incompatibilidade de carga horária. Não achei interessante financeiramente pedir redução de carga horária na Educação Básica para assumir um cargo temporário no Ensino Superior. E depois? Como compensaria a perda financeira?

Rompi com o período de estagnação acadêmica e resolvi participar do processo seletivo para o Doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRN. No ano de 2018, inscrevi-me no último dia e voltei à maratona de estudos. Fui aprovada na prova escrita, projeto de pesquisa e currículo. Fui reprovada na entrevista. Minha primeira reprovação.

Eu pretendia pesquisar Gênero e Ciência através das narrativas de mulheres que trabalhavam nas áreas das Ciências Naturais no Sertão Paraibano. Queria falar de educação e empoderamento.

Segui com o projeto e o submeti em outro processo seletivo, na seleção do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Passei em todas as etapas e adequiei o projeto a fim de pesquisar Gênero e Ciência numa perspectiva da *Interseccionalidade*.

Entre a seleção e o ingresso no Doutorado meu casamento se desfez pela segunda vez, por motivos não tão distintos daqueles da primeira separação. Reza a lenda que a pós-graduação é o berço das separações, não importam os motivos. A emancipação, sobretudo das mulheres, torna latente o desejo de romper alguns sofrimentos.

Depois de ingressar no Doutorado, participei de um congresso de pesquisadores negros. Após o congresso, fui chamada à atenção pela minha suposta inadequação com meu objeto de pesquisa e referencial teórico: eu estava me propondo a pesquisar mulheres negras no âmbito das Ciências Naturais sob um olhar da interseccionalidade, no entanto fui criticada por não ser/parecer tão negra e precisar assim de um movimento pessoal no sentido de enegrecer. Fui solicitada a cortar os meus cabelos longos e deixá-los

naturalmente crespos — uma exigência para a continuidade da minha pesquisa.

Atualmente, o IBGE classifica como negros as pessoas que se autodeclaram pardas /ou pretas. Sou então mulher negra, pela classificação do IBGE e por todas as situações de racismo que sofri. Nunca imaginei que eu precisasse justificar minha cor e ouvir que, sendo parda, nunca saberia o peso do preconceito. Eu o conheço, especialmente em meu próprio meio familiar. E conheço pelos dois lados. Eu, que senti em diversas ocasiões o peso de não ser tão branca, passei a sentir o peso de não ser tão negra.

Desconstruir minha identidade e reconstruí-la numa imagem estereotipada da negra que eu deveria ser vai de encontro às minhas convicções e eu me recusei a atender tais exigências. Mudei minha linha de pesquisa e de orientador. Hoje sou orientada por uma mulher feminista que nunca questionou meu lugar de fala. Redefini meu objeto de pesquisa, mas continuo a pesquisar mulheres nas Ciências Naturais no contexto do Sertão Paraibano. Hoje, no ano de 2020 e aos 31 anos de idade, minhas madrugadas voltaram a ser intensas, preenchidas por livros e apostilas, mas dessa vez me manterei longe dos psicotrópicos. Entre meus filhos e eu, voltaram a existir 500 quilômetros de saudades. Todavia, tive licença do trabalho para cursar o doutorado. Com o atual corte/redução de bolsas nos programas de pós-graduações em todas as áreas,

não há outra fonte de renda senão o meu salário enquanto professora. Preciso atender as demandas da minha casa e das viagens, hospedagem e babá.

Preciso, sobretudo, me manter equilibrada, serena e esperançosa. Não a esperança alicerçada na espera, mas na ação.

Aos leitores, quero encerrar falando o quanto cresci, aprendi e desaprendi no decorrer desses poucos e intensos anos da minha jornada. Quero dizer da minha angústia em relação à derrocada da Educação que estamos vivenciando atualmente no Brasil. Mas quero, sobretudo, dizer da minha esperança em um país melhor, em um Sertão melhor. E convidá-los a irmos à LUTA.

Precisamos nos unir para que cada sertanejo ou sertaneja, cada brasileiro ou brasileira tenha o direito à Educação e Educação de qualidade, transporte escolar digno, professores qualificados e valorizados, material didático de qualidade e para que tenham o direito de adentrar na Universidade. É direito de todos e de cada um ter, e oferecer aos seus, um futuro melhor.

O Senhor esteja conosco!

Do abstrato ao concreto: um objetivo alcançável

Juliana Schivani

*A cada dia que vivo, mais me
convenço de que o desperdício
da vida está no amor que
não damos, nas forças que
não usamos, na prudência
egoísta que nada arrisca e que,
esquivando-nos do sofrimento,
perdemos também a felicidade.*

Mary Cholmondeley

Não, esta não é a história de uma garota provida de inteligência fora do comum que tirava notas dez ou que sempre passou com notas acima da média em todas as disciplinas. Esta é a história de uma garota com algumas dificuldades e muita persistência.

Iniciei os meus estudos, oficialmente, aos seis anos de idade, na primeira série, hoje, segundo ano do Ensino Fundamental. Eu não frequentei jardim de infância nem qualquer outro ambiente educacional antes da primeira série. Isso porque, desde cedo, sempre contei com a disposição de um tio da minha mãe (meu tio-avô) para me ensinar as letras e os números, em uma lousa azul, de um metro de comprimento, a qual usei demasiadamente para brincar de escolinha com meus colegas e que me acompanhou até a fase adulta. Lembro-me bem dos primeiros dias de aula, a professora me perguntou, com uma expressão de espanto e curiosidade, onde eu havia aprendido a ler e escrever, já que eu nunca havia estado em uma escola antes.

Minha mãe conta que, antes de eu aprender qualquer letra ou número, eu fazia rabiscos no papel e lhe entregava, insistindo que me dissesse o que estava escrito.

No início da minha terceira série escolar, em 1997, saímos do litoral paulista para Natal, no Rio Grande do Norte. Naquele ano, com nove anos de idade, passei por três escolas diferentes. Recordo que, ao sair da primeira escola em que tinha sido matriculada ao chegar em Natal, me despedi da professora e ela me disse que pensava que eu era muda. Foi um momento difícil, morando temporariamente na casa da minha avó (cerca de 4 meses), sofrendo agressões das minhas primas que tinham ciúmes de mim e presenciando brigas

quando meu tio chegava bêbado, de madrugada, xingando ou quebrando objetos da casa da minha avó. Na sequência, nos mudamos para a casa que havíamos construído (três cômodos com tijolos sem reboco, chão cimentado e telhado baixo de fibrocimento) em um outro bairro da zona norte de Natal-RN.

Da sexta à oitava série eu estudei na mesma escola. Lá eu conheci uma garota que logo se tornou minha melhor amiga. Ela sonhava em ser jornalista, era fã da Fátima Bernardes e do William Bonner. Nós usávamos todo o intervalo do recreio para caminhar de um canto a outro da escola segurando um mapa e decorando as capitais dos estados brasileiros e de países do mundo inteiro. Dezoito anos se passaram e eu ainda me lembro de todas as capitais brasileiras e de muitas capitais de países de diversos continentes. Na época, havia duas meninas que ficavam sentadas, comendo pipoca, enquanto nos observavam passar por elas uma, duas, três vezes ao longo do intervalo. Elas riam de nós e eu somente descobri isso anos depois, quando se tornaram nossas amigas e formamos um quarteto de estudos.

Nosso quarteto estudou muito, em 2002, para sermos aprovadas no tão temido processo seletivo para ingresso no Ensino Médio Técnico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), na época, chamado de Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFRN). Mas estudávamos em uma escola pública desde sempre e mesmo com professores assíduos, estes não conseguiam nos

dar as devidas orientações e as bases fundamentais de que precisávamos para nos prepararmos para o processo.

Tínhamos muita vontade e nenhuma orientação. Estudávamos nos intervalos e horários vagos por conta própria, com livros didáticos que pegávamos emprestados na biblioteca de nossa escola, mas que somente possuíam questões diretas, exercícios que em nada nos faziam pensar, que não desenvolviam nosso raciocínio lógico. Não sabíamos o que era um problema matemático. Os exercícios de Matemática limitavam-se a utilização de fórmulas e substituição de variáveis, por exemplo. Nunca havíamos acessado a internet. Não tínhamos sequer um telefone celular. Naquela época essas tecnologias eram caras e praticamente inacessíveis para a maioria da população. As escolas não possuíam laboratório de informática. As provas eram manuscritas e as cópias feitas em máquinas chamadas de mimeógrafos. Como consequência, nenhuma de nós conseguiu conquistar uma vaga no sonhado IFRN.

O valor da prova era alto para nossos pais investirem em uma segunda tentativa. Eu sempre detestei a ideia de depender financeiramente dos meus pais — mesmo quando criança — e evitava ao máximo pedir-lhes dinheiro para qualquer coisa que fosse.

Todo mês, eu sempre acompanhava meus pais no supermercado com uma calculadora, somando o valor de todos

os produtos que eram comprados para não correr o risco de comprarmos mais do que poderíamos pagar. Minha mãe me perguntava se eu queria algo específico e eu nunca dizia que sim. Até que ela desistiu de perguntar e ia ela própria buscar e colocar no carrinho os biscoitos recheados, a caixa com bombons de chocolates ou a bandeja de iogurte.

Qualquer criança com 10 anos, ao ser perguntada sobre o que quer ser quando crescer, responde que quer ser médica, policial ou alguma outra profissão que ela conheça naquela idade e lhe seja próxima. Quando me perguntavam, eu respondia que queria ter estabilidade financeira e sair da casa dos meus pais.

Eu repeti isso tantas vezes para o mundo que, depois de um tempo, amigos próximos afirmavam que o que eu chamava de sonho era, para eles, uma obsessão.

Não sei se estava obcecada, mas o motivo de eu levantar todos os dias da cama, pela manhã, o motivo de eu estudar tanto desde sempre, não era por puro prazer. Eu sempre tive um objetivo, uma meta de vida. E esse objetivo, essa meta, sempre foi sair da casa dos meus pais e ter minha estabilidade financeira.

Meu pai e minha mãe trabalham como autônomos desde que eu nasci.

Ao chegar em Natal, complementávamos a renda catando latinhas na rua para vender o alumínio delas. Depois, meu pai

construiu uma pipoqueira e passou madrugadas vendendo pipocas na frente de uma casa de show.

Na páscoa, quando minha mãe não fazia o próprio ovo de chocolate caseiro, comprava um baratinho, de tamanho pequeno, no mercado, para meu irmão e eu dividirmos. Eu ficava com uma banda e meu irmão ficava com a outra parte do ovo.

Eu não tinha coragem de pedir dinheiro a meus pais nem mesmo para pagar a inscrição do processo seletivo do IFRN para tentar novamente.

Mesmo ajudando meus pais a catar latinhas na rua, indo a pé para a escola e vendendo as bebidas no bar que meu pai construiu posteriormente, sempre odiei a ideia de depender de alguém. Além disso, desde sempre sofri com o tratamento diferenciado que meus pais — principalmente meu pai — dava para mim em relação ao meu irmão, sete anos mais velho que eu. Pelo simples fato dele ser homem, ele tinha liberdade de sair e voltar de onde ele quisesse e na hora que ele quisesse. Já eu, um simples telefonema de um amigo era motivo para ofensas. Sempre me senti presa dentro da minha própria casa. Meu pai não me deixava sequer ir a aulas de campo promovidas pela escola. Certa vez, a professora teve que ligar para a minha casa e falar diretamente com meu pai para que me deixasse ir ao passeio, visto a importância que tinha para a disciplina. Mesmo assim, ele não permitiu que eu fosse

e sempre deixava claro que o motivo era pelo fato de eu não ser um homem.

Enquanto meu pai se preocupava com o meu irmão que ainda não havia lhe apresentado nenhuma namorada, eu só poderia namorar depois dos vinte anos e se ele aprovasse o rapaz escolhido.

Todos estes fatos explicam a *obsessão* de querer ser financeiramente independente desde muito cedo. Talvez estas proibições tenham me feito a pessoa responsável e prevenida que sou hoje. E por causa delas, eu sempre tive uma meta de vida. Acredito que todos nós temos que ter um objetivo suficientemente importante para alcançar o que nos faça querer viver, aquilo que é a primeira coisa em que pensamos ao acordar e ao levantar da cama. Creio que são os objetivos que ainda não alcançamos que impulsionam nossa vida e nos dão sentido para viver. Uma vez alcançados, acredito que devemos buscar por novos objetivos, nunca ficar estagnados em termos de metas, por mais simples que possam parecer.

Eu sabia que só iria conseguir ter minha estabilidade financeira e sair da casa dos meus pais se eu tivesse um bom emprego. E, para ter um bom emprego, eu precisava estudar. E assim eu fiz.

A escola onde terminei o Ensino Fundamental, em 2002, me encaminhou automaticamente para a escola de Ensino

Médio. Pela primeira vez saí da zona norte de Natal (onde morava e ainda moro) e fui desbravar novos lugares no centro da cidade.

Conheci cada viela, cada beco, cada rua daquela região. Aproveitávamos a quantidade significativa de horários vagos, que existiam devido às ausências de professores na escola, para caminhar pela cidade, comprar passagem estudantil para usar o transporte público, visitar os sebos que lá existem até os dias atuais.

Os sebos foram os lugares que mais frequentei ao longo dos três anos de Ensino Médio. Foi lá que adquiri meus primeiros livros. As pesquisas, os trabalhos e estudos em grupo eram feitos na biblioteca pública Câmara Cascudo. As belíssimas e empoeiradas enciclopédias Barsa eram nosso “navegador de pesquisa”.

Resolvida a ausência dos professores, a escola entrou em greve algumas vezes. Aos meus 15 anos de idade, lembro-me bem do meu irmão saindo de casa para ir à universidade e eu me desfazia em inveja, desejando que as aulas voltassem imediatamente.

Foi através dos livros, volumes únicos de Química e de Matemática, ganhados pelo meu irmão, que aprendi química orgânica e tive o primeiro contato com os números complexos, conceitos que eu não vi em sala de aula, por nenhum professor

do Ensino Médio. Estudava em casa, sozinha, enquanto aguardava a greve terminar. Sempre fui o que costumam chamar de *esforçada*, ou uma *autodidata*. Sempre fui uma pessoa esforçada em tudo e em qualquer coisa que me comprometia a fazer. E sempre foi este esforço que me permitiu ser capaz de compreender os conceitos mais difíceis, ou alcançar degraus que nunca imaginei que pudesse alcançar.

Uma outra característica que me diferenciava dos meus colegas era a capacidade de pensar à frente, de pensar no futuro e agir. Eu tentava estudar e me esforçar ao máximo em todas as disciplinas para conseguir estar aprovada ainda no terceiro bimestre. Já a maioria dos meus colegas resolvia pensar no problema somente quando ele, de fato, existisse e, por fazerem assim, seus esforços só se iniciavam quando estavam na recuperação.

Foi por estes motivos que ao fim do ano letivo, no primeiro ano do Ensino Médio, eu me vi, em um intervalo de aula, enchendo o quadro negro da sala com exercícios, fórmulas, definições matemáticas e, ao olhar para trás, vi uma turma quase inteira de alunos desesperados, prestes à reprovação, atentos ao extremo, copiando cada expressão escrita no quadro. Aquela imagem nunca irá sair da minha mente. Possivelmente, foi neste dia que decidi ser professora de Matemática. Não porque eu soubesse mais Matemática do que os outros — mesmo porque eu só sabia reproduzir os

exercícios que o professor fazia na sala — mas sim, porque eu me senti professora, eu me senti capaz de compreender aquela disciplina tão temida e ensinar de forma diferente, eu me senti capaz de ser compreendida.

Decidida sobre a profissão que eu queria seguir, ainda no primeiro ano do Ensino Médio eu comecei a frequentar os aulões que eram organizados por um vereador da cidade e aconteciam todos os domingos, pela manhã, em um ginásio poliesportivo. Sentávamos no chão, na primeira fileira e ficávamos atentos às explicações de cada professor em cima do palanque armado, durante quatro longas horas.

Segui esta rotina durante todo o Ensino Médio e, posteriormente, por mais dois anos. Por volta dos meus 17 anos, eu mandei um bilhete para um vereador, pedindo uma ajuda de uma bolsa de estudos em um cursinho particular. Ele me ligou e me ofereceu cinquenta reais. Eu nunca fui buscar este dinheiro. Não era dinheiro o que eu queria, era uma oportunidade de estudar em uma escola preparatória para o vestibular. Precisava de um trabalho para poder pagar as mensalidades do curso de que necessitava.

Ainda fazendo o terceiro ano do Ensino Médio, eu consegui um estágio em uma galeria de Artes. Lá, eu conseguia estudar à vontade, visto que quase ninguém visitava as exposições, mesmo sendo aberto gratuitamente ao público.

O primeiro vestibular que fiz, aos 17 anos, foi para ingressar no curso de Matemática, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Apesar da baixa concorrência, mais uma vez a falta de orientações me fez reprovar. O segundo vestibular, eu também fiz para Matemática, porém, com o propósito de cursar na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Para a minha surpresa e felicidade momentânea, eu fui finalmente aprovada. Momentânea porque ao chegar em casa e contar a novidade, meu pai me jogou um enorme balde de água fria afirmando que eu não iria cursar, pois teria que me mudar para outra cidade, que ficava à 281 quilômetros da capital. Mesmo assim, eu paguei para o meu irmão ir até a cidade fazer minha matrícula e buscar informações sobre a residência universitária ou a casa do estudante. No fim, eu não tive coragem de desobedecer a ordem do meu pai, embora já tivesse completado dezoito anos.

Apesar de jovem, eu me sentia velha e sem tempo a perder. Como havia terminado o Ensino Médio, meu estágio também terminaria automaticamente. Foi neste estágio que me aconselharam a entregar currículo no *Call Center* das Lojas Riachuelo. Era o tipo de emprego que possuía muita rotatividade de funcionários. Talvez por este motivo e também por pagarem menos do que um salário mínimo — sobre o argumento de que se pagava pela hora trabalhada e só se trabalhava seis horas diárias, de segunda à sexta — contratavam jovens sem experiência profissional.

Em 2006, passei nos testes e fui contratada como operadora de *telemarketing*. Desde o início, o plano foi permanecer no trabalho por apenas três meses, tempo suficiente para juntar o dinheiro que pagaria meu primeiro cursinho pré-vestibular. Assim foi feito.

Ganhei cartão presente da loja, fui a melhor “operadora do mês” com mais produtividade, fiz amigos eternos e ainda me inspirei em centenas de nomes curiosos que uso nas questões das minhas provas e listas de exercícios até hoje, além de colecionar diversas histórias engraçadas entre cliente e operadora que conto para meus alunos entre um conceito matemático e outro.

Três meses de trabalho depois, eu pedi demissão, paguei todas as parcelas restantes do cursinho e me dediquei aos estudos. Mas, eu não acreditei o suficiente em mim. Às vezes, perdemos oportunidades que poderiam ser nossas pelo simples medo de tentar. Tinha medo de não conseguir ser aprovada novamente e passar mais um ano tentando. Por isso, no terceiro vestibular optei pelo curso de Estatística. Era bem menos concorrido que Matemática e havia muitas disciplinas em comum.

Ninguém sabia da minha decisão. Todos achavam que eu iria, de fato, tentar ingressar em Matemática novamente. Eu tinha vergonha de dizer que iria tentar outro curso. Envergonhava-me do meu próprio medo e fraqueza.

Em 2007, com 19 anos de idade, o meu nome foi lido pela moça da televisão que anunciava os aprovados em todos os cursos da UFRN. Eu finalmente havia conseguido me tornar uma universitária. Mas, o curso não era o que eu almejava. Iria cursar Estatística. Lembro da cara de decepção do meu irmão quando descobriu.

Como havia conseguido me tornar aluna da UFRN, entreguei currículo novamente no *Call Center* das lojas Riachuelo. Era o melhor emprego que eu poderia ter, pois teria tempo para estudar. Mesmo com meus colegas e amigos dizendo que eu era maluca por entrar novamente em um emprego do qual todos queriam sair. Mesmo tendo pedido demissão, fui contratada pela segunda vez.

Por alguns meses, fui o centro das atenções dos operadores de telemarketing que ali trabalhavam: *a garota louca que pediu para sair e voltou*. Ninguém em sua sã consciência voltaria para um trabalho estressante, em que você era xingado, humilhado, pressionado e supervisionado o tempo todo, ganhando menos do que um salário mínimo (no contexto de trabalho dos *Call Center*, talvez essa realidade ou parte dela não tenha mudado até os dias atuais). Ninguém que não precisasse de um emprego para pagar suas contas ou de algumas horas livres do seu dia para estudar. Por vezes eu dei pausa nas ligações e me tranquei no banheiro da empresa para chorar, mas eu precisava e fazia milagre com aqueles míseros duzentos e oitenta e seis reais

e trinta e seis centavos, numa época em que o salário mínimo era trezentos e cinquenta reais e, qualquer produto de um real era absurdamente caro.

Com o salário que recebia eu comprava minhas passagens de ônibus, pagava as cópias de livros solicitadas pelos professores da universidade, contribuía com as despesas da casa dos meus pais, fazia um lanche diário de biscoitos recheados ou pastel e guardava o restante na poupança.

Pela manhã, eu estava na universidade e assim que as aulas terminavam, eu caminhava até o meu trabalho. Eram quatro quilômetros diários que eu percorria a pé enquanto ouvia músicas no meu MP3. Economizava passagens de ônibus e ainda relaxava.

Meus amigos chegaram a pensar que eu fazia isso exclusivamente por falta de dinheiro e, por diversas vezes, me ofereciam *tickets* de passagem de ônibus. Realmente, era uma longa caminhada. Meu tênis sempre abria um buraco no solado depois do primeiro semestre de uso e minha mãe tinha que forrar embaixo da palmilha com papelão para que eu continuasse usando enquanto não podia comprar outro. Mas eu não fazia isso somente por economia, eu sempre gostei de caminhar.

Para economizar ainda mais, meu pai comprava mensalmente uma peça completa de mortadela de frango que dava 3,5 quilos. Ao longo de todos os dias úteis do mês, eu levava dois pães com muita mortadela para almoçar. Quando estava

em casa, a mortadela era substituída por sardinha. Comíamos pão com patê de sardinha no café da manhã, sardinha frita no almoço e sardinha cozida no jantar.

Após 9 meses em que não suportava mais comer pão com mortadela, mandei currículos para todas as vagas que encontrei nos classificados. Meu chefe imediato, na loja, me deu uma advertência no dia em que eu faltei para fazer uma entrevista de emprego. Felizmente esta foi a única vez em que precisei faltar, pois fui contratada para trabalhar ainda como operadora de *telemarketing*, porém, em uma faculdade privada, ganhando o triplo do salário da loja.

O trabalho passou a ser durante o dia e, ainda sendo aluna do curso de Estatística, passei a cursar apenas disciplinas específicas da Matemática, no turno da noite. Enquanto isso, tentava fazer reopção de curso — uma prova interna, diferente do vestibular, ofertada apenas para alunos da universidade que desejavam mudar de curso — tentei duas ou três vezes, mas fracassei em todas as tentativas.

No quinto período de Estatística, eu já não podia mais cursar disciplinas que não fossem específicas do curso e não me via capaz de passar na reopção, então, eu tranquei o segundo semestre de 2009 e voltei, pela segunda vez, para os bancos do cursinho pré-vestibular.

Em 2010, aos 22 anos, eu finalmente sou aprovada no vestibular para ingressar no curso de Licenciatura em Matemática. Consegui aproveitar dezenove disciplinas do antigo curso de Estatística, o que me fez adiantar 50% do currículo. Naquele ano, o meu noivado (com meu primeiro namorado) tinha se desfeito e eu estava me sentindo a pior pessoa do universo.

Chorava todos os dias, continuava usando aliança e fingindo viver algo que não existia mais. Nos dias de hoje, este fato geralmente é apontado como suficiente para alguém achar que está com depressão e pensar em desistências e suicídio. Nunca esses temas tão tristes estiveram tão presentes em uma sociedade. A minha reação foi exatamente a contrária. Escolhi viver ainda mais. Ocupei todo e qualquer tempo que eu tinha livre, crendo no ditado popular de que *mente vazia é oficina para o diabo*.

Saía de casa enquanto meu pai ainda estava dormindo e só chegava quando ele já havia voltado a dormir. Eu só o via nos fins de semana. Minha mãe preparava meu café da manhã, colocava o almoço na minha mochila e me esperava chegar em casa, dormindo sentada em uma cadeira de plástico, na sala.

Pegava o ônibus para o trabalho às seis horas. Levava almoço de casa e esquentava no *Call Center* de onde saía às quatorze horas e corria para pegar o segundo ônibus e chegar a tempo da primeira aula na universidade.

Matriculei-me em sete disciplinas quando o recomendado eram quatro. Tinha aula no restante da tarde e durante toda a noite. Pegava o ônibus do último horário e fazia uma viagem longa até em casa, na Zona Norte, do outro lado do famoso *Rio Potengi*. O ônibus era (e ainda é) o local onde eu mais dormia (e até sonhava). Sempre acordava uma parada antes ou na própria parada de casa (mas uma vez eu passei direto, acordei na praia e tive que voltar a pé).

Neste mesmo semestre inicial do curso, às sextas-feiras, eu era secretária informal da Sociedade Brasileira de Matemática (SBEM), a convite de uma professora. Aos sábados, pela manhã, eu participava de um curso de extensão de História da Matemática que durou um semestre inteiro. Fui aprovada com êxito em todas as disciplinas do semestre, inclusive no curso de extensão.

Mas se o fim foi exitoso, não significa que o caminho foi fácil. Por estudar e trabalhar, me peguei dormindo em diversas aulas. Sentava estrategicamente na primeira cadeira da primeira fileira, próximo a porta e encostada na parede. Certa vez, eu acordei quando estava caindo da cadeira. Rapidamente, peguei meu celular e saí da sala correndo, fingindo que estava atendendo uma ligação quando, na verdade, fui ao banheiro, lavar meu rosto na água fria.

Cursei Análise Matemática por quatro vezes até ser aprovada na recuperação da quarta tentativa. Minhas notas nas

disciplinas de Cálculo e Álgebra nunca eram maiores que quatro. Descobri, logo no primeiro período do curso, que a disciplina Matemática Básica não era tão básica quanto imaginei ser e que a disciplina de Lógica, para mim, não fazia muito sentido.

O ano estava acabando e o meu curso de licenciatura em Matemática também.

Havia passado a minha graduação inteira trabalhando em algo completamente diferente da área estudada e pretendida. Meu currículo era pobre, sem experiência profissional, sem publicações acadêmicas. Eu precisava agir logo, senão, seria tarde demais.

Em abril de 2011, eu tomei a segunda decisão mais difícil da minha vida (a primeira irei contar mais adiante).

Reuni-me com meus pais e compartilhei com eles a minha inquietação e necessidade. Contei-lhes que a solução seria sair do trabalho e me dedicar integralmente ao resto do semestre de curso que me restava. Não havia outra alternativa.

Eles entenderam perfeitamente e as palavras do meu pai foram exatamente as seguintes: *“De fome, eu garanto que a gente não morre! Eu planto feijão e arroz no quintal, arranjo uma vaca para tirar o leite, crio umas galinhas para comer o ovo e pronto. Faça o que for melhor para você e não se preocupe com a gente”*.

Mesmo estas palavras tendo confortado o meu coração, eu ainda sentia medo. Medo de não conseguir outro emprego tão logo, medo dos meus pais passarem necessidade financeira e eu não poder ajudar. Mas, como eu disse, era a única alternativa. Pedi demissão pela terceira vez e sei que fui para a parada de ônibus e fiquei lá esperando o ônibus aos prantos. Chorava de soluçar, conta um amigo que me viu aquele dia. Eu tinha medo, mas se nada fosse feito eu continuaria ali eternamente. Eu precisava sair da minha zona de conforto. Era preciso arriscar para alcançar o futuro sonhado.

Às vezes, repito, perdemos oportunidades que poderiam ser nossas, pelo simples medo de tentar.

Eu arrisquei e deu certo. Dois meses depois eu participei da seleção de bolsistas para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e fui selecionada. O valor da bolsa era de R\$ 400,00, apesar de parecer pouco para alguns, já pagava minhas passagens de ônibus e as cópias das apostilas e livros.

Voltei a levar pão com mortadela para a universidade. Mas, agora, meu amigo Ketson comia meus pães e me pagava um salgado com refrigerante na lanchonete da universidade. Eu não podia chegar com nenhum dos pães com mortadela em casa porque minha mãe enlouqueceria sem saber o que colocar no pote plástico para eu almoçar no dia seguinte.

Quando Ketson não ia para a universidade e meu estômago não aceitava mais pão com mortadela, eu tirava um pedaço de um dos pães, comia para não ficar com fome e oferecia o restante para o primeiro mendigo que aparecesse na rua. Minha mãe nunca soube disso (até ler esse capítulo).

Todo o esforço valeu à pena. No segundo semestre de 2011, estava como bolsista de Iniciação Científica, participei de vários projetos de ensino e extensão, coordenei a organização de um evento, apresentei trabalho em Campinas, São Paulo. Viajei à Recife, Aracajú, Fortaleza e Mossoró. Eu escrevia e submetia trabalhos para eventos educacionais mesmo sem professor orientador, sendo eu a única autora, mas, ainda assim, eram sempre aprovados, talvez pela relevância do tema escolhido na área de Educação Matemática.

A cada viagem a congresso, eu tinha que ouvir as duras críticas do meu pai, que insistia em me comparar com a vizinha que cursava Administração e não precisava fazer viagens para outro estado. Muitas vezes ouvi que eu estava indo passear ao invés de estudar. A verdade é que eu precisava aproveitar todas e quaisquer oportunidades de enriquecer meu currículo acadêmico.

Tornei-me conhecida e reconhecida pelo Departamento de Matemática. Era a aluna mais bem informada, que distribuía informações no Sistema Integrado de Gestão

de Atividades Acadêmicas (SIGAA). O coordenador do curso até me apelidou de *pregão Schivani SIGAA*. Foi o semestre mais produtivo do curso.

Mas esta notoriedade não era bem vista por todos. Por vezes seremos mal interpretados ou mal julgados por nossas ações, por mais bem intencionadas que elas sejam. Enquanto eu queria apenas informar os universitários, algumas pessoas entendiam que eu estava querendo aparecer, me mostrar, me exibir.

Fui convidada para assumir a coordenação local do *III Encontro Regional de Educação Matemática* e do *II Fórum Potiguar de Licenciaturas em Matemática*, que ocorreria na cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte. Problemas com as impressões dos certificados de centenas de inscritos me fizeram não participar ativamente do evento e me concentrar apenas em soluções. Saí da casa em que me receberam como hóspede, para dormir no alojamento da universidade e ficar mais próxima da comissão, para poder trabalhar dia e noite na resolução de todo e qualquer problema que aparecesse. Uma das alunas da comissão organizadora, uma das que dizia que eu estava querendo aparecer, falou mal de mim para a professora que coordenava o evento geral, alegando que eu estava mandando na comissão. Foi quando esta professora foi ao meu encontro e por alguns eternos minutos esbravejou insultos, me deu rótulos, previu meu futuro, rasgou papéis e jogou-os por cima de mim, exclamando ofensas. Permaneci em absoluto silêncio

até ela sair batendo portas e eu me desfazer em lágrimas. Dias depois, a professora me pediu desculpas e colegas de bolsa e de sala, que antes me viam com maus olhos, mudaram de opinião e se tornaram meus amigos até os dias atuais.

Aproveitei aquele semestre ao máximo e coleí grau com um currículo um pouco *mais rico*, dois anos depois de ingressar na licenciatura em Matemática. Aos meus 23 anos de idade me formei, era agora professora de Matemática. Coleí grau, mas não saí da UFRN sabendo tudo ou o básico de Matemática. Ao contrário, o próprio coordenador me aconselhou, na época, a voltar para o curso como ouvinte e assistir as aulas das disciplinas de Cálculo e Álgebra.

No primeiro dia útil depois de formada, em 2012, espalhei currículos por todas as escolas de Natal.

Lembro de o meu amigo Alessandro me criticar por eu estar colocando currículos em escolas privadas de renome. Mas, eu nunca desperdicei uma oportunidade, nunca deixei de tentar algo, mesmo que as chances de conseguir tendessem a zero.

É preciso tentar, o que não significa que se vai conseguir, mas, só se consegue, tentando! E eu tentei. Subi e desci ladeiras, fiz longas caminhadas, enfrentei sol e chuva, ônibus lotados para distribuir mais de trinta currículos.

As aulas estavam retornando e eu ainda não havia sido chamada para nenhuma entrevista, até que um professor,

recém-contratado de uma cooperativa de professores, desiste da ideia de ensinar via método educativo *freinetiano*¹ e eu sou chamada para uma entrevista no mesmo dia da ligação. Eu não passei por processo seletivo, treinamento ou reuniões pedagógicas como os demais, fui aprovada direto na entrevista, para iniciar os trabalhos dois dias depois. A frase do diretor foi: “*você não está entrando pela porta, mas sim, pela janela!*”.

Foi amor à primeira vista de ambas as partes. Aquela escola pregava uma pedagogia diferente de tudo que eu já havia visto e estudado até então.

Adaptei-me logo às metodologias e conquistei meu espaço. Era a única professora de Matemática de todas as séries do Ensino Fundamental II em ambos os turnos da Escola Freinet. O trabalho era muito, as condições desfavoráveis e o ganho pouco, mas eu estava empolgada. Era o meu primeiro emprego oficial como professora e eu podia agir conforme tudo que acreditava e defendia.

Alguns meses depois que começara a trabalhar na escola Freinet, recebo uma ligação de uma amiga com a qual não falava há um tempo. Ela me informou de um concurso para professor substituto do IFRN.

¹ Freinet (1896–1966) foi um pedagogo francês, crítico da escola tradicional e criador do movimento da escola moderna, na França. Sua proposta de ensino é toda centrada no trabalho, na experimentação e na documentação e parte dos princípios da cooperação e da autonomia.

Até aquele momento nunca havia sequer imaginado ser professora de uma instituição tão renomada, de qualidade, rotulada como o melhor ensino público do estado. Nunca sonhei com aquela realidade que, para mim, estava fora do meu alcance.

Mas, como já posto, não sou uma pessoa que desperdiça oportunidades. Sem nunca ter dado uma aula para uma banca de professores avaliadores antes, sem nenhuma orientação, eu ministrei uma aula de 50 minutos sobre Análise Combinatória para dois professores de Matemática e uma pedagoga. Minha amiga, que tinha me avisado do concurso, desistiu de ir fazer a prova porque pesquisou o currículo dos concorrentes e achou que eles eram mais qualificados do que ela.

Mesmo com toda a inexperiência, fui classificada. Fiquei em quinto lugar, chamaram os primeiros colocados e eu permaneci na fila de espera.

Na área em que minha amiga iria fazer o concurso, passou em quarto lugar um candidato que, embora não tivesse títulos, foi aprovado e classificado devido a sua aula didática. Creio que minha amiga se arrependa até hoje de não ter ido tentar.

Dez dias após este concurso, apareceu um segundo: professor substituto no Instituto MetrÓpole Digital, pertencente à UFRN. Fui a primeira a fazer a inscrição e, por consequência, seria a primeira a dar a aula para a banca avaliadora.

Cheguei à universidade muito cedo para garantir que nenhum imprevisto me fizesse perder a prova. Quando os professores da banca chegaram, eu os cumprimentei com um bom dia e eles entraram na sala, organizaram o local, ligaram os equipamentos e chamaram o segundo candidato da lista. Eu não entendi o porquê de não ter sido chamada, mas fiquei aguardando. Uma hora depois, chamaram o terceiro. Depois chamaram o quarto. E, após 5 horas de espera, a banca desliga todos os equipamentos, tranca a sala e caminha em direção a saída. Eu, sentada no chão, sem compreender, me levanto e vou ao encontro dos docentes perguntar por que não fui chamada.

Ao dizer meu nome, um dos professores afirmou que um funcionário havia informado que eu não havia aparecido e que deveria ser chamado o próximo da lista. Eu os convenci de que havia chegado antes deles. Assim, em plena hora do almoço, com ar de insatisfação, eles voltam para a sala e assistem a minha aula, ouvindo minha voz ora cansada, ora trêmula e sempre nervosa.

No momento da arguição, eu não consegui responder nenhuma das três perguntas feitas pela banca e saí de lá me sentindo a pior profissional do mundo.

No dia seguinte, um dos professores que fez parte da banca daquele terrível concurso me liga informando que eu havia esquecido de assinar a lista de presença. Ele me pediu

que comparecesse com urgência em sua sala para assinar a tal lista. Eu falei que não iria porque havia desistido do concurso. Não me interessava saber mais nada sobre aquilo. O professor insistiu para que eu assinasse. Ele descobriu onde eu dava aula e, no dia seguinte, foi até a Escola Freinet com a lista para eu assinar e com o resultado do concurso em primeira mão.

Meu nome aparecia na primeira linha da lista. Eu havia tirado 9,17 na aula didática, a segunda maior nota, abaixo apenas de 9,27. Mas, fiquei em quinta posição porque não tinha títulos para concorrer com os especialistas, mestres e doutores.

Eu não conseguia acreditar naquela nota impressa naquele papel. O professor afirmou, pessoalmente, diante de mim, incrédula, que minha aula tinha sido muito boa e eu não havia ficado em primeiro lugar apenas por causa dos títulos.

A verdade, é que até hoje, sete anos depois, eu ainda não acredito e não compreendo como eu tirei aquela nota. O fato é que serviu como lição para eu acreditar mais em mim mesma. Todo mundo deveria acreditar mais em si. Vale ressaltar que acreditar em si, na medida certa, nada tem a ver com arrogância e superioridade.

Meses depois, o IFRN me convocou para assumir no *campus* de Pau dos Ferros, a pouco mais de 380 quilômetros da capital. Fiquei tentada a aceitar, mas as condições não eram nada favoráveis. Recusei e, uma semana depois, recebi uma

nova ligação do Instituto me convocando, dessa vez, para o *campus* Natal-Central.

Demorei para acreditar, mas era verdade. O servidor do setor de recursos humanos afirmou que estava impressionado pelo *campus* ter chamado cinco aprovados na mesma disciplina, no mesmo semestre.

Meu pai me perguntou se eu tinha *cacife* para dar aula no IFRN. Eu respondi que iria tentar. Ele perguntou se eu me achava capaz e eu disse que não, justo eu, que havia sonhado e tentado ingressar como aluna há 10 anos e fracassado.

Diploma recebido, primeiro emprego como professora de Matemática e agora, convocada para assumir no IFRN, *campus* Natal-Central (IFRN-CNAT).

Fiquei na escola Freinet de fevereiro a outubro de 2012, quando peço demissão novamente (quarto pedido de demissão da vida) para ser professora substituta aos 24 anos de idade. Na época, o *campus* havia retornado há pouco de uma greve e o calendário não seguia o das demais escolas. Tivemos aulas ao longo de todo o mês de dezembro, de janeiro e de fevereiro.

O primeiro ano lecionando no Instituto foi o mais difícil. Eu era testada pelos alunos a todo o tempo. Eles me achavam nova demais para ser professora de Matemática. Não tinham confiança em mim. Além disso, assumi uma turma de terceiro ano do curso de Mecânica, só existia uma aluna mulher

e todos os demais alunos eram homens que, em sua maioria, eram muito mais altos do que eu. Eles me intimidavam, me envergonhavam com suas cantadas nada discretas dentro e fora da sala de aula. Eu fiz contagem regressiva para terminar o quanto antes aquele ano letivo.

Ao mesmo tempo, eu me sentia milionária com o salário que ganhava e no paraíso com as poucas horas que lecionava ao longo da semana. Eu estava mais feliz que *pintinho no lixo* e precisava conquistar meu espaço ali.

Estudei muito para dar aula. Nunca deixei de ser humilde e dizer a verdade quando não sabia responder a uma dúvida de um aluno. E as dúvidas eram muitas. Não eram alunos comuns. Eram alunos que questionavam, que queriam saber o porquê das fórmulas. Eu não podia ensiná-los da forma como a maioria dos meus professores me ensinou no Ensino Básico, eu precisava fazer diferente.

O pouco tempo que fiquei no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), como bolsista, me ajudou intensamente nas metodologias e estratégias de ensino. Quanto ao conteúdo matemático, eu realmente não saí da UFRN preparada para dar aula. Acredito que todos que se formam em licenciatura saem com esse sentimento. Aprendemos mesmo na prática, com a necessidade, com os desafios que nos são impostos e os quais somos obrigados

a enfrentar. Aprendemos lembrando dos nossos antigos professores, dos que julgamos bons cuja postura queremos replicar, também aprendemos com os que julgamos ruins cujo agir evitamos ao máximo reproduzir.

Meu amigo, Raphael, disponibilizou seu material de aulas completo com questões solucionadas de todos os conteúdos de Matemática do Ensino Médio. Aquilo me salvou a pele por um longo tempo.

Estudava muito para ministrar as aulas no IFRN. Consultava pilhas de livros que havia conseguido no tempo em que fui auxiliar da SBEM. Aprendi na prática, com erros e acertos, a ser a professora que eles precisavam que eu fosse.

A prova de que eu consegui ser, foi uma carta que recebi de um dos alunos que mais me testou ao longo do primeiro ano de professora substituta. Escrita a próprio punho, o aluno pedia desculpas e me agradecia por tudo que lhes tinha ensinado. Percebi, naquele momento, que tinha encontrado e conquistado meu lugar.

A partir daquele momento, os pensamentos de me tornar uma professora de escola estadual que fizesse a diferença na educação pública precária do país foram substituídos por me tornar uma professora efetiva da rede federal de ensino. Iniciei, então, a minha vida de *concurseira*.

As ações para conseguir alcançar meu objetivo de vida, que sempre foi estabilidade financeira, nunca estiveram tão claras em minha mente.

Agora eu sabia que para conseguir a estabilidade tão sonhada desde cedo, não bastava somente estudar, era necessário estudar para os concursos públicos dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Eu sabia que ao me efetivar em um dos institutos do país, eu não só iria ganhar um salário que me permitiria sair da casa dos meus pais, ter uma vida confortável e continuar ajudando minha família para sempre, mas também estaria realizada profissionalmente, exercendo minha profissão com qualidade e dignidade, com espaço e materiais adequados, para um público realmente interessado.

Para realizar este sonho, eu precisava me preparar para os concursos públicos dos institutos federais. Cada edital que era publicado, eu imprimia, lia e pregava o cronograma do concurso na parede do meu quarto. De repente, me vi com cinco, seis, dez cronogramas colados na parede. Fiz um *tour* pelo nordeste brasileiro. Particpei de concursos no meu estado (cerca de seis vezes), em cidades como Mossoró, Caicó e Macaíba, como também fora dele, em Maceió (duas vezes), Aracajú (duas vezes), Fortaleza (três vezes), Campina Grande, João Pessoa e Petrolina.

A viagem para Petrolina foi a pior delas. Fomos eu e mais quatro homens (três colegas de faculdade e meu marido, na época, noivo) em um carro de passeio. Foram 900 quilômetros e pouco mais de 12 horas de viagem para chegar ao nosso destino. Chegamos exaustos na cidade, na noite anterior ao concurso. Dormimos em uma pousada e, no dia seguinte, por pouco não perdemos a hora devido a uma mudança automática no relógio dos celulares, por ser término do horário de verão no Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Chegamos a tempo, fizemos a prova e logo depois do concurso terminar, voltamos para casa contra a minha vontade. Enquanto os dois homens do banco de trás dormiam caindo sobre mim, eu me apoiava na porta traseira, o motorista ora fazia ultrapassagens noturnas perigosíssimas de dois e até três caminhões longos consecutivos, ora cochilava sobre o volante, deixando o automóvel literalmente no meio da pista de mão dupla. Eu tentava me manter acordada, falando com o motorista para tentar deixá-lo acordado também. Chegamos em casa por volta das três horas da madrugada. Havia marcas da porta do carro em todo o lado direito do meu corpo, lado que eu quase não sentia de tão dormente por ter sido imprensada por 12 horas seguidas. Eu poderia facilmente ter morrido naquele dia.

Os concursos públicos, na época, eram divididos em duas fases: a prova escrita e a prova didática. Normalmente, a prova escrita acontecia em um domingo. Então, eu pegava o ônibus

na rodoviária, na noite do sábado, chegava no domingo, poucas horas antes da prova, me alimentava no próprio terminal rodoviário e ia direto para o local onde o concurso iria ocorrer. Ao término da prova, voltava para a rodoviária e pegava o ônibus de volta para casa.

O ideal para fazer este tipo de concurso é chegar na cidade um dia antes da prova e descansar. Mas eu não tinha nem esse tempo e tão pouco dinheiro sobrando para pagar hospedagem.

O cansaço físico e mental, aliado ao fato de eu não estudar para os concursos e depender apenas das aulas que eu ministrava no IFRN para fazer a prova, me fazia tirar uma nota bem abaixo da média.

A cada resultado, uma nova crise existencial profissional. A cada nota ruim eu me perguntava se realmente era boa no que fazia, se eu realmente estava na profissão certa, se eu não deveria tentar outra carreira.

As provas de cada estado seguiam um padrão diferente. Algumas com mais questões e conteúdos, outras com menos, mas todas, até então, com questões apenas objetivas ou com várias objetivas e uma ou outra questão discursiva. A prova realizada em Petrolina teve um formato diferente. O edital informava dez temas da área na qual você estava participando e na hora, era sorteado um desses temas para que você fizesse uma redação a respeito. A banca permitiu, inclusive, que os

candidatos levassem material didático impresso para estudar durante uma hora após o sorteio do tema. Neste estilo de prova, o ideal é que se produzam previamente textos sobre cada tema. Com o tempo que eu tive só consegui produzir textos sobre três ou quatro temas. O sorteio da prova de Petrolina foi justamente sobre um tema que eu não havia produzido nada e, por ser um tema de nível superior, era necessário ter uma base teórica mais solidificada do que a que eu tinha naquele momento.

Posteriormente a este concurso, surgiu o processo seletivo para professor efetivo do Colégio de Aplicação (CODAP) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). A prova escrita do concurso do CODAP também não tinha questões. A banca sorteava, na hora da prova, um dentre dez temas pré-definidos e o candidato escreveria um texto sobre o tema sorteado. Dessa vez, todos os temas eram de nível médio.

Eu sempre amei escrever. Escrever sempre foi meu *hobby* favorito. Não só *hobby*, mas escrever também sempre foi uma terapia para mim. Tenho diversos cadernos que eu fazia de diários desde criança até a fase adulta. Transcrever para o papel meus sentimentos, sejam eles de alegria, tristeza ou medo, me acalma, me faz me sentir melhor. Além disso, nas férias escolares, eu evitava o ócio escrevendo cartas para os meus colegas de sala. Colocava nos correios com selos que custavam um centavo e o carteiro entregava na casa do destinatário, mesmo que ela ficasse a um quarteirão da casa da remetente.

Por todos estes motivos, a prova do CODAP me chamou a atenção e me impulsionou para estudar, pois agora, eu via uma chance de passar. Eu me sentia capaz de ser aprovada naquela prova. Não só pelo fato de eu adorar escrever e por não existir nenhum tema da lista divulgada no edital que ainda não tivesse lecionado, mas porque profissionais da área de exatas, normalmente, possuem dificuldades com a escrita.

Eu, então, me inscrevi no concurso. Foram mais de duzentos inscritos. Eu nunca procuro saber a concorrência. Mas um colega que também iria fazer a prova, fez questão de contar, um por um, os nomes de todos os inscritos na lista que foi divulgada. Depois de descobrir a quantidade de candidatos, ele desistiu de ir fazer a prova. E eu? Eu continuei a estudar. Estudava no ônibus a caminho do trabalho, na volta para casa, nos intervalos de aula. Escrevi sobre sete dos nove temas a serem sorteados. Não deu tempo de escrever os dois restantes, mas fiz uma espécie de mapa conceitual sobre eles para ajudar a lembrar como estruturar o texto, caso fossem estes os sorteados.

No dia da prova, eu estava preparada para qualquer que fosse o tema sorteado, mas torcia que fosse Estatística. Isso porque naquela semana tinha ocorrido a finalização da *Mostra de Pesquisas Estatísticas* que organizei com minhas turmas, no IFRN. Havia passado o último mês inteiro lecionando apenas este conteúdo para todas as minhas turmas e estava com todos os conceitos fresquinhos, na mente.

Para a minha felicidade e surpresa, foi sorteado “Estatística”. Enquanto alguns candidatos se levantam e saem da sala, desistindo do concurso, eu começo a escrever. Termino a frente e o verso da primeira folha. Não havia limites de linhas. Eu escrevi exatamente dezesseis páginas. Nunca me esquecerei desse número. Saí do concurso com o dedo inchado e vermelho, e um pouco tonta.

Dias depois, já de volta a Natal, saiu o resultado. Classificada para a segunda fase em primeiro lugar, com média 98.

Viajo, então, para a segunda fase do concurso: a aula didática. Precisava ir alguns dias antes da realização da prova porque primeiro era sorteado o tema, dentre os nove que restaram da prova escrita e, vinte e quatro horas depois o candidato ministrava a aula.

Enquanto aguardava o dia do sorteio, preparava os slides dos temas ainda não sorteados. E me lembrei de uma revista de Matemática que, dias antes, um colega havia me mostrado e me dissera que estava a vendas nas bancas. Lá, em Sergipe, mandei mensagem para um professor amigo e pedi que ele me mandasse cópias de uma parte desta revista.

Por mais uma incrível coincidência, o tema sorteado tinha a ver com a parte da revista que recebi a tempo do professor.

Ministrei a aula e voltei para Natal.

Foi uma longa jornada para conseguir saber o resultado final do concurso porque a banca só havia publicado no mural de avisos do colégio e se negava a me dizer por telefone. Estando em Natal, entrei em contato com um taxista de Sergipe e paguei para ele ir até a escola ver o resultado e me enviar a foto por e-mail. Foi, então, que descobri que havia descido de primeiro para quinto lugar, uma vez que os candidatos com notas menores que as minhas possuíam títulos acadêmicos os quais eu não possuía (mestrado ou doutorado), e subiram de colocação.

A decepção foi grande, mas a esperança era maior ainda de conseguir ser convocada antes dos dois anos de vencimento do concurso. Houve muitas coincidências para terminar assim. Mas, terminou. Faltando um mês para vencer o concurso, haviam convocado quatro aprovados. Eu era a próxima da fila e existia uma grande possibilidade de ser reaproveitada no IFRN, *campus* Natal-Central, onde eu lecionava como professora substituta pela segunda vez.

Possibilidade, primeiro porque o concurso do CODAP permitia reaproveitamento para qualquer instituição federal do país. Segundo, porque meses antes houve concurso público para professor no IFRN e não foram preenchidas todas as vagas para Matemática. Existiam duas vagas sobrando e uma dessas tinha que ser a minha.

Fui até a coordenação, a direção e a reitoria. Foi o reitor geral quem me deu uma carta solicitando o próximo candidato da fila do concurso do CODAP (no caso, eu) para ser reaproveitado no IFRN-CNAT. No mesmo dia, arrumei minhas malas e peguei o primeiro ônibus para Aracajú. Fui pessoalmente entregar a carta ao reitor da UFS. Passei uma semana lá até resolver tudo e conseguir a liberação da vaga. Quando chego com o resultado ao IFRN, me dizem que não posso ser convocada imediatamente porque os aprovados no concurso do IFRN precisam escolher seus *campi* primeiro. Mesmo eu me dispondo a ficar em qualquer *campus* e a ser transferida posteriormente, ainda que para o mais longe de todos, a reitoria não aceitou.

Para tentar aumentar o prazo de vencimento do concurso do CODAP, eu entrei com mandado e segurança, pagando dois mil reais para o advogado. O juiz negou o pedido.

No fim, não consegui. Mas não me arrependo de ter tentado.

Se houve algum aprendizado ou vantagem de ter passado por tudo isso, eu diria que foi ter aberto meus olhos para a necessidade da formação continuada, isto é, buscar por títulos acadêmicos imediatamente, especialmente o mestrado.

Havia dois tipos de mestrados na UFRN que estavam diretamente relacionados à minha área de estudo, o Mestrado em Educação e o Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática. O primeiro tinha como prova escrita apenas

a produção de um texto que se escrevia para responder a uma pergunta. Eu participei dessa seleção uma única vez. Não tentei novamente porque achava estranha a forma de divulgação dos resultados. Apenas os nomes dos aprovados eram impressos na lista e para saber a sua nota era necessário entrar com requerimento solicitando. Já no outro Mestrado, a prova escrita era totalmente baseada em um livro, geralmente escrito por um professor do programa ou da UFRN. Eu tinha dificuldades de lembrar o que estava escrito em cada capítulo do livro, embora tivesse lido, então, fui reprovada em umas três tentativas.

Enquanto tentava ingressar em um Mestrado, o IFRN *campus* EaD abriu edital para a seleção de alunos para a Especialização em Ensino de Matemática e Língua Portuguesa. Não havia prova escrita, apenas análise de currículo. Lembro-me que, quando fui entregar meu currículo, a servidora que fazia a conferência afirmou que aquele currículo não era para uma Especialização, mas sim para ingressar em um Mestrado.

De 2013 a 2015 eu cursei esta Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Matemática no IFRN, na modalidade à distância.

Quando o processo seletivo para ingresso no Mestrado da UFRN finalmente deixou de abordar um único livro de autor da instituição e passou a ser com perguntas mais abrangentes em que os textos de referência serviriam apenas

como base para fundamentar os argumentos das respostas, eu consegui ser aprovada.

Ingressei no mestrado profissional de Ensino de Ciências Naturais e Matemática da UFRN em 2014, exatamente um ano depois de ter sido aprovada no concurso para professor efetivo do Colégio de Aplicação da UFS. E, como nessa época eu ainda tinha esperanças de ser convocada, tornei-me Mestra em Ensino de Matemática em um prazo recorde. Escrevia a dissertação aos sábados, domingos, feriados, madrugada. Desligava o celular, me desconectava do mundo exterior e, na frente do computador, eu ficava por horas, dias e noites inteiras, quando não estava lecionando. É óbvio que minha orientadora do programa de mestrado, a professora Giselle Sousa, teve papel fundamental para que eu pudesse defender as 305 páginas da minha dissertação antes de qualquer um da minha turma. Não sei se foi sorte ou por tudo que ela já sabia sobre meu trabalho e comprometimento nos tempos da graduação e do PIBID, mas o fato é que tive a melhor orientadora que poderia ter.

Sempre me deparo com pessoas reclamando dos orientadores ou até mesmo dos programas de mestrado e de doutorado, afirmando categoricamente que só passa quem é *peixe* (conhecido pela banca). Hoje, como professora e orientadora, entendo que é fundamental o professor conhecer, sim, o aluno que deseja sua orientação, antes de decidir se irá mesmo orientá-lo ou não. A maioria dos professores, quiçá todos, possuem um tempo

curto para se dedicar as pesquisas, além de terem cronogramas apertados para cumprirem os editais em que são aprovados. Quando um aluno desiste no meio da pesquisa, o professor não perdeu somente o aluno, mas um tempo que não volta, um tempo de dedicação que irá atrasá-lo, prejudicá-lo.

A melhor opção, então, é que o estudante demonstre interesse por pesquisas desde os primeiros dias da graduação. Se envolva em projetos, programas, seja ativo! E, se for tentar uma pós-graduação em uma universidade nova, diferente daquela em que foi graduado, é recomendado que faça um curso de férias antes ou se matricule como aluno especial para que os professores o conheçam antes do processo seletivo. Isso com certeza fará toda a diferença no futuro. Este valioso conselho eu recebi do famoso professor e doutor, Marcelo Borba, quando falei com ele em um congresso educacional sobre minha pretensão de participar do processo seletivo para Mestrado na Universidade Estadual Paulista (UNESP) e tê-lo como orientador.

Enfim, especialista e mestra, o foco, agora, era ter títulos para pontuar mais nos concursos.

No meu terceiro contrato como professora substituta do IFRN-CNAT, eu fui convocada para assumir no estado. A data da convocação foi um dia depois daquele em que casei, primeiro de abril de 2016, quatro dias antes de completar meus 28 anos de idade. Parecia mentira. Era como se o universo

quisesse me dizer que eu precisava dar um passo à frente, mesmo estando no escuro, para só depois encontrar a luz que me fizesse enxergar o caminho.

Eu tinha medo de me casar e não conseguir um emprego fixo, a estabilidade financeira que tanto busquei e pela qual lutei por anos. Mesmo com medo, decidi seguir em frente. Era como se eu precisasse mais uma vez arriscar, sair da minha zona de conforto, para que as coisas pudessem acontecer, para que eu pudesse merecer as realizações. Minha mãe costuma dizer que, se eu tivesse pensado um pouco mais eu não teria casado. De fato, isto nunca esteve nos meus planos. Lembro que, quando atualizei o status no *facebook*, nenhum amigo acreditou. Todos acharam que era uma piada referente ao dia da mentira, primeiro de abril. Apesar de alguns dos desafios intrínsecos da vida conjugal, casar mudou a minha vida para melhor em todos os sentidos. No entanto, a vida de professora do estado não foi nada fácil.

Prestes a encerrar o meu contrato de professora substituta do IFRN, procurei uma escola estadual que ficasse o mais próximo possível da minha casa na Zona Norte de Natal-RN, afinal, não queria mais ter que atravessar a ponte e passar horas em engarrafamentos e congestionamentos todos os dias para ir e voltar do trabalho. Ao encontrar, fui muito bem recepcionada pelos funcionários. Eu me senti muito bem acolhida na escola, desde os funcionários da limpeza até os professores e diretores.

Os alunos estavam sem professor de Matemática há alguns anos. Assumi todas as turmas do Ensino Fundamental II e o primeiro ano do Ensino Médio. Já no primeiro mês, me tornei supervisora do PIBID, programa no qual havia sido bolsista na época da graduação em Matemática e que fez grande diferença na minha vida acadêmica e profissional, enriquecendo minha leitura e escrita na área, me tornando pesquisadora. Agora, como supervisora do PIBID, havia conseguido cinco bolsistas da licenciatura em Matemática, da UFRN, para trabalharem na escola comigo, realizando projetos de ensino e pesquisa. Apesar de ter consciência de que eram duas realidades completamente distintas, eu quis usar as mesmas metodologias e estratégias de ensino que usara durante os meus cinco anos no IFRN-CNAT, na escola estadual em que estava. Os alunos não estavam acostumados com aquela forma diferente de ensinar. Eles passaram toda a vida de estudante copiando o que estava no quadro e, agora, estavam sendo obrigados a pensar, a serem autônomos.

Eu tentei de tudo. Levei materiais concretos, envolvi dinheiro, comprei até um projetor para dar aula em slides, passar filmes, dentre outros recursos didáticos. Mas eles não aceitaram. Praticamente todos os alunos do Ensino Fundamental fizeram um abaixo-assinado para me tirarem da escola sob o argumento de que eu estava roubando os pontos deles por fazer média ponderada, que eu era uma

péssima professora por não escrever no quadro o que eles deveriam copiar no caderno. A maioria deles não possuía expectativas de um futuro promissor. Ouvia, frequentemente, falas de conformismo tais como *para que estudar se o nosso futuro é a Guararapes* (grande fábrica de roupas nacional mais próxima do bairro em que se localiza a escola).

A curta passagem por esta escola não foi em vão. Tenho contato com dois ex-alunos. Um está no IFRN e a outra, Fernanda, se formou recentemente como técnica em Informática em uma escola técnica estadual. Recebi o convite de sua formatura muito feliz e comovida ao vê-la me agradecer pelo sábado em que fui a sua casa, ajudá-la a estudar para a prova do IFRN, quando eu ainda dava aulas na escola do estado. Em meio a tantos alunos sem expectativas de vida, conformados e desacreditados, havia os poucos que se destacavam pelo seu esforço, pela sua luta e esperança.

Cinco meses depois de muitas tentativas e lágrimas, ao sair dezenas de editais de concurso para professor efetivo de institutos federais de diversos lugares do Brasil e, sob a promessa do governo de congelar gastos com educação pelos próximos vinte anos, eu tomei a primeira decisão mais difícil da minha vida.

Mesmo com todas as pessoas contra a minha decisão, eu pedi exoneração do estado. Abri mão de um emprego público estadual, abri mão da tão sonhada estabilidade financeira para

lutar por um objetivo maior, para ter qualidade de vida, para não enlouquecer tentando algo que eu sentia que nunca iria conseguir.

Foquei nos concursos em que havia vagas para Educação Matemática. Eram somente dois dentre dezenas que estavam abertos. Mas eu não podia mais agarrar todas as oportunidades que aparecessem na minha frente. Eu precisava de foco. Ao invés de disparar flechas para todos e quaisquer lados, eu mirei em um só lugar e me concentrei em acertar.

Desempregada, estudava o dia inteiro. Tomava canecas e canecas de café, mesmo sem gostar, porque diziam que era bom para a memória. Fiz o concurso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) pela terceira vez. Não atingi a nota mínima na prova escrita para fazer a segunda fase do concurso. Mas como eu nunca fui de desperdiçar uma chance, por menor que ela fosse, entrei com recurso contra a correção e meus argumentos foram validados. Minha nota mudou para a mínima e eu fui dar a aula para a banca. Fui classificada em sexto lugar. Eu me senti como se mais uma vez tivesse batido na trave. Diferente do concurso do CODAP em Aracaju, neste eu não tinha tanta esperança de ser convocada, mesmo todos falando o contrário. Deixei a decepção e a tristeza de lado e mirei no próximo foco, o concurso do IFRN. Eram doze vagas para Matemática e apenas uma para Educação Matemática. Qual escolher?

Matemática, que tem mais vagas? Ou Educação Matemática, a área em que sou mestra e na qual pretendo seguir?

Eu não podia sentir medo de novo. Precisava acreditar em mim e na minha capacidade de conseguir. Fiz minha inscrição para Educação Matemática e estudei ainda mais. Aproveitei os estudos do IFCE, me matriculei em um cursinho aos sábados e estudei no ônibus, antes de dormir, ao acordar, nos intervalos do cursinho. Sentava na primeira cadeira do cursinho. Fazia todas as questões da lista de exercícios que entregavam ao chegar e ia corrigindo com a professora ao longo da aula. Nas primeiras semanas, eu não havia acertado nenhuma questão da área de Didática. Sentia-me uma professora sem didática. Justo eu, que tanto era elogiada pelos modos diferenciados de ensinar. Depois, eu comecei a marcar uma ou duas questões corretas da área. Nos últimos dias do cursinho, uma ou duas eram as questões que eu errava!

Foi por falta de orientação que eu não consegui passar no processo seletivo para estudar o Ensino Médio no antigo ETFRN. Foi por falta de orientação que eu não fui aprovada no meu primeiro vestibular para Matemática, na UFRN. Dessa vez, não seria por falta de orientação que eu não seria aprovada no concurso público do IFRN.

É fundamental entendermos nossas limitações e buscar ajuda. Humildade para reconhecer nossas fraquezas e buscar

orientação é o primeiro passo para conseguir o que se almeja. Poucas coisas, ou talvez nenhuma, se conseguem sem ajuda de ninguém. A minha principal ajuda foi o cursinho. Graças a ele e a todo o meu esforço, determinação, fé e estudo, é claro, eu fui aprovada em primeiro lugar no concurso público para professor efetivo do IFRN. Um ano depois, também fui convocada para assumir no IFCE, o concurso em que tinha passado em sexto lugar, e para a vaga para qual não acreditava que seria chamada algum dia.

Aos 30 anos de idade, depois de vinte tentativas de me tornar efetiva, depois de muitas horas de viagem, noites mal dormidas, cansaço, tristezas, crises existenciais, descrenças, decisões difíceis, medo e tantos outros sentimentos impossíveis de descrever, eu realizei meu sonho de criança, de adolescente e de adulta.

Três dias na semana eu fico sozinha, em São Paulo do Potengi, cidade interiorana a 70 quilômetros da capital do Rio Grande do Norte. Aluguei uma casa perto do meu trabalho, no IFRN, *campus* São Paulo do Potengi. Comprei um terreno em frente ao IFRN, onde vou construir minha casa própria.

Conquistei minha estabilidade financeira, minha independência, minha liberdade, minha qualidade de vida, minha felicidade. Às vezes, principalmente quando assisto a filmes baseado em fatos reais de professores que conseguiram transformar

a realidade de uma escola ou de uma turma problemática, fico pensando se eu não deveria ter insistido mais na escola do estado. Ao mesmo tempo, sei que, embora não tenha contribuído como gostaria naquela escola, hoje, eu sei que mudo vidas todos os anos, onde trabalho. Vidas de pessoas que nasceram e cresceram em sítios fechados, no interior do interior, sem sinal de internet ou celular em pleno século XXI, onde a única locomoção para chegar à cidade e pegar o ônibus escolar é a carroça ou o cavalo. Eu mudo vidas de professores de escolas estaduais e municipais que se formaram em cursos a distância e que querem se tornar profissionais melhores, que desejam aprender novas metodologias de ensino. Eu mudo vidas de pessoas cujos pais não acreditam na mudança e preferem ver seus filhos ajudando no roçado do que passando o dia inteiro no IFRN. Eu mudo vidas de pessoas que não acreditavam que poderiam ter suas vidas mudadas até o IFRN ser implantado naquele interior, até os professores daquele instituto abrirem as portas e oferecerem tudo o que um dia também lhes fora oferecido, enquanto estudantes da capital.

São por estes motivos que eu não pretendo me transferir para outro campus, mesmo sendo na capital. São por estes motivos que eu almejo ingressar em um Doutorado e poder contribuir ainda mais, mudar ainda mais.

Agora, são estes os motivos que me fazem levantar todos os dias!

As marcas da educação que me atravessam

Letícia Carvalho

*Para começar, poderíamos dizer
que a experiência é “isso que
me passa”. Não isso que passa,
senão “isso que me passa”*

Jorge Larrosa

Seguindo o pensamento de Larrosa (2011) sobre o que é experiência, apresentarei o “*isso que me passou*” no processo de ser estudante de classe popular em uma universidade pública até chegar a ser professora universitária.

Nasci em Natal, no ano de 1982, em 25 de dezembro. Sou a segunda dos três filhos de um casal de classe popular. Quando minha mãe concluiu o Ensino Médio, eu já completara oito

anos. Meu pai concluiu apenas o que hoje denominamos de “anos iniciais do Ensino Fundamental”. Nunca o vi estudar, a não ser quando tive a oportunidade de ser sua professora, no Programa “GerAção Cidadã”, um Projeto de extensão vinculado a UFRN (PINHEIRO, 2007).

Parafraseando a escritora Adélia Prado, meus pais achavam o estudo a coisa mais fina do mundo. Apesar de não terem formação em nível superior, eles sempre enfatizaram a importância da educação para a “ascensão social”, a forma de “ser gente”, de conseguir mudar a condição social, numa lógica do senso comum de “estudar, trabalhar e ficar rico” (DE SOUZA FILHO, DE ANDRADE, 1988). Essa visão meritocrática que meus pais tinham (e ainda têm) me possibilitou obter algumas vantagens, dentre elas estudar em escola particular, desde a Educação Infantil até os anos finais do Ensino Fundamental, e também poder não realizar as tarefas domésticas quando estivesse estudando em casa. Apesar de ser uma escola de bairro, com a mensalidade acessível, experimentei o quanto era difícil efetuar o pagamento. Lembro-me da diretora da escola indo a minha casa e lembro-me dela levar a televisão como parte do pagamento. Recordando agora, penso que vivenciar cenas como essa contribuiu para que eu valorize o tempo de estudo em todas as oportunidades. Valorizar o tempo que eu tenho pra estudar.

Minha primeira experiência com a palavra escrita está relacionada ao meu nome. Aos três anos, eu ainda não sabia como meu nome era escrito e logo aprenderia a importância de sabê-lo. Meu irmão, dois anos mais velho, propôs-se a escrever meu nome em todos os nossos brinquedos, quer dizer nos meus brinquedos. Uma atitude simpática e gentil, até eu descobrir que ele tinha escrito o nome dele nos meus brinquedos.

Senti-me extremamente injustiçada por não conhecer as palavras e os seus significados. Precisava dar sentido às letras e sílabas que conhecia, a fim de não ser enganada por mais ninguém. Essa foi a primeira experiência que tive sobre como o conhecimento nos empodera. O conhecimento nos capacita a lutar contra as desigualdades e injustiças sociais, como Paulo Freire me ensinou, anos mais tarde, na *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2005).

Tempos depois daquele episódio dos brinquedos, aprendi a ler — motivada pela escrita de cartas para meus familiares que moravam na Bahia. Em minhas viagens de férias para Salvador, nas 22 horas de ônibus, ia treinando a minha habilidade leitora com os *outdoors* que encontrava pelo caminho. Cada descoberta me estimulava mais a ampliar o meu vocabulário.

Tive um pequeno problema na hora da escrita. Teimava em colocar o lápis na mão esquerda. Várias pessoas tentaram corrigir o meu “desvio de conduta”, indicando-me

a mão “certa”. Mas não teve jeito, era canhota por convicção. Como não me adaptei às imposições, tive que me adaptar ao mundo onde todos devem ser iguais. Não havia cadeiras para canhotos. Assim, meu corpo teve que se adequar aos padrões. Precisava me encurvar toda para escrever. Como era um pouco desobediente, resolvi que não iria mais me encurvar e contorcer a minha mão para escrever e até hoje escrevo com o papel quase de cabeça para baixo. Sempre há um preço a pagar quando resistimos a seguir padrões.

Na época do Ensino Médio, como meus pais não tinham mais condição de pagar-me uma escola privada, tive que procurar uma escola pública para estudar. Foi assim que, aos 14 anos, em 1997, iniciei o Magistério, não por “vocação” nem pelas brincadeiras de criança, mas porque a escola pública próxima à minha casa oferecia essa formação no Ensino Médio, além da modalidade propedêutica, conhecida na época como “Científico”.

De forma alguma pensava em ser professora nessa idade. Isso só ocorreu quando recebi da professora de Didática alguns trechos selecionados dos livros “Educação como Prática da Liberdade” e “Pedagogia da Autonomia”, ambos de Paulo Freire, e a leitura me envolveu por inteiro. As situações existenciais apresentadas, a dimensão de cultura, o otimismo não ingênuo de que mudar é difícil, mas possível, o encantamento da professora pelo autor, tudo aquilo me preenchia

completamente. Foi a primeira vez, que eu me lembre, que cogitei de fato a possibilidade de ser professora. Queria trabalhar com a leitura de mundo, com os significados, não apenas com a codificação das palavras.

Aos 16 anos, quando concluí o magistério, já tinha certeza do que queria ser quando “crescesse”: **professora**. Antes mesmo de concluir o Ensino Médio, já havia assumido uma sala de aula de Educação Infantil, com 16 crianças do Estágio II e Estágio III (na época, nomeados de Maternal e Jardim I). Todavia, lembro que na seleção para esse trabalho uma das perguntas que a diretora da escola me fez foi: “Você tem sobrinhos?”, discurso no qual perpassa a ideia do educador da Educação Infantil apenas como um cuidador de crianças.

Ano de 1999, como contei acima meu primeiro emprego como professora foi aos 16 anos, em uma escola de bairro, na Zona Norte de Natal-RN próximo à minha casa. Antes disso, trabalhara em um restaurante, como garçomete. Saí do emprego para ir para a sala de aula por um turno, ganhando a metade de um salário mínimo.

Pensava em todas as crianças que estariam sob minha responsabilidade. Nunca tinha entrado em uma sala de aula na condição de docente, nem para realizar observações, pois o Estágio Supervisionado só aconteceria no final daquele ano letivo. Comecei a reler os textos, pensar em práticas,

atividades. O conteúdo do livro didático (na época, material base para elaboração de planejamentos) foi estudado, anotado. Buscava entender o contexto para realizar atividades que fizessem sentido.

De forma tácita, já entendia que os alunos são corações, não apenas cérebros, como afirmou Neil (1980). Busquei na prática de meus antigos professores elementos para construir a minha. Alguns me serviram como exemplo para que eu nunca esquecesse o que jamais deveria ou devo fazer. E, pensando nas marcas que me atravessam, rememoro o tempo de escola, agora com o olhar de professora. Percebo quantas marcas os professores foram deixando em mim: as correções à caneta vermelha, sinalizando o meu fracasso; os ditados de palavras desconexas; a falta de perspectiva nos olhares de muitos que nos viam como mão de obra desqualificada para o mercado de trabalho; os trabalhos nunca corrigidos; a avaliação como punição... mas percebo também os que se preocuparam em comentar os textos escritos; o cuidado na *refação* de atividades; o gosto em tratar de determinado assunto; a pergunta “por que faltou ontem?” como sinal de que você é visto, é notado, é importante.

Já sabia que também deixaria marcas naquelas crianças. Grande responsabilidade. Eu, que achava que teria condições de cuidar e educar, ainda numa perspectiva da didática instrumental, pensei que era só seguir o plano e daria tudo

certo. Mas no plano não constavam os choros, a sensação de desespero, a falta de interação ou de atenção das crianças a tudo que eu propunha. Depois desse “batismo de fogo”, como disse Weisz (2002), concluí, com muita dificuldade, o ano com aquelas crianças.

Minha dificuldade era ainda maior pelo fato de que, dentre as principais preocupações da escola, estava a de que cada criança daquela sala terminasse o ano letivo escrevendo o seu nome completo, ainda que não codificassem nenhuma letra (ao escrever agora, consigo lembrar-me do nome completo de mais de 10 dos 16 alunos... essa forma de *educação bancária* também deixa marcas em nossa mente).

Depois do período de adaptação em sala de aula, realizei o Estágio Supervisionado, buscando novas experiências de docência. Para minha surpresa, o professor responsável pela turma da quarta série para a qual eu fora designada, hoje 5º ano, era um professor de Educação Física que tinha sido convocado após uma licença da professora titular da turma.

Nos dias de observação, ele me perguntava “O que você vai fazer hoje?”. Eu ficava totalmente desestabilizada, em especial porque de “supervisionado” só havia o nome do estágio. Comecei a utilizar em sala de aula uma estratégia que conheci bem quando estudante: o grito. Foi quando me dei conta de que não dava para continuar na escola.

Procurei, chorando, a minha professora de Estágio e pedi para mudar de instituição. E assim fiz.

No decorrer dos quatro subsequentes anos letivos, 1999 a 2002, tive a rica oportunidade de lecionar em todos os estágios da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Também participei de um projeto social de alfabetização de jovens e adultos, após um curso de alfabetizadora voluntária.

E foi na experiência, no vivido, que entendi a existência de obstáculos para a docência, mas também entendi que estes não eram intransponíveis. Mas só a experiência não estava sendo suficiente. Precisava de mais, precisava cursar o ensino superior. Teria que tentar o então vestibular na UFRN.

Mas como conseguir passar no vestibular com a formação deficitária que tive? Apesar de especializada, a formação no curso Magistério reduzia a carga horária de algumas disciplinas ou nos privava de disciplinas como Física, Química, Biologia, dentre outras. O que escrever nas provas das disciplinas que não havia estudado no Ensino Médio? Passar no vestibular era o mesmo que tocar em uma nuvem. Explico: em uma das reuniões de Educação a Distância de que participei, ouvi uma professora relatar a história de um aluno de um município no qual não havia universidade. Ele dizia para sua mãe que queria fazer um curso superior. Então, sua mãe

puxou-o pela mão, levou-o à janela e disse: “Está vendo aquela nuvem? Você pode tocá-la? Não. Pois a universidade para nós é como aquela nuvem: nunca chegaremos lá”. E, com a Educação a Distância, ele pôde tocar a nuvem. Emocionei-me bastante ao ouvir essa verídica história, pois me identifiquei com ela.

Portanto, na perspectiva de compreender melhor a docência, no ano de 2002, resolvi prestar um vestibular. A Lei de Diretrizes e Bases (9.394/96) previa que a formação de professor para o ensino básico deveria ser feita em nível superior, em curso de licenciatura. Essa também foi uma das razões para que eu sentisse a necessidade de entrar no Ensino Superior, pois foi estabelecido um prazo para que todos os professores obtivessem o título (muito embora, até hoje, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) ainda nos sinalize sobre a falta de professores com formação mínima para lecionar).

Só existia um problema: a ideia que eu tinha, socialmente construída, de que a universidade não era um espaço para pessoas como eu, advindas de escola pública. Era um espaço para os intelectuais, com outro tipo de formação. Eu não tinha preparação de base, nem dinheiro para pagar o cursinho. A UFRN era a minha nuvem. Eu não conseguia tocá-la. Por isso, aceitei a proposta da diretora da escola em que eu trabalhava de tentar em uma universidade particular de baixo custo, com uma parte da mensalidade a ser paga pela instituição.

Fui ainda um mês para as aulas. Mas eu não me via pagando um curso, em especial porque não tinha dinheiro para isso, e na época não havia programas do Governo Federal de acesso ao ensino superior, como Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES).

Na escola em que eu cursara o Magistério, nada se falava sobre universidade, ao menos na minha turma. Preocupavam-se apenas com que saíssemos logo da escola e fôssemos atuar em alguma escola do bairro. Discussões sobre políticas educacionais não perpassavam a nossa prática. Eu tinha a impressão de que bastava apenas saber cortar papel para ser professora.

Em casa, soube pela minha mãe que o meu irmão, já universitário, tinha dito que não iria perder tempo me emprestando as obras literárias (na época havia uma lista de livros a serem lidos), pois eu não seria aprovada. Realmente, nunca fui uma aluna de destaque. Era de mediana para baixo. Parecia que nada estava ao meu favor. Fiquei muito triste, mas não desisti. Peguei, na escola onde eu trabalhava, livros de história e geografia e comecei a estudar em casa. Tentava tanto aprender matérias como Química e Física que tinha até náuseas. Sentia-me muito incapaz. Ainda me faltava a clareza de que a minha falta de preparo para adentrar em um ensino superior não se devia à falta de esforço pessoal, mas às condições materiais de existência de uma sociedade desigual e excludente.

Mas tentei, acalentando-me nos dizeres de Fernando Pessoa: “O homem é do tamanho do seu sonho”. Passei. Em 2º lugar na classificação, no primeiro vestibular, estudando em casa, sozinha, com livros do Ensino Fundamental.

Foi assim que, no ano de 2003, iniciei o curso de Pedagogia na UFRN. Em minha sala, que eu me lembre, era a única estudante oriunda de escola pública e, na falta de políticas afirmativas de inserção no Ensino Superior, era uma das pouquíssimas alunas advindas da classe popular, apesar de o curso de Pedagogia, junto com as licenciaturas, ser considerado como curso de acesso da classe média baixa ao ensino superior. Única ainda, que tinha feito a primeira opção para Pedagogia em seu primeiro vestibular. A única a ter cursado o magistério e a única que já trabalhava na área. Na época, trabalhava em dois turnos e ganhava um salário mínimo. Optei por estudar à tarde, ainda que o meu vencimento se tornasse a metade de um salário mínimo!!

Os quatro anos e meio na UFRN não foram tão fáceis. Com o que eu ganhava para pagar transporte, alimentação e as muitas (muitas, muitas!!!) fotocópias dos textos, sempre faltava para algo. Nem sempre dava para realizar as duas refeições (almoço e jantar) no campus, então levava “ki-suco” e bolacha cream-cracker para matar a fome. Ou pedia pra algum amigo encher bastante a bandeja do RU, para dividir comigo. Nada era motivo para voltar mais cedo para casa,

até porque não era fácil enfrentar mais de 2 horas entre esperar o ônibus (que muitas vezes nem parava, de tão lotado), passar pela temida “Ponte de Igapó (apenas quem morava na zona norte de Natal, quando só havia uma ponte, entenderá), descer no shopping e pegar o circular. Depois dessa odisseia, voltar mais cedo para casa era um luxo que eu não podia me oferecer. Sem contar que, como estudante trabalhadora, ainda tinha que dar conta das atividades do trabalho (professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental). Eu até gostaria de passar mais tempo na universidade, mas, pela necessidade de trabalhar para me manter, não era possível.

Com a minha primeira bolsa de iniciação científica no 4º período, meados de 2004, essa realidade mudou, pois pude pedir demissão do trabalho e ficar em tempo integral no campus. Tão integral que cheguei a dormir na universidade duas vezes, quando estava elaborando a minha monografia (concluída em 2007), por não ter computador em casa. Sem contar os inúmeros episódios em que fui a última estudante a sair do campus, sendo levada para a parada de ônibus do Via Direta pelos seguranças da UFRN, pois não havia mais o famoso “circular” naquele horário, por volta das 22h20min. Ter uma sala com computador e internet era um “luxo” que quem conseguia ser bolsista tinha. A concorrência era alta, pois a quantidade de cotas bolsas era baixíssima. A partir da oportunidade da iniciação científica pude não apenas

estudar, mas viver a UFRN. Afinal, se tinha conseguido tocar na nuvem, também podia fazer chover.

Assim, aprendi desde cedo que a realidade não é determinada e sim condicionada, como bem disse Paulo Freire. E foi em Freire que li o que materializei em minha vida de estudante da graduação: os obstáculos existem, mas não são intransponíveis.

O ano de 2004 marcou a minha trajetória acadêmica. Tinha acabado de cursar a disciplina de Literatura Infantil e, ao ser cativada pelo poder das palavras, assisti ao filme “O Carteiro e o Poeta”, escrevi um texto e o entreguei à professora. Ela leu e me devolveu, elogiando a sensibilidade estética, que era imprescindível para a docência. Queria aprender mais sobre a literatura, sobre o encantamento das rodas de leitura.

Foi quando abriu a seleção para o *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)* na base de Pesquisa e Ensino de Leitura e Literatura. Não tive dúvidas na hora de me inscrever. Fui aprovada e tive que sair da escola em que trabalhava para me dedicar exclusivamente aos estudos empreendidos. Participei ativamente desse projeto. Foi um tempo de crescimento, de ampliação do referencial teórico, de muito estudo e cansaço. Eram mais de 200 páginas de textos para ler por semana e ainda todas as disciplinas da graduação...

Esse foi o ano da minha primeira apresentação de artigo em evento científico, no Seminário de Pesquisa do CCSA. E depois, no Congresso de Iniciação Científica. As apresentações foram um grande estímulo, o que me fez desenvolver interesse por compartilhar, em comunicações orais, os resultados das investigações realizadas, gosto esse que tenho até hoje.

Naquele mesmo ano, houve o Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia (ENEPe) com o tema “Os caminhos da educação na conjuntura atual: desafios e perspectivas”. Lembro que queria muito participar. Todavia, pela falta de dinheiro¹, inscrevi-me como colaboradora e assim pude ver por dentro como se efetiva a organização de um evento de dimensão nacional.

Após cursar as disciplinas dos fundamentos da Educação (no final de 2004), fui convidada pela professora Sandra Borba para atuar como professora no Programa GerAção Cidadã, atividade vinculada à Pró-Reitoria de Extensão da UFRN, o qual objetivava alfabetizar jovens e adultos em uma perspectiva freiriana. Como meus pais moravam (e ainda moram) em uma comunidade na qual o índice de analfabetismo é bem elevado, facilmente consegui reunir os 22 alunos que comporiam a turma. Um deles era o meu pai.

¹ Não falo da falta de dinheiro como autocomiseração, mas como quem vive as tramas da experiência social e assume a dramaticidade da existência na busca da reinvenção do mundo, como aprendi com Paulo Freire.

Foi muito gratificante vê-lo escrever as palavras, problematizar o mundo, perceber-se como fazedor de cultura.

As reuniões pedagógicas de formação continuada aconteciam na UFRN e, a cada encontro, nossa prática era redimensionada. As atividades desenvolvidas estavam sempre pautadas na investigação e na problematização do contexto cotidiano dos sujeitos que eram percebidos como produtores de cultura, não apenas reprodutores de um modelo hegemônico de educação, como defendem os que, sem sequer abrir um livro de Paulo Freire, o criticam com argumentos falaciosos. A filosofia educacional que buscávamos era fruto da experiência concreta. Conhecer o contexto dos alunos me ajudou a não desistir nos momentos em que a violência urbana era latente. Fazer parte desse grupo e dessa formação contribuiu para alargar minha visão de educação e para me fazer voltar a uma prática crítica e reflexiva. Nesse período, a leitura de Paulo Freire se tornou ainda mais necessária e significativa. Comecei a entender o verdadeiro significado de “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Em busca de novos desafios e por sofrer de “multiplicidade de interesses”, no ano de 2005 participei de um novo processo seletivo do PIBIC. Dessa vez, na linha de pesquisa “Formação e Profissionalização Docente”, nomeadamente na base de História e Filosofia da Ciência, sob orientação do professor André Ferrer. Nesse espaço formativo, pude ter acesso a uma

série de referenciais novos e à possibilidade de problematizar como o conhecimento é construído.

Nunca me desliguei da Extensão Universitária, apesar de vinculada à pesquisa. Participei do *Trilhas Potiguares*, programa de Extensão da UFRN que possibilita a efetiva interação entre a universidade e comunidades de pequenos municípios do Rio Grande do Norte. Fui para os municípios de Jaçanã (no ano de 2005), Bodó (no ano de 2006) e Baía Formosa (no ano de 2007).

Tive minha primeira experiência com a docência no Ensino Superior ainda no 5º período do curso de Pedagogia, no ano de 2005, aos 22 anos de idade. Fui convidada pelo professor Luiz Gonzaga Pontes Pessoa para ser monitora na disciplina de Pesquisa Educacional. Em princípio eu só observava e tinha orientações com o professor em outro horário. Foi quando comecei a fazer uma leitura mais acurada de materiais sobre pesquisa qualitativa em Educação. Em alguns momentos, sob sua supervisão, explicava para os alunos e alunas sobre elaboração de resenhas, resumo, fichamento, relatório. Foi uma experiência muito significativa, que me fez adentrar nos estudos sobre a pesquisa-ação crítico colaborativa, pesquisa participante, autoscopia, estudo de caso, observação naturalista, dentre outros (PIMENTA, GHEDIN, FRANCO, 2006).

Esse professor foi pra mim um grande exemplo a ser seguido. Fui sua aluna no ano de 2004. Naquela época, passava a manhã na iniciação científica, as noites nas aulas de alfabetização e as madrugadas, lendo os textos e preparando as aulas (muitas vezes com os pés na água fria, pra não adormecer). Então, o único horário que eu tinha para dormir era nas aulas. Enquanto muitos insistiam para eu desistir, o professor Pontes fazia diferente: ele pedia para eu ler durante a aula (para me manter acordada) e sempre valorizava as minhas conquistas, por menor que fossem. Hoje em dia, se fala muito em *habilidades socioemocionais*. Com Pontes eu aprendi na prática que a universidade não pode ser apenas um espaço para se ensinar conteúdos. Deve ser também um espaço para se cultivar a autoestima. *São poucos os professores universitários que se importam conosco como pessoas*. Somos sempre vistos como máquinas que precisam reproduzir ideias, escrever textos, responder provas. **Muitas vezes não há espaço para o ser, apenas para o fazer**. Mas ainda bem que existem ainda os “Pontes”, que nos marcam e nos ensinam, corporificando as palavras pelo exemplo de vida.

Tocando em frente, chego ao Estágio Supervisionado. A temática do relatório reflexivo que desenvolvi foi sobre a inclusão social de uma turma com alunos com necessidades educacionais especiais, talvez na tentativa de ressignificar os erros cometidos no estágio do Magistério.

Foram muitas aprendizagens: aprendizagens de contexto, de chegada, de dinâmicas e de novas formas de organização do trabalho pedagógico. O grande diferencial foi tornar-me pesquisadora da minha própria prática, desenvolver o processo reflexivo (sempre discutindo com a professora novas formas de intervenção, valorizando a experiência e a reflexão sobre a experiência). A vivência de ser professora pesquisadora da minha própria prática.

O ano de 2007 foi de fechamento de ciclos e de abertura de novos ciclos. Conclusão do curso de Pedagogia, fim do período como bolsista de Iniciação Científica... mas antes de fechar esses ciclos, um novo se abriu. A partir do convite² feito pelo professor André Ferrer, ainda durante o primeiro semestre daquele ano, comecei a atuar como tutora da disciplina de Didática do curso a distância de Licenciatura em Ciências e Matemática, coordenado pela Secretaria de Educação a Distância (SEDIS). Era uma nova forma de ensino, mas logo me adaptei e fui, ao longo do tempo, aprimorando as formas de interação com os alunos nos ambientes virtuais de aprendizagem. Concomitantemente, concluí minha monografia, intitulada: “Ensinar Ciências com Quadrinhos: que história é essa?”. Neste trabalho, realizei uma pesquisa

² No início, a seleção de tutor era feita através de convite. A partir de 2009 é que, na UFRN, começou a haver concurso para o processo seletivo. Particpei das seleções nos anos de 2009, 2010, 2011, 2013 e 2015, atuando em todos eles.

bibliográfica, tendo como *corpus* de análise seis histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa. Para mim, foi gratificante juntar, em um trabalho de conclusão de curso, elementos formativos das duas bases de iniciação científica das quais participei e que, para muitos, eram totalmente díspares. O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi a materialização desse entrecruzar de saberes. Com o fim da bolsa de iniciação científica, voltei a lecionar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, agora com uma nova forma de ver e sentir a educação. Desse período, o que mais me marcou foi o trabalho que realizei em uma turma do 4º ano, tida como “problemática”, pois conversavam muito. Pensei em como essa conversa poderia se transformar em uma vantagem pedagógica.

Fiz um planejamento para aquela turma de forma que todas as atividades desenvolvidas necessitassem de muita conversa: produções coletivas, análises de histórias em quadrinhos, busca de respostas para as questões lançadas no início das aulas, grupos de cochicho... As rodas de conversa com que iniciávamos as aulas muitas vezes mudavam o rumo de todo o planejamento, mas eu tinha clareza de onde queria chegar. E, nos diálogos, descobrimos que a mãe de um aluno estava com câncer. Quando ela faleceu, o seu pai não permitiu que ele fosse ao enterro. Ele teria que ser forte. E nossas rodas de conversa serviam-lhe como um processo

de vivência do luto. Inspirada nesse aluno, fizemos a leitura do livro “A Colcha de Retalhos” (SILVA, RIBEIRO, 2007). Logo em seguida, cada aluno trouxe um retalho de tecido. Nossos momentos eram denominados “costurando a nossa história”. Em pouco tempo criamos a nossa colcha de retalhos e as nossas rodas de conversa eram realizadas em volta dela. Após a roda de conversa, os alunos criavam uma ilustração e um texto da história de vida contada. No fim do ano, lançamos o livro “Há coisas na vida que a gente nunca esquece”, com textos e ilustrações dos momentos que cada uma daquelas crianças atravessara. Para mim, foi a materialização da ação também terapêutica da leitura e da escrita. E toda a escola pôde perceber que aquela turma não era tão trabalhosa como diziam.

São experiências como essas que me inspiram a discutir sobre a função social da docência nas aulas de Didática, no diálogo com os alunos que estão no Estágio Supervisionado, para explicar que o professor não é um passador de conteúdos, mas um sujeito historicamente situado que deixará marcas em seus alunos.

No ano de 2008, iniciei o Mestrado e optei por sair da escola para me dedicar exclusivamente à pesquisa, o que só foi possível pela obtenção da bolsa concedida pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Realizei uma pesquisa-ação colaborativa em uma escola localizada na cidade do Natal-RN, com três professoras

que lecionavam Ciências Naturais nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Saí da pesquisa, como diria Paulo Freire ao voltar do exílio, “encharcada” de história, da história do outro que, de certa forma, se fez minha.

No ano de 2010, com o fim da bolsa de pesquisa e com 28 anos de idade, voltei à Educação Básica como professora. Sob o título “Quadrinhos nas aulas de Ciências: narrando uma história de formação continuada”, concluí a dissertação com a sensação de dever cumprido. Cresci muito como investigadora e como profissional e percebi que a área de formação de professores seria a que seguiria em minha vida acadêmica. O desejo de ser professora universitária transformou-se em uma meta, a qual, para concretizar, eu teria que ter muita paciência, pois ainda viria um doutorado pela frente.

O tempo de divulgação dos resultados obtidos na dissertação se deu de forma espaçada, porque pouco após a defesa do mestrado fiquei grávida. O novo sentido do *ser e fazer* docente se redimensionou com o nascimento de Eloah, em 2011. O que para alguns viria para impedir minha vida acadêmica, só me fez ressignificar aspectos da docência. Promoveu o reencontro com Emilia Ferreiro, Teberosky, Piaget, com o educar e o cuidar, com o estar na escola da Educação Infantil... Continuei atuando na Educação a Distância da UFRN e ainda escrevi, quando Eloah estava com dois meses de nascida, um capítulo de livro.

A amplitude das ações pedagógicas que constituíram o meu desenvolvimento profissional me possibilitou transitar por vários processos de *ensinagem*. E a maternidade só veio agregar a essa amplitude de olhar a educação, ao exercitar em mim a capacidade de escutar, de estar aberta ao diálogo, de refletir sobre a linha tênue entre autoridade e autoritarismo, como bem me ensinou Paulo Freire. E ainda tenho muito que aprender...

No ano de 2012, fiz a seleção para o Doutorado. Ainda não sabia bem o que queria; só tinha certeza de que seria algo voltado para a formação inicial de professores (já que, na dissertação, havia me dedicado ao estudo da formação continuada). Queria buscar novos referenciais, novas formas metodológicas de construção da pesquisa. Foi quando o meu orientador me fez uma proposta: participar do Doutorado Sanduíche no Exterior (SWE). Podia até parecer uma proposta simples, mas não para mim, que tinha uma filha que nem tinha completado 2 anos e um marido, que não é da área acadêmica. Mas, como sempre, aceitei o desafio.

Autonomamente, busquei informações sobre os grupos de pesquisa, professores que pudessem me orientar, organizei o projeto de pesquisa e obtive o financiamento da CAPES para realizar um ano de estudos na Universidade de Lisboa, Portugal.

Para isso, vendi o carro e deixei os móveis para trás. Era uma ação que marcava um período de reconstrução. Já estava me acostumando a tocar nas nuvens. E assim, aos 31 anos de idade, tive uma experiência formativa idiossincrática, conhecendo novas escolas, filiando-me a grupos de estudo, apresentando trabalhos. Foi um ano muito produtivo, de imersão na pesquisa, com muita intensidade. Nada era fácil, mas eu já tinha me acostumado a driblar as dificuldades. Particpei ativamente de todas as atividades que eram propostas pelo Instituto de Educação, do momento em que cheguei a Portugal até o retorno. Era uma oportunidade que não podia deixar de ser vivida. Estava em busca de sempre mais. Por se tratar de uma oportunidade ímpar, também participei de atividades extra Universidade de Lisboa e que, apesar de não contribuírem para o meu *lattes*, marcaram o meu processo identitário como docente.

Em paralelo com as pesquisas empreendidas, considero imprescindível experienciar o que acontece no chão da escola. Foi assim que visitei a conhecida “Escola da Ponte”, a escola “Sementes de Liberdade” e o “Colégio de Vizela”, todos localizados em Portugal. Durante um ano, também participei das reuniões cooperadas do *Movimento da Escola Moderna*. Também tive a oportunidade de conhecer a escola de *Reggio Emilia*, na Itália. No final de 2014 retornei a Natal e, em 2015, retomei a pesquisa nas escolas que acolhem o PIBID

de Química e de Física. Reassumi a tutoria na Educação a Distância, na disciplina de Ensino de Ciências I. Em 2016, aos 33 anos de idade, defendi minha tese de doutorado, intitulada: *Desenvolvimento Profissional de futuros professores: travessias que se entrecruzam em contextos formativos*.

Desde o segundo semestre de 2016 tornei-me professora substituta na UFRN, na Área de Organização do Trabalho Pedagógico. Assumi as disciplinas de Didática, em Pedagogia e licenciaturas como Física, Química, Letras Espanhol, História e Filosofia, além das disciplinas Teorias e Práticas Curriculares, Ensino de Ciências I, Estágio Supervisionado, Educação Continuada, Práticas Pedagógicas Integradas e Trabalho de Conclusão de Curso. Foi uma experiência muito interessante, pelas discussões empreendidas, em especial com as abruptas e aligeiradas reformas educativas vivenciadas. Ler textos oficiais e problematizá-los a partir da *multirreferencialidade escolar* possibilitou a reflexão e trouxe à tona a clareza do currículo como artefato cultural. Continuei participando dos Congressos de Iniciação Científica, só que agora na condição de avaliadora. Avaliei trabalhos do Congresso de Iniciação Científica e Tecnológica da UFRN, fui consultora *ad hoc* de projetos de pesquisa e extensão. Continuei atuando no Trilhas Potiguaras, mas na condição de coordenadora. Mas ainda faltava algo: o concurso da minha vida.

No fim de 2017, abriu o processo seletivo para professora efetiva do Departamento de Letras, no município de Currais Novos. Seria mais uma mudança, inclusive de local de moradia? Como sempre, não tive medo e fui em frente. E mais uma vez consegui tocar na nuvem. Agora, sou professora efetiva da UFRN, universidade que durante algum tempo foi além dos meus sonhos, trabalho hoje com apenas duas mãos e o sentimento do mundo, com bem disse Drummond. Hoje, tenho bolsistas e projetos de ensino, pesquisa e extensão sob minha responsabilidade. Reconheço entre meus alunos grandes lutadores.

Eu sei exatamente o que acontece quando desistimos de algo. Por isso sempre tento. Como li em algum lugar *“Disseram que era impossível. Aí ela foi lá e fez”*.

Eis, portanto, minha tentativa de descrever as minhas lutas, que me fazem cansar, mas não desistir, e minhas conquistas como egressa da UFRN, conquistas que me animam, mas não me fazem esquecer o percurso, afinal, é *“isso que me passa”*, me atravessa, me move, me instiga, me inquieta, me renova, me reconstrói, me desafia, me realiza, me constitui! E espero que lhe inspire!

Referências Bibliográficas

DE SOUZA FILHO, Alípio; DE ANDRADE, João Maria Valença. Estudar, trabalhar e ficar rico: a teoria do capital humano e a fábula da ascensão social. **Revista Educação em Questão**, v.2, n.2, p. 22-27, jun. 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LARROSA, Jorge. Experiência e Alteridade em Educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p. 4-27, jul./dez. 2011.

NEILL, A. S. **Liberdade sem Medo**: Summerhill. São Paulo: Ibrasa, 1980.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro (Org.). **Pesquisa em educação**: alternativas investigativas com objetos complexos. São Paulo: Loyola, 2006.

PINHEIRO, Rosa Aparecida. **Formação de educadores de jovens e adultos no Programa Geração Cidadã**: relação entre saberes na proposição curricular. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

SILVA, Conceil Corrêa; RIBEIRO, Nye. **A Colcha de Retalhos**. São Paulo: Editora do Brasil, 2007.

WEISZ, Telma. **O Diálogo entre o Ensino e a Aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

Lutas, recomeços e conquistas

Luciana Duarte Martins da Matta

*Se não puder voar, corra. Se não
puder correr, ande. Se não puder
andar, rasteje, mas continue
em frente, de qualquer jeito.*

Martin Luther King Jr.

Um momento especial... naquele dia, a manhã estava realmente linda... sol brilhante, céu muito azul... e eu estava terminando de me arrumar. Usava uma blusa preta que eu adorava, com um decote ombro a ombro e com uma pequena transparência. Havia colocado um colar de que eu gostava muito também. Ele tinha uma linda cruz com pedrinhas vermelhas e um cordão preto curto que, ao fechar, ficava como uma gargantilha. Estava feliz e nervosa ao mesmo tempo! Após meses

tão corridos, após tanto estresse, o momento havia chegado, a minha nomeação como professora efetiva da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Era 16 de abril de 2004. Aos meus 30 anos de idade, eu estava sendo efetivada na Universidade em que fui aluna, naquela que me recebeu de braços abertos dez anos antes. Sentia-me estranha, um misto de felicidade intensa e insegurança... eu me perguntava: mereço tudo isso? Naquele momento passei a relembrar minha chegada à UFRN, no ano de 1994. Eu havia iniciado o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande. Todavia, através de transferência voluntária tinha ido para a UFRN, mas ingressei no curso de Bacharelado em Ciências Biológicas já que somente este disponibilizara vagas para transferência naquele período. O fato é que, após meu ingresso na UFRN como aluna, minha vida mudou, tomou outros rumos, os horizontes foram ampliados, assim como as oportunidades.

Quando adolescente eu nunca me imaginei sendo professora de uma Universidade pública, eu não sabia o que queria ser, mas eu gostava de dar aulas e minhas matérias preferidas eram Ciências e Biologia. Ser professora de ensino superior parecia algo surreal para alguém que vinha de uma família grande e de classe média baixa.

Eu cursei meu ensino básico em escolas diferentes. Inicialmente, em uma escola particular e tradicional,

onde estudávamos eu, um irmão com idade bem próxima à minha e uma irmã mais velha. Éramos três irmãos matriculados, mas meus pais pagavam somente o equivalente a dois. A escola Virgem de Lourdes se localiza em Campina Grande, cidade em que nasci e na qual morei até os meus 20 anos de idade. Eu estudei nesta escola até o terceiro ano do ensino fundamental, quando fomos transferidos para uma outra, ligada à Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNe), atual Universidade Estadual da Paraíba.

A nova escola era mais acessível financeiramente para os meus pais, mas com ensino reconhecidamente bom. Lá, fiz amizades e conheci e me encantei pelo voleibol como esporte. Como não havia quadra de esportes na escola, uma nos foi cedida para os treinos, mas ficava do outro lado da cidade. Eu acordava muito cedo e com meus 11 anos, tomava o ônibus sozinha e partia com destino aos meus treinos. Foi um período muito importante para mim. Ali estudei até o quinto ano, quando fui reprovada, e meus pais resolveram me transferir para uma Escola Estadual próximo a nossa casa, já que, segundo eles, naquele período, eu não parecia estar muito interessada nos estudos, eles não podiam continuar pagando escola para mim.

Essa mudança causou um impacto profundo em mim, pois eu gostava muito daquela escola. Fiquei muito triste e desapontada comigo mesma, pela minha falha. Neste período,

lembro-me que algo diferente ocorreu comigo, acredito que precisava daquela chacoalhada, precisava acordar. Hoje, vejo o quão importante foi para mim a decisão dos meus pais de me transferir de escola e de me fazer ser responsável pelos meus atos. Procurei me adaptar à nova escola, fiz amigos que cultivo até hoje e entrei para a equipe de voleibol.

Logo após iniciar as aulas, soube que poderia fazer um curso de línguas gratuito porque era aluna de escola pública, e escolhi fazer francês na Cultura Francesa. Assim surgiu o sonho de conhecer Paris e aprender mais sobre a língua. Lembro que não era fácil o deslocamento até a escola de francês, por conta dos horários das aulas que muitas vezes acabavam à noite e eu ia andando, sozinha, para casa. Tinha medo, mas já estava acostumada com isso.

Na escola, comecei a me dedicar mais aos estudos, mas em determinados períodos ficávamos sem professor de Matemática, Ciências, etc. Nesta época eu realmente despertei para a importância do conhecimento e do professor, pois não gostava de ficar sem aula, apesar de aproveitar esses momentos para jogar na quadra da escola com os amigos. Algo típico da idade.

Os anos foram passando, e eu fui sendo aprovada, participava de campeonatos de voleibol e estava feliz, até que foi necessário me transferir para outra escola pública,

fora do meu bairro. Na nossa não havia Ensino Médio. Era um momento muito difícil para o ensino público, muitas greves de professores tinham ocorrido, já naquele período era possível perceber de perto o descaso com a educação, com as necessidades básicas de estrutura das escolas e com os professores. Eu já tentava me virar, na época, dando aulas particulares para alunos mais novos, ganhava pouco, mas já tinha meu dinheiro. Também ajudava meu irmão na sua criação de codornas e a minha mãe na confecção de sapatilhas, comprando os tecidos e ajudando a fazer os bordados.

Foi quando aos 16 anos surgiu a oportunidade de um emprego em uma escolinha de um bairro distante do meu. É claro que eu aceitei! Assumi uma pequena turma de alunos do 4º ano primário, eles tinham entre 8 e 9 anos. Eu recebia um salário mínimo, mas sem os demais direitos, sob a alegação de que eu era menor de idade. Ao assumir o emprego, e já pensando em ingressar na Universidade, resolvi me matricular e cursar o 2º ano do Ensino Médio, na época, em uma das melhores escolas particulares de Campina Grande. Meu pensamento era estudar muito e buscar resolver as várias dificuldades que eu já acumulava nas áreas de Matemática, Física, Português, dentre outras.

Minha rotina era bem puxada, eu estudava pela manhã e tinha que faltar na última aula, caso contrário, não dava tempo de chegar ao trabalho no horário correto. Assim, após

a quinta aula da manhã, eu (com a permissão da direção) saía quase correndo para casa, a pé, pois não podia pagar todas as passagens de ônibus para escola e para o trabalho. Com o dinheiro que eu recebia, pagava a mensalidade da minha escola e somente podia pagar duas passagens, a de ida e a de volta para o trabalho. Portanto, chegando em casa eu tomava um rápido banho, almoçava e pegava o ônibus para o meu emprego. Dava aulas durante a tarde, retornava para casa e, à noite, estudava e também planejava as aulas subsequentes. Foi um período em que, apesar da grande correria em que estava mergulhada, eu me sentia muito feliz, estava fazendo o que gostava, dando aulas e estudando. Hoje, percebo que estava muito claro pra mim que minha profissão seria essa, ser professora! Embora eu não soubesse disso ainda...

Todavia, também foi ficando muito claro que as minhas dificuldades nas várias áreas já citadas, como Matemática, Física, por exemplo, eram realmente sérias. Necessitei me desdobrar para ser aprovada, estudava todos os dias e finais de semana, mas consegui.

No final daquele ano meus pais me disseram que pagariam meu 3º ano do Ensino Médio. Pediram que eu parasse de trabalhar e que me dedicasse aos estudos, mas eu precisaria mudar novamente de escola porque eles não podiam pagar quase um salário mínimo de mensalidade. Assim, me matriculei em uma escola particular mais acessível

financeiramente e finalizei meus estudos no Ensino Médio aos 18 anos de idade. Tentei meu primeiro vestibular, não obtive sucesso, pois havia tentado ingressar no curso de medicina, vestibular para o qual ainda não estava preparada. Passei mais um ano estudando em um cursinho, nesta mesma escola, porque, na época, meu noivo (atual marido) e meus pais conseguiram, juntos, pagar por mais aquele ano de estudos.

No ano de 1993, na minha segunda tentativa, fui aprovada no vestibular para Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O semestre na Universidade estava atrasado devido a uma greve, assim, eu somente ingressei no segundo semestre, apesar de ter sido aprovada para o primeiro semestre letivo de 1993. Que felicidade! Eu estava realizada! Ansiosa para iniciar meus estudos.

No dia 02 de setembro daquele mesmo ano, eu me casei. Eu e meu marido não tínhamos praticamente nada para montar uma casa, mas não nos importávamos, queríamos ter a nossa vida, o nosso canto, ser independentes. Meu marido era representante de confecções e viajava sempre que possível, portanto, uma parte do tempo eu ficava sozinha e aproveitava para estudar. Estava muito feliz, tinha minha casa, estava na Universidade, estava gostando do meu curso, apesar de vivermos no limite do nosso orçamento, pois eu só estudava.

Mas, em 1994, por motivo de trabalho, resolvemos que nos mudaríamos para Natal, contudo, eu precisava primeiro conseguir transferir meu curso. Vimos que na UFRN havia duas vagas para o curso de Bacharelado em Ciências Biológicas, me inscrevi. Apesar da diferença entre a Licenciatura e o Bacharelado era a chance que eu tinha, pois o curso só existia na federal. Muitos me diziam o quão difícil era conseguir transferir um curso de uma Universidade Estadual para uma Federal. Disseram-nos que a seleção era feita baseando-se nas notas, fiquei mais confiante, pois eu tinha boas notas. Havia me dedicado muito. O resultado foi divulgado dias depois, e deu certo! Conseguimos! Apesar de todas as dificuldades, das corridas atrás de documentos, de muita angústia, uma grande vitória! Agora precisávamos nos mudar porque eu necessitava me matricular na UFRN para não perder minha vaga.

Era junho de 1994, quando nós finalmente chegamos a casa em que iríamos morar. Que lugar maravilhoso... não era uma simples casa, e sim uma fazenda! Que grande loucura a nossa!

Não tínhamos ideia do que nos esperava nesta nova vida... Tínhamos pouco dinheiro... Nós não sabíamos se o que pretendíamos daria certo, por isso, meu marido havia procurado suas primas que moravam em Natal e consultou-as sobre a possibilidade de irmos morar na fazenda delas, enquanto nos organizávamos. Elas aceitaram nos receber, foram anjos nas nossas vidas.

Eu não conhecia o lugar. Meu marido fez a nossa mudança, enquanto eu, em Campina Grande, organizava os papéis de transferência de curso para a UFRN. Eu confiava no que ele me dizia, que era um lindo lugar e que eu iria gostar. E ele tinha razão. Com toda a documentação em mãos e com a mudança já realizada, peguei um ônibus para Natal. Chegando na cidade, meu marido estava me esperando e fomos rumo à fazenda. No caminho, lembro de pensar comigo mesma: como é longe! Teremos que enfrentar essa estrada todos os dias? Achei que a ansiedade estava tomando conta de mim, então relaxei e aproveitei a paisagem.

A fazenda ficava entre as cidades de Parnamirim e Macaíba, região metropolitana de Natal-RN. Foram mais ou menos 10 quilômetros de chão de terra, a estrada estava cheia de poças de água devido às chuvas e nosso fusquinha azul já rangia... mas seguia firme o caminho esburacado. Ao chegar em frente à porteira da fazenda fiquei maravilhada, que lugar espetacular! Tudo muito verde e bonito. Minha cachorrinha me recebeu radiante, não parava de pular, de correr, percebi sua felicidade naquele lugar em que a vida se fazia presente de tantas formas diferentes.

Meus primeiros dias na fazenda foram conhecendo o lugar e arrumando nossa mudança. Havia plantação de acerola, de mamão. Criava-se gado. Havia açude, rio. Era um verdadeiro paraíso. Eu, como estudante de Ciências Biológicas,

estava curtindo muito poder viver em um lugar assim, pois sempre gostei de estar próxima à natureza. Sentia falta da família, pois agora não tinha a facilidade de vê-los sempre e não havia telefone na fazenda, nem ali por perto. Estava feliz por saber que um dos meus irmãos havia se mudado há pouco para Natal e eu sentia segurança por poder contar com ele. Infelizmente ele necessitou voltar para Campina Grande meses depois de termos chegado. Isso me entristeceu bastante. Entretanto, embora tenha sido um começo um pouco difícil, meu marido se fazia sempre presente, e eu tinha muito a fazer.

O período de matrículas nas disciplinas da graduação tinha se iniciado na UFRN e fui fazer a minha matrícula. Quando peguei os horários das disciplinas, descobri que teria que escolher alguns dias para ir à Universidade. Não teríamos dinheiro para pagar o combustível do carro para aulas em todos os dias da semana. Não havia nenhum auxílio na época... ônibus de estudantes não passava na fazenda, era isso ou nada.

Matriculei-me unicamente em três disciplinas que ocorreriam em apenas dois dias. Foi complicado aceitar isso. Eu tinha estado tão animada para começar os estudos, achava que iria me matricular em, pelo menos, seis disciplinas. Não queria atrasar meu curso, já que, na transferência, somente três disciplinas foram aproveitadas dentre todas as que cursara na UEPB. Fiquei extremamente triste e passei a me perguntar

se conseguiria continuar fazendo meu curso naquelas condições. Não havia outro jeito, eram as novas dificuldades que batiam à porta.

Meu primeiro dia de UFRN foi muito diferente do que eu imaginava. Meu marido me deixou cedo na Universidade e eu lhe pedi que me buscasse somente à noite. Eu queria explorar o lugar, mas não imaginava que, naquele período, não existisse nenhum curso que funcionasse à noite no Centro de Biociências, nem em nenhum dos outros setores. Assim, assisti às minhas aulas e percebi que a Universidade se esvaíava... um medo quase desesperador foi tomando conta de mim ao me ver ali, sozinha... tudo vazio... escuro... me senti mais segura quando percebi alguns seguranças fazendo a ronda, foi um deles quem me informou que a Universidade só funcionava durante o dia. Eu estava acostumada a estudar à noite na outra Universidade e achei que seria igual... mas logo meu marido chegou e fui embora.

Os dias iam passando e procurávamos nos adaptar à nova vida... meu marido passou a trabalhar na fazenda, pois tinha saído da empresa em que ele trabalhava como representante comercial. Passou a auxiliar na administração do lugar, pois este requeria cuidados, já que ali se produzia uma boa quantidade de frutas que eram vendidas a comerciantes da região. E eu... estudava, cuidava da casa, das nossas roupas, preparava comida, dentre outros afazeres. Aquele primeiro semestre

na UFRN não foi tão puxado, pois cursava poucas disciplinas. Passei também a levar minha própria comida porque saía mais barato que comprar na Universidade.

No semestre seguinte (1995.1), consegui me matricular em mais disciplinas, inclusive naquela da qual hoje sou professora, Bioquímica. Meus colegas me alertavam sobre a disciplina, diziam que era muito difícil e que poucos conseguiam êxito, era o “bicho papão” do curso. Portanto, iniciei as aulas com “o pé atrás”, mas, à medida que as aulas transcorriam, eu ia também me maravilhando com o conteúdo ministrado pelos professores. Tudo parecia fazer sentido, então me dediquei: estudava muito e obtive êxito e com boas notas. Naquele mesmo período, também pelo bom desempenho na disciplina, eu e mais duas colegas fomos convidadas a conhecer as pesquisas realizadas pelo Departamento de Bioquímica.

No momento em que chegamos ao departamento, fomos apresentadas a alguns professores que estavam necessitando de alunos para auxiliar no desenvolvimento de suas pesquisas. Ao sair, um dos professores me parou e perguntou se eu era a “aluna casada”, eu respondi que sim, então de forma enfática ele me disse que não gostaria de ter alunas casadas, pois tinham filhos, etc... que iria falar com as outras duas, as “não casadas”! Fiquei chocada! Nem houve tempo de argumentar que filhos ainda não estavam em nossos planos, ele já tinha

dado as costas e saído. Pensei comigo mesma: “agora ser casada é um problema?”

Até aquele momento, eu nunca tinha sofrido qualquer preconceito deste tipo. Lembro-me que me senti excluída, embora tenha achado absurdo que algo do gênero pudesse ter ocorrido. Preocupei-me um pouco, pois os outros professores talvez pensassem da mesma forma... Todavia, uma das professoras resolveu fazer uma seleção da qual eu e uma colega participamos. Na seleção, foi muito difícil compreender os conteúdos dos artigos dados pela professora para lermos e discutirmos, pois eram em inglês, e eu não sabia absolutamente nada da língua, já que havia feito curso de francês, mesmo assim me esforcei. Fiz uma apresentação exigida pela docente, mas infelizmente não fui escolhida. Lembro que chorei muito, eu já sonhava com o valor da bolsa, que seria de grande ajuda para mim na época. Após este episódio, achei que não voltaria mais aquele departamento, entretanto, o professor Luiz Roberto Diz de Abreu me convidou para ficar, mas sem bolsa de pesquisa, aceitei e permaneci como sua aluna voluntária. Nesta época, eu também passei a contar com a carona de um vizinho nosso na fazenda. Ele era professor de uma escola em Natal. Isso foi de grande ajuda pra que eu conseguisse finalizar o semestre e ser mais assídua na Universidade. Tenho enorme gratidão por isto.

Era um período difícil, nosso dinheiro era muito pouco, dava para pagar combustível, comprar alguns itens de necessidade básica e só... conseguíamos sobreviver bem porque morávamos na fazenda e tínhamos acesso a frutas, leite e derivados. Em alguns momentos precisei comer coisas de que não gostava, mas era a comida que tinha, acabei passando a gostar. Apesar disso tudo, eu não me sentia triste, estava acostumada a dias difíceis e estava aprendendo muitas coisas novas, tanto com as disciplinas que estava cursando quanto com a pesquisa que iniciei com o professor. A vida seguia seu rumo. Eu não deixava de estudar um só dia, os finais de semana eram cheios, pois era necessário fazer a faxina da casa, fazer a comida da semana, lavar e passar roupas, e também estudar.

Certo dia, em um domingo, eu e meu marido resolvemos sair da fazenda para dar uma volta em Natal. Saímos com o nosso fusca azul estrada afora, felizes por fazer algo diferente do habitual. Quando tínhamos percorrido praticamente toda a estrada de terra e já estávamos próximos à BR que leva à cidade, meu marido percebeu, pelo retrovisor, que saía fogo do motor do fusca, parou o carro imediatamente e saímos do fusca. Ao abrir a parte traseira do carro, realmente estava pegando fogo, resolvemos jogar areia para apagá-lo, pois era o que podíamos fazer, ainda bem que tivemos sucesso, o fogo apagou, mas todas as mangueiras e muitas peças do motor do carro foram

queimadas. Encostamos o carro e percorremos todo o caminho de volta à fazenda a pé, eu estava com muita raiva da situação, da vida, tudo estava difícil demais e ainda mais, um carro pra consertar... O carro foi consertado dias depois, mas com o vai e vem na estrada de terra, cheia de buracos e trepidações, nosso fusca foi se acabando e, como não tínhamos dinheiro extra para consertá-lo, ele foi sendo aos poucos, consumido pela ferrugem, até sermos obrigados a trocá-lo por uma moto, que para nós era muito mais viável financeiramente.

No primeiro semestre letivo de 1996, surgiu uma bolsa remunerada de pesquisa para mim no laboratório em que eu estava como aluna voluntária. Foi uma verdadeira felicidade, me senti reconhecida e agradecida. Com isto, eu consegui me manter melhor, consegui ir para a Universidade todos os dias, pois era mais barato manter o combustível da moto. Cursava quantas disciplinas conseguisse e passava mais tempo no laboratório. Nossa vida estava fluindo, as coisas estavam acontecendo.

Os semestres seguintes correram bem, eu estava bem adaptada à minha rotina e me sentia feliz. Em algum momento deste período, meu marido passou a vender leite em Parnamirim, assim, saíamos da fazenda todos os dias por volta das 4h30min da madrugada. Ele comprou um reboque para nossa moto, no qual colocava o leite que saía vendendo nas casas das pessoas, ou nos estabelecimentos comerciais de Parnamirim. Lembro que, inicialmente, achei muito ruim a ideia de acordar todos os

dias tão cedo, mas quando pensava que era a única forma de sair da fazenda e chegar à Universidade, rapidinho me acostumei.

Nós percorríamos a estrada de terra cedinho de manhã e ainda guardo na memória alguns perfumes daquele trajeto, como o aroma forte de eucalipto de uma plantação que existia no caminho... são momentos e cheiros inesquecíveis, que não saem das nossas mentes. Durante o inverno, tomávamos muita chuva e uma vez, devido à lama, até caímos da moto na estrada de terra que levava à fazenda. Passávamos muito frio em épocas de chuva. Geralmente, meu marido me deixava em um ponto de ônibus em Parnamirim, onde eu pegava um transporte alternativo, ou ônibus, para Natal. Eu precisava levar uma roupa extra na bolsa porque era comum eu chegar muito suja na Universidade e com cheiro de combustível queimado devido ao cano de escape da moto. Eu chegava à UFRN por volta das 6h30min da manhã. Tinha o dia todo pela frente, meu dia rendia, eu trabalhava no laboratório e estudava muito, e assim, obtive êxito em todas as disciplinas. Mas era uma luta!

Certo dia ocorreu algo que nos deixou extremamente tristes e decepcionados, e nos obrigou a sair da fazenda onde morávamos. Durante uma noite, escutamos um barulho estranho, como se houvesse alguém em torno da casa onde morávamos, escutamos latidos da nossa cadela que, em seguida, cessaram. Saímos da casa para ver o que ocorria,

foi quando a encontramos morta, aparentemente por pauladas. Não sabemos quem foi ou o que aconteceu. Ela era uma cadela amável, não havia motivos para alguém matá-la, pelo menos era o que pensávamos. Foi o pior momento desde que me mudei de Campina Grande. Eu tinha superado a ausência da minha família e de meus amigos, enfrentara todos os momentos ruins sem reclamar, mas aquilo era diferente, eu perdia uma grande amiga, minha vontade era desaparecer daquele lugar, para mim perdeu o encanto. Meu sentimento era de medo, raiva e insegurança. Resolvemos que não era mais seguro permanecer na fazenda, teríamos que nos mudar. Fizemos isso tempos depois. Fomos morar em Parnamirim (RN), alugamos uma casa simples, de dois quartos, longe do centro, mas perto havia um ponto de ônibus, assim eu poderia ir e vir sem necessidade de acordar tão cedo. Meu marido continuou a vender leite, mas agora pegando-o de uma fazenda em Parnamirim.

Cheguei ao meu último ano na Universidade. Momento do curso em que deveríamos escolher nossa área do bacharelado e então nos matricular nas disciplinas e estágios da área e, em seguida, escrever uma monografia sobre a pesquisa que tínhamos desenvolvido. Escolhi a área de Bioquímica, pois já desenvolvia meu trabalho na área, e me matriculei nas disciplinas exigidas para terminar o bacharelado. O professor Luiz Abreu continuaria sendo meu orientador.

Que ano difícil! Como eu era a única aluna matriculada nas turmas, eu fui exigida ao máximo. Os professores me davam muitos artigos em inglês para ler, discutir e lhes apresentar! Foi neste período que enfrentei mais dificuldades nos estudos, pois eu não sabia bem inglês e não havia Google Tradutor, nem nada para me auxiliar, eu usava um pequeno dicionário e traduzia palavra por palavra na tentativa de conseguir compreender a ideia do texto. Apesar de ter lido alguns artigos durante meu estágio no departamento, nunca fui tão exigida como estava sendo naquele momento. Os professores me davam os artigos e pediam que eu apresentasse no dia seguinte. Como a língua era um obstáculo para mim, era comum eu não dormir à noite traduzindo-os e preparando as apresentações! Foi um sufoco, em muitos momentos eu me desesperava e chorava, até compreender que isso me atrapalhava e me tirava do foco, então voltava a estudar com afinco e com vontade de aprender e de fazer um bom trabalho e uma boa apresentação. No final daquele ano, eu tive êxito nas disciplinas e na apresentação da monografia, assim, finalizei todas as exigências de carga horária do meu curso.

Desta forma, em 1998, aos 24 anos de idade, eu me formei! Não houve baile, pois não havia dinheiro para isso. A turma resolveu fazer somente uma missa e tivemos uma cerimônia de colação de grau, evento obrigatório na Instituição. Parte da minha família veio de Campina Grande assistir aos eventos,

minha mãe, uma das minhas irmãs com seu marido e dois dos meus irmãos. Eu estava radiante, feliz demais com a conquista. E mais, fui considerada a melhor aluna da turma, recebi uma medalha de aluna laureada, isto é, aquela que obteve as melhores notas entre os demais formandos. Minha família ficou orgulhosa e eu e meu esposo também. Quem diria! Foi muito esforço e dedicação aos estudos. Eu me sentia vencedora.

Ainda durante a graduação, eu tive a oportunidade de levar meu trabalho para o congresso de Bioquímica em Caxambú-MG, como também a um encontro da SBPC (Sociedade Brasileira par o Progresso da Ciência) em Belo Horizonte-MG, além de participar de outros congressos locais e regionais. Foram momentos de grande aprendizado. As viagens foram maravilhosas, apesar do pouco auxílio financeiro que tínhamos na época.

Entretanto, após a minha formatura, minha bolsa de pesquisa também foi encerrada. Mais uma vez, depois de alguns anos, me vi sem dinheiro. O valor da bolsa fora crucial para me custear na Universidade e ajudar a pagar o aluguel da nossa casa, pois equivalia a quase um salário mínimo na época. Com este dinheiro eu pagava minhas passagens de ônibus, fazia cópia de material, lanchava... como dar continuidade aos meus estudos sem ele? Pensei em fazer mestrado na área de Bioquímica, pois teria bolsa e daria continuidade à minha pesquisa, mas a seleção somente se daria no início

do ano seguinte. Foi nesse período que fiquei sabendo de um edital de concurso para professor substituto no próprio Departamento de Bioquímica da UFRN. Não pensei duas vezes, me inscrevi. Ainda hoje me lembro do tema da aula: Metabolismo do Glicogênio. Estudei muito, preparei minha aula e a apresentei para a banca do concurso. Fui aprovada!

Passei a dar aulas de Bioquímica para as turmas da área de saúde e biológicas no segundo semestre letivo de 1998. Eu era recém formada e, quando entrava na sala de aula, os alunos não acreditavam que eu era a professora, isso só até eu começar a dar a aula, era divertido. Foi um período intenso e de muito aprendizado, passava muitas horas estudando e preparando aulas. Eu e meu marido estávamos menos sufocados, podíamos pagar nosso aluguel por mais algum tempo.

No final daquele ano, abriu o edital de seleção para o mestrado em Bioquímica, eu me inscrevi, pois este era meu objetivo. Eu já vinha dando aulas de Bioquímica e, teoricamente, seria mais fácil, mas infelizmente o conteúdo da seleção para o mestrado era de estrutura e função de biomoléculas, e as aulas que eu estava ministrando na graduação eram de metabolismo. Respirei fundo e comecei a estudar o conteúdo da prova de seleção do mestrado. Eu e alguns amigos que estagiavam no departamento participamos da seleção. Só havia duas bolsas para serem distribuídas, para os dois primeiros lugares. Quando saiu o resultado vimos que fiquei em segundo

lugar, ou seja, fui selecionada para o mestrado e ainda teria uma bolsa, o que não era fácil conseguir na época. Resolvi que deixaria de ser professora substituta, pois exigia muito de mim e sobrava pouco tempo para a pesquisa, assim assumi a bolsa e pude me dedicar de forma exclusiva ao mestrado.

No primeiro semestre 1999, eu me matriculei no mestrado, inicialmente sob a orientação do professor Maurício Pereira de Sales (agradeço *in memoriam*), pois meu orientador ainda não havia defendido sua tese de doutorado e não poderia me orientar, mas ao defendê-la assumiu minha orientação. cursar as disciplinas obrigatórias e optativas foi relativamente simples, pois eu fora muito bem preparada durante o bacharelado, assim não foi nada muito estressante. Agora, eu já lia os artigos em inglês com maior facilidade, conseguia preparar melhor minhas apresentações, tinha melhor capacidade de refletir e discutir os resultados. Dei continuidade à pesquisa que vinha fazendo, tudo estava se encaminhando. Meu marido continuava comprando e vendendo leite para algumas pessoas e para estabelecimentos comerciais em Parnamirim. Não tínhamos muito, mas estávamos conseguindo sobreviver com dignidade.

Entretanto, um novo fato vai mudar nossas vidas novamente. Um dia, ao retornar para casa, encontramos um casal vizinho, paramos nossa moto em frente à nossa casa e des-cemos para conversar um pouco com eles. Percebemos uma movimentação estranha de dois rapazes se aproximando,

quando anunciaram um assalto com armas sendo apontadas para as cabeças do meu marido e do nosso amigo. Exigiram a chave de nossa moto e a levaram. Meu marido foi atrás da polícia e informou o roubo, mas nossa moto nunca foi encontrada. Fomos da felicidade à tristeza intensa em um só minuto... que agonia... sem a moto meu marido não conseguiria fazer as suas entregas de leite. Como nunca encontraram a moto, meu marido comprou uma bicicleta daquelas que tem um grande bagageiro na frente e continuou com suas entregas de leite, pedalando. Devido a esse acontecimento nos mudamos novamente, alugamos uma casa mais próxima do centro de Parnamirim, onde aparentemente, tínhamos mais segurança. Depois de um tempo juntando dinheiro, conseguimos comprar outro fusca, mas só o usávamos quando realmente era necessário, diariamente eu continuava pegando meus ônibus e meu marido continuava a pedalar. Neste período, meu sogro faleceu e foi uma fase difícil para nós.

Mas a vida seguiu e os dias passavam, eu já estava escrevendo minha dissertação quando, no final do ano 2000, me submeti a uma seleção para o doutorado em Recife, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A pós-graduação do Departamento de Bioquímica em Natal ainda não tinha doutorado nesta época. A concorrência era muito alta e havia poucas bolsas a serem distribuídas. O projeto era uma continuidade do que eu já desenvolvia no mestrado,

com o acréscimo de algumas metodologias desenvolvidas pelo grupo de Recife. Eu preparei meu *curriculum*, meu projeto e me submeti à comissão de seleção do doutorado em Ciências Biológicas. Fui aprovada na 7ª posição, mas não havia bolsa para mim, eu teria que iniciar o doutorado sem bolsa. E antes disso, teria que defender minha dissertação do mestrado para poder me matricular no doutorado.

Em fevereiro de 2001, eu defendi minha dissertação. Correu tudo bem, fui aprovada, aos 27 anos de idade recebi meu título de mestre. Para mim era um momento complicado porque eu sabia que não teria mais o valor da bolsa. E, novamente, a preocupação tomou conta de mim... os sentimentos se misturavam, era felicidade e angústia...

Após defender minha dissertação, matriculei-me no doutorado em Recife sob a orientação do professor Luiz Bezerra de Carvalho Júnior. Mesmo sem ter a bolsa eu deveria me matricular, senão perderia minha vaga. Percebemos que seria difícil sobreviver em Parnamirim, pois não tínhamos mais como pagar nosso aluguel e eu deveria ir morar em Recife, já que meu doutorado deveria ser feito lá. Que confusão se instalou nas nossas vidas. Como ir para Recife sem emprego? Sem nenhuma fonte de renda? Se já seria difícil em Parnamirim, imagina em Recife? Resolvemos nos mudar, mas para Campina Grande, lá nós teríamos nossa família, teríamos onde ficar sem precisar pagar aluguel, até que conseguíssemos

um meio de sobreviver e até que conseguisse decidir o que fazer a respeito do doutorado. Nossa vida era uma montanha russa, ora estávamos bem, ora estávamos muito mal... Meu cunhado nos emprestou sua casa em um pequeno sítio próximo à cidade. Nós nos instalamos e, depois de alguns dias, fiquei sabendo que as disciplinas obrigatórias do doutorado se iniciariam e que todos os matriculados estavam inscritos. Fiquei desesperada, eu era assim, chorei muito, meu sentimento de decepção era enorme, eu tinha lutado tanto para conseguir chegar até ali e agora não tinha condições de fazer meu doutorado. Isso tinha se tornado um sonho possível pra mim, não podia desistir.

Decidi que iria entrar em contato com a UFPE e consultá-los acerca de vagas nas residências universitárias. Consegui falar com os responsáveis, estes me disseram que não havia vagas, mas me deram o telefone das meninas da residência para que eu as consultasse sobre a possibilidade de vagas a serem disponibilizadas. Liguei para lá e falei com uma das garotas responsáveis pela residência feminina, expliquei minha situação, e ela disse gentilmente que poderia me receber como visitante por alguns dias, pois não havia previsão de vagas. Fiquei muito grata pela gentileza.

Comecei a cursar as disciplinas do doutorado. Fui bem recebida pelas meninas da residência, que tinham um colchão extra em seu quarto, o qual me foi emprestado para que eu

dormisse no chão, o que não me incomodou nenhum pouco. Passei alguns dias em Recife cursando a disciplina, que durou pouco, pois ocorreu nos dois turnos, depois disto voltei para casa em Campina Grande e fiquei esperando novas disciplinas serem ofertadas. Neste meio tempo meu marido também buscava emprego.

Poucos dias depois de meu retorno, uma colega do mestrado me ligou e falou sobre um concurso para professor substituto de Bioquímica que iria ocorrer em João Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ela disse que iria se inscrever e, como sabia que eu estava sem bolsa de doutorado, pensou que talvez eu pudesse me interessar. Procurei saber e realmente o edital estava aberto, não pensei duas vezes e me inscrevi. Estudei por vários dias os assuntos da prova, preparei algumas aulas, outras eu já tinha prontas da época em que fui professora substituta na UFRN. Viajei para João Pessoa com meu marido para me submeter à seleção, não conhecia ninguém na UFPB naquela época, mas a minha colega estava lá, o que me ajudou a não me sentir tão deslocada. O assunto da aula foi sorteado, a minha aula foi: Mecanismo de ação hormonal. Fiz o possível para dar uma boa aula, embora saiba que as minhas aulas de concurso nunca são as melhores, pois o fator nervosismo me tira um pouco do foco. Ao sair o resultado vi que havia passado em primeiro lugar. Minha colega também foi aprovada, mas havia somente uma vaga.

Fiquei muito feliz e triste ao mesmo tempo, já que, se não fosse por ela, eu nem saberia do concurso. Ela me ajudou muito, mesmo sabendo que eu seria sua concorrente, atitudes assim são louváveis. Mais um anjo pra conta!

Assinei meu contrato de seis meses como professora substituta na UFPB. Alugamos um apartamento próximo à Universidade e nos mudamos para João Pessoa. Comecei a dar aulas de Bioquímica para os cursos de Licenciatura em Química, Ciências Biológicas, Farmácia, dentre outros. Eu realmente não podia reclamar de que nossa vida era monótona, pois vivíamos uma aventura atrás da outra. E como eu sempre fui extremamente ansiosa, não posso dizer que estes altos e baixos eram exatamente o que eu gostaria de passar, isso não me fazia bem, sofria continuamente com dor de estômago e com a imunidade muito baixa devido ao estresse vivido em todos estes momentos. Todavia, meu marido sempre estava comigo e me acompanhava a cada mudança, tentando buscar emprego em cada lugar em que chegávamos. E assim também ocorreu em João Pessoa, e fomos juntos vencendo os obstáculos diários.

Enquanto isso, novas disciplinas do doutorado começaram a ser ofertadas. Eu procurei concentrar minhas aulas na UFPB, em alguns dias da semana, e ficar livre nos outros, para poder viajar para Recife na tentativa de acompanhar as disciplinas. Conheci um grupo de pessoas que moravam

em João Pessoa e faziam pós-graduação em Recife, estávamos enfrentando o mesmo problema, assim, começamos a viajar juntos, dividíamos o valor do combustível do carro de um deles. Nós saíamos muito cedo de João Pessoa, passávamos o dia em Recife e retornávamos ao final da tarde. Quando as disciplinas ocorriam em dias alternados, era possível fazer isso sem problema, quando não, nós não cursávamos.

Alguns meses depois da nossa mudança para João Pessoa, soube de um edital para professor efetivo de Bioquímica na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) em Campina Grande. A exigência era ter mestrado, eu me encaixava perfeitamente no perfil da vaga. Era uma esperança de poder ter um emprego definitivo. Novamente me inscrevi para a seleção do concurso. Estudei bastante, organizei as aulas e viajei para a casa da minha família em Campina Grande para fazer a prova. Havia muita gente fazendo este concurso, a concorrência estava alta. A seleção foi difícil, acabei sendo aprovada em segundo lugar, mas só havia uma vaga. Contudo, a pessoa que passou em 1º lugar apesar de ter assumido a vaga, pediu licença para fazer doutorado, foi quando me chamaram para substituí-la, mas como professora visitante, não como definitiva. Eu aceitei, sabendo que era grande o desafio, mas era uma chance de conhecer melhor a Instituição e as pessoas. Então, após um ano como professora substituta em João Pessoa, não renovei o contrato, assinando agora com a UEPB.

Desta vez resolvemos fazer diferente. Alugamos um apartamento em Recife próximo à UFPE. Solicitei à coordenação dos cursos em Campina Grande que concentrasse minhas aulas em apenas dois dias para que eu pudesse iniciar meus experimentos do doutorado em Recife (**Figura 1**). Desta forma, nós morávamos em Recife, viajávamos e passávamos dois dias em Campina Grande. Eu dava aulas de Bioquímica na UEPB e, quando retornava à Recife, dava andamento ao meu doutorado. Era comum eu trabalhar aos sábados e domingos para que conseguisse produzir algo. Mas estava ficando extremamente cansativo fazer isso, meu marido tinha começado a trabalhar como representante e nossas condições estavam melhores. Decidi deixar a UEPB e focar no doutorado, pois não estava conseguindo finalizar os créditos tampouco meus experimentos. E meu concurso na Paraíba tinha um prazo, logo, caso eles necessitassem de professor efetivo, eu seria a próxima da lista a ser convocada.

Eu estava focada no doutorado, mas ficava sozinha boa parte do tempo em Recife porque meu marido viajava. Era difícil me ver sozinha numa cidade que ainda me era estranha, não conhecia muita gente, me sentia só.

Figura 1 – Fazendo experimentos para o doutorado no laboratório de Bioquímica do LIKA na UFPE.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Próximo do final do ano de 2003, recebi uma ligação de uma amiga de Natal, ela me perguntou se eu havia visto o edital do concurso para seleção de professor efetivo de Bioquímica da UFRN. Eu nada sabia sobre este concurso e fui buscar no site da Universidade, vi que o concurso era para professor doutor e eu não tinha meu doutorado ainda! Mas a exigência do título se daria somente no momento da nomeação, eu poderia fazer o concurso ainda sendo mestre, mas para ser contratada, eu já deveria ter concluído o doutorado e estar com o certificado em mãos. Falei com o meu orientador, ele me apoiou muito e me estimulou, disse

que poderíamos fazer a qualificação em dezembro de 2003. Eu faria o concurso e, caso fosse aprovada, finalizaria os experimentos e defenderia a tese antes da contratação. E olha só, mais um anjo pra conta! Quem tinha um orientador assim? Que sorte a minha! Estava muito agradecida por tamanha confiança. Embora, hoje, lembrando, vejo como tinha muito a fazer em tão pouco tempo!

E assim as coisas foram acontecendo, escrevi minha qualificação e submeti à banca. No final do ano eu já havia me qualificado. Resolvemos que o mês de janeiro de 2004 seria reservado para estudar para o concurso. Peguei vários livros na biblioteca e pesquisei artigos. Fiz uma rotina de estudos, na qual eu estudava pela manhã, à tarde e a noite, tirando alguns momentos para descanso. Estudei muito e com afinco, era o concurso da minha vida, e era mesmo...

No mês de fevereiro de 2004, ocorreu o concurso. Eu e meu marido viajamos para Natal e ficamos no apartamento de um amigo. No primeiro dia, foi o sorteio do tema, que foi ótimo para mim porque acabou sendo sorteado o tema sobre estrutura e função de proteínas, assunto que eu dominava bem porque era minha área de trabalho. Escrevi muitas páginas sobre o assunto, fiz desenhos, acrescentei figuras, fui cuidadosa na escrita, queria passar. Naquele período, após o término da prova do concurso, nós líamos o que escrevíamos, e saibam: dá muita vergonha de ler o que você escreveu,

porque se pudesse escreveria de outra maneira, mas com o tempo limitado não temos outra escolha, devemos escrever o que sabemos, pelo menos de forma legível. Passei na primeira etapa, a seguinte era a da prova didática e o tema sorteado não era muito a minha área, embora tivesse bom conhecimento sobre ele, mas preparei e dei a aula. A cada etapa cumprida, eu ia ficando ainda mais nervosa, não conseguia comer nem dormir direito, uma semana intensa. Agora era esperar o resultado final, pois o que eu podia fazer, havia feito. O resultado saiu na sexta-feira de carnaval daquele ano, e eu, aos 30 anos de idade, fui aprovada em primeiro lugar para ser professora efetiva da UFRN! A nota final que obtive tinha uma diferença mínima com o segundo lugar. Eu estava tão estressada e cansada que não conseguia nem comemorar direito, mas estava feliz, embora muito preocupada porque nada ainda estava definido, eu não tinha concluído meu doutorado ainda. Então havia, pela frente, muito a fazer. Para alguém ansiosa, tentar organizar os eventos da sua vida com calma e paciência, em um momento assim, é um desafio.

Viajamos direto para Campina Grande, pois era carnaval, eu não conseguiria fazer nada em Recife, mesmo porque precisava descansar, não conseguia sequer ficar em pé direito de tão exausta mental e fisicamente. Nunca havia passado tanto estresse assim na minha vida! Tinha emagrecido muito. Talvez

eu tenha exigido de mim mesma muito mais neste concurso do que nos anteriores, pois imaginava que poderia dar certo.

Após o carnaval fomos pra Recife, agora eu precisava escrever a tese, terminar tudo e submeter à banca. Seria uma correria grande no mês de março daquele ano, mas consegui fazer. Defendi a tese. Outro momento de grande estresse, quem já passou por isto sabe muito bem o que estou dizendo. Na defesa, parte da minha família estava presente, eu estava ansiosa demais. Após todas as horas de arguição, fui aprovada. E, mais uma vez, eu estava imensamente feliz, exausta e preocupada, ainda precisava do certificado do doutorado a tempo de ser nomeada na UFRN. Caso não ficasse pronto, eu poderia perder o prazo.

Foi grande a corrida para que o certificado saísse logo. Incomodei muita gente para poder dar certo, mas consegui que ficasse pronto a tempo. Com ele em mãos, viajamos novamente para Natal e dei entrada com os documentos que faltavam para minha nomeação. Fiquei esperando marcarem a data, enquanto já organizava minha nova mudança.

Mais uma mudança! Será que seria a última? Essa pergunta ainda passava na minha mente, acreditam? Acho que fiquei viciada nas aventuras da nossa vida, mas estava na hora de assumir outra postura, de professor efetivo, não mais de aluna. Isso me arrepiava, mais um grande desafio pela frente!

Um amigo nos convidou para ficar em sua casa, quando viajamos para Natal para a minha nomeação. Esta ocorreu no dia 16 de abril de 2004, como iniciei neste capítulo. Era um dia muito importante para mim e para meu esposo, significava que todos os esforços que nós fizemos juntos tinham valido a pena. Era um sonho realizado, eu seria professora da instituição em que fora recebida anos antes, seria professora do departamento em que fora “criada”, seria colega dos meus professores de graduação e de mestrado. E isso era uma honra pra mim.

Após a nomeação organizamos nossa mudança e a trouxemos para Natal, esta foi a última mudança de cidade, pelo menos até este momento...

Quanto ao pós-doutorado, que normalmente é feito após o doutorado, ou próximo a este, ficou em segundo plano, pois após doze anos de casados, resolvemos que seria o momento de aumentar nossa família. No ano de 2005, e aos 32 anos de idade, nasceu meu primeiro filho, três anos depois, nasceu minha filha. Nós conseguimos formar uma família linda! Não pensem que eu não sinto falta das nossas mudanças, sinto sim, não foi fácil me acostumar à vida mais “pacata” nos primeiros meses após minha nomeação... eu sentia falta da adrenalina, ao mesmo tempo que me sentia muito feliz por ter atingido meu objetivo, por poder planejar nossa vida a longo prazo.

Ao longo de todos estes anos, nós fomos ajudados por muitas pessoas, a maioria delas não foi nominada neste capítulo para preservar suas identidades, mas todas elas sabem o quanto somos e seremos eternamente gratos por seus auxílios. Muitos apareceram em momentos chaves de nossas vidas, contribuíram para que conseguíssemos superar nossos obstáculos e atingíssemos nossos objetivos. Agradeço principalmente ao meu marido, parceiro de vida, companheiro amado, meu grande incentivador e que sempre acreditou em mim, em todos os momentos... sem ele ao meu lado, eu não teria tido forças...a todos os nossos familiares, parentes, amigos, colegas, meus orientadores e professores, os servidores técnicos e administrativos, a todas as Instituições públicas que me receberam de braços abertos, oportunizando meu crescimento pessoal e profissional, a UFRN, a UFPB, a UFPE e a UEPB, como também às agências de fomento como CNPQ e CAPES pelo financiamento de grande parte dos meus estudos através da concessão das bolsas de pesquisa.

Sei que pode parecer que, em determinados momentos, eu romantizei nossa dificuldade, nossas lutas, quando descrevo que, apesar das dificuldades éramos felizes... mas compreendam que minha vida universitária se iniciou quando iniciou também meu casamento. Vivíamos tempos difíceis, mas estávamos vivendo também um grande amor, tínhamos um ao outro, por isto não desistíamos,

apesar de enfrentar momentos de dor, angústia e incertezas... talvez não enfrentássemos tudo isto estando sozinhos... Se alguém me perguntasse se eu faria tudo de novo, ou se vale a pena tentar uma carreira acadêmica, eu responderia que sim! Há muito para ser descoberto, desenvolvido, a ciência e a tecnologia estão em plena expansão, necessitamos de respostas, necessitamos de cientistas, de professores, de formadores de opinião, de pessoas que se preocupem com a formação do indivíduo, mas também com as transformações do planeta, buscando melhorá-lo. Precisamos de mentes jovens, curiosas, focadas e destemidas. Precisamos de pessoas com sonhos a realizar...

**A LUTA POR
DIREITOS HUMANOS
E CONSTITUCIONAIS**

EIXO II

Um impedimento sensorial, um encargo institucional e uma pesquisa científica: entrelaços da minha jornada

Vicente Elísio de Oliveira Neto

*Se os meus olhos não me
deixam obter informações
sobre homens e eventos, sobre
ideias e doutrinas, terei de
encontrar uma outra forma.*

Louis Braille

Preciso iniciar confessando que recebi o convite para tornar público, por meio de um texto, parte da minha experiência de vida como pessoa com deficiência com uma certa apreensão combinada com alegria: a preocupação resultava

do fato de jamais ter imaginado envolver-me em qualquer empreendimento autobiográfico; o contentamento, que se manifestou associado à apreensão, decorre da suposição de que a exposição da história de uma pessoa com impedimento sensorial (visual) possa contribuir para que o(a) leitor(a), pessoa “com” ou “sem” deficiência, reflita sobre as temáticas da deficiência e da coletividade com deficiência.

Além de vivenciar a experiência da deficiência, venho me dedicando — por disposição pessoal, dever institucional e compromisso acadêmico — ao estudo do fenômeno da deficiência e à defesa da inclusão social, política, econômica e cultural do segmento social com deficiência por meio da efetivação dos seus direitos humanos fundamentais. Assim, o texto que se segue a esta nota prévia foi construído a partir da articulação entre a minha história de vida, minha experiência institucional e os estudos e pesquisas que venho desenvolvendo.

Uma certa confusão entre os termos “deficiência” e “doença” pode ser percebida sem grande esforço em discursos e práticas que se expressam nas variadas dimensões do convívio social. Entendo que as palavras “deficiência” e “doença” não devem ser empregadas como sinônimas. Entretanto, devo admitir a grande influência dos que pensam de modo diferente. Desse modo, entendo ser necessário chamar atenção do leitor(a), ainda que de modo breve e esquemático,

a respeito de algumas das distintas formas de compreensão do fenômeno da deficiência que, em grande medida, condicionam os modos pelos quais as pessoas com deficiência podem ser incluídas/excluídas do ambiente social.

No curso da história humana, o fenômeno da deficiência foi e ainda é percebido e explicado a partir de múltiplas perspectivas. A história das pessoas com deficiência no contexto universal, sob a ótica da afirmação dos direitos desse peculiar segmento social, pode ser delineada a partir da indicação de quatro fases marcadas respectivamente pela intolerância, invisibilidade, assistência e, finalmente, pela inclusão social (PIOVESAN, 2009).

Por outro lado, as compreensões relativas ao fenômeno da deficiência deram ensejo à constituição de, pelo menos, quatro abordagens distintas: a mística, a biomédica, a sociológica e a biopsicossocial. Tais modos de tratamento das pessoas com deficiência e de compreensão da deficiência, em regra, coexistem, associados ou extremados no meio social de modo que não se afigura recomendável falar em superação absoluta ou primazia deste ou daquele modelo no espaço social (OLIVEIRA NETO, 2016).

Durante expressivo lapso, a visão social da deficiência, e do indivíduo que a vivenciava, esteve predominantemente associada a fatores sobrenaturais (MAZOTTA, 2011). Diferenças estéticas ou comportamentais (defeitos, imperfeições,

anormalidades etc.) seriam resultantes da ação divina (castigo ou graça) ou da interferência de forças demoníacas (OLIVEIRA NETO, 2016).

Saiba o(a) leitor(a) que as explicações sobrenaturais acerca das diferenças físicas e mentais que caracterizam a espécie humana conviveram, e ainda convivem, com a oposição de explicações de matiz naturalista (DIAZ, 1995). Contudo, as objeções à compreensão mística foram sistematizadas e alcançaram maior repercussão na modernidade.

O novo modo de pensar renega a explicação mística, propondo sua substituição por um modelo de compreensão biomédico da deficiência enquanto anormalidade (patologia física ou mental) deflagradora de condutas desviantes dos padrões sociais vigentes (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009). A perspectiva biomédica, ao captar a deficiência como uma “doença a ser curada” termina por focar exclusivamente no indivíduo portador da enfermidade, dissociando-o do meio social (PIOVESAN, 2009).

A criação e a operacionalização de instituições especializadas no atendimento de pessoas com deficiências, particularmente nas áreas da assistência social, saúde e educação, pretendem viabilizar a normalização do indivíduo — por meio da habilitação/reabilitação e conseqüente ingresso em processo produtivo — e/ou do ambiente social — via segregação dos que permaneceram inabilitados para o convívio social. (OLIVEIRA NETO, 2016).

A superação parcial da institucionalização é buscada, já no século XX, com a formulação do paradigma da integração. Em regra, as pessoas com deficiência devem ter acesso aos serviços sociais postos à disposição da coletividade como um todo, salvo se, em razão da conformação de suas deficiências, o serviço não puder atendê-los a contento (CARVALHO; ROCHA; SILVA, 2006).

Sob outro prisma o modelo social contrapõe-se aos modelos antecedentes de compreensão, explicação e tratamento da deficiência e do segmento social que a vivencia. Propõe a desmistificação e a desnaturalização da deficiência e a consequente superação da exclusão social que subjugava a minoria humana estigmatizada.

A nova teorização assenta que não há uma relação de causa e efeito entre deficiência e exclusão social. A exclusão das pessoas com deficiência decorria, em verdade, da inadequação dos ambientes físico e social que inviabiliza a participação desse singular coletivo humano em condições de igualdade com as pessoas não deficientes, o que implicaria na violação dos seus direitos humanos.

Assim, a proposta é a transformação da sociedade a partir da eliminação das barreiras ambientais e atitudinais (sociais e culturais), de modo a proporcionar o desfrute dos direitos humanos e a inclusão social plena dos

indivíduos com deficiência (PIOVESAN, 2009; CARVALHO; ROCHA; SILVA, 2006).

No início do século XXI, a Organização Mundial de Saúde (OMS) instituiu o modelo biopsicossocial da deficiência por meio da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF/2001). Cuida-se de uma tentativa de conciliar as abordagens biomédica e social do fenômeno da deficiência. Ainda que não se possa falar em superação das divergências que extremam os adeptos da compreensão biomédica daqueles que sustentam as teses do modelo social, o certo é que o modelo biopsicossocial do fenômeno da deficiência constitui-se no fundamento da definição jurídica da parcela humana com deficiência que veio a ser estabelecida no ano de 2006 pela Organização das Nações Unidas (ONU), por meio da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) que, em seu artigo 1º, estabelece:

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.

A mencionada convenção internacional foi incorporada ao direito brasileiro no ano de 2008. A partir de então suas cláusulas são equiparadas às normas estabelecidas na Constituição

brasileira. Assim, sob o ponto de vista jurídico, a compreensão biopsicossocial da deficiência, fundamento da definição da expressão “pessoa com deficiência”, assume a condição de norma jurídica e, em consequência, deve ser obrigatoriamente respeitada pelos agentes estatais e pelos cidadãos em geral.

Apesar da primazia jurídica conferida à compreensão biopsicossocial da deficiência, boa parte da literatura produzida no Brasil a respeito das temáticas da deficiência e dos direitos das pessoas com deficiência permanece vinculada às concepções biomédica e sociológica.

Por entender que as explicações biomédica e sociológica são insuficientes para a compreensão do fenômeno multidimensional da deficiência, quando consideradas isoladamente, alerto o(a) leitor(a) que o texto que será exposto nos tópicos seguintes inspira-se na concepção biopsicossocial da deficiência, matriz da definição jurídica da expressão “pessoas com deficiência”.

Pois bem, após essa discussão inicial, uma aproximação à temática da deficiência, ainda que insuficiente, seguirei com o relato de alguns aspectos e momentos da minha vida pessoal e profissional.

Nasci nos últimos anos da década de 60 do século passado, no Município de Nísia Floresta, atualmente integrante da região metropolitana de Natal, no Rio Grande do Norte. Fui o segundo e último filho dos meus pais.

O meu pai, na minha opinião, respaldada em opinião compartilhada pelos que com ele conviveram, cumpriu seu curto trajeto de vida como pessoa honesta e responsável, serena sem ser sisuda. Por ser considerado homem geralmente equilibrado e “cumpridor da palavra” suas opiniões eram respeitadas no ambiente familiar e acreditadas no meio social. Até o fim dos seus dias garantiu o sustento, e perdeu a vida em trágico acidente (junho/1981), fazendo fretes em seu caminhão entre os Estados do Rio Grande do Norte e Pernambuco, percurso que ordinariamente fazia duas ou três vezes por semana. Estava eu, na época, com 12 (doze) anos de idade, transitando da infância à adolescência. Meu pai foi e é presença viva em minha memória. Aqui destaco apenas seu exemplo de bom pai e cidadão, sua insistência para que me dedicasse com afinco aos estudos e sua sugestão para o meu futuro profissional. Certa vez, preocupado com o meu problema de visão, recomendou que eu me dedicasse ao serviço público, onde trabalharia numa sala bem iluminada lidando com papéis.

Quanto a minha mãe e a minha irmã, ambas presentes física e espiritualmente na minha trajetória, sempre influenciaram positivamente e continuam por meio de incentivo, apoio e cuidados — sem qualquer excesso ou superproteção — contribuindo em meu processo de desenvolvimento pessoal em seus múltiplos aspectos.

Durante a maior parte da minha infância, morava com minha família numa casa situada no centro urbano do Município de Nísia Floresta. Apesar de seu extenso território, maior que o do Município de Natal, Nísia Floresta era na minha infância e continua sendo ainda hoje, uma cidade pouco povoada. No centro da cidade, assim como nos distritos mais antigos, a proximidade das residências, o reduzido número de pessoas e o convívio permanente ao longo dos anos terminaram por estabelecer relações estreitas de conhecimento, convívio e parentesco, típicas das pequenas comunidades. Foi nesse ambiente de proximidade geográfica e social que tropeçando, caindo e levantando dei meus primeiros passos buscando interagir com o mundo.

Não recordo o momento e as circunstâncias da manifestação dos primeiros sintomas da minha “doença na visão”, mas ao longo de toda a vida colhi informações de minha mãe, de parentes e de pessoas conhecidas sobre o assunto. Dentre as narrativas, há relatos de que quando comecei a andar eram perceptíveis minhas dificuldades no que diz respeito à visualização de pessoas, de coisas e do ambiente, o que ocorria particularmente quando eu me encontrava em locais menos iluminados, durante o dia e após o anoitecer. Costumava esbarrar nos móveis e nas pessoas, assim como localizar objetos demandava certo esforço, ainda que estivesse em local por mim habitualmente frequentado, o que veio a despertar a suspeita de que havia algo errado com minha

visão. Por tais motivos, fui levado ao oftalmologista e passei a usar óculos por volta dos três anos de idade. Apesar disso as dificuldades para enxergar não foram totalmente superadas. Lembro que nunca consegui visualizar com agilidade e nitidez as pessoas, objetos, animais, construções humanas ou obras da natureza etc. Entretanto, a criança que “enxergava pouco e ruim” ou que era de “visão curta” e “quase cega”, na opinião de muitos, visualizava tudo que estivesse próximo, apesar de demorar algum tempo, desde que a iluminação do ambiente fosse adequada. As dificuldades cresciam na proporção que aumentava a distância entre o menino e aquilo que ele deveria enxergar do mesmo modo que as pessoas enxergavam.

Segundo diziam, provavelmente com alguma razão, eu era um menino “teimoso”, “insistente” e mesmo “impossível”. O que posso assegurar é que aprendi a andar de bicicleta, cavalgar, passear por todos os cantos da cidade e participar das brincadeiras que agradavam às crianças no meu tempo de infância. Lembro que pequenos acidentes, ferimentos e lesões deixavam marcas em meu corpo, particularmente nas pernas e pés. Algumas lembranças e cicatrizes do tempo de infância até hoje me acompanham. Ainda sobre as brincadeiras da infância, preciso fazer um registro a respeito do futebol. Algumas vezes tentei jogar, sem muito sucesso. O primeiro problema era conseguir ser escalado em uma das equipes que iriam disputar a partida. Sendo “quase cego”, o desinteresse

em minha participação era praticamente absoluto. Ainda assim, por solidariedade, por amizade, ou por me encontrar na ocasião como o “dono da bola”, participei de alguns jogos. Lembro que, apesar dos esforços, não consegui marcar nenhum gol e não identificava qual seria a posição que eu deveria ocupar na equipe, circunstâncias que me levaram a encerrar precocemente minha participação nessa modalidade esportiva. Deixando de lado as brincadeiras, é preciso ir à escola!

O meu processo de alfabetização teve início com uma professora particular que ministrava as primeiras lições a uma pequena turma em sua própria residência. Ressalto que a professora, pessoa com impedimento de natureza física, cumpria com muito zelo o papel de educadora, fato reconhecido e enaltecido no meio social. Em casa, minha mãe reforçava diariamente o aprendizado com dedicação e muita disciplina.

Posteriormente, passei a frequentar um projeto social de alfabetização promovido pela Igreja Católica e apoiado financeira e materialmente pelo poder público. Concluído o ano, já sabendo ler e escrever, fui matriculado na primeira série do ensino fundamental no Grupo Escolar Rural Nísia Floresta, escola pública paradoxalmente sediada no centro da cidade.

Duas dificuldades sempre estiveram presentes na minha vida de estudante: uma “grafia péssima” e uma inabilidade completa para a arte do desenho. Enquanto a segunda ficou na

escola, a primeira nunca me abandonou. Assim, os professores mais atentos à forma do que ao conteúdo dos textos, geralmente desvalorizavam meus escritos. Não posso aqui omitir a informação de que alguns professores, não todos, pediam para que eu lesse o que havia escrito antes da atribuição da nota. No entanto, mesmo em tais ocasiões, o prévio julgamento estético influenciava negativamente no valor da nota.

Tendo em conta que os educadores devem gozar de reconhecimento e respeito por parte de todos, e temendo que o(a) leitor(a) imagine que eu, como a maior parte dos estudantes, levanto dúvidas infundadas sobre as avaliações dos mestres, entendo ser necessário fazer a observação seguinte.

As provas e trabalhos que pessoalmente escrevi nas instituições de ensino, em concursos públicos e processos seletivos sempre receberam notas menores do que eu esperava. Todavia, o mesmo nunca aconteceu quando se tratavam de provas objetivas ou exposições orais. Do mesmo modo, até hoje não vi motivo para questionar as notas que obtive em relação a trabalhos datilografados ou digitados, assim como nas avaliações nas quais contei com o apoio de um escriba.

Por outro lado, é importante ressaltar que desde a alfabetização passei a cultivar o hábito da leitura. Comecei com revistas em quadrinhos, revistas informativas e jornais. Em seguida, passei a ler livros infantis da biblioteca municipal,

dentre os quais relembro a leitura de todos os volumes do “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, de Monteiro Lobato.

Não sei se o meu gosto pela leitura decorre de uma herança genética, uma vez que minha mãe e minha irmã são até hoje “devoradoras de livros”. Talvez tenha sido mais importante a influência do ambiente doméstico, no qual eu convivía diariamente com duas leitoras contumazes em uma casa abarrotada de revistas e livros. Não posso igualmente deixar de considerar nossa condição de filhos naturais de um município que mudou sua denominação para homenagear sua mais ilustre filha, a escritora Nísia Floresta¹.

Ainda durante a infância, em face das preocupações dos meus pais, de parentes, de amigos e de pessoas conhecidas com o fato de que mesmo com o uso dos óculos ainda assim permanecia eu com evidentes dificuldades para enxergar, fui avaliado por vários oftalmologistas em Natal-RN. Um deles levantou a hipótese de que a minha doença seria distinta das enfermidades comuns da visão e, por isso, encaminhou-me a um especialista em Recife-PE para um diagnóstico conclusivo.

¹ Nísia Floresta (1810–1885) foi escritora e também educadora. Empenhou-se na defesa de uma educação igualitária entre homens e mulheres, sendo considerada a precursora das ideias feministas no Brasil. Nasceu em Papari (atual Nísia Floresta), no Rio Grande do Norte. Para saber mais, acesse: <http://www.projetomemoria.art.br/NisiaFloresta/index.html>. Acesso em: 19 jul. 2019.

Em consequência de tal providência, por volta dos meus nove anos de idade, ficou estabelecido que eu sofria de uma *Retinopatia* da qual resultava uma significativa redução do campo e da acuidade visual, características próprias da denominada baixa visão, severa em um dos olhos e moderada no outro. Na ocasião, meus pais foram esclarecidos de que se tratava de uma doença incurável. Além disso, prescreveu o especialista o uso contínuo de um medicamento destinado exclusivamente a “retardar a evolução da doença”, assim como determinou o uso de óculos apropriados ao caso.

De acordo com a minha genitora, principal fonte das informações expostas no parágrafo anterior, com os meus novos óculos ela percebeu uma imediata mudança positiva na minha capacidade de enxergar. Ainda assim, eu continuei enfrentando dificuldades que somente cresceram com o passar dos anos, confirmando-se a previsão do especialista pernambucano quanto ao agravamento da enfermidade.

Durante a minha infância, e mesmo na adolescência, não tinha consciência de ser uma pessoa com deficiência. Sabia apenas que padecia de uma doença da visão, um problema individual que me acompanhava desde o nascimento. Isso se justifica porque naquela época, e mesmo hoje para muitos, os termos “deficiência” e “doença” eram compreendidos e empregados como sinônimos, como busquei demonstrar no tópico antecedente. Em consequência, as pessoas com

deficiência eram e são percebidas como pessoas doentes e que, em razão da sua doença, em geral muito grave, não estão habilitadas para levar uma vida “normal” como as demais pessoas². Embora muito influente, tal forma de representar a deficiência e as pessoas com deficiência não foi e não é a única.

Nossa mudança para Natal-RN ocorreu no final da minha infância. Preocupados com o desenvolvimento dos estudos dos filhos, principalmente da minha irmã que então ingressava no 2º grau (atual Ensino Médio), decidiram meus pais fixar residência na capital potiguar. Ainda que sentisse saudades da minha cidade de origem (dos familiares, amigos, conhecidos, bicicletas, cavalos...), rapidamente fui me adaptando ao novo ambiente.

Como já registrei anteriormente, por parte da minha família nunca fui superprotegido. Contudo, preciso dizer que não me permitiram passear de bicicleta em Natal, com o argumento de que aqui o trânsito era muito intenso e perigoso. Por outro lado, sob a supervisão inicial dos meus pais, aprendi a utilizar o sistema de transporte coletivo no trajeto

² Segundo a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU), no ano de 1975, a expressão “pessoa deficiente” era na época entendida como referente a qualquer pessoa incapaz de satisfazer a si própria, total ou parcialmente, as necessidades de uma vida normal na esfera individual e/ou social, em consequência da deficiência congênita ou não, nas suas faculdades físicas ou mentais. Perceba-se que tal documento fundava-se em uma compreensão biomédica da deficiência.

casa–escola–casa. Com os novos amigos e companheiros de bairro e escola, conheci e passei a circular despreocupadamente pelas avenidas e ruas natalenses.

Nas minhas andanças não faltavam incidentes e acidentes. Não era incomum voltar para casa com os pés e as roupas sujas por ter pisado ou escorregado em um esgoto “a céu aberto”. Constantes também eram as quedas, torcer um pé em uma calçada esburacada etc. Lembro ainda que fui atropelado por um automóvel na rua em que morava. Caro(a) leitor(a), sempre pensei e assim continuo pensando, que tais incidentes, leves ou graves, podem ocorrer com qualquer pessoa. Concorda comigo?

Por várias razões, dentre elas a mudança de residência, estudei em muitas escolas até concluir o ensino fundamental e médio: no Instituto Reis Magos; no Instituto Sagrada Família; na Escola Estadual Stela Wanderley; no CES Professor Felipe Guerra; na Escola Estadual Professora Lia Campos; no Centro de Educação Integrada Professor Eliseu Viana (Mossoró-RN) e por fim, na Escola Estadual Berilo Wanderley.

Na adolescência, participei do movimento estudantil secundarista (estudantes de 1º e 2º grau, atualmente correspondente aos níveis fundamental e médio). Na década de 80 do século XX, os estudantes secundaristas brasileiros, liderados pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), e em Natal pela União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas

(UMES), participaram ativamente dos movimentos políticos e sociais pelo ensino público e gratuito, pela redemocratização do país, pela soberania nacional e contra as desigualdades sociais.

Tendo em vista que muitos não têm conhecimento, enquanto outros fazem questão de esquecer, registro que o texto da Constituição Cidadã de 1988, nas partes ainda não modificadas por emendas constitucionais restritivas dos direitos sociais, contemplou em grande medida as reivindicações estudantis da época.

Durante os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, estive pessoalmente no Congresso Nacional em uma mobilização estudantil em defesa do ensino público, gratuito e de qualidade. Naquele momento, sequer poderia imaginar que futuramente, exercendo as atribuições de Promotor de Justiça, iria me dedicar a tornar efetivo o texto constitucional que estava ali sendo redigido.

Confesso que não “harmonizei” muito bem na adolescência os deveres de estudante com as atividades do movimento estudantil, o que resultou em um alongamento do tempo dedicado à conclusão da educação básica. Devo, porém, acentuar como resultado da experiência: o gosto pelo debate e o respeito pelos que pensam de modo diferente, a preocupação em identificar a superficialidade e o vazio de alguns discursos simplificadores de problemas complexos, a consciência das

assimetrias sociais e, por fim, a utopia de uma sociedade que equilibre em sua balança a igualdade e a diferença.

Decidi então recomeçar o Ensino Médio, dessa vez voltado à habilitação para o magistério, na Escola Estadual Berilo Wanderley. Consciente do equívoco passado, mesmo exercendo durante um ano a presidência do grêmio estudantil da escola, concluí com bom aproveitamento e, desta vez no tempo regulamentar, o curso de formação de professor com habilitação para o ensino fundamental (1988/1990). Acrescento ainda, para o conhecimento do(a) leitor(a) que, em 1990, ano de conclusão do Ensino Médio, simultaneamente frequentei um cursinho preparatório para o vestibular.

Destaco que o curso de habilitação para o magistério era direcionado à inserção precoce dos estudantes no mercado de trabalho e, por tal razão priorizava os conteúdos destinados à formação profissional, por meio de disciplinas como didática, metodologia do ensino, planejamento educacional, alfabetização, dentre outras. Por outro lado, disciplinas imprescindíveis à preparação para o ingresso no ensino superior como Português, Matemática, Física, Química, Biologia e Língua Estrangeira somente eram ministradas no primeiro ano do curso. Em tal contexto, o reforço no cursinho pré-vestibular viabilizado por uma bolsa de estudos foi importantíssimo no meu caso.

Recordo ainda que desde os 20 anos de idade, já estudava para concursos públicos. Os resultados de todo esse esforço serão apresentados adiante.

Resgatando o passado, cheguei à conclusão de que a minha vida acelerou com a chegada da maioridade. O primeiro sintoma desta aceleração se deu com relação aos estudos. Estava eu focado nos estudos preparatórios para o vestibular, mas sem saber ao certo para qual curso da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

No cursinho onde estudava, o “Anglo Vestibulares”, foram realizados alguns testes visando orientar os alunos. A partir das minhas avaliações, a sugestão da equipe de professores foi no sentido de que eu poderia optar por qualquer curso, exceto Medicina. A dica não resolveu minha dúvida, pois além de não ter pensado em Medicina, continuava eu com dezenas de possibilidades: todos os demais cursos da UFRN.

No dia da inscrição para o vestibular, mais precisamente na fila para a inscrição, fui convencido por um grande amigo a tentar ingressar no Curso de Direito. O grande amigo — que infelizmente faleceu prematuramente — foi um excelente conselheiro naquele dia, pois fui aprovado aos 22 (vinte e dois) anos de idade no meu primeiro vestibular.

Iniciei o curso de Direito no primeiro semestre de 1991. Na época, não se falava em inclusão de estudantes com deficiência

ou em garantia de acessibilidade. Segundo o modelo da integração, cabia ao aluno com deficiência “superar seus limites” de modo a possibilitar o “sucesso” do processo educacional em uma instituição de ensino regular.

No meu caso, lentes especiais eram então suficientes para que realizasse as leituras indispensáveis ao desenvolvimento do bacharelado em Direito. Além disso, sempre contei com a ajuda de terceiros para “acelerar” o acesso aos conteúdos escritos. Priorizava exposições orais de termas jurídicos (discussões com os colegas de curso, debates, palestras, seminários, congressos etc.), bem como confeccionei e acumulei incontáveis esquemas, roteiros, resumos e fichamentos que muito contribuem até hoje para a maximização dos meus estudos.

Lembro ainda que, desde o Ensino Médio, sempre priorizei os estudos à noite e durante a madrugada. No período noturno, os ruídos da vida diária da cidade são em geral reduzidos o que proporciona maior concentração e aproveitamento. Ademais sem a interferência da luz solar, contando apenas com a iluminação elétrica adequada (lâmpadas fortes) e com as já citadas lentes especiais, eu conseguia então otimizar as leituras.

Enquanto cursava Direito, continuei estudando para concursos. Sem muita precisão, posso assegurar que foram mais de 20 (vinte), sendo aprovado na maioria deles. Destaco aqui apenas três: professor do ensino fundamental na Escola Municipal

Prof. Bernardo Nascimento, principal resultado do curso de magistério (1992–1993); auditor fiscal do Tesouro Estadual, cargo no qual não tomei posse, apesar de convocado; e, servidor da Justiça Federal, onde permaneci por quase cinco anos (1993–1998).

Esclareço ao(a) leitor(a) que diferentemente do que hoje ocorre com quase todos os concursos públicos e processos seletivos, na minha fase de “concurseiro” não se reservava vagas para pessoas com deficiência³, bem como não eram asseguradas as adequações e recursos tecnológicos atualmente disponibilizados aos que deles necessitem. Além disso, sérios eram os riscos de que pessoas com deficiência aprovadas em concurso público fossem avaliadas como incapazes de desempenhar as funções inerentes ao cargo público pretendido.

Lembro que naquela época, cabia à junta médica atestar se o candidato, aprovado em concurso e convocado, estava apto ou não para exercer o cargo público. Caso a comissão médica concluísse pela inaptidão, o candidato não poderia tomar posse no cargo. Atualmente, a pessoa com deficiência é submetida

³ Não entenda o(a) leitor(a) que estou adotando posição contrária à reserva de vagas para pessoas com deficiência nos concursos públicos. Apenas fiz o registro da minha experiência pessoal em uma época diferente da atual. No meu entender, a reserva de vagas em favor das pessoas com deficiência constitui-se em uma estratégia jurídica destinada a compensar as históricas desvantagens sociais, econômicas e culturais que determinaram a exclusão das pessoas com deficiência do mundo do trabalho. Com efeito, tais pessoas foram, durante muito tempo, avaliadas como incapacitadas, inválidas ou ineficientes para o trabalho. Essas considerações negativas, além de preconceituosas e injustificadas, são hoje ilegais.

à avaliação biopsicossocial prévia, destinada a comprovar a deficiência. A avaliação sobre a aptidão para o exercício do cargo é feita durante ou ao final do estágio probatório, ou seja, a avaliação considera o efetivo exercício da função pública.

Pelas razões acima, temia eu enfrentar dificuldades com a junta médica. Quando fui convocado para assumir o cargo de professor, nenhum questionamento foi feito a respeito da minha visão, o que foi para mim uma grata surpresa. O mesmo não se deu quando fui convocado para o cargo de servidor da Justiça Federal. Diante do laudo oftalmológico que apresentei, os integrantes passaram a questionar minha capacidade para desempenhar a função pública.

Naquela ocasião, como um bom aprendiz de jurista, argumentei com a sobredita junta médica que já me encontrava exercendo o cargo de professor da rede municipal de ensino da capital e apresentei a documentação comprobatória de tal alegação e, por fim, insinuei a possibilidade de ingressar com um processo judicial caso viesse a ser avaliado como inapto. Quanto ao resultado, basta informar que ao pedir exoneração do cargo que ocupei por quase cinco anos, encontrava-me exercendo a função de Oficial de Gabinete da 3ª Vara da JFRN, então uma das mais elevadas na estrutura hierárquica da Justiça Federal.

Mesmo trabalhando diariamente, concluí o curso de Direito na UFRN, no prazo regular. Devo esclarecer que na

Justiça Federal todos os servidores estudantes tinham direito a horário especial de trabalho de modo a viabilizar o desenvolvimento dos estudos, garantia assegurada pela Lei 8.112/90 (Regime Jurídico dos Servidores Públicos Civis). Assiná-lo ainda, que durante o bacharelado em Direito representei o corpo discente perante o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), bem como desempenhei a função de monitor da disciplina “Direito Administrativo”.

No ano de 1995, com 27 (vinte e sete) anos de idade, concluí a graduação em Direito. No ano seguinte, cuidei de me submeter ao “Exame de Ordem”, requisito necessário à inscrição nos quadros da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e consequente habilitação para o exercício da advocacia. Apesar de aprovado no exame, em primeiro lugar na prova oral, nunca exerci a advocacia em razão do desempenho de funções públicas.

Esclareço que, em 1996, a prova oral era uma das etapas do “Exame de Ordem”. Após ser aprovado em prova escrita de conhecimentos jurídicos, o candidato a advogado deveria submeter-se à prova oral, de caráter igualmente eliminatório. A prova consistia na realização de uma sustentação oral, perante uma comissão de advogados experientes, relativa a um caso jurídico julgado pelo Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte. Atualmente a fase de avaliação oral foi suprimida e o “Exame de Ordem”, agora realizado por meio de procedimento unificado nacionalmente, constitui-se apenas

de provas escritas contendo questões objetivas e subjetivas. Logo após, passei a me dedicar integralmente ao concurso para ingresso no cargo de promotor de justiça do Ministério Público do Rio Grande do Norte, instituição com quem mantenho vínculo funcional desde o ano de 1998.

No mesmo ritmo, as limitações visuais foram progredindo. Passei a usar tipos distintos de óculos, o campo e a acuidade visual cada vez mais se reduziam, os textos com fontes aumentadas foram se tornando ilegíveis, os óculos com lentes especiais para leitura já não mais atingiam sua finalidade, a mobilidade sem o auxílio de terceiros foi se tornando inviável etc. Atualmente, desenvolvo minhas atividades com o apoio de leitores, de uso de aplicativos e de um scanner leitor para ter acesso ao conteúdo de textos e documentos.

Recordo-me que, por volta dos meus vinte e três anos de idade, fui a uma consulta com um oftalmologista muito recomendado por um amigo bem intencionado. Após vários exames, o especialista solicitou que eu retornasse uma outra vez ao seu consultório. Na data agendada, o médico estava acompanhado de outros colegas que passaram a me examinar. Quando ficamos sozinhos, o oftalmologista me informou, com um tom de quem anuncia “a boa nova”, que, caso eu desejasse, já poderia requerer a aposentadoria e, com tal finalidade, ele iria confeccionar o respectivo laudo. Sentindo enorme desconforto e angústia, informei-lhe que não tinha nenhum interesse e sai dali jurando

nunca mais voltar, promessa que cumpri. Caro(a) leitor(a): o que teria eu a lhe dizer, caso tivesse aceitado a sugestão do especialista?

Por fim, perceba o(a) leitor(a) que o relato que estou desenvolvendo é restrito a minha experiência de vida. Assim, não deve essa narrativa ser empregada para a avaliação e o julgamento de outras histórias de vida de pessoas com deficiência. Essas comparações costumam levar a julgamentos injustos na medida em que desconsideram as diferenças que particularizam cada caso, tais como as atitudes adotadas no ambiente familiar e nas instituições de ensino, a disponibilidade ou não de recursos tecnológicos que possibilitem a redução ou superação dos obstáculos materiais, o eficaz desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem etc.

Assim, entendo que a divulgação de relatos individuais de inclusão educacional e de ingresso no mundo do trabalho não deve ser empregada para a realização de comparações quanto ao sucesso alcançado ou não por pessoas com deficiência individualmente consideradas. O que realmente importa, do meu ponto de vista, é a utilização dos casos exitosos de inclusão educacional/profissional para a desconstrução dos preconceitos que justificam a exclusão das pessoas com deficiência dos espaços destinados à educação e ao trabalho.

Retornando especificamente ao tema da educação, é preciso dizer que a inserção das pessoas com deficiência no sistema

educacional não é um favor. É um direito! De acordo com o Direito Internacional dos Direitos Humanos (DIDH) e com a Constituição Federal brasileira as instituições de ensino, públicas ou privadas, devem se tornar acessíveis aos alunos com deficiência. Uma interessante aproximação entre Educação inclusiva (EI) e Educação em Direitos Humanos (EDH), tendo por foco a escolarização de pessoas com deficiência na escola comum, pode ser conferida na obra Silva e Silva (2019).

Desde o ano de 2003, venho exercendo as atribuições da 1ª Promotoria de Justiça da Comarca de Caicó-RN. Dentre os encargos próprios da mencionada Promotoria de Justiça, encontram-se a promoção e a defesa dos direitos das pessoas com deficiência. Assim, passei a dedicar atenção e a buscar solucionar questões referentes à inclusão educacional de alunos com deficiência; à garantia da acessibilidade a serviços, prédios e equipamentos públicos e privados; à discriminação de pessoas por motivo de deficiência, além de a muitas outras violações de direitos de pessoas com deficiência praticadas por agentes públicos ou privados e mesmo por seus familiares.

No cumprimento dos deveres institucionais relacionados às pessoas com deficiência, senti necessidade de buscar ampliar meus conhecimentos teóricos, visando aperfeiçoar e tornar mais eficaz a atividade prática direcionada à solução das questões que afetam o segmento social com deficiência.

Por tais motivos, nos últimos cinco anos venho desenvolvendo estudos e pesquisas de pós-graduação — no Mestrado em Direito do PPGD/UFRN (2014-2016) e no Doutorado em Ciências Jurídicas do PPGCJ/UFPB (2017-2020) — tendo por objeto os direitos das pessoas com deficiência.

É inegável que as temáticas da deficiência e das pessoas com deficiência vêm ganhando espaços no cenário internacional e na realidade brasileira. No âmbito local, que nos interessa mais diretamente, os temas ingressam na pauta dos meios de comunicação tradicionais e no mundo virtual. Inúmeras são as iniciativas promovidas pela sociedade civil, com ou sem apoio material e/ou financeiro público. No setor público, o clima é o mesmo. No meio parlamentar verifica-se o incremento da produção legislativa, seguido sempre de novas proposições, embriões viáveis ou não de futuras leis. Na esfera acadêmica, o ensino, a pesquisa e a extensão cada vez mais atentam para as questões que dizem respeito às pessoas com deficiência.

Apesar de toda essa visibilidade e atenção, é preciso considerar que uma parcela das mencionadas iniciativas, programas, projetos, leis etc., encontra-se em desconformidade com o programa jurídico incluyente das pessoas com deficiência que, no caso brasileiro, foi instituído por meio de normas de *status* constitucional. É buscando equacionar tal problema jurídico de imensa repercussão política, econômica, social

e cultural que tenho procurado articular vivência pessoal, dever institucional e compromisso científico.

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, Alfredo Roberto; ROCHA, Jomar Vieira da; SILVA, Vera Lucia Ruiz Rodrigues da. Pessoa com Deficiência na história: modelos de tratamento e compreensão. *In: _____*. **Pessoa com deficiência**: aspectos teóricos e práticos. Edunioeste, 2006.
- DIAZ, Antônio Leon Aguado. **Historia de las deficiencias**. Madrid: Escuela Libre Editorial - FundacionOnce, 1995.
- DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W. R. DOS. Deficiência, direitos humanos e justiça. **Sur. Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 6, n. 11, 2009.
- MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação especial no Brasil**: história e políticas públicas. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- OLIVEIRA NETO, Vicente Elísio de. **O direito (das pessoas com deficiência) à educação e o (des)emprego da perspectiva desenvolvimentista no Supremo Tribunal Federal**: uma investigação orientada pelas regras alexyanas de justificação racional das decisões jurídicas. 218f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- PIOVESAN, Flávia. **Diretos humanos e o direito constitucional internacional**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- SILVA, Linda Carter de; SILVA, Luzia Guacira dos Santos. **Educação em direitos humanos e educação inclusiva**: concepções e práticas pedagógicas. Curitiba: Appris, 2019.

Da educação básica ao doutorado: minhas experiências enquanto pessoa cega

William Gledson e Silva

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou; Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar; Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar; Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar; Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora; Tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar; Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz.

Eclesiastes 3:1–8

Este texto almeja descrever, ainda que de maneira resumida, minha trajetória de vida, acadêmica — enquanto discente na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e, posteriormente, profissional — enquanto docente na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Portanto é uma tentativa de narrar e explicar detalhes da minha trajetória formativa, além de fazer apontamentos gerais sobre alguns aspectos profissionais, no intuito de, quem sabe, incentivar quem possa estar enfrentando desafios semelhantes ou ainda maiores do que aqueles que me foram apresentados. Antes, porém, torna-se necessário mencionar que todas as experiências aqui narradas estão relacionadas ou determinadas por um quadro de cegueira total que me acometeu desde os oito anos de idade, cuja causa não fora diagnosticada na época pelos médicos. A única informação de que dispúnhamos era a de que o agente causador da doença, determinante para a cegueira, era a enfermidade denominada *Uveíte*, a qual se associa às inflamações no globo ocular.

A minha história pessoal se inicia comigo sendo uma criança entendida como normal, na perspectiva da perfeição de todos os órgãos dos sentidos, e cujo revês individual ocorreu com a perda da visão quando eu contava com apenas oito anos de idade, através de uma *Uveíte bilateral*, a qual interrompeu meus estudos primários.

Aos dez anos de idade comecei minha reabilitação na escola especializada para pessoas cegas, terminologia legal mencionada por Silveira (2012). O estabelecimento de ensino e reabilitação de pessoas cegas que frequentei foi o Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos (IERC) localizado na cidade do Natal, no Rio Grande do Norte, o que me permitiu a conclusão do Ensino Fundamental I.

Posteriormente, conclui meu ensino fundamental II no Colégio de Santa Águeda, na cidade de Ceará-Mirim, também no Rio Grande do Norte, lugar de minha moradia até meu casamento, quando eu contava trinta e três anos de idade. Já por ocasião do ensino fundamental, senti as primeiras dificuldades que enfrentaria ao longo de toda minha trajetória de vida, a saber: a ausência de condições adequadas para o processo de ensino-aprendizagem necessário ao desenvolvimento acadêmico de qualquer pessoa.

Na sequência, eu cursei o Ensino Médio no Colégio Hipócrates Centro na cidade do Natal-RN. Diariamente, realizava uma migração pendular, ou seja, todos os dias, ia de Ceará-Mirim para Natal para estudar e voltava para casa após as aulas, já me preparando para o temido Vestibular ao qual deveria me submeter quando da conclusão do Ensino Médio.

Fiz meu Vestibular no final do ano de 2001, quando a UFRN já ofertava provas de vestibular em Braille, contudo,

desde minha saída do IERC, no ensino fundamental, não tivera maiores contatos com o Braille, portanto, eu havia solicitado fazer minhas provas de vestibular oralmente. Todavia, a comissão organizadora não permitiu, tendo de realizar o Vestibular de uma forma bastante ruim para mim naquela ocasião. Entretanto, consegui ser aprovado como um dos primeiros cegos a ingressar na UFRN até então.

Assim, em 2002 ingressei na UFRN no curso de Ciências Econômicas. As razões para a escolha do enfatizado curso foram decorrentes de minha preferência por áreas que tivessem perfil matemático e, semelhantemente, por discussões voltadas ao comportamento dos indivíduos, a exemplo das temáticas trazidas pela história e geografia, sendo a única opção que seriamente pensei no período.

Dessa forma, no ano de 2002 entrei no curso de Ciências Econômicas, cujas expectativas e sonhos pessoais contagiavam meus sentimentos, não fazendo despertar em mim maiores preocupações sobre a dinâmica da economia, tão pouco me preocupava com os meios necessários ao estudo que se iniciava, assim comecei a minha primeira etapa formativa.

Os subsequentes nove semestres cursados trouxeram-me esperanças combinadas com desafios importantes. A falta de materiais adaptados e os recursos ainda iniciais de que dispunha a UFRN tornaram minha tarefa bastante ingrata, especialmente

pelas características das Ciências Econômicas pautadas em leituras da realidade firmadas em modelos matemáticos (pelo menos em boa parte das áreas da Economia) e no uso de instrumentais estatísticos e de representações gráficas em virtude de suas adequações analíticas ao objeto da economia.

De fato, os quatro semestres iniciais do meu curso apresentavam as matérias mais matemáticas, as quais cursei com esforços significativos de minha parte. Em outras palavras, eu tive de desenvolver elementos mentais na perspectiva de cálculos muito mais abrangentes em comparação aos tempos dos ensinos fundamental e médio, haja vista, claramente, não haver livros e recursos humanos disponíveis que pudessem me auxiliar na forma e no grau de exigência e de abrangência de que necessitava (importante ressaltar que durante minha trajetória formativa nunca houve materiais efetivamente adaptados de maneira adequada).

Tal impertinência, especificamente, tão somente se agravava ao longo do curso, dado que as matérias não matemáticas eram estudadas por mim através das leituras de minha mãe. Não havia recursos que me possibilitassem o contato direto com os conteúdos, dependia, portanto, de sua disponibilidade e, enfrentávamos ainda o desafio de que determinadas leituras lhe eram pouco familiares, pois ela teve sua formação interrompida no transcurso do Ensino Médio, no momento em que se casou, o que dificultava a sua leitura e a minha compreensão.

Portanto, o modelo capaz de atender minha apreensão dos conteúdos discutidos em sala decorria da assimilação auditiva, isto é, o grande mecanismo de aprendizagem se dava na escuta das explicações dos professores, sendo as leituras da minha mãe praticamente uma complementação.

Um autor chamado Simmel (2008) explica, do ponto de vista das Ciências Sociais, a relação do subjetivismo de cada indivíduo em contraponto ao que a universalidade do contexto social lhe impinge, mostrando, por sua vez, um interessante conceito ligado à ideia de dualidade, em que o universalismo (objetivismo) é o contexto no qual os atores individuais estão enquadrados, ao passo que o particularismo (subjetivismo) denota haver individualidades em cada pessoa, reservando para a ideia de dualidade o conceito de trânsito do particularismo ao universalismo, sendo esse último uma espécie de modelo (moda).

O resgate anterior, claramente, explicitou a ocorrência de um forte particularismo vivenciado por mim na época da Graduação, não por uma supra capacidade pessoal esplêndida em termos intelectuais, na verdade, a moda traduzida conceitualmente por Simmel (2008) não o abarcou plenamente no campo do processo ensino-aprendizagem, sendo a constatação anterior uma consequência intransferível no sentido de que eu teria de apresentar um esforço individual significativo para obter uma formação técnica.

Com efeito, os cinco semestres finais do curso de Ciências Econômicas foram tão desafiadores quanto os do período precedente, a minha “suposta metodologia própria” desenvolvida em razão de minhas necessidades pessoais, sofreu algumas mudanças pontuais, quer dizer, passei a ter como contribuintes, nas leituras, pessoas pagas por mim, mas que ainda não reuniam condições adequadas para assumir tais leituras técnicas.

Acrescente-se a esses aspectos, por seu turno, o fato de haver, no corte temporal correspondente ao término do curso, matérias com um viés bastante representativo em termos gráficos, especialmente em virtude de apresentarem conteúdos ligados a modelos, uma característica da Ciência Econômica. O que me deixou com diversos pontos de interrogação em minha mente, inclusive sobre a viabilidade de minha formação como economista vir a ser útil.

Tal oscilação psicológica, a rigor, era uma constante cotidianamente, cuja dualidade — objetivismo versus subjetivismo — dualidade expressa por Simmel (2008), deflagrava relevantes conflitos internos na minha pessoa, principalmente no contexto pós-curso, conflitos relacionados, por exemplo, com o tipo de ocupação a ser exercida enquanto ofício de economista. Questionava-me uma vez mais sobre a questão da utilidade.

Um autor bastante interessante, Myrdal (1997) descreve criticamente o pensamento utilitarista, colocando em evidencia

traços de maximização de ganhos em oposição a minimização de sacrifícios. Ele descreve com clareza situações e receios semelhantes aos por mim vivenciados, notadamente ao me enxergar como pessoa cega e ao deparar-me com os enormes desafios futuros quanto ao enquadramento no mercado de trabalho, o que revelava minhas inquietações sobre eventuais razões utilitaristas de minha formação, apontadas anteriormente.

De maneira mais clara, faz-se necessário enfatizar que os não irrelevantes esforços para concluir o curso de Ciências Econômicas, esforços que muitas vezes eram sacrifícios explícitos, deveriam me permitir vislumbrar caminhos amalgamadores de oportunidades para ingresso no mercado de trabalho, de forma a haver não um desalento e sim esperanças nutridas com o passar do tempo. Não obstante, minha mente ainda me reservava algumas sensações, alguns questionamentos e sobressaltos utilitaristas acerca de meu aproveitamento profissional subsequente.

De fato, os obstáculos para a conclusão do curso de Ciências Econômicas foram o que posso chamar de evidentes. Entretanto, as motivações advindas da fase de elaboração monográfica, dentre elas a oferta de um bolsista de apoio técnico por parte do Departamento de Economia da UFRN, categoricamente estimularam-me a prosseguir na vida acadêmica. O que para alguns pode ser caracterizado como acaso, para mim foi talvez o momento ou acontecimento capaz

de modificar minha trajetória pessoal, assim como descrito nestas páginas.

Encerrada a graduação, iniciei o Mestrado no ano de 2007. E de fato, o curso de Mestrado ainda me ofereceria inúmeros outros desafios, pois, somente mais tarde a UFRN viria a se tornar a instituição referência no Brasil em termos de ensino superior na perspectiva da inclusão, ou seja, com a oferta de meios e recursos que auxiliassem e possibilitassem um processo adequado de aprendizado de qualquer pessoa com deficiência. Dessa forma, pela ausência de condições adequadas, a mim, os desafios pareciam maiores. Todavia, tais obstáculos permitiram ampliar sobremaneira a minha formação, viabilizando o início de minha vida profissional logo após a conclusão do Mestrado. Defendi minha dissertação de mestrado no ano de 2009 sob o título *“Finanças públicas na nova ordem constitucional brasileira: uma análise comportamental dos municípios potiguares, nos anos antecedentes e posteriores à lei de responsabilidade fiscal LRF”*.

Ressalte-se, especificamente, que a minha trajetória acadêmica enquanto ofício laboral começou posteriormente a minha aprovação no concurso público em 2010, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Minha primeira experiência foi lecionar no curso de Ciências Econômicas daquela instituição, no campus da cidade de Assú/RN, o que me trouxe outro conjunto de desafios associados.

Meus novos desafios começam já no ano de 2010, no próprio processo seletivo que correspondeu ao meu ingresso na UERN. A dinâmica da seleção trouxe situações cujos aspectos são pertinentes a este relato.

Primeiramente, o concurso transcorreu de forma que eu fizesse minha prova escrita com a ajuda de um leitor e transcritor, ou seja, um profissional leu as questões e redigiu as respostas ditadas por mim. Após ser aprovado nesta etapa, eu fiz a chamada prova didática, cujo tempo da aula era de cinquenta minutos, sendo-me permitido acrescentar quinze minutos ao tempo máximo da aula, de maneira que esses foram os elementos que tornaram possível minha participação no concurso e que garantiram a minha entrada na UERN como professor universitário.

É importante mencionar que no processo seletivo, a rigor, o leitor e transcritor não era da área de Ciências Econômicas, o que, considerando a particularidade da leitura econômica da realidade que relaciona diversos elementos, envolvendo a visão como sentido quase indispensável para uma boa compreensão, incluindo equações matemáticas e representações esquemáticas e muitas vezes gráficas, acarretou-me certa dificuldade na elaboração da redação da etapa escrita do concurso.

No período de 2010 até 2013 permaneci na UERN como docente e em 2013 iniciei o curso de Doutorado em Ciências

Sociais, sendo esta última etapa de minha formação igualmente cursada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

No doutorado, a linha de pesquisa escolhida teve íntima relação com o que já vislumbrara em minha formação econômica anterior, a saber: discussões sobre Estado, Governo, políticas e finanças públicas de entes federativos no Brasil.

Torna-se interessante enfatizar que os meus estudos em nível de doutoramento tiveram como parâmetro uma continuidade dos esforços dos tempos da Graduação e do Mestrado, admitindo o método dialético e materialista histórico marxista como ferramenta metodológica diferenciadora dos períodos anteriores, haja vista, tratar-se de um conhecimento prévio das Ciências Sociais de que eu dispunha, justificando assim minha escolha pela formação e pela temática.

Mas voltemos a minha iniciação como docente. Tendo sido admitido em 2010 nos quadros da UERN, mais precisamente no Departamento de Economia do Campus Avançado de Assú/RN, minhas atribuições envolviam a pesquisa, a extensão e a prática de ensino. Entre 2010 e 2013, dediquei-me exclusivamente ao meu trabalho naquele Departamento de Economia. O começo revelou-se, pessoalmente, um período de adaptação e de descobertas relevantes. A instituição ofertou-me os serviços de um profissional na condição de leitor e transcritor para a realização dos trabalhos didático-pedagógicos.

Como leitor, este profissional atuava ainda na assistência em relação às *tecnologias assistivas* (uso de programas computacionais e acesso a internet), conforme previsto nos códigos normativos pertinentes destacados por Silveira (2012); também exercia o papel de transcritor de ideias e de conceitos lecionados em sala de aula.

Via de regra, o profissional assistente, enquanto leitor e transcritor, acompanhava-me tanto nos trabalhos no quadro, para descrever ideias das mais variadas formas, fossem em textos escritos quanto em desenhos de gráficos, e até mesmo na colocação de equações matemáticas sequenciadas em ritmos dedutivos (desenvolvimento dos raciocínios matemáticos), seguindo a lógica do que eu ditava ao assistente no momento da aula.

Tais atividades do assistente indicam contornos relevantes já que evidenciam a participação efetiva e decisiva da instituição em que eu presto serviço como funcionário público, principalmente através da Diretoria de Apoio a Inclusão (DAIN), a qual demonstrou-se capaz de ofertar, ainda que em contextos desafiadores, profissionais com a característica de assistentes representativos e indispensáveis ao desenvolvimento de meus trabalhos.

Ao longo daquele triênio de 2010 a 2013, eu pude desenvolver meu trabalho para além das aulas relativas aos conteúdos das matérias pelas quais era responsável, na verdade,

eu orientei alunos na finalização das monografias (o chamado trabalho de conclusão de curso), apresentei projetos de pesquisa e publiquei artigos científicos em periódicos e anais de eventos, o que incluiu viagens a determinados congressos, dentre várias outras atividades laborais.

Passado o período de adaptação, de fato, entendi que havia a necessidade premente da continuidade de minha formação acadêmica. E na minha compreensão parecia ser mais salutar, e possível, o meu ingresso no programa de doutoramento ligado à Pós-Graduação em Ciências Sociais, igualmente da UFRN, uma área capaz de trazer acréscimos consideráveis em minha formação acadêmica. Entretanto, qual a razão para não escolher ingressar no Doutorado em Ciências Econômicas, minha área de origem?

A primeira explicação por não ter escolhido tal área do conhecimento é que não havia cursos de Doutorado em Economia na cidade de Natal-RN, o que dificultaria sobremaneira a logística se eu persistisse com semelhante pretensão, mesmo porque eu não tinha uma boa capacidade de locomoção pessoal. E a derradeira e mais importante razão pela opção pelas Ciências Sociais, particularmente, foi decorrente do seu caráter de reduzida preocupação matemática ou ilustrativa gráfica. Como já citara anteriormente, a necessidade de utilização da linguagem e modelos matemáticos ou mesmo da linguagem ilustrativa gráfica demandava uma acuidade

visual que, provavelmente, tornariam a formação enquanto Doutor em Economia uma dificuldade quase que intransponível para mim, notadamente nas matérias do chamado eixo central do curso. E também pesou a contribuição que tal formação poderia ter profissionalmente para o meu ofício laboral, penso que talvez não traria maiores impactos conforme explico a seguir. Caso eu optasse pela área das Ciências Econômicas no Doutorado, necessitaria de condições bastante especiais em seu acompanhamento, possivelmente, necessitaria de um bolsista de quarenta (40) horas semanais (no mínimo), alguém que dominasse o uso de programas computacionais específicos de estatística e aplicáveis nas Ciências Econômicas, além de ser alguém com habilidade para coletar informações em bancos significativamente importantes a minha área de pesquisa, etc.

O fator mais determinante, mais grave, por assim dizer, da minha não escolha, relacionava-se a inaplicabilidade profissional pós-curso. Não seria possível fazer uso dos ledores ofertados pela UERN, já que não havia na legislação pertinente aspectos do ofício capazes de gerar demanda de profissionais com perfil ao menos próximo do antes mencionado, além de salários capazes de atrair e estimular estes eventuais profissionais.

Diante do exposto, a opção que segui pelas Ciências Sociais se revestiu de dois aspectos salutaros. Primeiro, a localização geográfica não seria problema, pois não seria tão difícil do ponto de vista da logística para fazer o curso, uma vez que

poderia fazer o Doutorado em Natal, na UFRN. Segundo, especificamente, quanto às características do Doutorado em Ciências Sociais, atendia fortemente minhas demandas profissionais, pois aglutinava princípios formativos além da própria configuração da área de conhecimento em termos operacionais.

Ademais, o percurso da citada Pós-Graduação trouxe na condição de bônus, substancial, o aspecto inquestionável do apoio do setor de inclusão da UFRN (hoje referência nacional no âmbito universitário), seja na oferta de materiais adaptados, no sentido de reunir adequadas possibilidades de acesso aos textos advindos das literaturas da área, seja na fase de estudo das matérias, bem como no período da realização da tese, incluindo as publicações de artigos científicos, paralelamente todos esses elementos foram significativos para o ingresso no mencionado curso. Assim o período vivenciado por mim no programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN estendeu-se de 2013 até 2017, anos nos quais desempenhei ambas as atividades, a saber: realização do Doutorado e o pleno exercício do ofício de professor, excetuando o intervalo da elaboração da tese em que ocorreu meu afastamento, entre agosto de 2015 até fevereiro de 2017, nesse período eu me casei e também precisei me readaptar ao novo local de minha morada.

A escolha pelo programa da área das Ciências Sociais demonstrou-se plenamente compatível com minhas inclinações pessoais e profissionais e a conclusão desta minha

última etapa formativa, a rigor, trouxe a viabilidade de projetos profissionais ligados ao ensino, pesquisa e extensão, além de ampliar os horizontes para novas iniciativas administrativas advindas de uma maior maturidade intelectual, ainda que em contextos marcados pelo indispensável esforço pessoal. Minha tese de doutorado foi defendida sob o tema “*Fundo público e a programação e execução orçamentárias no Rio Grande do Norte: uma análise a partir do plano plurianual 2004/2015*”.

Tais percepções possibilitaram enxergar situações provenientes dos desdobramentos da especialização que o profissional da ciência (como eu) poderia obter, alterando, quando possível, a própria trajetória de vida, a partir da contribuição extraída na leitura do texto de Becker (1992).

Muitas mudanças na minha vida ocorreram desde então. O título de doutor em Ciências Sociais permitiu-me uma notável ascensão acadêmica e, portanto, profissional, haja vista, seguramente, a visão sociológica e política ter-me trazido olhares mais racionais e de maior relevo como complemento e, talvez, superação de vulnerabilidades visíveis deixadas pelas Ciências Econômicas na minha formação profissional.

No aspecto mais pessoal, eu absorvi traços mais expressivos que me fizeram mais preocupado com elementos envolvidos na humanização das pesquisas, isto é, à pragmática compreensão econômica foi acrescido um zelo explicativo

suficientemente perceptível, sempre procurando aceitar mais aspectos que não apenas os movimentos de fatores de produção e/ou ativos financeiros manifestos como rentistas.

A escolha por uma formação complementar em Ciências Sociais permitiu-me ler a realidade ao meu redor com menos frieza estatística, ou seja, se os economistas se preocupam muito mais com números e muito menos com vidas, passei a observar mais os aspectos humanos que estatísticos, daí meu progresso profissional dentro da universidade. Passei a acrescentar, nas pesquisas que faço, elementos capazes de trazerem tons mais humanos.

O significado disso, claramente, deu-se após uma aproximação com o pensamento de Simmel (2008), pois o autor permitiu-me entender que o dualismo particularismo *versus* universalismo, em meu caso, explicitou uma clara inter-relação do plano acadêmico e profissional com o plano pessoal, fazendo-me entender que pessoas cegas poderiam ter acesso aos mais aprofundados níveis formativos, apenas necessitam de condições adequadas de estudo.

Portanto, o percurso até aqui desenvolvido mostrou significativas provas de existência de duas situações distintas bastante interessantes. Por um lado, os esforços de pesquisa na dimensão profissional, as práticas de sala de aula, a preocupação da continuidade formativa em nível

de Pós-Graduação, dentre outros, denotaram sinais de pertinência na minha trajetória de vida, fazendo-me perceber que pessoas cegas podem ter acesso aos mais aprofundados níveis formativos, apenas necessitando de condições adequadas de estudo. Por outro lado, demonstraram também que tais desafios nem sempre são transponíveis a qualquer pessoa cega, não porque a sua deficiência em si o impeça, mas porque não são transponíveis para aqueles que não foram afortunados com oportunidades procedentes de um amparo familiar representativo, caracterizando em uma verdadeira lástima social haver somente uma inclusão capaz de abarcar minorias de públicos diminutos, especialmente no Brasil.

Após o transcurso dessas reflexões, as quais tiveram a pretensão de apresentar um relato de minhas experiências enquanto pessoa cega que teve e tem uma trajetória de vida marcada pela inclusão no mundo universitário, atuando como cientista social aplicado na condição de professor de uma Instituição de Ensino Superior, é necessário tecer alguns derradeiros comentários, precisamente, para tratar de desdobramentos não apenas individuais, mas também coletivos sobre o ingresso de pessoas cegas no mercado de trabalho, especialmente na dimensão acadêmica.

Até aqui demonstrei que foi a UFRN a instituição capaz de fornecer condições formativas adequadas a mim, lá encontrei maiores instrumentos adaptativos de modo a viabilizar uma

pessoa cega estudar, seja na Graduação ou na Pós-Graduação, o que tornou possível a realização de todas as etapas mencionadas neste texto.

Além disso, tal estrutura de inclusão me possibilitou a reunião de meios para o enfrentamento de concursos públicos, e não foi diferente com as seleções para docente universitário, creio que até porque a dinâmica constitucional brasileira e as legislações específicas mundo a fora em defesa da inclusão, claramente, trouxeram alguns ganhos aos membros do grupo de deficientes visuais, por exemplo, apesar de faltar ainda muito a conquistar no aspecto do mercado de trabalho.

Entretanto, se no setor público há uma certa estruturação para receber a força de trabalho de pessoas portadoras de deficiência, no setor privado isso não parece ocorrer no mesmo compasso. Percebo uma lastimável diferença entre o mercado de trabalho do setor privado e o do serviço público, pois o último, provavelmente por força das leis, tem sido obrigado a realizar concursos com vagas reservadas, distintamente das seleções no setor privado que conceberam haver incapacidade operacional no desenvolvimento de atividades laborais para pessoas portadoras de deficiência ou portadoras de necessidades especiais, incluindo a vida acadêmica tão desigual em oferta de vagas para docentes nas Instituições Privadas de Ensino Superior no Brasil, pelo menos na minha leitura pessoal. Em um cenário comparativo setor público x setor

privado, pessoas cegas parecem não ter maiores oportunidades no universo do trabalho no setor privado, simplesmente por haver uma crença nas incompatibilidades entre a deficiência visual e o exercício laboral, crença que não parece diferente na vida universitária.

Todavia, não obstante tais crenças, esta reflexão, síntese de minha trajetória enquanto professor da UERN e de minha formação precedente na UFRN, com a especificidade decorrente de minha condição de pessoa cega, demonstra que há possibilidades plausíveis, ainda que com esforços consideráveis, de suscitar o alcance de uma estrutura profissional em nada desprezível, ao contrário.

Referências Bibliográficas

BECKER, H. A história de vida e o mosaico científico. In: **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1992.

MYRDAL, G. **Aspectos políticos da teoria econômica**. São Paulo: Nova Cultural LTDA, 1997.

SILVEIRA, V. B. DA. **O tangram no ensino da matemática**: um recurso facilitador no processo de ensino-aprendizagem na geometria para estudantes com deficiência visual. Monografia (Graduação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SIMMEL, G. **Filosofia da nota e outros escritos**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

**ALÇANDO VOOS EM
NOVOS HORIZONTES**

EIXO III

Docência e Medicina: lutas, caminhos e conquistas da minha jornada

Saliciano Lima

*Enquanto você sonha, você está
fazendo o rascunho do seu futuro.*

Charles Chaplin

Minha vida escolar sempre foi um pouco conturbada e com períodos de mudanças e oscilações, o que ocorreu até o ano de 2000, quando eu iniciava o nono ano do ensino fundamental, antigamente chamada de 8º série. Ao longo deste capítulo, vou fazer referências a episódios que aconteceram na minha vida, nem sempre de maneira linearmente cronológica. Portanto, de antemão, peço desculpas pelos “anacronismos” que possa produzir.

Nasci em Alexandria, em 1985, filho de pais agricultores. Aos 5 anos, viajei para a cidade de Praia Grande, no litoral de São Paulo, junto com meus pais e minha irmã. Permanecemos lá por dois anos. Aos 7 anos, retornamos para Alexandria. E após dois anos, voltamos novamente para Praia Grande, retornando em definitivo para Alexandria em 1997. Essa confusão de datas e anos era exatamente o que passava pela minha cabeça. Da 1ª até a 5ª série do ensino fundamental, eu sempre terminava o ano letivo em uma escola diferente daquela em que havia iniciado. Vivi um pouco do movimento da migração Nordeste – São Paulo, do início dos anos 1990.

Em 1997, como já mencionei, eu retornei em definitivo para Alexandria, junto com meus pais e minha irmã. Estava na 5ª série (atualmente chamado de 6º ano). Fui matriculado na Escola Municipal Dr. Gregório de Paiva, mais conhecida como escola Cenecista. Lá conclui a 5ª série e permaneci até a 8ª série.

Em geral, eu era um aluno mediano, com bom comportamento, muito tímido nas aulas. Costumava tirar boas notas em Matemática e Ciências, mas não era bom em Português e Inglês. Até então, sempre tinha estudado em escolas públicas. Lembro de uma situação, na 7ª série, em que fiquei de recuperação em português e inglês. No primeiro bimestre (na época, era a nomenclatura usada), fiquei com apenas 0,9 na

nota de inglês. Fiquei desesperado! Eu já tinha quase “jogado a toalha” naquele ano. Pensei que seria reprovado. Lembro-me de, na época, ter comentado com minha mãe e ela me deu uma resposta que fez toda a diferença e que mais a frente, na minha história, foi também extremamente importante. Ela me disse: “Saliciano, se você ficar reprovado tiro você da escola e você vai trabalhar na roça!!”. Nossa, aquilo foi pesado para mim.

Aquela frase era algo que minha mãe sempre me dizia, mas na minha inocência de criança, eu tinha uma ideia de que só estudaria até a 8ª série (atual nono ano) do ensino fundamental, pois eu achava que já seria suficiente. Bom, quem poderia me culpar, afinal, eu não conhecia, até então, ninguém da minha família que tivesse estudado além disso. E minha família era muito grande, composta por mais de 20 tios e tias e quase uma centena de primos de primeiro, segundo ou terceiro graus. Minha mãe foi importante nesses momentos de desespero, de pensamentos sombrios sobre desistir da escola, pois sempre que eu falava isso, ela dizia: “no dia que você sair da escola te coloco para trabalhar na roça!!” Deixe-me esclarecer: eu detestava o trabalho na roça! Morávamos na cidade, mas todos os anos meus pais plantavam e eu os ajudava. Mas eles NUNCA permitiram que eu faltasse na escola para trabalhar. Era uma agricultura tipicamente de subsistência. Esse medo de trabalhar “profissionalmente” na roça me serviu como uma motivação para não parar de estudar.

Ao final de 1999, eu estava concluindo a 7^o série do ensino fundamental. Eu estava empolgado para concluir o ensino fundamental na escola Cenecista. Entretanto, no início do ano 2000, aconteceria algo que mudaria para sempre minha vida. Um grupo de professores em Alexandria, coordenado pelo professor Luis Augusto, montou uma escola particular na cidade. Como diz Yousafzai¹, ao longo de sua jovem e brilhante história de vida, cada pessoa é capaz de mudar o mundo, desde que lhe seja oferecida uma oportunidade. Quando eu ia iniciar a 8^a série (atual 9^o ano), eu tive essa oportunidade. O professor Luis Augusto, carioca que veio morar em Alexandria, fundou a Escola de Ciências Aplicadas de Alexandria (CCAA), uma escola particular de forte caráter social e filantrópico. O valor da mensalidade, na época, era de trinta reais, mas quase metade dos seus aproximadamente 200 alunos tinha bolsa. Eu fui um deles. Naquela época, minha família não tinha nenhuma possibilidade de pagar nem mesmo esse valor. Na verdade, não poderia pagar qualquer valor. Meus pais não tinham nenhuma renda regular.

Meu pai, Iluilton, fazia “bicos” como servente de pedreiro; minha mãe, Salete, fazia “bicos” diversos: comprava e revendia roupas em nossa casa ou de porta em porta, fazia salgadinhos para vender nas portas das escolas (incluindo no próprio CCAA) ou fazia faxina nas casas das pessoas. Pela classificação

¹ In. *Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.

socioeconômica do IBGE, minha família seria classificada como classe social D/E.

Mas o ano 2000 foi um ponto de inflexão na minha vida. Em janeiro daquele ano, minha mãe procurou o professor Luis Augusto, pediu-lhe uma bolsa integral no CCAA. Ela conseguiu, mas eu não queria. Eu argumentava que não queria sair do Cenequista, pois já estava habituado à rotina da escola, mas na verdade eu estava com medo de ser reprovado. Meu raciocínio era simples: eu quase fora reprovado no Cenequista, cuja média mínima para aprovação era 6,0, uma escola municipal com menor exigência acadêmica; se eu fosse para o CCAA cuja média mínima para aprovação era 7,0 e cuja exigência acadêmica era sem dúvida maior, eu seria reprovado e iria trabalhar na roça no ano seguinte. Todavia, naturalmente, se minha mãe mandasse eu estudar no CCAA, como de fato mandou, eu teria de ir, mesmo não querendo. Foi o que aconteceu. Ao entrar na nova escola, comecei a estudar em casa com mais seriedade, com uma motivação muito importante para mim: não ser reprovado para não ir para a roça!

Ao longo das primeiras semanas, estudei mais que a vida toda, assistia às aulas com muita atenção, anotava todas as observações dos professores. A escola nova tinha uma proposta bastante inovadora; minha turma da então 8ª série tinha em torno de 12 alunos apenas. O contato com os professores era muito próximo. Em pouco tempo, fui conquistando o respeito

dos professores, pelo bom comportamento e por conseguir bom desempenho nas atividades acadêmicas. Lembro-me de uma vez que o professor Luis Augusto me perguntou, no meio da aula de história, qual era minha motivação para estudar; eu fiquei muito envergonhado e não consegui responder, mas ele, com a grande percepção e sensibilidade que tinha, explicou que era para conseguir dar aos meus pais melhores condições do que a situação que tinham na época. Aquilo foi bastante emocionante para mim. Até então, eu não tinha pensado como o estudo poderia alavancar o desenvolvimento social tanto para mim como para minha família. Até aquele momento, eu estudava guiado pelo medo da reprovação. A partir daquele momento, eu comecei a abrir os olhos para as novas oportunidades que uma educação de qualidade poderia me proporcionar. O professor Luis sempre conversava comigo e com meus pais. Quando eu ainda estava na 8ª série, ele já me estimulava a prestar vestibular para o curso de Medicina, ao final do Ensino Médio. No início, eu não considerava essa possibilidade, tendo em vista que isso era para mim algo extremamente fora da realidade. Entretanto, no CCAA, havia alguns alunos que ele divulgava como sendo os “futuros médicos alexandrienses”. Na minha turma, além de mim, outras duas colegas recebiam esse “título” dele. Eram duas excelentes estudantes. Entre as brincadeiras de adolescência, ficávamos disputando as melhores notas.

O professor Luis Augusto era um visionário e uma pessoa que acreditava muito no poder da educação. De fato, eu e aquelas duas amigas da 8ª série nos tornamos médicos. Ele era muito bom em analisar o contexto e acertar sobre eventos futuros e lhe devo grande parte do que sou hoje, como profissional e como pessoa. Eu não sabia do meu potencial. Como escreve Carneiro², *a empolgação é passageira e inerte, a motivação é ativa e produtiva*. Professor Luis Augusto me ajudou muito a manter minha motivação ativa até o final do Ensino Médio; mais do que isso, orientou minha motivação, guiou-me, mostrando-me o caminho que eu precisava seguir.

Todavia, ao longo do Ensino Médio, tive muitas dificuldades também, especialmente por alguns fatores que destaco abaixo:

- **Situação social:** como já citei anteriormente, minha família era bastante simples, vivíamos com o mínimo e eu estudava em uma escola privada (a primeira da cidade). As conversas dos colegas de turma e os seus hábitos eram diferentes dos meus. Minha mãe trabalhava vendendo lanches no intervalo, no portão da escola, mas eu não lanchava porque, “na minha cabeça”, cada salgadinho que eu comesse significava um lanche a menos vendido e um faturamento menor. Cada centavo era importante.

² CARNEIRO, Caio. **Seja foda!** São Paulo: Buzz Editora, 2017.

- **Timidez:** eu era bastante tímido, seja devido ao meu perfil, seja devido às discrepâncias entre a minha situação socioeconômica e a da maioria dos alunos. Ainda no ano 2000, alguns alunos de outras turmas me pediam para dar aulas particulares, mas eu recusava porque achava que não conseguiria ou porque me sentia muito tímido.
- **Sentimento de inferioridade:** pelo contexto de vida, eu achava que não poderia alcançar objetivos maiores. Isso, por vezes, inibia ou retardava alguns avanços que eu poderia ter. Anos depois, fazendo uma análise retrospectiva, percebi que eventualmente eu me autosabotava, ainda que de forma involuntária. Não era como um mecanismo de autoflagelação; era apenas um sentimento de limitação, de impotência.

Ao longo do Ensino Médio e durante os dois anos de cursinho pré-vestibular, passei por diversas situações de privação. O que me fortalecia era um objetivo maior de, no futuro, conseguir ofertar a meus pais e minha irmã uma vida mais confortável e agradável do que a que nós tínhamos naquele momento. Nos anos subsequentes, desenvolvi uma rotina de estudo bastante constante. Eu não estudava guiado por provas. Na verdade, algumas vezes eu nem sabia quais as datas das provas. Eu simplesmente estudava, em média 1 hora por dia. Pode parecer pouco, mas essa uma hora diária e constante de

estudos, focando nos conteúdos mais importantes, me trouxe, ao longo do tempo, uma base muito sólida. Outro aspecto que sempre considerei importante era estudar os conteúdos que não necessariamente eram abordados em sala de aula e, mesmo que fossem, estudava antes. Hábito que mantenho até hoje ao realizar algum curso ou treinamento específico.

Estudei nos anos 2000, 2001 e 2002 no CCAA (em 2002, o nome da escola mudou, mas manteve-se a mesma diretriz). No 3º ano do Ensino Médio (2003), a escola fechou, por falta de alunos e por falta de professores com perfil adequado para a diretriz da escola. Por essa razão, em 2003, iniciei o 3º ano do Ensino Médio na escola estadual Sete de Novembro, em Alexandria. Naquele ano, ganhei uma bolsa de estudos para fazer o cursinho na escola Educandário, na cidade de Pau dos Ferros-RN. Três professores que lecionavam no Educandário foram fundamentais para que isso acontecesse: Luis Augusto (o mesmo que citei outras vezes), Gileno e Carlinhos. O professor Gileno foi uma outra grande referência para mim. Lembro-me de como eu ficava muito impressionado com a qualidade de suas aulas. Ele dava aula de Matemática, Física, Química e Biologia, além de saber muito de Português. Era um professor que eu considerava completo. Eu ficava espantado com sua capacidade. Se ele precisasse substituir alguém de última hora, podia chegar na sala, sem saber qual era a disciplina ou o conteúdo, mas o que precisasse fazer, ele fazia,

sem necessidade de qualquer preparação prévia, slides, Datashow ou livro. Certa vez, o próprio professor Luis Augusto disse: “Saliciano, o Gileno é um gênio; ele dá aula de quatro disciplinas simultaneamente, cole nele que você aprenderá muito”. Aquilo ficou na minha memória. Devo muito aos dois.

Voltando ao 3º ano.... em junho de 2003, um amigo que estava morando em Natal, na casa do estudante, estava passando o São João na cidade e me perguntou se eu não gostaria de me mudar para Natal, pois lá eu teria muito mais livros disponíveis para estudar. Eu adorei a ideia. No entanto, tinha um problema: como eu me manteria lá? Mesmo não tendo que pagar aluguel, nem alimentação, inevitavelmente eu teria algum gasto e não podia pedir isso aos meus pais, que mal conseguiam o básico para nossa subsistência.

Encontrei uma solução, mas antes de lhes contar, me permitam explicar-lhes algo que é parte da solução encontrada e que me acompanhou por muito tempo depois: as aulas particulares. Comecei a dar aulas particulares remuneradas em 2002, no 2º ano do Ensino Médio, e o fiz, nessa modalidade, por aproximadamente 10 anos, até junho de 2012, quando conclui a graduação. Iniciei a vida de professor particular em Alexandria e sempre tive dois objetivos muito claros com isso: ajudar, mesmo que minimamente, meus alunos a se sensibilizarem sobre a importância do estudo para a vida pessoal e profissional; e obter uma fonte de renda para

meus estudos. Eu não consigo me lembrar da quantidade de alunos que ensinei ao longo desses 10 anos. Foram muitos. Em Alexandria e em Natal. Grande parte deles oriundos de cidades do interior do estado.

Voltando à minha ida à Natal. Como já adivinharam o único meio que eu teria para conseguir me manter em Natal, naquele momento, seria trabalhando como professor particular. Portanto, quando decidi me mudar para Natal, consegui dois alunos fixos para aulas particulares. Eles eram de Alexandria e estudavam na capital do estado. Era o que eu precisava. Estava tudo certo para a mudança. Meus pais ficaram muito receosos desse processo. Tinham medo que pudesse não dar certo e que eu passasse por dificuldades com as quais eles não poderiam me ajudar. No entanto, eu estava disposto a enfrentar a situação. Sabia que era necessário. Eu já tinha incorporado bem a ideia de prestar vestibular para o curso de medicina e vinha estudando para isso. Mas sabia que precisava melhorar muito e essa oportunidade de morar em Natal e ter mais livros disponíveis era fundamental.

Quando cheguei a Natal, em 29 de junho de 2003, ainda cursava o Ensino Médio e o único lugar em que consegui vaga foi na escola estadual Myriam Coeli, no bairro em Nova Natal. Fiz minha matrícula no turno da noite, assim como eu fazia em Alexandria. Sabem por quê? Meu entendimento da época era que a escola pública ajudaria pouco na aprendizagem de

conteúdos úteis para o vestibular, então era melhor eu estudar em casa e passar o mínimo de tempo possível na escola. Por isso eu me matriculei à noite, já que tinha carga horária menor. Nesse período, eu morei na casa de meus primos, Virgílio e Daniel, que também ficava em Nova Natal. Eles tiveram um papel de suporte importante para mim. Sou grato aos dois por me receberem em sua casa. A Casa do Estudante, na qual eu tinha uma vaga, ficava no bairro de Petrópolis, muito distante da escola. Por isso eu me dividia entre as duas residências.

Um fato curioso: enquanto eu estava em Alexandria, frequentava muito pouco as aulas do 3º ano. Basicamente, eu ia para fazer os trabalhos e as provas. Os professores já me conheciam e me liberavam com tranquilidade. No entanto, ao chegar a Natal eu não tinha essa “mordomia”. Eu faltava muito nas aulas do Myriam Coeli. Por volta de setembro de 2003, uma professora do Myriam me disse que eu não poderia mais faltar; do contrário, poderia ser reprovado por faltas, independente das boas notas nas provas. Fiquei quase desesperado. Eu estava em um dilema: precisava do certificado de término do Ensino Médio, mas não podia simplesmente ir a todas as aulas no Myriam Coeli porque isso prejudicaria muito o meu tempo de estudo em casa. O que fazer? Por meio de um amigo na Casa do Estudante, descobri sobre o provão da Banca Permanente, provão do supletivo para

obter o certificado do Ensino Médio. Fiz a prova, passei e, em meados de outubro de 2003, eu já estava com o certificado de conclusão do Ensino Médio em mãos e encerrei minhas atividades na E. E. Myriam Coeli.

Conforme mencionei anteriormente, em 2003 minha residência era ora na casa dos meus primos e ora na Casa do Estudante. Fiz o vestibular em 2003, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), para o curso de medicina e na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), para o curso de direito. Alguém pode se perguntar: por que prestar vestibular para direito? Eu já não tinha incorporado o objetivo de tentar para medicina? Sim, tinha, mas também tinha uma estratégia: passar em um curso concorrido para tentar bolsas em cursinhos pré-vestibulares no ano seguinte, pois sabia que dificilmente eu conseguiria a aprovação em medicina naquele ano. Foi exatamente o que aconteceu. Passei na 9ª posição para direito na UFCG e não passei em medicina na UFRN (apesar de ter sido aprovado na primeira fase). Com essa estratégia, em 2004, fiz alguns cursinhos de disciplinas específicas, com bons descontos. As despesas restantes eu pagava todas com os valores das aulas particulares: cursinhos, despesas pessoais (que eram muito baixas), inscrição no vestibular, passagem para Alexandria e para as provas fora de Natal. Enfim, eu não teria conseguido ficar em Natal se não fosse a renda das aulas particulares.

A vida na casa do estudante não era fácil. A maior parte dos três anos em que lá morei ocupava um quarto com mais 8 homens. Não pagávamos mensalidade e teoricamente recebíamos três refeições por dia. No entanto, na prática, era comum faltar alguma ou todas as refeições. A qualidade das refeições, em geral, era muito ruim. Lembro de uma brincadeira que fazíamos na época, dizíamos: “não podemos almoçar próximo da janela, senão o frango sai voando”. Nós costumávamos brincar com essa frase para exemplificar que o frango servido na casa vinha muito mal cozido e mal preparado. O quarto em que dormíamos era pequeno e, quando todos iam dormir, não ficava espaço entre os colchões. Ocupávamos completamente o chão. Brincávamos dizendo: “cuidado com minha cabeça ao ir ao banheiro”. Quando acordávamos no meio da noite para ir ao banheiro, precisávamos ter cuidado para não pisar em ninguém. Na Casa do Estudante, como em qualquer outro lugar, havia pessoas boas e pessoas não tão boas. Existiam estudantes extremamente comprometidos em buscar, por meio da educação, melhores condições de vida, mas também tínhamos colegas não tão comprometidos... enfim, existiam pessoas boas e outras não tão boas.... Algo que nos incomodava muito era o fato de algumas pessoas taxarem todos os moradores da casa como “desocupados” ou “vagabundos”. A vida lá realmente não era fácil e, sim, nem todos eram efetivamente estudantes. Mas muitos eram!

Essa foi uma lição que eu aprendi para a vida: não generalizar! Dentro de uma mesma instituição, organização, família, grupo, enfim, em qualquer entidade coletiva, há pessoas boas e pessoas más convivendo.

Apesar do período na Casa do Estudante não ter sido fácil, foram três anos com muitas adversidades, também foi um período de muito aprendizado, especialmente na vida pessoal. Fiz amigos para a vida toda. Muitas vezes, o sofrimento pode nos fortalecer. Frequentemente convivíamos com situações de certo menosprezo, nas quais pessoas do nosso convívio pessoal e familiar colocavam os nossos sonhos como inatingíveis e inalcançáveis. Alguns amigos meus na casa falavam o quanto ficavam revoltados com certas expressões pejorativas, utilizadas por terceiros, acerca de estudantes pobres do interior do estado, morando em um ambiente inóspito e sem recursos, serem aprovados na UFRN, especialmente em cursos mais concorridos. Ao longo do tempo, aprendi a canalizar toda essa “revolta” para o estudo, de certa forma, para provar para as pessoas que pensavam dessa forma deturpada que era possível, sim, alcançar nossos objetivos, não apenas como um sonho, mas como uma realidade. Até certo ponto, a descrença de algumas pessoas me servia como combustível e motivação para não desistir.

Um aspecto bastante positivo para os moradores da CERN: muitos professores forneciam descontos especiais nos cursinhos. Eventualmente, bolsa integral nas aulas.

Muitos alunos que passaram pela CERN só conseguiram entrar no ensino superior graças a alguns professores que historicamente apoiavam e apóiam estudantes da CERN. Não vou citar nomes para não correr o risco de esquecer alguém, mas sou eternamente grato a esses docentes que foram verdadeiros educadores para mim.

Não tenho fotos do meu período na Casa do Estudante; afinal, naquele momento não tínhamos formas nem recursos para “fotos para lembranças”. No entanto, vou ser sempre grato aos meus amigos, professores e à instituição Casa do Estudante do Rio Grande do Norte (CERN). As imagens e os momentos que vivi na CERN nunca se apagarão de minha memória.

Uma estratégia que eu utilizava com frequência, para enfrentar o também frequente desabastecimento na CERN, era fazer alguma refeição na casa dos alunos que eu ensinava. Eu tinha três alunos fixos, para os quais dava aulas particulares, três a cinco vezes por semana. No entanto, dei aula a inúmeros outros em períodos de prova. Eu tinha alguns que regularmente me chamavam nas vésperas das provas. Um caso interessante: havia um grupo de três alunos para quem eu sempre dava aulas nas vésperas de provas, eu marcava a aula no horário do almoço ou do jantar. A tia dos três sabia que eu morava na CERN e sabia um pouco sobre as enormes dificuldades pelas quais passava. Depois de um tempo, ela sempre servia o almoço ou o jantar. Eu adorava dar aula para essa família. Acho que

cada ser humano ajuda o outro como pode, e ela me ajudou muito, durante vários anos, com essa pequena e muito relevante atitude, mesmo depois de meu ingresso no ensino superior.

Uma célebre frase de Benjamin Franklin resume esse período da minha vida: “viver é enfrentar um problema atrás do outro. O modo como você o encara é que faz a diferença”. Eu passei nove anos encarando as dificuldades e tentando sobreviver um dia de cada vez, mas sempre pensando e agindo em busca de um objetivo maior.

Lembro do dia em que saiu o resultado do vestibular para Medicina na Universidade Federal do Rio Grande do Norte: eu estava em João Pessoa, fazendo a 2º etapa do vestibular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ao terminar a prova, fui verificar o resultado da UFRN. Quando eu vi o resultado, imprimi uma cópia e pensei: “se eles tomarem minha vaga eu tenho uma prova de que passei”. Após imprimir, liguei para meus pais informando. Nunca esquecerei da sensação!

Passada a euforia inicial da aprovação, eu precisava me organizar, me preparar para iniciar o curso. Fui aprovado para iniciar no segundo semestre de 2006. Eu fiquei em Natal durante o primeiro semestre, para dar muitas aulas particulares e juntar dinheiro, pois sabia que a minha disponibilidade de dar aulas seria reduzida. Eu dava aulas particulares pela manhã e a tarde, quase todos os dias. Fiquei esses 6 meses na

Casa do Estudante. No final de junho de 2006, fiz a solicitação para ingressar na residência universitária (basicamente, é uma casa de estudante para o ensino superior, mantida pela UFRN e muito melhor em termos de qualidade. Durante todo o curso, morei na residência. Foram dois anos na Mipibu e quatro anos na residência universitária do centro de ciências da saúde (CCS). Era um novo ciclo para mim. Eu estava muito empolgado de entrar na UFRN, no curso que eu queria, depois de muitas dificuldades e obstáculos vencidos, e por morar em um local de ambiência mais agradável.

Começando as aulas, eu sabia que precisaria continuar trabalhando com o reforço escolar, pois eu não tinha outra fonte de renda para me manter em Natal. Tentei, desde o início da graduação, viver a vida universitária com o máximo de intensidade. Participei de inúmeras atividades extracurriculares. Nas férias do 1º período, fiz um estágio observacional de uma semana, a “vivência em saúde mental”, do centro acadêmico de medicina da UFRN. No 3º período, fui aprovado no Programa de Educação Tutorial (PET), mas sem bolsa. Fiquei três anos no PET, sob a orientação do professor George Dantas. Ele foi uma das pessoas mais inspiradoras para mim, durante todo o curso médico. Com uma brilhante capacidade técnica e científica, extremamente envolvido na universidade, um pesquisador, professor e, acima de tudo, um educador. Por volta do 4º período, tive a oportunidade de participar

do seu programa de pesquisa como aluno bolsista. Apesar de algumas dificuldades que eu tive no percurso, foi uma excelente experiência. O PET de medicina me propiciou uma verdadeira abertura de novos olhares dentro do campus. Participei de inúmeros congressos, oficinas, atividades com estudantes de outros cursos e de outras áreas. A partir do PET, comecei a viver a vida universitária com ainda mais intensidade.

Durante o período de preparação para o vestibular, eu tinha um foco claro: buscar uma formação médica o mais completa possível, com o máximo de resolutividade e, por meio dela, levar assistência de melhor qualidade às pessoas; ajudar meus pais e minha família a ter uma vida mais confortável. Tudo o que eu fazia tinha como foco essa meta. Para isso, eu sabia que precisaria aproveitar ao máximo a universidade. Não poderia ficar restrito às atividades acadêmicas obrigatórias. Novamente o PET abriu caminhos para essas possibilidades.

No 3º período do curso, entrei na gestão do Centro Acadêmico Nelson Chaves (CANECA), na função de secretário geral. Um ano depois, assumi a nova gestão como coordenador geral. Passei dois anos no centro acadêmico, o que contribuiu como mais uma experiência extremamente gratificante e fundamental para minha vida.

Por meio do CANECA e do PET, realizei diversas outras atividades na universidade, incluindo atividades de ensino,

pesquisa e extensão. Acredito também que os vários anos de professor particular me incentivaram a seguir a carreira docente. Fui monitor de neuroanatomia por três anos. Passei um ano como monitor de anatomia topográfica, além de ter realizado outras atividades de iniciação à docência.

Minha maior preocupação no início e, talvez, durante todo o curso de medicina, era: como eu ia sobreviver cursando medicina? Eu tinha conseguido uma vaga para morar na residência universitária, o que me garantiria moradia, internet e refeições regulares, mas e as outras coisas? Higiene pessoal, roupas, calçados, passagem de ônibus, viagem para Alexandria, livros, inscrições em congressos e cursos. E lazer, claro! Pois bem, eu nem incluía o lazer na conta, já que não era uma prioridade naquele momento. Eu tinha bastante clareza que, durante os seis anos da graduação, minhas atividades de lazer seriam mínimas e apenas aquelas que não gastassem nada. Isso não me incomodava! Os tempos da casa do estudante me ajudaram a ter foco e a não me incomodar com a vida difícil. Além disso, a vida na universidade já era muito melhor que na CERN.

Logo no início, já defini que minha principal fonte de renda durante o ensino superior seria a mesma que durante o pré-vestibular: aulas particulares. Além disso, no 3º período do curso, fui contratado para ser monitor de Física no cursinho isolado do professor Hilton. Eu dei muitas aulas particulares

durante os seis anos da graduação. Passei por vários momentos que hoje parecem engraçados, mas que na época me causaram embaraço. Lembro de uma vez em que fui dar uma aula para uma aluna no bairro de cidade satélite. Peguei o ônibus (37, ainda lembro), mas tive que caminhar ainda uns 10 minutos. Durante essa caminhada, começou a chover e choveu muito. Não havia local para se proteger da chuva. Cheguei na casa da aluna totalmente encharcado. Eu precisava conduzir a vida com certa leveza, do contrário, seria impossível viver daquele jeito.

Como citei anteriormente, no 4º período, o professor George me convidou para seu programa de pesquisa. Ganhei uma bolsa-pesquisa no valor de R\$ 300,00 na época. Aquilo foi um enorme ganho na minha qualidade de vida! Reduzi drasticamente a quantidade de aulas particulares, tive mais tempo para me dedicar à vida acadêmica e pude adquirir meu primeiro notebook.

Graças a Deus, tive muita sorte de conhecer várias pessoas maravilhosas durante minha trajetória de vida, que me ajudaram enormemente, cada um do seu jeito. Uma dessas pessoas foi Suzana. Ela estudava com uma amiga, moradora da residência universitária, Ionelle. Suzana tornou-se depois minha namorada e esposa. Por diversas vezes, ela me ajudou a superar dificuldades que eu imaginava não serem possíveis superar. Inclusive, nos últimos 6 meses do curso de graduação, ela foi fundamental para minha própria sustentabilidade

financeira. Depois, na vida profissional, atuou como um importante ponto de equilíbrio. Durante a minha residência médica, em Porto Alegre, me ajudou na adaptação e na vida em uma região culturalmente diferente da nossa.

Esta pergunta me foi feita inúmeras vezes: *Como é cursar medicina?* No meu círculo social e familiar, não existiam muitas pessoas cursando o ensino superior. E Medicina definitivamente não. Então, havia uma natural curiosidade de todos. Quando eu ia a Alexandria, alguns amigos sempre me perguntavam: “já começou a abrir gente?”

Algo que sempre me incomodou na faculdade, desde os primeiros dias de aula, era uma certa sensação de superioridade de alguns alunos. Na minha opinião, esse sentimento de ser “superior” foi aumentando ao longo do curso, inclusive reforçado, a meu ver, por alguns professores. No entanto, acredito que maioria dos estudantes de medicina e dos professores não estimula essa prática.

Com o tempo, fui construindo a percepção de que o “endeusamento” que alguns médicos e até estudantes de medicina têm é reforçado pelo sentimento passado pela própria sociedade. Esse processo provoca, a meu ver, um ciclo de retroalimentação às avessas, entre a classe médica e a sociedade em geral.

Vou confessar aqui algo que demorei a aceitar: no início da faculdade, tive dificuldades. Dificuldades para entender a rotina do curso. Dificuldades para me adaptar ao formato das aulas, das provas e a alguns conteúdos em si. Desde o 9º ano do ensino fundamental eu não sabia o que era tirar uma nota inferior a 8,0. Nas primeiras provas na graduação, tirei um 5,4 e um 6,3. Isso, inicialmente, me deixou um pouco abatido. Eu não compreendia os conteúdos mais importantes que poderiam cair nas provas. Lembro de um episódio no 1º período, em que, conversando com um amigo sobre um conteúdo de neuroanatomia, eu disse: “esse assunto não vai cair na prova, não é importante para nós”. Uma semana depois, o assunto caiu na prova. Fenômenos como esse aconteceram diversas vezes ao longo do curso, especialmente nos primeiros três anos.

No segundo período, fiquei em recuperação na disciplina de módulo biológico II. Nunca fui reprovado em nenhuma disciplina, mas fiz algumas “recuperações” ao longo dos seis anos. Eu preferi não omitir essa situação nesse livro. Acredito que, muitas vezes, nós aprendemos mais com os erros do que com acertos. Desde o início do curso, eu mantive um foco claro: aprender o máximo de competências fundamentais para me tornar um bom médico, ser o mais resolutivo possível. Mas essa forma de conduzir o curso me trouxe alguns “efeitos colaterais”: notas baixas em algumas disciplinas. Afinal, nem tudo eram flores, não é?!

O curso de medicina tem dois grandes períodos: o primeiro composto pelos quatro primeiros anos do curso, nos quais temos disciplinas básicas e clínicas; e o segundo composto pelos dois últimos anos, correspondente ao internato. No internato, cerca de 80% da carga horária é destinada a atividades práticas, e os encontros teóricos são focados em temas clínicos ou gerenciais, geralmente com alta relevância para a formação médica. Quando eu iniciei o internato, minhas notas subiram; na verdade, meu desempenho como um todo aumentou substancialmente. Finalmente eu estava me sentindo fazendo o que eu queria fazer!

As pessoas sempre perguntavam o que eu ia fazer depois que concluísse a graduação. Eu sempre respondia a mesma coisa: trabalhar e me qualificar. Em geral, há uma pergunta que está quase no imaginário popular: “depois você será médico de quê?”. Minha resposta era sempre a mesma: “médico de gente”. Outra pergunta: “vai se especializar em qual área?”. Eu respondia: “em medicina humana”. Sempre em tom de brincadeira, essas respostas exemplificavam o perfil de médico que eu queria ser e a especialidade que eu pretendia fazer. A cada disciplina, a cada estágio, especialmente no internato, eu ia gostando da especialidade que passava. Então, vinham os autoquestionamentos: “Se eu gosto de cardiologia, infectologia, neurologia, nefrologia, e várias outras áreas, o que eu vou fazer? Não posso fazer

todas, né?!”. Eu me perguntava: “eu não posso resolver esses problemas de origem cardiovascular e esses infecciosos, não?!”; “eu sou obrigado a escolher um pedaço do ser humano que quero tratar?”. Em um dado momento do curso, entrei em contato com a especialidade de Medicina de Família e Comunidade (MFC). Basicamente, é um médico especialista em cuidado integral, em atender pessoas com problemas frequentes ou relativamente frequentes, independentemente da idade ou da origem do problema. Atende do período pré-concepcional à terceira idade. Das crianças aos idosos. “Do nascer ao morrer”. Além disso, faz parte da atividade profissional realizar pequenos procedimentos clínicos e cirúrgicos, ambulatorialmente. Quando eu descobri a existência dessa especialidade, eu disse: “é isso que eu quero ser!”. A partir disso, pensei em fazer a residência em MFC.

Finalmente chegava ao fim! Foram três anos de Ensino Médio, dois anos de cursinho pré-vestibular e seis anos de faculdade. Foram nove anos de minha vida morando em ambiente coletivo (três anos de casa do estudante e seis anos de residência universitária). Chegava ao fim uma longa jornada! Pelo menos era isso que eu pensava (**Figura 1**). Em pouco tempo, eu percebi que estava somente encerrando um ciclo e iniciando outro.

Figura 1 – Comemoração em cerimônia de formatura (2012).
Da esquerda para a direita: George Anderson; Marcelo Alencar;
Antônio Luiz do Nascimento; Saliciano Alves de Lima; Davi Aragão.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Vou contar um pouco sobre meus planos e minha vida após a graduação. Quando eu estava a três meses de concluir o curso, fiz um concurso para médico da Estratégia de Saúde da Família (ESF) no município de Angicos/RN, região central do estado. Eu queria evitar iniciar a vida profissional por contratos precários com municípios do interior. Portanto, passei no concurso, assumi a vaga no início de julho de 2012. Dentro do meu planejamento, eu pretendia permanecer no município, na ESF, por 1 ano e meio e depois me ausentar, temporariamente, para fazer residência médica na especialidade

de Medicina de Família. De fato, após um ano e meio na ESF de Angicos, eu fui fazer a formação em Medicina de Família e Comunidade em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Eu morei na cidade de Angicos (RN) por 18 meses. Não conhecia ninguém. Nunca tinha ido lá antes da prova do concurso. Mas foi uma das decisões mais acertadas que fiz na vida. Eu gostava de trabalhar na ESF. No início, fazia os primeiros atendimentos e eu costumava sair 1 hora depois do horário em que meu expediente devia ter encerrado. Procurei executar aquilo que tinha em mente, desde o início do curso médico: trabalhar e ser um médico efetivo, ajudar minha família financeiramente e me qualificar. Durante esse período, estudava quase todos os dias, sobre os casos das pessoas que atendia e que me geravam algum tipo de dúvida clínica. Aprendi muito. Uma vez um paciente me disse: “Dr. Saliciano, porque o senhor gosta de ficar até tão tarde aqui?”. Eu sorri e disse: “eu não gosto, fico por necessidade”. Sorrimos e fomos embora. Cada visita domiciliar que realizei (e foram muitas), cada pessoa que atendi, cada pessoa com quem conversei, todos eles me ensinaram muito. Não apenas sob o ponto de vista médico, clínico, mas, sobretudo, acerca de aspectos do relacionamento humano. Construí alguns amigos com os quais mantenho contato até hoje. Cheguei à residência médica, em 2014, com uma formação sólida graças, em grande parte, à experiência em Angicos. A maior parte da equipe da ESF do Centro, onde atuei, trabalhava com dedicação e afinco.

Em minha vida tento seguir à risca a máxima popular de que “médico nunca deixa de estudar”. No entanto, confesso que o faço muito mais por prazer mesmo. Acho que aprendi isso na época em que estudava por medo de ir para a roça. Com o tempo, fui incorporando essa rotina. Para mim, é quase como um lazer. Busquei fazer residência por ser o método, reconhecido mundialmente, como o mais efetivo na qualificação médica. Passei três anos em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, junto com minha esposa. Fiz um mestrado em Avaliação de Tecnologias de saúde na mesma instituição (Grupo Hospitalar Conceição - GHC). No início, não foi muito fácil. Culturalmente, há algumas diferenças importantes. Mas acredito que minha vivência por ambientes bem mais “hostis”, como a CERN, facilitou minha adaptação.

Foram três anos muito intensos. Fazia a residência (60 h/semana), trabalhava em plantões cerca de 24 h/semana e estudava praticamente todos os dias (em casa ou nos horários vagos no próprio plantão), e no final da residência comecei o mestrado. Nesse período, eu praticamente não tinha lazer. Foi nessa época que adotamos alguém que é membro fundamental da família hoje, nosso cachorro Duque. Ele é um vira-lata, adotado da rua com cerca de 40 dias de vida. Um cachorrinho gaúcho que mora no Rio Grande do Norte agora. Fiz muitos amigos em Porto Alegre. Foi uma experiência fantástica. Agradeço muito os ensinamentos e a oportunidade que recebi

no Rio Grande do Sul. Eu acredito que Deus me ajuda muito, pois tenho sorte de sempre encontrar pessoas maravilhosas nos diversos caminhos da vida pelos quais já passei.

Em fevereiro de 2017, após três anos intensos de formação e de experiência profissional em Porto Alegre, Suzana e eu decidimos retornar a Natal. Quando eu voltei, inicialmente já fui contratado por uma universidade privada como docente do curso médico e voltei para minha escala no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) estadual, base descentralizada de Assú (RN). Eu já tinha trabalhado lá, quando morei em Angicos, em 2013. Muito pouco tempo depois do meu retorno, fui convidado a assumir a coordenação médica em um grupo privado e também convidado a ser consultor do *Telessaúde* RN. Além disso, fiz alguns plantões na sala vermelha das Unidades de Pronto Atendimento (UPA) de Natal e na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital municipal de Natal. Como podem ver, eu tinha uma vida bem cheia naquele momento.

Ao citar todos esses campos de trabalho pelos quais passei, meu objetivo é tão somente explicitar aos leitores que, quando se faz o que se gosta, e se busca qualificação para isso, há mais chances das oportunidades aparecerem. Hoje, estou mais concentrado em atividades docentes, assistenciais e gerencias. Estou focado nos objetivos que tracei lá atrás, há 15 anos: 1) Buscar uma formação médica o mais completa

possível, com o máximo de resolutividade e, por meio disso, levar assistência de melhor qualidade às pessoas; e 2) Ajudar meus pais e minha família a terem uma vida mais confortável.

O segundo objetivo eu consegui alcançar mais rápido. Quanto ao primeiro, estou focado nisso agora. Estou focado em ajudar a formar futuros médicos com capacidade de transformar positivamente o nosso sistema de saúde. Além disso, estou atuando na parte gerencial, junto com outros médicos e profissionais da saúde que entendem a importância de transformar o modelo assistencial para tornar os serviços de saúde mais eficientes. Esses são meus grandes objetivos no momento e sei que vão me acompanhar por toda a vida. Isso me dá força para levantar todos os dias. Eu acredito, profundamente, que os bons desafios da vida nos ajudam a ser pessoas melhores e mais comprometidas.

Chegando ao final deste capítulo, fui revisar o que eu havia escrito e percebi que faltava algo, uma parte muito importante que preciso colocar: os meus momentos de fracasso. Não gosto muito dessa palavra. Porém, para quem ler esse livro, considero fundamental que entenda um pouco os inúmeros momentos de falhas e “fracassos” que tive ao longo da vida. Errar nos fortalece! Vou tomar a liberdade de colocar duas citações que conheci na faculdade e que, desde então, potencializaram meu entendimento sobre a vida:

“O fracasso é somente a oportunidade de começar de novo de forma mais inteligente”

Henry Ford.

“Muitas pessoas sonham com o sucesso. Para mim, o sucesso somente pode ser atingido através de repetidos fracassos e da introspecção. De fato, o sucesso representa aquele 1% de seu trabalho que resulta exclusivamente dos 99% que são chamados de fracassos”

Soichiro Honda.

Eu acho que, muitas vezes, aprendemos mais com os erros, sempre falo isso para meus alunos. Mas vamos lá, vou citar alguns momentos de fracasso e de frustração e, sobretudo, de superação:

- **2004:** eu estava muito confiante na aprovação naquele vestibular. Fiz prova apenas na UFRN naquele ano. Acertei 94 questões. Fiquei na posição 135 na primeira fase e tinha adorado a segunda fase (questões discursivas). Ao sair o resultado final, não havia passado. Eu estava em Alexandria, bastante chateado comigo mesmo. Por um momento, pensei em desistir. Achei que não passaria mais. Depois, percebi que eu tinha feito a prova com excesso de confiança e por isso tinha cometido erros “bobinhos” nas

questões discursivas. Estar confiante na sua capacidade é algo positivo, mas excesso de confiança pode ser muito prejudicial. Essa foi a lição que aprendi desse momento. No ano seguinte, passei em três universidades;

- **2005:** Teve um momento em que eu perdi um aluno fixo (era uma renda mensal de 90 reais). Aquele valor era fundamental para eu conseguir cumprir meus compromissos de cursinho. Foi em março. Quando cheguei para dar a aula de reforço o pai me disse que o filho não ficaria mais em Natal. Eles estavam voltando para o interior. No retorno para a CERN, fiquei sentado na praça dos três poderes, pensando sobre o que faria. Cerca de uma semana depois, consegui mais dois alunos fixos;
- **2011:** no final da faculdade, perdi a bolsa de pesquisa, por descuido. Não tinha mais alunos particulares, na época. Estava mais dedicado ao curso e à universidade mesmo. Fiquei sem minha única fonte de renda. Fiquei bastante preocupado. Tinha uma pequena reserva que me seguraria por um ou dois meses. Em menos de um mês, consegui alguns alunos particulares, de contatos antigos, e minha irmã e Suzana me ajudaram também, nessa fase final do curso;
- **2014:** O início da residência em Medicina da Família e Comunidade no GHC foi um pouco frustrante. Eu estava

esperando mais. Não porque fosse de qualidade inferior, mas porque eu criei expectativas que não correspondiam à realidade. Pensei em voltar para Natal. Com a ajuda da minha esposa, Suzana, percebi que valia a pena tentar mais. Ao final dos três anos, tive um ganho de aprendizagem enorme. Fiz muitos amigos e construí bases sólidas para minha carreira profissional. Aprendi mais uma lição de vida: não crie fortes expectativas; **crie esperança**, seja a partir de fatos objetivos ou de impressões subjetivas. **A esperança em um desfecho positivo pode se transformar em mudanças importantes e resultados transformadores.**

Educação: o fio dos nossos sonhos

Samuel Anderson de Oliveira Lima

*O correr da vida embrulha tudo,
a vida é assim: es quente e esfria,
aperta e daí afrouxa, sossega e
depois desinquieta. O que ela
quer da gente é coragem.*

João Guimarães Rosa

O exercício de rememorar é ato benéfico a todo ser humano. Voltar ao resgate das nossas memórias faz-nos transitar por lugares de felicidade e, às vezes, de tristeza. No entanto, o mais gratificante, nesse exercício, é poder olhar o passado e enxergar nossas conquistas, enxergar por quantos desafios passamos e como chegamos ao lugar onde estamos. Parece um exercício clichê, haja vista que todo mundo, em algum momento da vida, acaba passando por esse processo de resgate;

porém, enxergo-o como necessário e importante quando se trata de contar ao outro como você alcançou seu lugar no mundo, bem como para desconstruir preconceitos em suas múltiplas manifestações, tudo isso revelado pela educação, o fio de todos os nossos sonhos.

Nasci em uma cidade do interior do Rio Grande do Norte chamada Santa Cruz do Inharé, a capital do Trairi (nome do rio que corta a cidade). Era 1981, há exatos 38 anos, quando em abril daquele ano ocorreu o maior desastre natural em minha cidade. Houve muita chuva, o que ocasionou o arruamento de vários açudes, sendo um deles o que abastecia Santa Cruz. Era noite quando tudo aconteceu. Muita gente ficou desabrigada, a ponte que unia o Paraíso ao Centro foi arrastada, cortando o laço entre os dois bairros; um verdadeiro caos. Eu, no entanto, estava bem abrigado, sendo gerado no ventre de minha mãe. Nasceria alguns meses depois, no despontar da primavera.

Sou de uma família pobre. Meus avós, maternos e paternos, viviam na zona rural ao redor da cidade, onde meus pais se conheceram e se casaram. Meu avô paterno, seu Pedro, comprou uma casa na avenida 1, no bairro Paraíso, onde meus pais foram morar logo após seu casamento. Foi ali meu primeiro lar, onde meus pais vivem até hoje. Claro, não é a mesma casa, mas é a mesma residência. A antiga casa era pequena, com três ambientes, sala, quarto e cozinha. Lembro-me muito bem da casa da minha infância, do banheiro com vaso

de cimento, do fogão a carvão, do alpendre sustentado por uma barra de madeira, do beco que separava os fundos das casas. Alguns anos depois, meu pai conseguiu fazer uma reforma e construiu um outro quarto para “abrigar” os filhos. Além de mim, nasceram mais três, dos quais um faleceu aos poucos meses de vida. Nossa família, então, são meus pais e três filhos.

A vida sempre foi muito difícil, mas marcada por uma infância feliz. Havia espaço para brincar, correr com os amigos vizinhos, visitar os avós na zona rural, ir à feira pública nos sábados, ir à missa aos domingos, etc. Tudo era motivo de festa para uma criança interiorana.

Os primeiros registros que tenho da minha educação são de ter estudado em creches infantis. Estudei em uma escola chamada “Pinguinho de gente”, localizada num prédio na praça principal da cidade. De lá, não tenho muitas memórias das atividades realizadas, mas certamente se direcionavam mais para brincadeiras, cantigas de rodas, pintura. Lembro-me vagamente de ser “buscado” por minha mãe nessa escola e que a professora se chamava Joana.

Não sei se no mesmo ano, mas minha outra memória da educação infantil remonta a ter estudado em uma creche localizada na mesma rua onde eu morava. A gente sempre chamava “Casulo”. Creio que as atividades que realizávamos ali eram as mesmas da “Pinguinho de gente”, atividades lúdicas.

Com a idade adequada, meus pais me matricularam na Escola Estadual João Ferreira de Souza, uma escola do meu bairro, localizada numa periferia. Era o ano de 1987, quando, aos 5 anos de idade, fui estudar no pré-escolar. No primeiro dia de aula, causei um grande desconforto a minha mãe e às professoras porque chorava muito querendo ir para casa. Não queria ficar naquela escola; aquele lugar não me parecia tão lúdico quanto as escolas anteriores. Minha professora se chamava Cássia e tinha um cuidado muito especial por cada um de nós, por isso fui me acostumando com aquele novo ambiente. Fora o fato desastroso do primeiro dia, tenho boas recordações do pré-escolar, principalmente porque fui escolhido para conduzir a bandeira da escola no desfile cívico de 7 de setembro. Era uma emoção desfilar numa posição de destaque, tendo todos os olhos voltados para você. Os registros fotográficos em minha mesa revelam-me sempre essa emoção.

No ano seguinte, 1988, comecei de fato a educação básica, entrei para a primeira série. Destaco aqui que nunca fui reprovado, era um menino estudioso, mas não daqueles que precisavam ficar horas e horas dentro de casa estudando para fazer uma prova. Recordo de colegas da minha rua que as mães não os deixavam brincar conosco porque tinham que estudar. Não lembro de minha mãe me impedir de brincar por causa dos estudos. Nunca foi preciso, nessa época.

Desses anos na educação básica inicial, o mais significativo foi o de 1991, quando eu tinha 10 anos e estava na 4ª série. Nesse ano, passava a novela “Carrossel” e nós transferimos todo aquele universo televisivo para a realidade. Nossa professora se chamava Maria José, e ela foi muito mais do que professora, nos ensinou muito mais do que as matérias exigidas, nos ensinou a ser gente, nos ensinou para a vida. Com certeza, ela marcou toda essa minha trajetória educacional.

Há algo curioso que ocorreu nesse ano. Na minha turma, havia sempre festas comemorativas e para a confecção do bolo os alunos sempre davam alguma contribuição. Como minha família não tinha condições, eu só podia contribuir com muito pouco. Certa feita, para uma das festas, eu doei apenas 4 ovos. Na minha cabeça, tenho a imagem do dia em que os levei, estavam dentro da minha pasta e os entreguei à professora meio que escondido. Acho que estava com vergonha. No dia da festa, um dos meus colegas de classe se revoltou porque eu havia ganhado um bom pedaço do bolo e ele gritou dizendo que isso era injusto, já que eu não havia contribuído com quase nada, diferente dele que doou algo mais caro. Eu tinha apenas 10 anos e não somatizei a atitude humilhante dele. Talvez na hora eu tenha fica envergonhado, mas depois passou. Acho que uma das professoras acabou amainando a situação.

Sem condições para comprar bons lanches, eu levava para a escola, em uma lancheira, biscoitos e suco de saquinho,

o famoso ki-suco. Não havia frutas para fazer suco. Comíamos o básico, meus pais não tinham condições de comprar coisas mais sofisticadas. Porém, não passamos fome. Meu pai trabalhava e minha mãe cuidava da casa. Então, lá na escola, a melhor parte ou pelo menos uma das minhas partes mais contagiantes era a hora do recreio, a hora da merenda. Às vezes, havia comidas diferentes daquelas que eu comia em casa.

A segunda fase da educação básica correspondia a 5^a, 6^a, 7^a e 8^a séries, isso pela regulamentação da época, hoje já não funciona assim. Continuei no João Ferreira de Souza, mas precisei mudar de turno, saí do matutino para o noturno, o que me trouxe alguns novos desafios. No matutino, tudo era mais voltado para o público infantil. Estudar no turno noturno já devotava um ar de mais seriedade, afinal já estávamos na fase da adolescência. Agora tínhamos mais professores, cada um responsável por uma disciplina específica. Novos colegas, novos olhares. Mas, em 1993, fui fazer a 6^a série numa outra escola, Escola Estadual Oscarlina Marques, que ficava no centro da cidade. Estava saindo de uma escola de periferia e indo para outros ares. Foi uma ótima experiência. Conheci novos professores, novos colegas. Mas nada me motivou a continuar ali. Por isso, retornei para minha escola do coração. Lá, então, cursei os dois últimos anos do Ensino Fundamental. Fui aprovado em todas as séries. Não me lembro de sequer ter ido para a recuperação.

No último ano do fundamental, eu e alguns amigos formamos uma comissão para angariar fundos para uma festa de encerramento. São muitas recordações daquelas andanças pela cidade de Santa Cruz com um livro de ouro nas mãos buscando fundos. Foram dias muito felizes que, ao final, resultaram em uma bela festa.

Na cidade, havia três modalidades de Ensino Médio: Magistério (em escola pública); técnico em contabilidade e o Ensino Médio regular, voltado para o vestibular, ambos em escola privada. Quase todos os alunos pobres iam para o Estadual, como era conhecida a Escola Estadual Francisco de Assis Dias Ribeiro, onde era possível se especializar no magistério das primeiras turmas do ensino fundamental. Ao final, você receberia um diploma de professor polivalente. Até então, eu não sabia que profissão seguir, não sabia se queria ser professor. Fui para o Estadual porque era uma escola pública. Eu não teria a mínima condição de fazer o Ensino Médio regular na escola privada, por exemplo, para me preparar para o vestibular. Eu nem sabia o que era vestibular.

Hoje em dia, fazendo um exercício de rememoração, acredito que sempre tive propensão a ser professor. Sempre gostei muito de tudo que se relaciona ao universo educativo, brincava de sala de aula, gostava de cadernos e canetas. Outro dado é minha paixão pela literatura e pelos livros, que começou ainda na adolescência em Santa Cruz. Na cidade, há uma

biblioteca pública gerenciada pela prefeitura que possibilita aos moradores ter acesso a diversos tipos de leitura, desde a lúdica à técnica. Desde o primeiro dia em que fiz meu registro e pude pegar livros emprestados, minha vida de leitor deu um salto. Na minha casa não havia livros, meus pais não tinham e não têm o hábito de ler, nem de ter ou de comprar livros para casa. Se não havia dinheiro suficiente para os mantimentos, imagine para livros. Então, a Biblioteca se tornou o espaço de salvaguarda daquele menino que estava “aprendendo” a ler literatura. Comecei pelos livros de histórias de terror. Foram muitos livros assim. Até depois começar a buscar livros de cunho técnico, quando eu comecei a me preparar para o vestibular.

No primeiro ano do Magistério, as matérias estudadas eram mais gerais, tivemos Química, Física, mas também Psicologia, Filosofia, etc. Não houve um direcionamento para a área educativa como nos anos seguintes. Uma entre tantas disciplinas se destacou para mim, Língua Portuguesa. A professora Onides, assim como Maria José na quarta série, foi uma grande inspiradora e incentivadora para meus estudos. Eu “devorava” o livro-base de português. Adiantava os conteúdos, chegava na aula com todos os exercícios respondidos, não porque eu quisesse ser melhor do que meus colegas, mas sim porque eu gostava mesmo da disciplina. Talvez se devesse ao fato de eu gostar de ler desde o fundamental. Isso vai ser o indicador para minha escolha no vestibular.

No ano seguinte, algo começou a mudar. As disciplinas já eram quase todas voltadas para o magistério, fazíamos seminários, estudávamos planos de aula, mas eu sempre estava com a Língua Portuguesa ao lado. Nesse ano, tivemos a disciplina de literatura com a professora Sânzia. Era um mundo novo para mim também. Estudar as escolas literárias, os autores, saber diferenciar cada estilo. Eu estava agora no melhor dos mundos.

Naquele ano ainda, 1997, aos 16 anos de idade, fiquei sabendo de uma prova que os alunos faziam para entrar na faculdade, o vestibular. Havia um amigo de sala, Paulo César, que já se preparava para essa prova que só seria feita ao final do terceiro ano. Até aquele momento, eu desconhecia completamente o que era vestibular. Talvez eu tivesse ouvido falar alguma vez. Eu não tinha noção do que era universidade. Recordo, no entanto, de ter participado de uma assembleia sobre o fechamento do *campus* da UFRN de Santa Cruz, mas pela minha inocência, não consegui mensurar no momento o que era aquilo. Outro fato relacionado deu-se com a aprovação de um vizinho no vestibular da UFRN. Essa notícia teve destaque na cidade, meus professores comentaram em sala de aula, afinal era raro alguém de escola pública, morador de um bairro periférico de uma cidade do interior do Rio Grande do Norte, ser aprovado numa faculdade como a UFRN. Mas na ocasião eu também não entendia muito

do que se tratava. Somente no decurso do 2º ano do Magistério é que começou a florir em mim a vontade de seguir estudando. Conversei com Onides sobre a pretensão de um dia fazer o vestibular e ela me animou a fazê-lo.

Embora fosse algo longe da minha realidade, eu resolvi arriscar e me inscrevi em 1998 para o vestibular. No entanto, eu não me dediquei a esse objetivo, já que o terceiro ano do magistério tem muitas exigências por conta do estágio supervisionado e do relatório. Acho que eu queria uma experiência, queria ver como era essa prova que todo mundo temia, em que só filhos de famílias ricas conseguiam ser aprovados. O grande dilema foi a escolha do curso. Eu não tinha muita noção do que escolher, não sabia que profissão queria exercer, apesar de estar fazendo um curso na área do magistério. No fundo eu queria ser docente, mas não sabia de que especialidade. Eu me inscrevi, então, em Letras Língua Portuguesa como primeira opção e Serviço Social como segunda.

Eu não tinha dinheiro para a inscrição do vestibular, mas eles davam isenção para quem comprovasse ser de baixa renda. Mandeï meus documentos e consegui a isenção. Para a realização das provas, fui para Natal e fiquei alojado na casa do meu tio Nivaldo. Foram quatro dias intensos de provas. Consegui responder às questões objetivas e discursivas. Mas claro que minha base era muito pouca para alcançar o mínimo para aprovação. Não fui aprovado, mas também

não fiquei muito atrás na fila. Só não consegui chegar nos trinta primeiros lugares.

Entretanto, naquele 1998, o terceiro ano do Magistério, dedicado ao estágio supervisionado, me trouxe boas recordações. Para a realização do estágio, fiz par com uma colega de sala, Vanuza, que na época também era minha namorada. Escolhemos fazer o estágio numa quarta série da Escola Estadual João Ferreira de Souza, minha antiga escola. O retorno àquele espaço foi muito importante para minha vida de professor, afinal ali eu tinha sido alfabetizado e feito quase todo meu ensino fundamental; agora estava voltando na condição de estagiário. Foi uma linda experiência.

Ao final do estágio, sempre há uma festa de encerramento, com bolos, salgadinhos, etc. Como nem eu nem Vanuza tínhamos dinheiro e não podíamos comprar ou encomendar um bolo, eu mesmo o preparei. Conseguimos os ingredientes e eu fiz o bolo. Confesso que não ficou muito bom, hoje eu faço um muito melhor. Mas foi o que conseguimos para a ocasião. Os alunos gostaram, ficaram animados e nós também por termos conseguido proporcionar-lhes um pouco de alegria.

Findo o ano, todo mundo com diploma na mão, habilitado para exercer o magistério, mas sem emprego. Para trabalhar na área, teríamos de esperar por concursos. Além disso, eu ainda esperava o resultado do vestibular para seguir com meu

sonho de estudar mais. Porém, na condição de primogênito da família, perto de fazer 18 anos, precisava conseguir um emprego para ajudar nas despesas da casa. Um emprego de verdade. Eu já tinha “terminado” os estudos. Terminar o Ensino Médio para a maioria das pessoas do interior era terminar os estudos. Até ali era o limite para um filho de família pobre. Quais ofertas de emprego havia na cidade? Caixa de supermercado, carregador de feira, ajudante de padaria, vendedor de loja, etc. Meu pai, sendo pedreiro, nunca me incentivou a exercer sua profissão porque ele sabe o quão duro é trabalhar na construção civil. Mas ele me cobrava um trabalho. Eu, do outro lado, já sonhava com a faculdade. Eu queria mais, queria aprender mais, não estava satisfeito apenas com o magistério. Parar ali seria assinar minha derrota. Um dia, ouvi de meu pai que *filho de pobre não faz faculdade; faculdade é para filho de rico*. Aquilo mexeu comigo, mas não me tirou o sonho de estudar mais.

Antes de seguir a história, quero contar sobre meus empregos. Quando estava entrando na adolescência, participava de um grupo da Igreja Católica chamado “Perseverantes” e sempre ajudava na missa, cantava, lia, fui até coroinha. Aí, um belo dia, saindo da missa, sou abordado por um senhor que me pergunta se eu sabia fazer contas e se tinha interesse em trabalhar na venda dele aos sábados. Conversei com meu pai e ele deu a permissão. Esse foi meu primeiro emprego,

com 11 ou 12 anos. Chegava cedo (ele vendia sacos de feijão e de farinha, eu acho), fazia as anotações, registrava o fluxo das vendas. No fundo, aquele trabalho era resultado de meus estudos, porque havia outros garotos trabalhando no pesado, carregando sacos, carroças, e eu estava ali com o caderno e a caneta. Fiquei pouco tempo, porque meu patrão começou a pedir que eu ajudasse a carregar os sacos e eu não gostava muito, afinal não estava ali para aquele fim.

Depois desse primeiro emprego um pouco frustrante, passei a ser vendedor de revistas com minha mãe: *Hermes*, *Quatro Estações*. Minha mãe vendia *Avon*. Como eu era menor de idade, as revistas estavam registradas no nome dela, no entanto, era eu quem saía vendendo para colegas e vizinhos. O lucro não era bom, mas dava para comprar uma roupa ou algo de que necessitasse, inclusive da própria revista. Nesse período, minha mãe passou a ser vendedora de produtos da *Hinode* e fui ajudá-la nas vendas. Algumas vezes, viajamos para cidades circunvizinhas a fim de vender esses produtos. Passávamos nas casas das pessoas fazendo a oferta. Durou alguns meses.

Depois da Igreja Católica, eu fui membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia durante um bom tempo, desde a adolescência à fase adulta. Enquanto cursava o Ensino Médio e fazia esses trabalhos de vendedor de produtos de revista como contei acima, também atuei como vendedor de produtos naturais. Um dos irmãos da igreja, irmão Raminho,

me convidou para vender mel. Eu e sua filha saíamos de Santa Cruz para cidades vizinhas e fazíamos o mesmo serviço que eu já tinha feito antes com minha mãe. Passávamos o dia nessas cidades oferecendo esse produto de porta em porta. Em outra ocasião, fui ser vendedor de cocadas. A esposa do irmão Raminho fazia as cocadas e eu tinha a incumbência de conseguir mercearias que as quisessem comprar. Essas atividades duraram pouco tempo. Eu já estava crendo que não tinha muito jeito para vendas.

Certo dia, saiu uma notícia, na emissora de rádio da cidade, de que um empresário que havia aberto uma loja, recentemente, estava convocando rapazes para um trabalho. Corri na loja e o emprego era de prestanista (aquela pessoa que sai de porta em porta com produtos diversos vendendo-os a prestação). Aceitei o emprego. Peguei minha carroça de mão, os talões, os produtos e saí pelas ruas de Santa Cruz, batendo de porta em porta, oferecendo meus produtos. Vendia-se de tudo, panelas, pratos, copos, cortinas, toalhas, tapetes, produtos para decoração. No início, tudo foi muito bom. As vendas eram boas, mas depois as pessoas já não queriam comprar. E o pior dessa atividade é a cobrança. Muitos davam calote, não pagavam, atrasavam as prestações. Até que eu parei de sair vendendo e fiquei só com as cobranças, mas também não deu certo. Ao final, meu patrão ficou com todos os meus talões para terminar as cobranças.

Em 1999, com o resultado negativo do meu primeiro vestibular, eu tinha que fazer algo; primeiro, trabalhar, porque não podia ter, dentro de casa, um homem de 18 anos sem emprego, só estudando; segundo, precisava estudar de verdade para fazer o próximo vestibular. Mas não havia emprego. E eu pensava que se fosse trabalhar em qualquer atividade, não iria ter tempo para estudar. Então, fui até uma escola privada da cidade e conversei com uma das donas da escola, a prof^a. Almandina, que tinha sido minha professora no Estadual. Fui lhe pedir uma bolsa para fazer o cursinho pré-vestibular. Ela me disse que eu poderia fazer o cursinho, mas em troca queria meus serviços na escola. E foi assim que aconteceu. Fui trabalhar fazendo as cópias das apostilas para a escola durante o dia e à noite fazia o cursinho. Foi assim durante o primeiro semestre de 1999.

Nesse ínterim, meu tio Nivaldo me fez um convite para trabalhar no mercadinho que ele tinha em Natal. Ele precisava trabalhar fora e não tinha quem cuidasse do seu empreendimento. Mas eu impus a condição de não parar de estudar, precisava conseguir um cursinho perto de sua casa onde eu pudesse continuar minha preparação para a prova. Fui então morar em Natal, aos 18 anos de idade. Lá me matriculei num cursinho cuja mensalidade era R\$ 50,00 (cerca de 1/3 do salário mínimo naquela época). Como eu estava trabalhando, teria um “salário”, poderia arcar com esse custo.

Trabalhava o dia inteiro no mercadinho e à noite ia para o cursinho. Confesso que o cursinho do interior era muito melhor, havia mais engajamento dos professores, mais vontade de dar aula. Havia uma diferença com relação ao cursinho de Natal. Porém, minha determinação de estudar não diminuiu. **Aprendi que um cursinho é apenas um suporte, lhe dá apoio para determinados conteúdos; você tem que se dedicar muito além de só ir ao cursinho.** Por essa razão, no trabalho, eu estava sempre com os livros na mão. Eu tinha uma agenda de estudos semanais e dia a dia estudava as matérias pré-determinadas, afinal, estava buscando meu sonho e sempre fui organizado. Meu pensamento estava voltado para nunca desistir. Não sabia o que viria no futuro, não tinha a dimensão do que me esperava. Eu não almejava grandes profissões, grandes salários. Minha vontade era de estudar.

Consegui a isenção mais uma vez. Me inscrevi e em dezembro de 1999, prestei vestibular para Letras/Língua Portuguesa. Agora me sentia mais preparado. Eu fazia as provas, anotava o gabarito, mas não conferia, pois tinha medo de me frustrar. Então, na ocasião, pedi a Aparecida, a esposa do meu tio, para fazer a conferência da minha pontuação, mas eu não poderia saber do total de pontos feito. Ao final dos quatro dias, ela apenas me disse que a pontuação estava boa, sem me dar a contabilização dela. Na verdade, acho que ela não acreditava que eu passaria com os pontos que estava

fazendo. Terminado o ano, fui embora para Santa Cruz, já que meu tio já não precisava mais de mim. Voltei, novamente sem emprego, mas esperançoso pela aprovação.

No início do ano 2000, já quase na virada do século, veio o resultado do vestibular. No interior, sabíamos do resultado através do rádio. Todos ficávamos ansiosos ouvindo nome por nome. Na hora em que ia ser lida a lista dos aprovados em Letras, eu saí de dentro de casa, porque não queria ouvir, estava muito nervoso. Pedi para minha mãe e minha irmã ouvirem e caso eu fosse aprovado, elas gritariam. E foi assim: meu nome foi lido pelo locutor, elas gritaram e eu corri. Pulávamos juntos, eu chorava de emoção. Foi um dos dias mais emocionantes da minha vida. *Não acreditava que um filho de pedreiro e de uma dona de casa, de uma cidade do interior, morando num bairro periférico, seria aprovado num vestibular para a UFRN. Mas eu fui. Passei!!!!!!* Quando meu pai chegou do trabalho, soube da minha aprovação e me disse: “Era o que você queria, né?”. Não me deu os parabéns como se espera, mas eu entendo meu pai. Ele não tinha muita noção do que era aquilo e talvez estivesse preocupado com minha estadia em Natal, com os gastos que teríamos futuramente. Mas a fé em Deus é maior do que as possíveis dificuldades. Eu acreditava que tudo iria dar certo. De uma forma ou de outra, aquela frase era um parabéns.

Fiz minha matrícula. Meu nome compunha a lista dos aprovados do Vestibular 2000. Mas aí chegaram as primeiras dificuldades. Onde morar? Como sobreviver sem emprego e sem meu pai poder me ajudar? A primeira coisa que fiz foi me inscrever para uma vaga na residência universitária. Enquanto aguardava o resultado da inscrição, fiquei uma semana na casa do meu tio Nivaldo. Eu não queria morar com ele novamente, pois não teria como ajudar, já que meu curso seria diurno. E, além disso, morar na residência seria melhor porque eu estaria mais perto da faculdade. Fui selecionado e consegui uma vaga para a Residência. No dia 28 de fevereiro de 2000, fui morar no apartamento 6 da Campus II. Minha residência ficava no próprio campus, ao lado do restaurante universitário, assim, não teria gastos com transporte.

Na Residência, você tem direito a uma cama com um colchão, apenas. Naquela época, os quartos do Campus II eram ocupados por 6 pessoas, que dormiriam em 3 beliches. Não havia muito espaço nos quartos, não dava para todos os moradores transitarem ao mesmo tempo. Eu precisaria trazer um roupeiro, no entanto, eu não tinha como comprá-lo. Mas quando eu cheguei ao quarto 6, havia um roupeiro deixado por outro residente, já estava velhinho, mas foi ele que acomodou minhas coisas durante os 5 anos que morei ali. Foram muitos anos, convivendo com mais 5 colegas, compartilhando tudo. Anos de comida no restaurante, anos de aprendizagem.

Passei o primeiro semestre só estudando. Meu pai me ajudava com o que podia. Por exemplo, quando eu queria ir para casa no fim de semana, minha mãe me ligava e se eu dizia que não tinha dinheiro, aí ela me dizia que eu fosse que meu pai me daria o dinheiro do retorno. Mas, já no segundo semestre, consegui um emprego. Surgiu a oportunidade de uma bolsa de apoio técnico no Departamento de Patrimônio da UFRN. Eu fazia parte da equipe que estava catalogando todo o patrimônio da universidade. Para esse fim, visitamos quase todas as instalações na capital e no interior. Foi uma experiência incrível. O valor da bolsa era R\$ 120,00. Essas bolsas são fundamentais para a permanência de muitos estudantes na universidade. Costumo sempre dizer que esse foi meu primeiro “salário” nessa nova etapa de vida. Além disso, também fui contratado para trabalhar numa escola do município de Vera Cruz. Foi ali, aos 18 anos, que comecei minha carreira profissional docente. Fazia o curso durante a manhã, tinha a bolsa à tarde e em algumas noites viajava para Vera Cruz. Um carro passava na porta da residência e me pegava. Chegava bem tarde, quase meia-noite e às vezes ainda ia estudar para provas ou fazer tarefas da faculdade. Comecei a ver o lado corrido da vida universitária de um aluno que precisa trabalhar. Em Vera Cruz, como o curso era o Magistério, acabei dando aula das disciplinas que eu havia estudado lá no Estadual. Eu já estava começando

a formar professores. Comecei minha carreira docente formando professores.

No ano seguinte, duas novas oportunidades. A professora Zenóbia Collares Moreira me convidou para ser seu bolsista de Iniciação científica, para estudar a obra de Gil Vicente. Só os melhores alunos é que conseguiam essas bolsas. Foi outra experiência muito gratificante e formadora. A partir daí, começava a nascer o espírito de pesquisador. Participei por dois anos da pesquisa da professora, participei de eventos apresentando trabalho, publicando textos em anais de eventos. A outra oportunidade foi ter dado aula em Jundiá, outro município pertinho de Vera Cruz. O esquema era o mesmo, um carro da prefeitura vinha nos buscar na porta da residência e nos deixava por volta da meia-noite. Em Jundiá, dava aulas para o Ensino Médio. Eram empregos sem carteira assinada, afinal eu era apenas um estudante. O salário recebido dava para sobreviver, pagar pelas apostilas e viajar para ver a família no interior.

Durante o curso de Letras, ainda consegui outros trabalhos esporádicos, dei aula em cursinhos preparatórios para concursos e para o vestibular. Trabalhei em cursinhos particulares entre os anos de 2003 e 2004. Fiz magistério e comecei a vida docente dando aula para o magistério; fiz cursinho pré-vestibular e agora estava dando aula para um cursinho pré-vestibular. O ciclo se repete.

A experiência no Ensino Superior foi enriquecedora. Estava realizando o grande sonho de estudar. Ao longo das disciplinas e com a experiência da iniciação científica, fui ampliando a vontade de não parar de estudar. Eu queria mais! Sempre quis mais em relação ao estudo. Mas também precisava ter um emprego fixo. O fato de ser estudante me proporcionava ter trabalhos esporádicos, no entanto, após terminar a faculdade, seria difícil continuar nesses trabalhos. Mesmo assim, eu trabalhei numa escola privada em Canguaretama de 2003 a 2006. Foram anos de muito sacrifício, até cheguei a trancar disciplinas para poder conciliar o trabalho com a faculdade. Às vezes, dava aulas pela manhã em uma escola em Parnamirim e saía correndo para pegar o ônibus que me levava a Canguaretama. *Comprava quentinha e ia almoçando dentro do próprio ônibus.* Chegava lá na hora do início das aulas e trabalhava até umas 16h30 ou 17h00 quando o ônibus para Natal estava passando. Saíamos da sala de aula correndo para não perder o ônibus. Quando chegava a Natal, às vezes, já ia dar aula em outro lugar ou ia cursar alguma disciplina noturna.

Aos 22 anos de idade, formei-me no primeiro semestre de 2004, mas consegui permanecer por mais 6 meses na residência. Meu último mês de moradia foi em dezembro daquele ano. Durante esse tempo, fiquei apenas trabalhando e pensando no projeto de mestrado. Eu queria mais.

A formatura foi outro desafio. Eu e mais três colegas compusemos a comissão de formatura e trabalhamos intensamente para sua realização. Queríamos a parte religiosa, acadêmica e social. E tudo foi feito. Um grupo de amigos fez uma “vaquinha” e pude comprar meu anel de formatura, que guardo até hoje com muito carinho. O baile foi realizado em setembro de 2004, no salão da AABB (Associação Atlética Banco do Brasil). Mas para participar do baile era preciso ter senhas. Eu não tinha dinheiro para comprar senhas para familiares e amigos. O pacote assinado com a empresa dava direito a algumas senhas, mas não suficiente para todo mundo. Foi então que eu conversei com meus colegas e eles pagaram cada um por sua senha. E como fazer para minha família vir pra Natal? Nós não tínhamos carro nem dinheiro para alugar. Foi um sacrifício, mas conseguimos uma Kombi com um candidato a vereador da cidade. Vieram todos, meus pais, meus irmãos, minha avó materna e minha tia e alguns colegas. Tudo aconteceu em uma noite, formatura e baile. De madrugada eles voltaram para Santa Cruz, pois não havia onde dormirem. Eu morava na residência e mal havia espaço para mim. Mas aquela noite foi um sonho. Eu fui o orador da turma e quase não consegui ler meu discurso de tanta emoção. Várias vezes tive de parar para recobrar as palavras embargadas pelas lágrimas, afinal era o primeiro da minha família, da minha escola estadual João Ferreira, a obter uma

formação acadêmica naquele ano. Outra grande emoção foi no baile, na hora da valsa, dancei as duas valsas, uma com minha irmã e outra com minha mãe.

Durante o curso de Letras, cursei a disciplina de língua espanhola com a professora Avany Peixoto, que me incentivou bastante para avançar nos estudos dessa língua porque havia uma indicação de que o Estado do Rio Grande do Norte fosse ofertá-la no currículo das escolas e com isso haveria concurso público. Depois, estudei espanhol com a professora Reny Maldonado com quem estabeleci parcerias acadêmicas muito frutíferas. Como eu sempre fui um bom aluno e gostava muito dessa língua, Reny me disse para fazer a prova do concurso para professor substituto na UFRN de espanhol que teria em 2004, ou seja, no ano em que concluí a graduação. Na hora, eu até disse: “Eu?”. Não me sentia preparado para ser professor da universidade, ainda mais da UFRN. Mas, aceitei o desafio. Fiz a prova. Havia muitos concorrentes, porém fui aprovado em segundo lugar. A aprovação num certame para professor da universidade me trouxe muita alegria, orgulho, regozijo. Eu estava provando que estudar valia a pena, que fizera o certo ao não desistir, ao enfrentar as dificuldades. Com educação, você alcança tudo. Como fiquei em segundo lugar, tive de esperar um pouco até ser convocado. O primeiro lugar assumiu a vaga e deu aula até o primeiro semestre de 2006.

Após minha formatura, sobre a entrada na pós-graduação, não sabia para onde ir, gostava muito de língua portuguesa, mas também de literatura. Tentei conversar com uma professora para fazer um projeto de literatura portuguesa, mas ela me desanimou. Disse-me que eu ainda era inexperiente. Foi então que, conversando com a profa. Reny, ela me sugeriu procurar o professor Francisco Ivan, que tinha sido meu professor de literatura brasileira no início do curso. Consegui conversar com ele, que imediatamente aceitou ser meu orientador e me ajudou na elaboração do projeto de mestrado.

O ano era 2005, quando, aos 23 anos de idade, fiz a prova para o mestrado no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Dediquei-me bastante e fui aprovado em 6º lugar. Lembro que fiquei sabendo do resultado via telefone através de uma amiga. Eu estava dando aulas em um colégio particular e, na hora, fiquei muito emocionado; os alunos, inclusive, me parabenizaram. Eu já estava subindo mais um degrau. Já era formado no magistério e podia dar aulas na primeira fase do fundamental como professor polivalente; já era formado em Letras e podia dar aulas no Ensino Médio; agora estava entrando no mestrado e seria habilitado a dar aulas no Ensino Superior.

Mas eu não poderia morar mais na residência universitária. Então, uma colega minha, que também estava saindo da residência, me convidou para compartilharmos as despesas

e morarmos juntos. Foi o que fizemos. Morei com ela durante um bom tempo.

Para conseguir pagar as novas despesas, precisava de um emprego. Antes, eu dava aulas em cursinhos e escolas, conforme relatei, mas nada que me deixasse bem financeiramente, o orçamento era sempre apertado, mal dava para pagar as contas. Agora eu tinha que pagar aluguel, água, luz, comida, etc. Mas as portas sempre foram se abrindo. E no segundo semestre de 2006, a UFRN me convocou para assumir a vaga de professor substituto de língua espanhola, em um contrato de dois anos. Não acreditei! Era outro sonho sendo realizado. *Como eu poderia imaginar que um garoto que nasceu e cresceu na Avenida 1 do bairro Paraíso de uma cidade do interior seria agora professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte!* Acho que na época, eu era o único. Pelo menos eu desconhecia que houvesse outra pessoa de Santa Cruz como professor ali. Havia, sim, o professor José da Luz, que já era efetivo há um tempo. Mas eu fazia parte do novo ciclo de alunos que estavam saindo do interior para estudar na capital e agora alçava grandes voos. Foram quatro semestres muito intensos, dando aulas para quatro turmas por semestre, talvez por isso eu tenha demorado um pouco a terminar minha pesquisa de mestrado. Minha defesa ocorreu exatamente no último semestre do meu contrato. As coisas estavam melhorando com o trabalho de substituto

e também consegui, por um ano, uma bolsa do mestrado. Já não precisava da ajuda do meu pai e já podia ajudar em casa com alguma coisa.

As portas vão se abrindo quando você é mais qualificado. O fato de ser formado, fazer mestrado e dar aulas em uma universidade pública federal de qualidade lhe credenciam para muitas coisas. Então, em 2006, comecei a trabalhar na área de proficiência da UFRN. A equipe que elaborava e corrigia as provas de língua espanhola era formada por mim e por Reny Maldonado, que já não era minha professora, mas sim minha colega de departamento. Essa atividade eu a exerço desde então. Nesse mesmo ano, também fui convidado para fazer parte da banca de correção das provas discursivas de língua portuguesa do vestibular da Comperve. Foi outra grande conquista na minha vida profissional. Anos atrás eu era um candidato fazendo aquelas provas, agora eu era um examinador.

Durante alguns dias daquele ano, dei umas aulas para o pré-vestibular da UERN a convite do Secretário de Educação de Santa Cruz, Iranilson Silva. Com isso, fiquei motivado a também fazer as provas. Eu sempre gostei da área de saúde e o curso de enfermagem seria aberto no *campi* de Santa Cruz. Pois então, fiz as provas e fui aprovado em 4º lugar. Seria um curso por diletantismo, ou seja, por prazer, por satisfação pessoal, não pretendia deixar a docência e entrar para a enfermagem, era só uma forma de ter mais conhecimento.

No entanto, cursei apenas um semestre, porque percebi que aquilo iria atrapalhar meu mestrado.

Em 2007, fui convidado pela Secretaria de Educação do Estado para participar da equipe que ministraria um curso de formação para professores de espanhol. Havia a pretensão de ofertar língua espanhola no Estado e precisaríamos de professores habilitados para o ensino dessa língua. Foram 15 encontros semanais, viajando para Currais Novos todas as sextas-feiras à noite, dando aula durante o sábado e retornando para Natal em seguida. Foi uma boa experiência, principalmente, por ter trabalhado com minhas ex-professoras e agora colegas de profissão, Reny e Avany. Além de nós, compunham a equipe as professoras Eliane e Nilda.

O ano de 2008, foi outro ano bem significativo para mim. No início, fiz uma inscrição numa bolsa para um curso de formação de professores de espanhol em Granada na Espanha. De fato, eu não acreditava que fosse conseguir. Minha primeira professora de espanhol me havia dito que era praticamente impossível conseguir uma bolsa dessas. Mas não foi motivo para desistir. Fiz a inscrição e fui contemplado. Pela primeira vez na minha vida, aos 26 anos, eu iria fazer uma viagem internacional. Mas, com isso, vieram também os empecilhos porque a bolsa só contemplava a alimentação e o curso. Teria de conseguir a passagem e o dinheiro para passar os 30 dias na Espanha. Foi muito difícil. Não deu para conseguir tudo

sozinho. Comprei a passagem, mas, com medo de ser deportado, queria levar dinheiro para apresentar na imigração, caso me solicitassem. Como minha família não teria como me ajudar, pedi emprestado a alguns colegas e até fui em busca da ajuda de um político de Santa Cruz. Depois de tantas idas e vindas, eu consegui tudo e viajei para a Espanha em julho de 2008. No mês anterior, eu havia defendido minha dissertação e tinha encerrado meu contrato de substituto na UFRN. Viajei para a Espanha com o título de mestre em Literatura Comparada, mas desempregado.

Foi um verdadeiro êxtase ver o avião chegando ao velho mundo. Lembro perfeitamente da emoção. Nunca pensei em um dia chegar tão longe de casa. Estava sozinho e lembro que esse era o medo dos meus pais. Como eu iria me virar num país diferente, longe de casa? Mas deu tudo certo. Tive várias sensações, por exemplo, quando eu saí do metrô de Madri e cheguei à *Granvía* e me vi sozinho, senti um certo medo, aquilo tudo era gigante diante do que meus olhos já haviam visto. Mas quando se tem Deus, nada é impossível. Ele sempre esteve ao meu lado e sou grato por cada olhar, por cada cuidado. O curso foi na cidade de Granada, onde eu aprendi novas técnicas para dar aulas de espanhol, onde conheci amigos, onde aprendi sobre novas culturas, onde pude crescer profissionalmente.

Estava vivendo um sonho, mas a realidade no Brasil era que eu não tinha mais emprego. O que eu ia fazer quando voltasse? Como iria pagar as contas? Mas tenho fé que Deus tem um cuidado muito especial por mim. Naquele mesmo ano, eu tinha feito um concurso para professor de português do Estado do Rio Grande do Norte. Pois, no meu retorno, fui convocado e assumi uma vaga ainda em agosto. Para completar minha carga horária, tive de trabalhar em duas escolas, uma pela manhã, Escola Estadual Berilo Wanderley, e outra à noite, Escola Estadual Nestor Lima. Esse foi meu primeiro emprego na condição de efetivo, um emprego fixo. O início foi difícil, porque você passa três meses trabalhando para depois receber o salário. Então, tive certas dificuldades, mas depois as coisas melhoraram um pouco. No entanto, quando eu recebi o salário normal, o valor era mais ou menos de R\$ 700,00. Aí, eu pensei que eu não queria ficar ali, não tinha estudado tanto para ser apenas professor do Estado com um salário relativamente baixo daquele, embora fosse o dobro do salário mínimo que era R\$ 465,00. Como eu já tinha dado aulas na UFRN, sabia que era aquilo que eu queria, ser docente federal.

Quando eu ainda estava estudando na Espanha, recebi um convite da presidente da Comperve, a profa. Bethania Ramalho, para compor a Comissão de Elaboração das provas de espanhol do Vestibular da UFRN. Aquele era o primeiro ano em que seria aplicada prova de espanhol no vestibular,

antes só tinham a de inglês e a de francês. Me senti muito importante, feliz e orgulhoso. Minha vida acadêmica estava tomando proporções importantes, estava alcançando lugares jamais imaginados por mim. Era desafiante, era uma nova experiência, para a qual me dediquei totalmente. Dava aulas nas escolas e, no tempo livre, ficava direcionado para as provas do vestibular. Fiz parceria com minha colega Reny. Enquanto duraram as provas do vestibular, trabalhei também com as professoras Maria Velazco e Izabel Nascimento.

Em 2008, também prestei concurso para revisor de textos da UFRN. O edital só trazia uma vaga para esse cargo e a concorrência foi muito grande. Quase todos meus colegas de Letras estavam fazendo a prova, e como seria um concurso bem direcionado para nossa área, fizemos provas apenas de língua portuguesa, com questões objetivas e discursivas. A prova objetiva continha 20 questões, das quais eu errei apenas uma por um deslize. Foi a primeira vez que, praticamente, fechei uma prova de concurso. O resultado saiu e eu fiquei em 5º lugar. Como só tinha uma vaga, eu não me animei muito sobre a possibilidade de ser convocado. Continuaria no Estado e buscando outras oportunidades.

Porém, no início de 2009, saiu minha convocação para a vaga de revisor de textos da UFRN. Como fiquei feliz!!! Afinal, estava voltando para a universidade e teria um emprego federal, com um salário muito melhor do que o que eu estava recebendo

no Estado. Fui então trabalhar na SEDIS (Secretaria de Educação a distância). Fiquei contratado no Estado somente seis meses e já fui para a UFRN. O trabalho era muito bom, havia uma equipe muito comprometida. Minha tutora foi, inclusive, a saudosa profa. Marta Pernambuco. Mas aquilo ainda não me completava. Como técnico, eu tinha que trabalhar oito horas diárias, não tinha tempo para estudar, para participar de eventos, para organizar atividades de extensão, etc., tudo que a vida docente tinha me proporcionado por dois anos.

Seguindo com o curso dos meus estudos, me inscrevi para uma vaga no doutorado em Literatura Comparada. Nessa época, não havia prova escrita para candidatos ao doutorado, eram exigidos apenas currículo e um projeto. Fui aprovado em terceiro lugar, com um projeto sobre a poética de Gregório de Matos e com o prof. Francisco Ivan como orientador. Eu tinha 27 anos.

Nesse mesmo ano, fiz uma seleção para dar aula em uma faculdade particular de Natal e fui aprovado. Dei aula ali por alguns meses apenas, só o tempo que durou o semestre. Ou seja, minha vida estava corrida novamente, trabalhando o dia inteiro na SEDIS, fazendo a pesquisa do doutorado e dando aulas em faculdade privada.

Na UFRN, havia sido criado o curso de Letras Língua Espanhola (foi aberto em Natal e em Currais Novos) através

do REUNI, um projeto de reestruturação das universidades federais implantado pelo governo Lula. Os primeiros concursos para docentes desse curso foram realizados em 2008, já que as aulas teriam início em fevereiro de 2009. Não pude fazer a seleção porque havia exigência do diploma de doutorado.

Em março de 2009, foi aberto um edital para professor de espanhol em Currais Novos apenas com mestrado. Era minha chance. Eu queria muito fazer concurso para Natal, mas havia uma “regulamentação” que as vagas para docentes do CCHLA (Centro de Ciências Humanas Letras e Artes) fossem abertas apenas para doutores. Portanto, como eu estava habilitado, me inscrevi para Currais Novos. Imaginem a correria, além de todas as minhas atividades que relatei, ainda teria de me preparar para o concurso. E para ser aprovado em todas as etapas, teria de estar muito bem preparado, afinal era apenas uma vaga. E não haveria outra chance. Inclusive, perto da prova, eu pedi a minha chefe na UFRN uma semana de licença para estudar. Consegui me preparar bem, embora não tenha estudado todo o conteúdo exigido.

Fiz as provas e fui sendo aprovado em cada etapa. Foram muitos inscritos, mas só três compareceram às provas. No resultado final, fiquei em primeiro lugar. Não pude conter a emoção. Era mais uma vitória, mais um bom resultado, tudo fruto dos meus esforços, dos estudos. *Isso era algo inimaginável para o filho de um pedreiro e de uma dona de casa.* Mais uma

vez, eu era o primeiro. Certamente, da minha cidade; além de José da Luz, eu era o único a ser aprovado num concurso para docente da UFRN. Naquele dia, voltei ao passado. Lembrei que eu achava tudo tão distante, achava difícil ser aluno da UFRN, achava difícil ser aluno de mestrado, ser aluno do doutorado e ainda mais ser docente efetivo. Mas eu encontrei o caminho para alcançar tudo isso, estudar. Minha dedicação aos estudos me fez conseguir alcançar cada um desses espaços, me fez ser vitorioso e a fé em Deus foi a base para não desistir diante dos empecilhos que se apresentavam.

Ainda trabalhei na SEDIS até junho de 2009, porque a contratação para a vaga de docente iria ocorrer para o segundo semestre. Em julho daquele ano, fui para a Espanha novamente, desta vez, representando a UFRN numa formação em Valência. Foi outra experiência incrível, porque além de estudar, também participei de reuniões para estabelecer convênios entre ambas as universidades. A profa. Reny também participou desse curso de verão em Valência. Na verdade, a cidade onde estudamos se chama Gandía. Como parte de nossas atividades, também visitamos cidades interioranas, participamos de condecorações.

Ao retornar ao Brasil, ainda trabalhei uma ou duas semanas na SEDIS, mas no dia 12 de agosto de 2009, aos 27 anos de idade, assinei minha posse como docente efetivo da UFRN. Era o meu lugar, aquele que sempre estive nos meus sonhos,

mesmo que inconscientemente. Consegui chegar ao mais alto posto da carreira docente. Era agora um professor de uma universidade federal.

Fui trabalhar em Currais Novos. Viajava de Natal para Santa Cruz, ficava na casa dos meus pais e de lá pegava um ônibus para Currais. O curso de língua espanhola ocorre no turno noturno, que era uma exigência do REUNI, pois um dos objetivos principais era atender à comunidade de alunos que trabalha. Passava uns dias nesse trajeto e depois voltava a Natal para dar conta da pesquisa do doutorado.

Quero também registrar um convite que me foi feito por minha colega Luciana para dar aulas no PARFOR do Instituto Kennedy, em Natal, em 2010. Tratava-se, grosso modo, de um programa do Governo Federal que visava dar formação em nível superior para os professores da educação básica do Rio Grande do Norte. As aulas eram sempre nos fins de semana, sextas e sábados, e recebíamos uma bolsa da CAPES, o que não daria problemas com meu vínculo com a UFRN. Participei desse programa até o seu fim. No Kennedy, formamos dez turmas, de onde saíram dezenas de professores formados em língua portuguesa.

Todavia, apesar de ter ido trabalhar em Currais Novos, como eu morava em Natal, coordenava um grupo de pesquisa, além de outras atividades, sempre tive o desejo de ser removido para o campus central. Surgiu, então, uma oportunidade

quando foi disponibilizada uma vaga de docente para a área de língua espanhola, que seria colocada em edital para concurso. Havia, entretanto, a possibilidade de eu ser removido para a Capital e a vaga ir para Currais Novos. Foi então que os colegas da área de espanhol de Natal me convidaram para ocupar essa vaga e eu prontamente aceitei. No entanto, havia um entrave, porque era exigido que o candidato tivesse concluído o doutorado e eu ainda não tinha concluído o meu. Mas mesmo assim, abri o processo de remoção usando a prerrogativa do convite da área de espanhol de Natal e a de que eu estava prestes a defender a tese. O processo foi aprovado, mas ficou condicionado ao término do doutorado. Como forma de ajudar os colegas, eu fiquei dando aulas nos dois lugares até o processo de remoção ser concluído.

Defendi minha tese em abril de 2013, aos 31 anos de idade, mas minha remoção definitiva só aconteceu no início de 2014, o que significa que pertenço ao campus central, lotado no Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas, desde essa época. Agora a felicidade estava completa. Voltei para o mesmo lugar onde comecei minha carreira acadêmica como estudante de Letras lá em 2000.

No final daquele ano, recebi o convite da minha colega prof^a. Regina Simon para assumir a direção do Instituto Ágora. Era um novo desafio, pois iria para o campo da gestão universitária. Eu já estava acostumado a coordenar eventos, grupos,

mas não havia ainda assumido um cargo importante assim. Aceitei o desafio e dirigi o Instituto Ágora de outubro de 2014 a fevereiro de 2019, foram mais de cinco anos de muito trabalho, principalmente com relação ao prédio do Instituto. Quando assumi a direção, as obras do novo prédio ainda não tinham começado. Só tiveram início no ano seguinte, com término apenas em fevereiro de 2017. Após a entrega das chaves, trabalhei muito para que o prédio estivesse pronto para inaugurar, foram muitas atribuições, tendo que assumir as funções de pedreiro, engenheiro, encanador, eletricista, etc. Ao final, tudo deu certo e inauguramos o prédio em 04 de setembro daquele ano. A experiência na gestão foi enriquecedora. Gostei muito dessa atividade. E mais uma vez revisito minha trajetória, sempre que vou conquistando vitórias, recobro o passado a fim de dar valor a tudo pelo qual passei, a todas as dificuldades.

Como forma de ascender academicamente, em 2016, fiz uma solicitação de credenciamento no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, o mesmo programa no qual fiz mestrado e doutorado. Com pontuação suficiente, fui credenciado naquele programa. A partir daí, comecei a dar aulas e a orientar dissertação de mestrado. Era mais um degrau sendo galgado na minha trajetória acadêmica. E este ano, 2019, comecei a orientar teses de doutorado.

Para professores que pertencem a programas de pós-graduação no Brasil é exigido fazer pesquisa de pós-doutoramento.

Por essa razão, solicitei ao meu departamento, em 2018, licença para realização do meu pós-doutorado, que teve início em fevereiro de 2019. Minha pesquisa envolve Espanha, Brasil e os países latino-americanos, cuja primeira etapa foi desenvolvida na Universidade de Buenos Aires - UBA. Para isso, precisei me mudar para Buenos Aires, de onde escrevo estas linhas. Daqui, levarei para o Brasil e para meus alunos ricas experiências, pois o contato com a cultura, com o povo e com a língua só enriquece minha vida de docente de língua espanhola.

Aos 38 anos, após quase 20 anos de atividade acadêmica, desde a graduação ao pós-doutorado, estou eu contando um pouco da minha história a fim de que você, leitor, enxergue nela motivação, determinação, esforço, vitória, desafio, e possa, com isso, motivar-se para estudar e buscar seu próprio espaço, porque, com certeza, a educação salva, nos salva!

Os estudos sempre estiveram ao meu lado, como uma segunda pele, com a qual tenho respirado nesses anos todos. Não há outra forma de ascender, no meu ponto de vista. Vim de um lar pobre, de uma cidade interiorana, mas conquistei muitos lugares, muitos espaços para os quais somente a educação poderia me levar. É possível! Minha vida, como vocês puderam ver, veio num crescente, tudo isso conduzido pelo educar. Finalizado o pós-doutorado, pode parecer que se encerra o ciclo de estudos, mas nunca acaba... só começa...

Desconstruindo preconceitos: um pouco da minha jornada pela medicina

Carlos Rafael

Assim eu vejo a vida

A vida tem duas faces:

Positiva e negativa

O passado foi duro

mas deixou o seu legado

Saber viver é a grande sabedoria

(...)

Nasci em tempos rudes.

*Aceitei contradições lutas e pedras
como lições de vida e delas me sirvo*

Aprendi a viver

Cora Coralina

Estimado leitor, prezada leitora, permitam-me uma primeira apresentação. Meu nome é Carlos Rafael Dantas, tenho 40 anos e sou natural de Carnaúba dos Dantas, cidade do interior do Rio Grande do Norte. Sou graduado em Medicina (em 2007) e em Ciências Biológicas (em 2013) pela UFRN. Fiz minha residência médica em Medicina de Família e Comunidade pela Secretaria de Saúde do município de Florianópolis, Santa Catarina.

Hoje, no ano de 2020, no momento em que escrevo este texto autobiográfico, sou médico de família e comunidade, na zona rural do município de Bananeiras, Paraíba. Também sou professor temporário de medicina de família e comunidade da Escola Multicampi de Ciências Médicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Currais Novos e também do curso de Medicina da UNP, bem como sou professor de Biologia em um cursinho isolado para medicina na cidade de Natal.

Sou de uma família de dez irmãos. Nós fomos criados no interior do Rio Grande do Norte, em Carnaúba dos Dantas. Minha mãe hoje é lavadeira de roupa aposentada, meu pai é falecido há 22 anos, mas era agricultor.

Minha educação básica, o Ensino Médio inclusive, foi toda em escola pública. Cursei parte do ensino fundamental na Escola Estadual João Henrique Dantas e parte no Instituto Municipal João Cândido Filho, ambos em Carnaúba dos Dantas.

Iniciei o Ensino Médio em Carnaúba, mas acabei indo para o colégio agrícola Vidal de Negreiros que pertence à Universidade Federal da Paraíba, na cidade de Bananeiras, no estado da Paraíba. Fiz o curso técnico em agroindústria de 1994 a 1997.

Pois bem, feita essa primeira apresentação, contarei agora um pouco mais sobre minha infância.

Recordo que minha mãe passava a maior parte do dia fora, trabalhando, era lavadeira de roupa, eu acordava e já não a via mais, ela chegava só de tarde em casa. Na época, seis dos meus irmãos já moravam fora, com algum tio ou tia, ou ficavam no sítio. Em casa mesmo morava eu, minha mãe e mais três irmãos. Meu pai, eu só via no fim de semana, porque ele ficava a semana toda no sítio, só o via no sábado.

Desde pequeno me identificava com a parte de ensino, gostava de reunir os colegas da rua e brincar de escola, usava a porta da casa como quadro. Gostava de ciências, de ir para o sítio e explorar, pegar animais, colocar em vidros, fazer terrário, sempre tive essa curiosidade. Gostava de frequentar os centros de saúde da minha cidade, às vezes eu ficava lá vendo o pessoal esperar o médico chegar, às vezes eu pedia até para acompanhar a consulta. Claro que não podia, eu era apenas uma criança, mas era mais por curiosidade. Ficava vislumbrando um dia poder ser como aquele médico, poder chegar e entrar ali. Quando eu falava, ainda na infância,

que queria ser médico, eu recorde de algumas pessoas afirmando que não era possível, alegavam que *quem faz medicina são as pessoas ricas que moram na capital, não tem como você, aqui do interior, um menino pobre, fazer medicina. Pensa em ir fazer outra coisa*. Era frequente ouvir esse tipo de coisa.

Teve um período em que eu fui para um jardim de infância, que era uma pré-alfabetização, parece que eu me destacava entre os colegas e a secretaria regional me mandou fazer uma prova, como se fosse uma prova para avançar para outra série. Caso eu fosse aprovado naquela prova, eu não poderia ficar mais no jardim de infância, iria já para a primeira série do ensino fundamental. Foi então que ocorreu uma cena engraçada. Pessoas me contaram depois que chegaram na lavanderia e falaram para minha mãe: *seu filho não vai poder mais estudar no jardim*. A informação chegou incompleta para ela. Dizem que ela saiu da lavanderia aperreada e agoniada, chegou brava na escola questionando, enquanto esmurrava o portão: “você não querem que meu filho estude aqui, porque ele é pobre?”. Aí foi que, com calma, foram lhe explicar o porquê eu não iria mais estudar naquela escola.

Apesar das dificuldades econômicas e sociais, das barreiras, sempre teve uma parte de mim que percebia esse interesse, o gostar de ciências, da área de saúde. Tive pouco ou quase nenhum apoio familiar, especialmente em se tratando de referência em casa. Dos meus irmãos mais velhos, apenas

uma irmã tinha terminado o Ensino Médio, ainda assim porque desde pequena ela morava na casa de pessoas, que já tinham um acesso maior a cultura, todos os outros irmãos não tinham feito o ensino fundamental completo. Portanto, eu não tinha nenhuma referência de estudo, acho que nasceu em mim mesmo essa pegada, essa vontade de estar envolvido com ciência, com escola, frequentar biblioteca.

Um ambiente que me fazia muito feliz e onde eu me sentia muito acolhido era a biblioteca pública do município, Biblioteca Municipal Donatilla Dantas, que funciona até hoje (*@bibliotecadonatilladantas*). As bibliotecárias e funcionárias sempre tiveram muito carinho comigo e sempre me deixaram usar a biblioteca, apesar de eu ter sido sempre muito trabalhoso.

Todos os dias eu tinha que passar pela biblioteca, era meu ponto de apoio ter esse acesso, ter uma biblioteca pública aberta numa pequena cidade do interior do estado, isso fez muita diferença para mim. Havia também um ou outro professor que tinha um carinho especial por mim, que me protegia, que me estimulava, me dava livros e fomentava essa minha curiosidade. Um ou outro professor tinha a sensibilidade de perceber que, apesar das dificuldades, apesar de ser uma criança pobre, apesar de ser um aluno travesso e danado, eu era muito criativo e curioso, tinha vontade de aprender.

O fato de existir a biblioteca e de ter acesso a ela e de ter aqueles professores com sensibilidade foram determinantes, especialmente para eu poder superar todo o preconceito que eu enfrentava na rua e em casa com pessoas da minha própria família. Eu era uma criança um pouco afeminada, às vezes gostava de vestir roupas de mulheres e isso trazia um preconceito muito grande, especialmente em uma cidade do interior do nordeste.

Para se ter uma ideia do preconceito que eu sofria naquela época, década de 1980, havia casas que eu não podia frequentar. Tinha amigos e amigas com os quais eu só podia brincar no meio da rua, eu não podia ir à casa deles, isso me gerava uma certa angústia. Minha mãe podia ir à casa de alguns familiares, mas eu não podia frequentar devido ao meu comportamento. Eu era apenas uma criança, nem saberia dizer ainda minha orientação sexual, não tinha noção disso. Acabei até sofrendo também algumas agressões físicas por conta disso, não posso negar.

Entretanto, desde criança eu percebia que os estudos eram a minha fortaleza. Esse meu lado de gostar de estudar, essa coisa da escola, da biblioteca, parece que conseguia neutralizar as tensões. Acabava sendo o meu refúgio para vencer essas dificuldades, barreiras e preconceitos, às vezes das pessoas da minha própria família, como já disse. Foram a minha verdadeira boia de salvação, os estudos.

Ao final do meu ensino fundamental, por volta dos meus 13 anos de idade, eu fiquei sabendo que ia ter um concurso para estudar em um colégio interno, um colégio agrícola na cidade de Bananeiras, na Paraíba. Pensei em duas coisas: uma, que poderia ser uma ótima oportunidade para continuar estudando, sendo aquela uma oportunidade para atingir as minhas metas. Outra, pensei que era uma oportunidade que eu queria, pra fugir um pouco daquele preconceito social, daquela violência física e moral que eu sofria constantemente. Nesse momento da adolescência em que é comum a questão de rebeldia, da subversão, de fazer diferente, talvez já predominasse em mim o espírito de querer dar a volta por cima.

O Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN) é vinculado à Universidade Federal da Paraíba. Eu sabia de algumas pessoas da cidade que iam se inscrever no processo seletivo, então as procurei para obter maiores informações. Notei que elas ficaram colocando dificuldades, especialmente devido ao preconceito em razão da minha orientação sexual. Não era nem pela questão da pobreza. Eu me lembro que, quando fui fazer a inscrição, o pessoal marcou uma determinada hora para sair da cidade e, quando eu cheguei no local combinado, já tinham saído. Mentiram para mim para eu não estar presente. Eu me lembro disso, lembro que foi bem triste, foi uma pancada. Por um momento, eu lembro de ter chorado bastante, de ter ficado triste. Fui até relatar o que tinha acontecido para

uma professora minha, era uma professora da quarta série e ela me deu a maior força. Ela recomendou que eu escrevesse uma carta para o colégio, relatando o ocorrido e informando que eu ainda desejava fazer a inscrição, mas que não pudera ir porque não tinha carro e o carro que foi não me levou.

Resolvi seguir o conselho daquela professora. Peguei o endereço do colégio e mandei uma carta. Eles responderam! Disseram que eu podia fazer a inscrição pelo correio. Eu consegui fazer a inscrição. Fiquei devendo ainda algumas coisas como taxa de inscrição (talvez outras coisas mais que não recordo bem), mas me disseram que eu poderia levar no dia da prova.

No dia para fazer a prova não fui abandonado. O pessoal ficou sabendo depois que eu tinha conseguido fazer a inscrição e, no dia da prova, todos foram juntos, no mesmo veículo. Acabou que todos nós fomos aprovados.

Por conta das greves que ocorriam naquela época, no ano de 1994, as aulas só foram começar em agosto daquele ano. Apesar de ser um colégio público, nós tínhamos que levar algumas coisas, como roupa de cama, colchão e um baú que serviria como uma espécie de guarda-roupas. Eu lembro que minha mãe sempre deixou muito claro que, se eu fosse, ela não tinha como me auxiliar nem como me manter lá financeiramente. Aí aconteceu uma coisa bem interessante. Eu tinha 13 para 14 anos. Uma prima minha tinha acabado de chegar de Natal,

da capital, e tinha deixado uma vaga de empregada em aberto. Eu querendo juntar dinheiro para o colégio, pensei: *será que eu poderia trabalhar naquela casa, ocupando a vaga em aberto?*

Minha prima articulou o processo e conseguiu que eu fosse trabalhar de empregado doméstico na casa da sua ex-patroa. Mandaram o dinheiro da passagem e eu saí de Carnaúba dos Dantas e fui trabalhar nessa casa, em Natal, na capital do estado. A minha intenção era de ir e juntar apenas o dinheiro para pagar os custos iniciais para estudar no colégio agrícola. As aulas só iam começar em agosto e eu tinha alguns meses para realizar esse plano. Contudo, só aguentei uma noite e um dia!

Quando fui trabalhar naquela casa, lembro que a mulher (ex-patroa da minha prima) me colocou logo para lavar os quatro banheiros. No primeiro dia, eu pedi arrego. Eu dormi em um quarto isolado próximo ao muro da propriedade. Passei a noite chorando, berrando que queria voltar para o interior, não aguentei aquilo. No outro dia, ela me botou no ônibus e me mandou de volta para o interior.

Voltei para o interior, mas algumas pessoas me ajudaram depois. Uns me deram o colchão, outras deram o baú. Acabei conseguindo juntar o que precisava e pude ir para o colégio agrícola. Foi um dos momentos mais decisivos da minha vida.

Em Bananeiras (PB) conheci professores maravilhosos que me deram grandes oportunidades. Também já não sofria tantos

preconceitos, especialmente porque eu acabei reprimindo um pouco minha orientação sexual. Foi como se minha vontade de crescer como estudante fosse muito maior que questões dessa ordem. Aí foi curioso. Havia um certo estranhamento das pessoas, quando eu voltava para o interior com um comportamento diferente em termos de orientação sexual.

As pessoas se perguntavam se eu tinha mudado. Isso gerou uma certa curiosidade na cidade e questionamentos, muitos grosseiros e pejorativos. Recordo que certas vezes andava na rua e escutava: *Não muda, é viado!* Isso sempre me causava sofrimento. Contudo, compreendia que era do momento e aquilo acabava me servindo como estímulo para seguir em frente, não desistir e lutar pelos meus sonhos. Nunca me fez recuar. Eu conseguia levantar a cabeça e não usar isso como uma desculpa para recuar.

Na escola agrícola participei de projetos de extensão sobre alimentação alternativa. Fazíamos o treinamento nas comunidades rurais, em assentamentos, isso com 14, 15 anos. Mas, então, apresentei um grave problema de saúde.

Eu estava participando de um congresso científico em Maringá, no Paraná. Estava na biblioteca me preparando para a apresentação, não sei se era a carga de estresse, de ansiedade, de cobrança, só recordo de ter caído. Quando acordei, já estava no hospital. Diagnosticaram-me com duas úlceras ordenais,

que tinham perfurado e eu tive sangramento digestivo alto, corri risco de morte mesmo. Com 15 anos de idade, em uma cidade estranha e sem familiares por perto, permaneci três dias na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Os médicos iam fazer cirurgia em mim, mas não fizeram porque não tinha ninguém responsável para autorizar, me estabilizaram. Eu lembro que foi bem *punk*, minha mãe falou que foi bem difícil para ela aquela situação, sem poder ajudar ou estar comigo.

Voltei de avião, a universidade mandou as passagens. Eu tinha que escolher entre ficar longe de casa ou me tratar. Foi uma situação aguda de risco, eu precisei desistir de estudar naquele ano. Fiquei na casa dos meus pais e foi muito difícil para mim. Fiquei uns quatro meses em Carnaúba dos Dantas para me cuidar.

Voltei para o colégio no ano seguinte, em outra turma. Curiosamente, acabei indo novamente para o mesmo congresso de iniciação científica em ciências agrárias, só que em outra cidade, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Deu tudo certo.

Há todo um significado pessoal estar, hoje, como médico de família na zona rural de Bananeiras-PB. Foi um lugar determinante para mim. Foi lá que, pela primeira vez, além dos professores de Carnaúba, eu tive acesso a outros professores que me estimularam, me mostraram caminhos.

Minha trajetória sempre foi marcada por professores de personalidade muito forte, que tiveram sensibilidade.

Talvez por isso eu me identifique tanto com o ensino hoje. Eu vi o quanto foi importante para mim esse papel do professor sensível, que vê naquele aluno o potencial e o instiga. Se as crianças e jovens encontrarem, no seu ensino fundamental e médio, professores desse tipo, isso será de grande importância. Ao menos foi determinante para mim.

Quando eu estava no terceiro ano no colégio em Bananeiras, conheci um professor de Biologia que namorava uma colega minha. Ela sabia que eu gostava da área de saúde e me presenteou com uma coleção de livros de Biologia. Foi muito importante para mim. Eu me lembro que procurei ler essa coleção de Biologia de uma ponta a outra, o que me despertou muito interesse por cursar Biologia. Naquela época, acesso à informação era muito difícil. Ganhar uma coleção de livros de um professor era como ganhar um troféu.

Concluí a escola agrícola, ou seja, o Ensino Médio, em 1997. A formatura foi em 98, estava com 18 anos de idade. Recordo que, quando foi para terminar o colégio, no início de 1998, meu pai já estava bastante adoentado, em um estágio terminal de câncer de próstata. Minha mãe não queria que ele fosse para a formatura da gente e eu fiz de tudo para ele ir. Ainda bem que consegui, foi maravilhoso!

Foi em janeiro de 1998. De dez filhos, até então, meu pai não tinha conseguido ver algo semelhante em termos de

formação de nenhum deles. A gente pôde dar para ele aquela oportunidade de realização. Ele foi para a festa e para a cerimônia de formatura do Ensino Médio. Dois meses depois ele veio a óbito. Eu me orgulho muito de ter conseguido que ele participasse e vivenciasse com toda a família aquele momento de muito significado e importância.

Certa vez, ainda no colégio agrícola, havia um professor de Matemática, no corredor, conversando com os alunos e começou a perguntar o que cada um queria fazer (em termos de escolha de uma profissão). Quando eu respondi que queria fazer medicina, ele disse: *não tem condições, para fazer medicina você não deveria estar aqui. Quem faz medicina é quem está lá em João Pessoa, na capital, fazendo cursinho, se preparando para isso*. Apesar da mensagem dele soar como um desestímulo, para mim serviu de estímulo. Creio que ele veio com uma palavra de realidade para mim e eu usei como estímulo: *vou mostrar para ele que vou conseguir*. Na verdade, o próprio colégio agrícola, culturalmente, tinha como foco principal estudantes que pretendiam, em sua maioria, fazer cursos como agronomia, veterinária, química de alimentos e engenharia de alimentos. Eram as áreas de atuação do colégio: agroindústria e agropecuária. Todo mundo sabia que, naquela época, quem fazia medicina tinha outro perfil de aluno.

Houve um momento em que eu fiquei meio indeciso sobre para qual curso prestar o vestibular. Eu não me sentia seguro

de prestar para medicina porque eu tinha muitas carências em disciplinas básicas. A maioria das disciplinas do colégio, naquela época, era do núcleo profissional, disciplinas voltadas para a agroindústria e agropecuária. Muitas matérias que caíam no vestibular, você só via no primeiro ano. As únicas matérias que caíam no vestibular e que se viam no segundo e no terceiro ano eram Português, Redação e Matemática.

Meu Ensino Médio não foi preparatório para fazer vestibular, foi realmente um curso técnico. Eu tinha muitas deficiências em matérias como Física e na própria Biologia de que eu gostava muito. Acho que eu tive um choque de realidade e vi que não tinha como fazer o que eu realmente queria, medicina.

Recordo que na biblioteca do colégio havia um livro só sobre pontes, eu fiquei olhando para ele e disse: eu vou tentar fazer engenharia civil, vislumbrei aquilo. Em algumas matérias que cursava no Ensino Médio tinha a parte tecnológica, com alguns cálculos interessantes. Assim, fiz meu primeiro vestibular para engenharia civil na UFPB, em Campina Grande, com segunda opção pelo curso de Física. Eu estava concluindo o Ensino Médio.

Eu me lembro que tinha um colega de Carnaúba que morava em Campina Grande, ficamos na casa dele para poder prestar as provas do vestibular. Foi uma turma. Como eu não tinha nenhuma base na disciplina de Física, nem sei por que havia

pensado naquela opção de curso, eu não fui aprovado. Era necessário fazer uma prova discursiva de Física, e minha nota acabou não sendo suficiente para passar em engenharia civil.

Ao voltar para a casa dos meus pais, após prestar o vestibular, tive a surpresa de ser chamado para a minha segunda opção, Física. Só que eu não fui, porque não era o que eu queria. Coloquei engenharia civil porque eu estava terminando o Ensino Médio e não me via em condições de fazer Medicina ainda.

Quando foi em março de 1998, meu pai faleceu. Era um momento de forte transição na minha vida. Eu tinha acabado de concluir o Ensino Médio e as coisas estavam mais difíceis na casa dos meus pais. Minha mãe reforçava algo de que eu já tinha consciência, falava que eu tinha que trabalhar, ajudar nas despesas da casa.

Agora eu estava na realidade de casa. Meu pai tinha acabado de falecer e, na cultura no meu interior, os adolescentes, em sua maioria, iam trabalhar na cerâmica ou na padaria, principais atividades econômicas da região naquela época. Só que eu via que poderia fazer algo a mais. Então eu fui à escola da cidade, dizer que se precisassem de professor eu estava ali, poderia dar aula. Na época, estava faltando professor de Física e de Biologia. Física, eu não tinha base nenhuma, só tive no primeiro ano do Ensino Médio e o professor não

nos estimulou muito, a ênfase era mais na Matemática do que em Física. Mas mesmo assim eu aceitaria lecionar Física. Já Biologia era mais cômoda para mim, eu sempre gostei de estudar e até já tinha material para preparar as aulas. A escola disse que, se eu quisesse, teria que pegar Física e Biologia. Peguei! Enfrentei o desafio e comecei a dar aula.

Aquilo foi muito importante para mim. Fui desenvolvendo meu “lado” de professor. Além disso, precisava financeiramente daquele emprego para ajudar em casa, para me manter. Sem contar que aquela experiência me serviu como um verdadeiro cursinho pré-vestibular intensivo. Para lecionar, precisava estudar e revisar bem duas matérias que iam pesar consideravelmente nas provas que eu ia prestar no vestibular para medicina.

Eu podia estudar em casa para poder dar a aula na escola local. Por sorte, ministrava Física apenas para primeiro ano, no qual o assunto era relativamente mais fácil para estudar, mecânica e dinâmica. Já Biologia, eu ministrava para turmas de todos os três anos do Ensino Médio daquela escola.

Todo semana vinha o jornal *Tribuna do Norte* para a câmara de vereadores, o jornal era acompanhado de um caderno para o vestibular. Eram resumos de matérias e questões. Toda quinta-feira eu ia para a câmara, era o dia em que chegava esse caderno. Recordo que ficava lá estudando,

o pessoal me dava os encartes do vestibular e eu os guardava, eles me ajudavam a preparar as aulas e a estudar. Além desses encartes, eu me preparava também usando um material didático apostilado que foi doado para a biblioteca por um aluno que tinha estudado fora, feito cursinho preparatório em outra cidade. Esse foi meu cursinho, estudando sozinho e usando esse material, numa época em que o acesso a informação não era tão fácil e vasto como é hoje em dia com o advento da *internet* e dos *smartphones*.

Quando chegou a época de inscrições para o vestibular, meu segundo vestibular, ainda não me via preparado para tentar medicina. Apesar da minha força e resistência, isso era reflexo de uma certa influência dos preconceitos que sofria devido as minhas condições sociais e econômicas. Para completar, uma surpresa: como pagar a taxa de inscrição? Talvez pela desinformação, por não ter acesso às pessoas certas, ou até por descuido, eu não sabia que havia a isenção de taxa, e por não saber havia perdido o período inscrição para solicitar isenção.

Fui então pedir ajuda a um político local. Na verdade, fomos eu e um colega, pedir ajuda para o valor da inscrição para o vestibular. Eram dois vestibulares de universidades federais que eu iria tentar, o da UFPA na Paraíba e o da UFRN em Natal. Esse político local nos negou ajuda. Fiz economia aqui, acolá, do que eu ganhava do colégio, e aí consegui pagar a inscrição. O valor não era tão elevado,

mas para quem ganhava pouco e tinha várias responsabilidades em casa, todo centavo fazia diferença.

Em meu segundo vestibular prestei para o curso de Farmácia em Natal, na UFRN, e para agronomia na Universidade Federal da Paraíba. O curso de Farmácia, escolhi porque eu gostava muito de Química e de Biologia. Química pela questão do colégio e Biologia porque eu sempre gostei. Era um curso da área de saúde que eu poderia fazer, estava mais próximo de medicina para o qual eu julgava ainda não estar preparado. Pensava que poderia passar em Farmácia, mas não em Medicina.

Continuei dando aula no colégio até chegar o período das provas. Contudo, eu ainda não tinha conseguido um local para ficar em Natal durante as provas. Confesso que já estava desistindo de fazer o vestibular para a UFRN. Em Campina Grande, não havia problema, eu tinha um colega que morava lá e me deixaria ficar na casa dele durante o vestibular.

Cerca de uma ou duas semanas antes do vestibular da UFRN daquele ano, uma irmã de um ex-professor meu soube da minha situação e disse que eu poderia ficar hospedado na casa dele, em Parnamirim. Ele tinha sido meu professor de geografia no Ensino Fundamental, em Carnaúba dos Dantas, mas naquele momento era professor do Instituto Federal (campus central), em Natal. Fiquei na casa dele,

foi outra pessoa determinante na minha jornada. Eu não ia fazer a prova porque não tinha onde ficar.

Enquanto estava hospedado em sua casa, notei que tinha o filme *Titanic* na estante, em fita VHS. Eu era doido para assistir esse filme, mas não tinha coragem de lhe pedir para assistir. Vou confessar algo que ele nunca soube (até agora!). Eu me lembro que ele saiu para trabalhar e eu fiquei na porta da casa vendo se ele vinha e botei o filme. Ficava com um olho na porta e outro no filme. Quando o filme terminou, coloquei de volta com todo o cuidado e fiquei aliviado por ele não ter chegado e me flagrado.

Logo depois que prestei o vestibular em Natal, realizado na Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti (FLOCA), retornei para a casa dos meus pais no interior. Eu achava que dava para passar.

O resultado final foi escutado pelo rádio. Os nomes eram lidos pelo locutor em ordem alfabética e por cursos. Minha mãe estava com a neta dela na rede, quando eu cheguei dizendo que havia escutado meu nome dentre os aprovados no vestibular da UFRN. Ela ficou tão alegre que caiu da rede! Aquele dia foi de muita emoção, a ponto de minha mãe cair no chão com minha sobrinha no colo. Eu não esqueço nunca daquele momento. Um momento de muita alegria, especialmente para minha mãe que viu o filho sofrer diversos

tipos de preconceitos e de violência, mas cujo filho tinha conquistado algo aparentemente inatingível.

Fui aprovado para cursar Farmácia na UFRN, com ingresso já no primeiro semestre. Por um lado isso foi bom, mas por outro foi ruim, pois eu tinha menos tempo para me organizar. Também havia sido aprovado no vestibular que prestei para o curso de Agronomia da UFPB. Por um momento fiquei em dúvida em qual curso ingressar.

Em Natal haveria maior dificuldade em termos financeiros para poder cursar Farmácia na UFRN. Já estava quase decidido pelo curso de Agronomia, especialmente por ser um curso em um campus interno, com maior apoio para os estudantes. Além disso, era mais próximo de Carnaúba e o ambiente, a cultura, já me eram mais familiares. Já estava vendo o meu projeto de ser médico se distanciando cada vez mais ao me afastar da área da saúde, optando por Agronomia ao invés de Farmácia.

Em parte estava triste, eu queria mesmo fazer medicina, ser médico. Foi quando eu soube que a UFRN tinha residência estudantil e que eu poderia me inscrever. Teoricamente, alojamento e comida estariam garantidos. Então fui amadurecendo melhor essa ideia, trabalhando a possibilidade de ir para Natal, cursar Farmácia na UFRN e me aproximar mais da medicina.

Recordo da minha mãe falando que eu só iria para Natal cursar Farmácia se eu conseguisse uma vaga na residência. Havia um processo seletivo em que os assistentes sociais saíam fazendo visitas nas casas, para melhor avaliar as condições da família em termos sociais e econômicos, principalmente. Certo dia, ligaram dizendo que a assistente social viria no dia seguinte. Eu disse para minha mãe que deveríamos arrumar e limpar a casa antes da visita da assistente social. Mas minha mãe retrucou e disse que era para deixar como estava para a assistente ter certeza de que éramos pobres. Creio que na cabeça dela, deixar a casa suja e desarrumada, facilitaria eu ser aprovado no processo. Só que eu falei para minha mãe que não havia aquela relação, ser pobre não implicava em ser sujo ou desorganizado. Convenci-a e iniciamos uma boa faxina e organização da casa.

Como previsto, no dia seguinte chegou a assistente social, Dona Graça. Pelo que sei, até o presente momento, ela ainda trabalha na UFRN como assistente social. Recordo muito bem da nossa angústia naquele dia, minha e da minha mãe. Minha ida para Natal dependia daquela residência universitária, não havia ninguém que poderia ou tivesse se oferecido para me acolher e me manter na capital enquanto não conseguisse algum trabalho. Tanto é que eu fiz a matrícula também em agronomia, se não desse certo na UFRN, eu ia fazer agronomia na UFPB.

Ao final de todo o processo seletivo para a residência universitária na UFRN, eu consegui ser aprovado. Fiquei com um vínculo muito forte com a Graça e com uma outra assistente social que já faleceu, a Margarida. Até hoje quando eu vejo a Graça ela sempre aperta minha mão, como quem diz com muito orgulho, *eu conheço sua história*. Eu acho que isso talvez seja um dos pontos mais fortes no trabalho da assistente social, ela faz muita diferença na vida das pessoas.

Apesar de ter conseguido a vaga na residência universitária e de ter efetuado a matrícula no curso de Farmácia da UFRN, precisava ainda esperar surgir uma vaga na residência. Isso implicaria na perda de uma ou duas semanas de aulas no início do curso.

Eu estava ansioso para o início do curso e não queria perder as primeiras aulas. Foi então que uma senhora de Carnaúba, mas que morava em Natal, soube da minha situação e mandou um recado para minha mãe. Ela disse que eu poderia ficar a primeira semana na casa dela, em Natal. Essa senhora já faleceu e até aquele momento eu não a conhecia. A ajuda dessa senhora foi muito importante para mim e evitou que eu faltasse na primeira semana do curso. Na segunda semana, eu já havia conseguido a vaga e fui para a residência universitária, voltada para alunos da área da saúde.

Lembro que eu era muito retraído quando iniciei no curso de Farmácia. O pessoal me achava meio bruto, ignorante e calado demais. Foi aí que apareceu meu apelido de “Carlão”. Aos poucos fui fazendo novas amizades e me destacando na turma em termos de notas. Ainda no primeiro semestre, eu fazia as atividades primeiro que meus colegas, os quais depois tiravam xerox dessas atividades e me ajudavam com algum dinheiro. Também fazia primeiro as listas de exercícios de Química. Essa ficou sendo como que a simbiose entre mim e meus colegas de turma.

Nos primeiros meses, eu me mantinha em Natal basicamente com R\$ 40,00 que minha mãe mandava mensalmente. Não tinha gastos com alimentação, pois era fornecida pela residência universitária. Usava todo o dinheiro que recebia basicamente para pagar xerox em geral e transporte. Lazer como cinema, passeio em shopping ou *baladas* não existiam, não tinha condições financeiras. Certa vez, em uma aula de anatomia, escutei um colega dizer que ia estrear um determinado filme nos cinemas, um filme sobre a história de um médico. Fiquei com muita vontade de participar também daquele grupinho que se organizava para ir ao cinema, mas eu não tinha condições. Já estava com quase 20 anos de idade e nunca tinha ido ao cinema até então.

Eu tinha uma certa paranoia com relação as minhas notas, não aceitava tirar nota baixa e me cobrava muito.

Havia um professor de Física no início do curso que, logo na primeira aula, disse o seguinte: *Minha prova são quatro questões, mas vocês só podem tirar sete e meio, sempre tem uma questão que ninguém vai acertar.* Isso ficou como um desafio para mim, *vou conseguir acertar a questão desse cara!* Na primeira prova dele eu tirei sete e meio, errei a questão que ele havia dito que ninguém acertaria. Eu não aceitava ter errado aquela questão. Inconformado e achando que tinha acertado, peguei um dinheiro que tinha juntado e fui de ônibus para João Pessoa, na Paraíba. Fui tirar a dúvida com outro professor que conhecia lá. Não procurei nenhum professor local, pois fiquei com receio de ser colega do meu professor. Enfim, descobri que tinha errado mesmo aquela questão e me conformei com aquele sete e meio. Quando fiz as outras duas provas dele, consegui tirar dois dez em sequência. Em parte, eu acho que me cobrava muito porque eu via que aquilo estava me trazendo retorno. Quanto mais apresentava bom rendimento acadêmico, produzia e me destacava, mais meus colegas me ajudavam e eu tinha um dinheiro extra. Além disso, meu esforço e as notas conquistadas começaram a me render algumas oportunidades de bolsas de estudo.

Na primeira atividade que fiz na disciplina de Estatística, ministrada pelo professor Medeiros, tirei dez e o professor, ao divulgar as notas, perguntou quem era Carlos? Eu sempre gostava de sentar no final da sala, por timidez e por ser receoso.

Eu me identifiquei levantando o dedo. Foi quando o professor disse: *Rapaz, você me surpreendeu*. Eventualmente, ele ficava brincando comigo e notei que havia conquistado um espaço de respeito perante o professor e a própria turma. Aquele reconhecimento foi de fundamental importância quando me vi novamente em uma situação delicada.

Na minha turma havia grupos de estudantes que ainda alimentavam o desejo de ingressar em Medicina e se preparavam para isso, paralelamente enquanto cursavam Farmácia. Isso é muito comum nos diversos cursos da área da saúde. Eu fazia parte de um desses grupos, alimentando novamente meu projeto de medicina. Contudo, em meados de agosto de 1999, minha mãe mandou um recado do interior, dizendo que não poderia mais enviar os R\$ 40,00 por mês. Apesar de contar também com o auxílio dos meus colegas, não era suficiente. Foi quando eu me desesperei. Não podia desistir, voltar para o interior. A mensagem que veio de lá foi bem clara, não tenho mais como mandar os 40 reais. Foi quando eu saí pelos departamentos da universidade procurando por alguma bolsa de estudos ou outra oportunidade remunerada. Procurei em outros departamentos, pois recordo que alguns dos meus colegas haviam dito que no Centro de Biociências não havia nada. Descobri que no Departamento de Estatística havia um processo seletivo aberto para monitor de estatística básica. Procurei o professor Medeiros e ele me disse para

participar da seleção, mas me alertou, me fez lembrar que eu iria concorrer com os alunos do curso de estatística. Disse-lhe que não tinha problema, que iria fazer, que estava realmente precisando. Estudei muito para aquela prova, especialmente por saber que estava concorrendo com especialistas da área. Consegui ser aprovado e foi algo realmente maravilhoso, uma verdadeira salvação. Recebia agora uma bolsa de estudos no valor de aproximadamente R\$ 100,00, um valor muito superior ao que eu recebia até então.

Fiquei como monitor de estatística da professora Ivone, no Centro de Ciências Exatas e da Terra (CCET) da UFRN. Eu lhe disse que queria fazer Medicina e ela me disse: *Carlos, eu posso lhe ajudar fornecendo a minha sala para você ficar estudando e usando o computador.* Foi quando eu comecei a procurar materiais na *internet*, especialmente textos, não havia ainda essa cultura forte das vídeo-aulas disponíveis nas mídias sociais. Eu usava muito a *internet* naquela sala, especialmente nos finais de semana, pois a professora Ivone tinha permitido. Frequentava também a biblioteca e comecei a frequentar algumas aulas da instituição como ouvinte. Estava colocando em prática o meu projeto de medicina com muito mais vigor e intensidade. Procurei ainda obter uma bolsa de estudos em um cursinho pré-vestibular. Acabei nem sendo recebido pelo responsável, me foi alegado que não havia mais bolsa disponível.

No ano 2000, eu era aluno de Farmácia, monitor de estatística básica e professor de Biologia do cursinho do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFRN. Procurei ser professor de Biologia do DCE para melhorar e revisar meus conhecimentos nessa disciplina, além de poder contar com uma renda extra. Esse meu lado de estudar para dar aula sempre me ajudou muito. Foi um diferencial para mim. Eu também estudava antes para explicar o assunto para os colegas de Farmácia.

Na metade do ano de 2000, saiu o edital para reopção, ingresso extra-vestibular para diversos cursos da UFRN. Eram apenas 3 (três) vagas para o curso de Medicina e uma concorrência de 18/1, ou seja, 18 pessoas para uma vaga. Além do número elevado, era uma concorrência de bom com bom, com pessoas que já estavam dentro da universidade. Intensifiquei os estudos e ao final de 2000 fiz essa prova, já me preparando para o vestibular de João Pessoa que seria em janeiro do ano seguinte na UFPB. Concorri com alguns colegas meus de Farmácia que também estavam tentando reopção para Medicina.

Recordo que eu estava, em janeiro do ano de 2001, na sala de estudos da biblioteca da UFRN, estudando Logaritmo, Matemática, para o vestibular da UFPB. Foi quando disseram que havia saído o resultado da reopção. Eu corri para o Departamento de Estatística, onde tinha acesso à *internet*. Fiquei uns dez minutos lá, *abro ou não abro?* Vou abrir! Só que eu não tive coragem de seguir a lista de aprovados pelo nome,

eu puxei a barra de rolagem do navegador e fui checar pelo número da identidade. Fui descendo, quando eu vi o segundo colocado, era o meu número de identidade. Só então eu puxei e vi meu nome, eu não acreditava! Deu uma certa agonia, uma mistura de sentimentos que não tenho como descrever. Fechei todas as janelas do computador e abri novamente para ter certeza do resultado. Coincidentemente, as três pessoas que haviam passado eram da residência universitária em que eu morava. Em primeiro lugar passou um estudante do curso de Odontologia, o segundo e o terceiro lugar eram do curso de Farmácia, respectivamente, eu e um colega. Curiosamente, esse mesmo colega sempre me dizia: — *Carlão, você não vai passar. Não sabe Física, precisa fazer prova discursiva, não tem como passar. Reopção é um filtro, tem que saber Física.* Eu não vou negar que fiquei feliz ao saber que, além de ter passado, fui aprovado em uma colocação acima da dele e minha nota em Física foi superior também. Se eu for olhar ao longo de minha trajetória, não deixaram de aparecer essas pessoas que vinham dar um “toque de realidade” ou de pessimismo, mas que, na realidade, me estimulavam. A prova de Física me marcou bastante porque era meu grande medo, era o que poderia ter me tirado da Medicina. Eu me esforcei muito em Física, tentando superar as minhas dificuldades nessa disciplina.

Quando eu estava em Farmácia e decidi participar do processo seletivo de reopção para Medicina, além da minha

turma e de uma tia, ninguém mais sabia dessa decisão. Não havia contado para mais ninguém, nem mesmo para minha mãe. Quando saiu o resultado, eu fui ao *orelhão* (telefone público) e liguei para contar as novidades para minha mãe. Conte a notícia de que havia sido aprovado para medicina e ela não entendeu muito bem: — *Mas é para que, meu filho?* Eu tive que explicar. Mãe, é para eu ser doutor igual ao doutor Juarez (que era um médico que tinha lá na cidade). Lembrar alguém para ela poder entender a importância daquele momento, daquela conquista. Ela me disse que na hora deu uma grande dor de cabeça.

Na minha cidade natal, quando souberam que eu passei em medicina, várias pessoas de lá e que moravam em Natal se aproximaram (algo raro quando eu cursava Farmácia). O primeiro médico nascido e criado na cidade, que estudou na cidade só em escola pública. Foi um grande *furdunço*. As pessoas foram lá na minha casa, na casa dos meus pais dar os parabéns para minha mãe. Nessa hora eu percebi com maior intensidade como a cultura em geral exalta a profissão médica, muitas vezes por pura vaidade, ganância e arrogância.

No ano de 2001, eu iniciava, portanto, o curso de Medicina na UFRN. Novos desafios e novas batalhas estavam por vir.

Ao começar medicina, surgem os novos desafios. Em Farmácia, eu tinha alguns colegas que vieram de escola

pública, em medicina, eu era o único aluno que vinha de escola pública. Não existia sistema de cotas, argumento de inclusão, nada disso. Praticamente, só entrava em medicina quem fazia os melhores cursinhos da capital. Com as novas demandas do curso, eu sabia que ia ter que trabalhar mais, ganhar um pouco mais.

Continuei com as aulas de Biologia no cursinho do DCE. Também continuava como monitor de estatística básica. Certa vez, um colega meu de Farmácia, que continuava tentando ingressar em Medicina, soube da necessidade de um professor de Biologia no cursinho em que ele estava estudando. Foi quando as portas se abriram para mim no setor privado. Meu colega me indicou e gostaram da minha aula, fui selecionado para lecionar nesse cursinho. Financeiramente minha situação foi melhorando muito. Mas as dificuldades foram surgindo em relação ao tempo de que eu dispunha.

Na minha turma de medicina, eu era um dos únicos alunos que trabalhava. Não era comum um aluno de medicina trabalhar no início do curso. O curso era em tempo integral e exigia muitas horas extras de estudo. Eu trabalhava e tinha que trabalhar, só a bolsa de monitoria, que ainda mantinha, não era o suficiente. Não tinha como fazer o curso e me manter sem trabalhar, eu também ajudava financeiramente minha mãe. Acabava chegando atrasado às aulas ou tinha que sair mais cedo. Eu faltava aula às vezes e, frequentemente, ficava

em quarta prova (prova de recuperação ou reposição). Assim, acabei sofrendo alguns preconceitos de colegas de turma e de professores. Muitos colegas não queriam formar grupos comigo e os professores me julgavam sem conhecer realmente minha história e necessidades.

Certa vez eu precisei sair mais cedo e o professor chegou para mim e disse: *por que você está saindo mais cedo?* Porque eu preciso, trabalho, respondi. Então ele disse: *you tem filho para sustentar?* Ficou questionando o porquê de eu sair mais cedo. Respondi que não tinha filhos, mas tinha que me manter, não tinha quem pudesse me ajudar financeiramente e eu precisava me sustentar por conta própria. Culturalmente, aqueles professores estavam acostumados com alunos que não trabalhavam.

Quando foi para definir os grupos para os estágios de internato no último ano de curso, quase ninguém me queria no grupo. Eu fui o excluído, quem ia querer Carlão no grupo, o que falta e chega atrasado? Consegui me inserir em um grupo, mas só depois da intervenção de um antigo colega de Farmácia e que também cursava medicina comigo.

O preconceito que eu sofria não era mais pela minha orientação sexual. Eu tinha uma postura mais masculina, séria, não tinha o estereótipo do *gay*. Apesar da minha turma ter sido bastante homofóbica, o círculo médico é consideravelmente

preconceituoso, mas o preconceito maior agora era por não eu conseguir seguir, como se esperava, os horários e demandas do curso.

Para se ter uma ideia, ao final do curso fui homenageado como “turista”. Cada um recebeu um título, eu era o que trabalhava e faltava na aula. Ao invés de terem me visto como uma pessoa pobre, o único ali que veio de escola pública, que tinha que trabalhar para estudar, fui visto como *turista*. No momento da “homenagem” fui chamado na frente de todos para receber a “camisa do turista”. A foto desse momento eu tenho até hoje. Tive que trabalhar para me sustentar ao longo dos seis anos do curso de medicina. Ser visto no final como *turista* foi bem forte para mim. Na noite da formatura, lá de cima do palco, meus olhos e minhas lágrimas tinham uma só direção: aquela que, até certo ponto de sua trajetória de luta e de escassez no sertão nordestino, não imaginaria estar ali vendo um filho tornar-se médico: minha mãe. O diploma que me foi dado pela UFRN a ela pertencia.

Minha turma era a última turma médica do currículo antigo, um currículo da década de 1970. Currículo todo baseado no modelo *hospitalocêntrico*, ou seja, centrado em hospitais, quando a doença já está instalada, praticamente ignorando a atenção primária em medicina. Eu não me identificava com aquele modelo de curso. Talvez, com o modelo atual e as reformas que surgiram, eu tivesse me empenhado

mais, mesmo com as demandas de trabalho que eu enfrentava. Confesso que o curso de medicina não me era tão estimulante.

Quando eu terminei o curso em 2007, próximo dos meus 27 anos de idade, terminei me sentindo meio impotente. Não me sentia preparado para ser médico. Acho que a maioria dos profissionais quando se formam tem esse sentimento. Meu caso era agravado pelas diversas disciplinas optativas e oportunidades de estágio que não pude fazer por conta do trabalho. Ao mesmo tempo, eu já estava bem engajado como professor de cursinho em Natal. Fiquei em um impasse, ser médico ou ser professor?

Certa vez, preparando uma aula em casa, eu tive um ataque de pânico. Comecei a chorar, gritar, devido a crise profissional/existencial que enfrentava em meu íntimo. Com calma, me convenci de que estava bem como professor, financeiramente e profissionalmente. Foi assim que continuei, de 2008 até 2015, mais forte do que nunca, como professor de alguns cursinhos preparatórios para o vestibular. Foquei nisso e investi na minha carreira como professor, chegando ao ponto de fazer licenciatura em Biologia na UFRN, ingressando no curso em 2013.

Não exercia a medicina, mas focava em preparar os estudantes para ingressar em medicina. Hoje, ironicamente, alguns colegas de trabalho na medicina foram meus ex-alunos

de cursinho de Biologia. Financeiramente foi sendo muito bom. Foi quando eu pude comprar minha casa e reformar a casa da minha mãe. Fiz uma casa nova para ela no interior. Sinceramente, não me arrependo de ter ficado fora da medicina nesse período, acho que foi necessário aquele tempo. Talvez eu exercesse uma medicina que não gostei de conhecer.

Todavia, em 2012, já um pouco cansado da rotina de professor de cursinho, pensei em voltar para a medicina, atuar como médico. Desde a época da faculdade de medicina, eu tinha vontade de fazer endocrinologia. Mas como fiquei muito tempo parado, já tinha esquecido muita coisa da base para concorrer a uma vaga de residência médica em endocrinologia. Então tracei um plano de estudo de três anos. Estudar novamente os assuntos básicos de um curso de medicina, ler os livros base.

Eu selecionei algumas obras disponíveis na biblioteca da UFRN. Todos os dias, após o trabalho, eu ia estudar lá na biblioteca. Li e estudei de um pé a outro, ou seja, de capa a capa, livros de anatomia, fisiologia, bioquímica, patologia, farmacologia, aquela biblioteca médica básica. Segui essa rotina de preparo para a residência médica de 2012 a 2015. No final de 2014, eu acabei fazendo prova de residência para clínica médica. Fui chamado para suplência em Recife, no início de 2015. Mas acabei não indo por conta das aulas que

ministrava no cursinho em Natal. O que foi um grande acerto da minha vida porque depois vi que não era o que eu queria.

Em meados de 2015, em Natal, houve um congresso brasileiro de medicina de família e comunidade. Uma ex-aluna que estava fazendo medicina me procurou e disse: — *Carlão, por que você não vai para o congresso conhecer a medicina de família, eu sempre achei que você tinha jeito de médico de família.* Minha ex-aluna estava me dando uma direção. De última hora, acabei fazendo minha inscrição nesse congresso. Havia me encontrado!

Em um congresso de cinco dias, eu descobri a medicina que realmente fazia sentido para mim. Ao ver as palestras, os vídeos da própria medicina de família em um caso no Rio de Janeiro, eu me emocionava, lágrimas corriam em minha face sem meu controle. Mexia comigo aquela medicina de estar próximo das pessoas, do seu contexto familiar. Aquela medicina de ter um olhar mais sensível, da equidade, de ver o todo, de fazer a diferença na vida das pessoas. Aquilo combinava comigo, com minha história de vida. Aproveitei o congresso para conversar com pessoas de várias residências médicas do país, principalmente do Rio de Janeiro e de Florianópolis.

Fiz a prova de residência médica para Florianópolis e para Natal. Quando estava me preparando para a prova do Rio de Janeiro, saiu o resultado de Florianópolis e de Natal.

Havia passado nas duas. Ocorreu-me então outra grande dúvida: ficar em Natal, onde já estava estabilizado, com trabalho e moradia, próximo da família, ou me aventurar em Florianópolis, ambiente totalmente desconhecido para mim, mas onde havia uma das melhores residências em medicina da família e comunidade do país.

Decidi ir para Florianópolis, lá eu estaria fazendo a faculdade que eu não tive e poderia me dedicar somente àquilo. Quando cheguei lá, o início foi bastante difícil, porque eu fui para uma área bem rural, bem distante do centro, de pouco fluxo de pessoas, pouca movimentação e o frio era considerável. Todas essas rupturas me deixaram bastante tenso, com uma certa angústia, querendo voltar para Natal. Depois consegui mudar de unidade da residência e fui para um local mais próximo do centro. Durante a residência, eu perdi três familiares, perdi um sobrinho para uma morte violenta, perdi dois tios de câncer, aumentando minha angústia em terras distantes. Tudo me provando lá. Certa vez, minha irmã falou: — *Galego, volte para cá porque a gente não está aguentando mais. Depois que você foi, já morreram três pessoas da família.* Quando estava em Florianópolis, eu pensava: quantas rupturas eu tive que fazer para estar aqui? Vou fazer ser a melhor coisa.

Mas consegui concluir a residência médica e foi maravilhoso para mim. Retornei para Natal em 2018. Eu me permiti

descansar por alguns meses, organizar as coisas em casa. Logo depois consegui um contrato com o município e assumi como médico de família e comunidade no interior do Rio Grande do Norte, na cidade de Acari.

Caminhando para o final do meu relato, destaco aqui uma coisa que julgo muito importante: não ter vergonha das nossas origens, não ter vergonha de dizer quem somos. Quando o discurso permitir e a oportunidade existir, devemos contar as coisas, quem você é e se está precisando de ajuda. Vamos encontrar pessoas maravilhosas que vão nos acolher. Obviamente, nem todas vão ajudar, mas se não externarmos os problemas, se não conversarmos, será muito mais difícil encontrar essas pessoas maravilhosas que existem e que podem nos amparar quando mais precisarmos. É muito importante ousar, arriscar, se permitir, fazer tudo valer à pena.

Gosto de trabalhar com medicina rural, acho que ela acabou sendo uma síntese de muita coisa que passei na minha vida. Meus pais vieram da zona rural, desde criança eu tive a zona rural como um refúgio para o contato com a natureza. A zona rural foi onde eu conheci muitas pessoas maravilhosas. Estudei em um colégio interno agrícola e fiz medicina rural. Chegar a um sítio para atender alguém ou fazer uma visita a um paciente no interior é como uma espécie de retorno a muita coisa que passei na minha vida (**Figura 1** e **Figura 2**).

Figura 1 – Visita domiciliar a casa da Dona Fortuna (101 anos de idade) na Zona Rural de Acari-RN em janeiro de 2020.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 2 – Campo em zona rural de Bananeiras-PB.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Pretendo continuar trabalhando com pessoas que vivem no campo. Tenho interesse em estudar questões que envolvem a saúde de pessoas que vivem em situações de vulnerabilidade social, pessoas LGBT. Fazer Mestrado e Doutorado com essas temáticas.

Assim como foi sair de Carnaúba dos Dantas (RN) para ir para o colégio agrícola em Bananeiras (PB), assim como foi sair de Natal e ir para Florianópolis, lá na frente podem vir outras rupturas. Que eu possa trocar de asas novamente e alçar voos mais altos, em outros horizontes, ter a coragem de sair da zona de conforto, às vezes das zonas de desconforto. Em alguns momentos, eu tive que ousar sair da zona do desconforto. Como foi lá atrás, sair da minha cidade, em meio a tanto preconceito e violência. Depois, ousar sair da zona do conforto, indo para Florianópolis. Se vierem novos desconfortos ou confortos, que a gente tenha essa coragem de ousar, de arriscar, de sentir-se impulsionado. A cada novo dia quando abrir os olhos, direi: **Presente!**

EIXO IV

O OUTRO NA
CONQUISTA DOS
NOSSOS SONHOS

As estrelas do firmamento e o interior nordestino: minha jornada pelo saber

José Ronaldo

*Somos o que fazemos. Nos dias em
que fazemos, realmente existimos;
nos outros, apenas duramos.*

Padre António Vieira

No ano de 1971, nasci na cidade de Macau, no interior do Rio Grande do Norte, a 170 km da capital. Meus pais, originalmente agricultores na cidade de Poço Branco, também uma cidade do interior do estado, foram atraídos para Macau pela crescente oferta de empregos no setor salineiro.

Em minha cidade natal, meu pai, analfabeto como a maioria dos seus colegas de profissão, foi trabalhar como operador de máquinas pesadas, ou seja, operava um trator

de esteiras. Minha mãe era exclusivamente do lar, mas como, quando criança, cursou até a 4ª série — atual 5º ano do Ensino Fundamental — sabendo ler e escrever, era a cabeça da família. Éramos cinco filhos, quatro homens e uma mulher, sendo eu o penúltimo e minha irmã, a mais velha.

Aos sete anos, por iniciativa da minha mãe, fui para escola cursar a 1ª série do 1º grau, hoje 2º ano do Ensino Fundamental. Na época, talvez porque já tivesse o problema ainda hoje insuperável de “língua presa” — o que no meu caso significa não conseguir pronunciar o “R” — enfrentei dificuldades para soletrar em voz alta. Enquanto meus colegas tremiam de medo da Cuca do Sítio do Pica-Pau Amarelo, eu me aterrorizava diante da possibilidade de ser chamado a soletrar palavras como “laranja” e “arara”.

O que podia ser motivo de risos para alguns (e algumas vezes inclusive para minha professora), era angustiante para mim. Infelizmente, essa é a lembrança mais viva que ficou desse primeiro contato com a escola. No final, fui aprovado, mas só voltaria à sala de aula cinco anos mais tarde, aos treze anos de idade, quando a vida da minha família já mudara muito.

Quando eu deveria estar cursando a 2ª série primária, no ano de 1980, assim como acontece com muitas crianças brasileiras, ficamos órfãos de pai vivo. Todavia, a separação dos meus pais foi um desfecho ameno, considerando outros

casos nos quais o fim do relacionamento familiar é precedido de um histórico de violência doméstica. Só voltaríamos a ter contato com nosso pai, seis anos depois dele ter ido embora.

Sem nenhuma fonte de renda em casa, minha mãe fazia o que podia, dentro e fora de casa, e não ganhava o suficiente. Aos 14 anos, minha irmã passou então de adolescente a uma segunda mãe, e assumiu a responsabilidade de cuidar dos irmãos mais novos. E, por Macau ser uma cidade cortada por rio e banhada pelo mar, catar mariscos e vender o que lográvamos pescar tornou-se a nossa rotina diária. Não havia tempo para a escola e ninguém mais estudou. Felizmente, a inocência parece fazer com que as crianças encontrem beleza em tudo e minhas recordações da infância nessa época são muito boas.

Como crianças, livres da vigilância constante dos pais, brincávamos sempre que podíamos e, não raro, quando e onde também não devíamos. Eu colecionava livros e revistas descartados pelos seus donos e, para desespero da minha irmã, meus achados eram acumulados em todos os espaços da casa que eu pudesse utilizar. Como as minhas predileções por leitura ficaram evidentes, meus irmãos e amigos passaram a contribuir trazendo-me mais literaturas e montei uma biblioteca, ou quase isso.

Visitava constantemente a biblioteca municipal nos finais de tarde e o meu nível de leitura saiu do silábico-alfabético

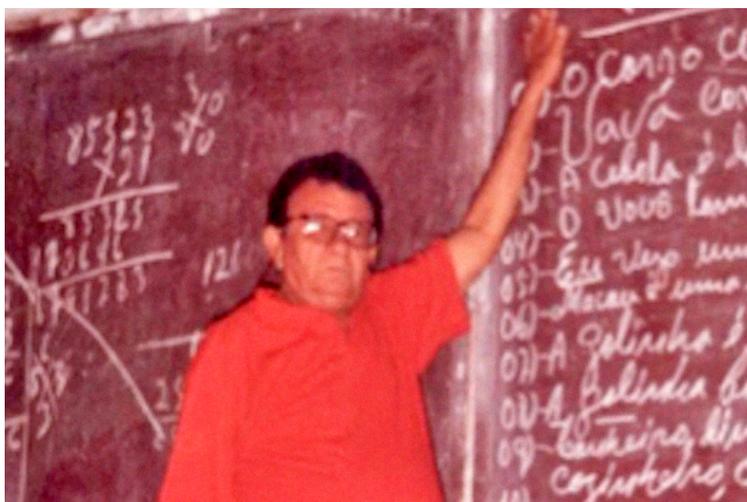
e enveredou por literaturas como as de Monteiro Lobato, Júlio Verne e Isaac Asimov. Foi nessa época que o professor Gabi (**Figura 1**), professor aposentado que mantinha uma escola em sua própria residência, deu-me um dos melhores presentes que já ganhei, o livro “Iniciação à Ciência”, de José Coimbra Duarte, segunda edição publicada em 1965, que me fez sonhar ser um cientista. Mas o que um cientista fazia? Eu ainda não sabia!

O ano era 1984, eu completei 13 anos e minha mãe não estava mais sozinha, morávamos com seu novo companheiro, um relacionamento que dura até o dia de hoje. Meu segundo pai, assim como o primeiro, era analfabeto. Entretanto, ainda que ele trabalhasse muitas horas por dia como pescador e embora minha ajuda fosse necessária para o sustento da família, ele defendeu firmemente que o meu lugar era na escola e não pescando ou catando mariscos. Foi assim que voltei a estudar oficialmente e iniciei a 2ª série (hoje terceiro ano do Ensino Fundamental) em uma escola municipal, onde fiquei até a 4ª série.

Foi uma das melhores épocas da minha vida, pois, dispensado de algumas tarefas de gente grande, teria tempo de ler mais e até de montar “meu laboratório” no quintal, ou pelo menos era assim que eu chamava um tipo de cabana que meu irmão mais velho ajudou a construir. Fazia os experimentos com ar, água, plantas e insetos (coitados!) e até com a comida. Um dos

experimentos mais perigosos que conduzi na época consistiu em medir a temperatura do arroz cozinhando em uma panela. O termômetro quebrou, espalhando mercúrio metálico na comida. Felizmente tive a coragem de avisar minha mãe, que descartou o arroz contaminado antes de servi-lo. Em todo caso, eu já sabia que queria ser cientista. Mas o quê um cientista faz?

Figura 1 – Professor Alfredo Gabi de Paiva (“Prof. Gabi”). Lecionou em várias escolas de Macau até se aposentar, mas continuou a ensinar na própria residência transformada em escola. Faleceu em Macau no ano de 2001, aos 71 anos de idade.



Fonte: Acervo pessoal do autor, janeiro de 2000.

Estudei a quinta série no período noturno, único turno disponível, na Escola Estadual Profa. Maria de Lourdes Bezerra. Gostava muito de Matemática, História e Geografia, mas as aulas

de Ciências eram sempre as mais esperadas. O professor de Ciências, Biólogo de formação, era funcionário do Banco do Brasil durante o dia e à noite dava aulas. Quase sempre levava alguma novidade, um documentário, maquetes, projetava slides com figuras belíssimas ou trazia algum experimento para fazer em sala.

O professor Danilo, como era chamado, alimentou em mim a aspiração pela docência. Creio que, na época, foi uma das certezas que tive com relação ao futuro, porque a partir de então eu não me via em outra profissão que não fosse em sala de aula, em contato permanente com os alunos. Tornei-me o auxiliar do professor e, como monitor, eu também ajudava na preparação e execução dos experimentos. Ao final daquele ano, o professor me perguntou se eu queria mudar de escola. Ele explicou que, devido ao meu interesse pela disciplina de Ciências, eu poderia ser cientista, e mudar para uma escola melhor me ajudaria a conseguir isso. Nos três anos que se seguiram, ele pagou todos os meus estudos em uma escola particular, uma das melhores instituições de ensino da cidade. O professor Danilo custeou meus livros, material escolar e a farda do colégio.

Ao final do primeiro ano na nova escola, minha família deixou o centro urbano e se mudou para uma comunidade rural isolada. Eu fiquei a sete quilômetros da escola e, por ser uma pequena comunidade, não havia meio de transporte regular entre os dois locais. Essa provavelmente ainda é a realidade de muitos alunos em pequenas comunidades espalhadas pelo Brasil.

Agora com 18 anos, eu estudava à tarde e a nova distância até a escola era superada em 40 minutos de bicicleta, sob o sol do meio-dia. Levava sempre de carona o meu irmão mais novo, que também passou a estudar. A volta era mais agradável. Com a mudança de moradia veio uma nova realidade, na qual, pela manhã, eu tinha tarefas; como trabalhar na terra e cuidar de animais. Eu morava em uma casa de *pau a pique* (também conhecida como taipa de mão, taipa de sopapo ou taipa de sebe) localizada na comunidade do Maxixe, zona rural de Macau (**Figura 2**).

Figura 2 – Casa de *pau a pique* em que morei na comunidade do Maxixe, zona rural de Macau/RN. A comunidade fica a cerca de sete quilômetros do centro da cidade, onde eu estudava. Nesta foto, tirada em 2014, eu estou com a minha filha, Alice.



Fonte: Acervo pessoal do autor. Foto de Miguel Almeida, julho/2014.

Nesse período em que moramos na comunidade do Maxixe, foi montada uma escola de alfabetização para as crianças da comunidade e, juntamente com a minha mãe, atuei como professor pela primeira vez. Meus estudos, em casa, agora eram realizados à noite, à luz de lamparina, já que não havia eletricidade. A falta de eletricidade me deu a escuridão e com ela o privilégio de observar o céu em toda a sua beleza.

Aprendi a reconhecer algumas constelações, identificar a Via Láctea e perceber uma grande variedade de eventos celestes. Não compreendia tudo o que era capaz de ver, mas passava boa parte do tempo observando e procurando coisas novas ou algo que se destacasse no céu. Eu, que queria ser cientista, passei a pensar em ser astrônomo. Mas o que um astrônomo faz, além de observar o céu?

Era 1990, e, aos dezenove anos, eu concluía o Ensino Fundamental, quando um colega disse estar estudando para o exame de uma escola federal na capital do estado. A escola, segundo dizia, era enorme, com excelentes professores e laboratórios fantásticos. Ele falava da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (antiga ETRN, hoje IFRN) e seus relatos me encantaram. De posse do programa do concurso, adquirido com um professor de matemática, e com um cronograma de estudos, descobri em mim uma capacidade adicional para os estudos até então adormecida. Nos cinco meses que

antecederam o exame, havia dias em que eu estudava por quatro ou cinco horas ininterruptas.

Após algumas certezas e incertezas, sobre se poderia ir ou não fazer a prova de seleção, viajei com esse amigo que me falara da escola e, com a ajuda de seu primo, consegui um local para ficar enquanto participava da seleção. Uma edição de dezembro daquele ano do jornal *Tribuna do Norte* trazia o meu nome na lista de aprovados para o Curso de Edificação da ETFRN. Com a alegria da aprovação, vieram duas perguntas, onde eu iria morar e como me manteria em Natal para estudar na ETFRN?

A questão da moradia foi resolvida pela minha mãe. Ela localizou uma de minhas tias paternas em Natal que concorreu em me acolher. Como não recebia ajuda financeira de casa, eu ajudava os meus anfitriões no que podia, trabalhava no que encontrava, o que incluiu serviços de servente de pedreiro, pintura de paredes, fabricação de pré-moldados e armação de ferragem para estruturas de concreto. Trabalhos pesados, mas necessários para meu sustento, pagavam o coletivo e, é claro, ninguém poderia dizer que eu já não atuava na construção civil, campo de minha formação como técnico em edificações. Mas o tempo disponível para os estudos individuais era escasso, quase sempre tinha somente as primeiras horas da noite e os finais de semana. E isso não parecia ser suficiente para acompanhar o curso.

Essa situação motivou uma segunda mudança. Em menos de um ano após ter chegado a Natal, aos 20 anos, fui morar na Casa do Estudante, iniciando aquela que se mostrou ser a fase mais difícil da minha vida, a despeito do tempo de que passei a dispor para me dedicar aos estudos.

Conheci a Casa do Estudante por intermédio de um colega do curso de Edificações, que me levou até lá para uma visita. Esse dia ficou marcado na minha memória porque chegamos no momento em que se iniciava um incêndio. Um estudante havia esquecido um fogão ligado e seu apartamento estava pegando fogo. Não foi nada grave, felizmente. E, apesar do susto inicial, eu gostei da Casa, sobretudo da ideia de me dedicar somente aos estudos. Mudei na semana seguinte e como a prefeitura da minha cidade estava em atraso com os repasses de recursos, eu fui trabalhar como recepcionista para “pagar” a minha estadia.

Meu trabalho na recepção, na maior parte do tempo, consistia em receber os visitantes e chamar os residentes quando recebiam visitas. No restante do tempo, eu ficava livre para espalhar meus livros e cadernos na mesa da recepção e estudar Física e Matemática. Às vezes, lia livros que pegava emprestados na biblioteca da Casa. Mas se a vida nesse período fosse só isso, teria sido monótona.

A vida na Casa do Estudante também teve seus desafios, um deles era que quase sempre tínhamos apenas uma refeição diária

ali. Somente à noite o refeitório abria para servir um litro de leite congelado (o picolé de leite) e dois pães. Outras vezes, sobretudo nos fins de semana e feriados, nada era servido. Essa talvez fosse a forma de o Estado nos dizer que o melhor a fazer era desistir de estudar na capital e voltar para interior, como costumava afirmar um colega que pegava a fila comigo. Recebi ajuda dos colegas veteranos da Casa, em particular de um amigo com o qual passei a dividir apartamento, convite que me foi feito por ele depois de conhecer o período de escassez que eu atravessava.

Nesse período fiquei muito tempo sem me corresponder com a minha família, talvez porque não quisesse relatar a minha real situação, que não era nada boa, e preocupar minha mãe. Durante um tempo, minha rotina consistia em dormir após as 22h, quando acabava o meu expediente na recepção; acordar por volta das 5h30 e caminhar por cerca de quatro quilômetros, do bairro da Ribeira até Lagoa Nova, onde ficava a ETFRN, chegando antes do início da primeira aula. Após as aulas da manhã, almoçava no refeitório da escola (gratuitamente, conforme determinação da assistência social da Escola) e ia estudar na biblioteca do ETFRN. Por volta das 16h, começava a caminhada de volta para a Casa do Estudante, chegando em torno das 17h e, às 19h ocupava meu posto de recepcionista.

No final do terceiro semestre de curso, abriu uma vaga para monitor do Laboratório de Física da Escola. Fiz a prova de seleção, uma entrevista, e consegui uma monitoria remunerada.

Eu já poderia andar de ônibus e contribuir com o meu colega para as despesas na Casa do Estudante. No laboratório, montávamos os experimentos, auxiliava o professor na execução das aulas práticas e ajudava outros alunos a fazerem seus exercícios de Física. Mais uma vez experimentei a atividade docente. A monitoria, dentre outras coisas, consolidou a escolha da minha profissão, professor de Física. Também comecei a perceber, pela oportunidade de almoçar na escola e pela bolsa que agora ganhava, o quanto podem ser determinantes as políticas do governo para evitar a evasão de estudantes nos cursos.

No último semestre do curso, eu voltaria para a casa da minha tia, e prestaria vestibular para o Curso de Bacharelado em Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Fui aprovado e devido a minha colocação no vestibular, segundo lugar, ganhei uma bolsa de iniciação científica já para o primeiro semestre. Mais uma vez, as políticas de governo voltadas à permanência dos estudantes nas instituições me permitiram estudar e terminar o curso. De fato, a bolsa possibilitou que eu me dedicasse exclusivamente ao curso. Minha iniciação científica concentrou-se na área de Astrofísica Estelar, porém, conforme sempre fui lembrado pelo meu orientador, minha prioridade deveria ser, e foi, a conclusão do meu bacharelado.

Na UFRN, me vi desde os primeiros anos em um ambiente tipicamente acadêmico, em todas as suas dimensões. Essas

dimensões incluíam aspectos nem sempre positivos, por exemplo, disputas em torno de coisas que, a meu ver, eram vazias ou simplesmente fofocas, intrigas, agigantamento de egos, mas também incluíam aspectos mais nobres, como a busca constante pelo conhecimento. Aulas, seminários, conversas em laboratórios, dentro e fora dos gabinetes dos professores, tudo girava, na maioria das vezes, em torno de temas de Física e Astrofísica. Praticamente todos ali trabalhavam na busca constante por novidades, embora estas não pudessem, às vezes, ser classificadas como científicas. Meu interesse, entretanto, já estava definido. Eu gostava mais de conhecer para divulgar do que descobrir por descobrir e isso determinaria a escolha do meu local de trabalho mais adiante.

Terminei minha graduação no tempo regulamentar, aos 26 anos, em 1997. Meu mestrado seria iniciado em seguida e, como uma continuação dos meus estudos na iniciação científica, ele se deu na área de Astrofísica Estelar. Durante essa nova fase, recebi uma bolsa de mestrado, paga pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq), para continuar me dedicando exclusivamente à minha formação acadêmica.

Durante o meu mestrado, fui selecionado para participar da *Vatican Observatory Summer School*, escola de verão organizada pelo Vaticano e sediada na Itália. Nesse período, passei boa parte do meu tempo livre conversando com o padre jesuíta e matemático Andrew Whitman (1926–2015) (**Figura 3**). Tendo

morado no Brasil, onde lecionou matemática na PUC do Rio de Janeiro, por 14 anos, ele falava muito bem o português e segundo disse, era fã do povo e da cachaça brasileira. O Pe. Whitman era jesuíta e doutor em Matemática. Pesquisador em matemática pelo Observatório do Vaticano em Tucson (Arizona), lecionou na PUC do Rio entre os anos 1974 e 1988. Faleceu em Lafayette, Louisiana em 2015, aos 88 anos de idade.

Figura 3 - Eu e o padre Andrew Whitman durante a *Vatican Observatory Summer School* de 1999.



Fonte: Acervo pessoal do autor. Foto de Reiner Lacerda, julho de 1999.

Dentre as várias perguntas que o Pe. Whitman me fez, uma delas me fez pensar muito. Perguntou-me se tornar-me Astrofísico, como eu pretendia, era o melhor que eu poderia

fazer por mim e pelas outras pessoas. Não soube responder naquele momento, mas pensei sobre isso por muito tempo. Depois eu me convenceria de que trabalhar para inspirar pessoas a melhorarem suas vidas pode ser tão importante quanto descobrir coisas novas. Preparar bem um curso, fazer palestras, falar para crianças e jovens sobre ciências pode ser tão ou mais importante do que dedicar horas de estudos para atender ao nosso sistema padrão de produtividade de *papers*. E isso é mais verdade ainda quando esse trabalho é feito em um local onde poucos se dispõem a fazê-lo.

O tema da minha dissertação foi uma inspiração antiga do meu orientador, embora eu, na época, tenha demorado para compreender o que exatamente eu estava fazendo, talvez pelo fato de ser ainda um iniciante na pesquisa científica. Incomodava-me o fato de tudo no meu trabalho parecer tão óbvio ao meu orientador e ao mesmo tempo tão obscuro para mim. Hoje compreendo que a minha dificuldade estava associada ao fato de que, na fase de iniciação científica ao longo da minha graduação, as atividades que me foram atribuídas estavam além do que eu poderia compreender, dado à minha pouca maturidade como pesquisador.

O resultado é que tive uma iniciação mais técnica do que científica, na qual desenvolvi uma competência mais voltada para a programação e manuseio dos dados do que para compreender o que esses dados revelavam. Hoje, creio serem mais

proveitosos à formação científica dos estudantes a discussão e o debate do que a execução de tarefas sem a compreensão do contexto científico em que elas estão inseridas. Quando passei a dominar o meu objeto de estudo e o contexto da minha pesquisa, passei a realizar minhas tarefas mais rapidamente e pude escrever a minha dissertação no tempo estabelecido.

Conclui meu mestrado e iniciei o doutorado, também na área de Astrofísica Estelar, embora tenha cogitado mudar para a área de Cosmologia. Meu doutorado durou três anos, ao longo dos quais, além de uma tese, fiz dois concursos públicos.

Os dois primeiros anos do doutorado foram os mais difíceis dessa nova fase de minha formação. Eu precisava trabalhar com ferramentas computacionais totalmente novas e ainda estávamos (ao menos os discentes) praticamente isolados do resto do mundo, enquanto grupo de pesquisa Astrofísica ainda recente e sem contato com outros grupos. Sendo o tema da minha pesquisa um problema totalmente novo para mim, eu não tinha sequer ideia das ferramentas computacionais que deveria usar. Perdi muito tempo nessa fase de tentativas, muitos erros e quase nenhum acerto.

Juntamente com mais dois colegas, éramos os primeiros alunos de doutorado em Astrofísica Estelar da UFRN. Nosso grupo era pequeno e estava em seus primeiros anos do programa. A chegada de um colega recém-doutor abriu alguns

caminhos, sendo um deles a apresentação de várias ferramentas computacionais que poderiam ser utilizadas pelo grupo.

Mas isso ainda era muito limitado, sobretudo porque, embora ele apresentasse com orgulho o seu arsenal, não parecia interessado em compartilhá-lo com seus colegas. Porém, o conhecimento da existência de um *software* específico e da possibilidade de adaptá-lo para resolver meu problema foi suficiente. Entretanto, eu tive que conseguir uma cópia do programa com outro colega no exterior.

Disso ficou a lição de que às vezes, numa academia, coopera-se mais com colaboradores externos do que com as pessoas que estão ao seu lado todos os dias. Lembro-me de que foram meses de estudos e esforços até que tudo estivesse pronto para o uso. Tendo sido superada essa parte, todo o trabalho fluiu rapidamente, principalmente pela dedicação em três turnos. Meu trabalho era estimar a rotação de estrelas velhas da galáxia, analisar seu comportamento e identificar e explicar casos de rotação atípica. Obtivemos bons resultados, os quais, entretanto, somente seriam publicados três anos depois da defesa da minha tese. A demora na publicação pode ter sido devido à falta de sintonia entre mim e o meu orientador quanto à escolha que fiz para o meu futuro profissional.

Como dissera anteriormente, enquanto cursava o doutorado prestei dois concursos, um para a Universidade do Estado do

Rio Grande do Norte (UERN) e outro para a Universidade Federal do Tocantins (UFT), tendo sido aprovado em ambos, fiquei na lista de espera. Meu orientador, entretanto, tinha um plano definido para o meu futuro e talvez, para ele, esse era a única opção que eu deveria considerar. O plano, conforme me explicou, era que eu integrasse a equipe do projeto COROT¹, projeto que envolvia a construção de um satélite cujos objetivos incluíam a descoberta de planetas fora do Sistema Solar. Para isso, eu deveria passar pelo menos um ano na França, durante o qual trabalharia na elaboração de ferramentas computacionais para tratamento dos dados obtidos pelo satélite. O COROT e a conseqüente especialização na área do projeto não eram, a meu ver, a melhor opção e nem seria a que eu escolheria.

Na verdade, desde o início essa não me pareceu ser a melhor coisa que eu poderia fazer por mim e pelas outras pessoas. No mês de julho de 2003, ao mesmo tempo em que a proposta de um pós-doutorado no projeto COROT era enviada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), eu recebi duas convocações que me possibilitariam assumir o cargo de professor efetivo na UERN ou na UFT.

¹ O projeto COROT (acrônimo de CONvecçãoROtação e Trânsitos) foi desenvolvido pela Agência Espacial Francesa em parceria com várias instituições, incluindo a UFRN. Seu objetivo era a detecção de planetas extra-solares e obtenção de dados para pesquisar fenômenos da rotação diferencial e da convecção em estrelas. Mais informações podem ser obtidas em <http://www.astro.iag.usp.br/~corot/principal.htm>. Acesso em: 14 mar. 2020.

A escolha não foi difícil, e optei pela UERN, onde estou até hoje e ainda mais convencido de ter feito a melhor escolha.

Aos 32 anos de idade, iniciei meu trabalho na UERN em agosto de 2003. Encontrei um ambiente muito acolhedor e estimulante, com a liberdade de poder escolher meus próprios projetos. Cravado no semiárido potiguar, o campus da UERN em Mossoró tem localização privilegiada para o ativismo social. Nos primeiros meses que se sucederam à minha chegada à UERN, era como se eu estivesse me vendo em dezenas de jovens estudantes. Garotos e garotas que, contrariando as expectativas comuns que a vida lhes reservava, chegaram à universidade e, com todas as forças, resistiam para permanecer nela. Parecia natural que eu me esforçasse para contribuir como pudesse para o sucesso deles.

Um dia, durante um seminário de Cosmologia, fiquei fascinado ao ver um jovem, filho de lavrador analfabeto, discutindo a teoria da relatividade geral com o palestrante. Esse jovem, hoje professor universitário assim como eu, não foi um caso isolado. Nesses 16 anos como professor da UERN, pude acompanhar e participar da ascensão intelectual e social de vários jovens, que, assim como eu, se recusaram a desistir diante das barreiras que a vida lhes apresentou, superando-as.

Como parte de um grupo de docentes motivados para enfrentar desafios e, a exemplo do que fizeram nossos

professores na UFRN, trabalhamos para fazer avançar a formação em Física. Fruto do esforço coletivo e de vários anos de trabalho focado, conquistamos o credenciamento para oferecer a pós-graduação em nível de mestrado e, posteriormente, em nível de doutorado em Física na UERN. Essa conquista abriu a oportunidade de formação científica para centenas de jovens da região, ao mesmo tempo em que potencializou o desenvolvimento de uma das partes mais carentes do estado. Estou convencido de que o trabalho realizado até agora está cumprindo o seu papel como uma coisa boa para mim mesmo e para outras pessoas.

Creio que hoje tenho a resposta para a pergunta sobre o quê um cientista faz ou pelo menos deveria se esforçar para fazer. Sou da opinião de que um cientista não deveria dedicar sua vida apenas a descobrir coisas, deveria também fazer e executar projetos para melhorar a vida das pessoas, sobretudo dando-lhes oportunidades. Além disso, ele deveria ser um motivador para que as pessoas façam coisas boas para si e para os outros.

Hoje minha vida profissional passa por outra mudança. Estou encerrando todos os meus projetos na área de Astrofísica Estelar para me dedicar à divulgação científica, em particular na área de Astronomia, e à capacitação de professores da

Educação Básica. Tenho aumentado gradativamente o número de palestras em Astronomia e vou a diferentes espaços.

Meus locais de palestra incluem escolas públicas e privadas, universidades, associações de moradores e até presídios. Juntamente com um grupo de colegas da UERN, estamos estruturando um grupo de Ensino de Física e Astronomia, cujo objetivo é desenvolver pesquisas nessa área, além de ações de formação e de divulgação científica. Esperamos que, em alguns anos, possamos formar um grupo de referência nessa área na UERN.

Por fim, a minha biografia continua aberta, felizmente! Hoje, aos 48 anos de idade, moro a pouco mais de 100 quilômetros da minha família em Macau, para onde viajo frequentemente para visitar amigos e familiares. Sou pai do Renato, aluno do curso de Ciências Sociais na UFRN; sou casado com Divanir, Nutricionista, com que tive dois filhos, Alice, estudante de Ciências Biológicas na UERN e Miguel, concluinte do Ensino Fundamental.

Ainda não é chegada a hora de inventariar todas as instigações que a vida colocou ou pode colocar diante de quem aceita o desafio de ir além do que lhe parece estar reservado, ainda sou a mesma pessoa afeita ao desafio de ir além! Os novos desafios estão colocados e aceitos, outros ainda virão.

De cobrador de ônibus a Professor de Matemática: itinerários de superação

Luciano Xavier

*O pessimista é aquele que
transforma as oportunidades
em dificuldades; o otimista é
aquele que transforma as difi-
culdades em oportunidades.*

Harry Truman.

Certo dia, por volta dos meus 25 anos de idade, meu Pai me chamou para uma conversa séria, uma conversa de “*homem para homem*”, ele queria que eu voltasse aos estudos, me falou que eu tinha uma missão na vida e que essa missão estaria completamente ligada à minha volta aos estudos. Eu concluí

o Ensino Médio aos 18 anos de idade e, desde então, estava afastado dos estudos. Minha rotina era tomada pelo trabalho e, por isso, deixei de ter qualquer perspectiva relacionada aos estudos. Essa conversa com meu Pai não deveria ter demorado mais do que cinco minutos, pois ele, rapidamente, tinha conseguido me convencer a voltar a estudar, mas, por um capricho, não lhe revelei que eu já estava convencido e então a conversa se estendeu por umas três horas. Ao final, ele me pediu que pensasse sobre o assunto e fomos dormir... No dia seguinte, ele faleceu, aos 53 anos de idade.

...

...

...

Aquele foi o dia mais triste da minha vida, então decidi tornar aquela conversa, com meu Pai, um divisor de águas na minha existência. Eu abracei com unhas e dentes a missão de cumprir o último desejo de vida do meu Pai. Fiquei completamente focado em voltar aos estudos e em buscar ser aprovado no vestibular para ingressar na universidade. Não havia mais lugar para cansaços, desculpas, distrações ou quaisquer outras dificuldades que pudessem comprometer o que se tornou a minha razão de existência.

No mesmo ano em que terminei o Ensino Médio, 1995, fiz a prova do vestibular da UFRN. Nessa época, meu sonho era ser *Professor* (em respeito a essa linda profissão, vou sempre escrever Professor com P maiúsculo) de Educação Física. Infelizmente, zerei a prova discursiva de Química e, por isso, fui eliminado. Eu acredito que o motivo desse fracasso foi porque que não tive aulas de Química no Ensino Médio, pois não tinha Professor de Química na minha escola. A propósito, estudei a vida toda em escolas públicas e, apesar de todas as dificuldades, só tenho a agradecer pelos excelentes Professores que tive nessas escolas. Só tenho a lamentar, justamente, pelos Professores que não tive, pois não eram raras as vezes em que faltavam Professores de uma ou outra disciplina e nos eram passados trabalhos para que fizéssemos, simplesmente, para poderem nos atribuir notas para completar nossos históricos escolares.

No ano seguinte, para ajudar financeiramente a minha Mãe e meus dois irmãos, precisei me dedicar integralmente ao trabalho e aos poucos fui me afastando dos estudos. Nesse período, tive diversas experiências profissionais, desde vendedor de livros de porta em porta (vendendo livros infantis, Bíblias, enciclopédias, etc...), passando por patinador de supermercado, depois sendo *office-boy* em uma empresa de construção, atendente de sorveteria, ajudante em uma oficina de carros do meu tio, vendedor de utensílios domésticos (também de porta em porta), atendente de *lan-house*, vendedor

de eletrônicos (dessa vez, não foi de porta em porta, foi em uma loja) e cobrador de ônibus.

Quando eu trabalhava como vendedor de eletrônicos, no início de 1999, resolvi me matricular em uma escola para cursar o Ensino Médio de novo com dois objetivos: estudar para buscar uma melhor preparação para tentar passar no vestibular e conseguir fazer minha carteira estudantil para poder pagar meia passagem nos ônibus. Eu só não contava que iria me apaixonar por uma garota que conheci nessa escola e, muito menos, que eu a engravidasse. Ao descobrir que iria me tornar Pai aos 22 anos de idade, fiquei sem chão. Eu não tinha a menor condição financeira para bancar uma Família, pois o meu salário como vendedor mal dava para me sustentar e ajudar a minha Mãe.

Minha filha nasceu no dia 04 de dezembro de 1999 e dois meses antes comecei a trabalhar com cobrador de ônibus na empresa Guanabara.

Na época em que meu pai faleceu, 25 de março de 2003, eu continuava trabalhando como cobrador de ônibus e já estava separado da mãe de minha filha. Antes da última conversa que tive com meu Pai, minha ambição profissional era somente me tornar um motorista de ônibus. Trabalhar como cobrador de ônibus me tomava muito tempo, pois eu trabalhava das seis da manhã às sete da noite, com três horas de almoço,

de domingo a domingo, com um dia de folga semanal que era aleatoriamente escalado pela empresa, exceto um domingo no mês que era obrigatoriamente folga.

O ônibus em que eu trabalhava fazia o itinerário que passava pela UFRN e isso me ajudou a não esmorecer na minha mais nova ambição: estudar naquela universidade. Recordo-me de, de dentro do ônibus, ter lido uma placa de caminhão que dizia: *“Não use as dificuldades como desculpas para seu fracasso, utilize-as para enaltecer as suas vitórias.”* E não foram poucas as dificuldades, mas segui ao pé da letra aquela mensagem e hoje me sinto um vencedor por ter conseguido tantas conquistas, por ter superado inúmeras adversidades.

Uma das dificuldades que precisei superar foi a de conciliar a minha longa jornada de trabalho como cobrador de ônibus com uma nova rotina de vida voltada para os estudos. Como eu já disse anteriormente, e me orgulho disso, estudei a vida toda em escolas públicas, após terminar o Ensino Médio, passei sete anos sem estudar, até me matricular em um cursinho preparatório para o vestibular que existia perto do terminal de ônibus onde eu trabalhava. E, mesmo chegando atrasado todos os dias, pois as aulas começavam na mesma hora em que eu largava o serviço, eu sentava na frente. Conversei com uma amiga, Adlareg, para que ela sempre reservasse uma cadeira bem na frente, assim eu poderia acompanhar melhor as aulas e teria a oportunidade de perguntar mais

facilmente aos Professores quando eu tivesse alguma dúvida. A propósito, você achou esquisito o nome da minha amiga? Tente lê-lo de trás para frente.

Eu e Adlareg havíamos estudado juntos da quinta à sétima série do Ensino Fundamental e nos reencontramos nesse cursinho preparatório para o vestibular. Adlareg me disse que iria tentar uma vaga para o curso de Contabilidade e me perguntou que curso eu pretendia fazer, respondi que estava em dúvida entre Inglês e Matemática, foi então que ela me fez lembrar de uma situação inusitada que aconteceu quando ainda estudávamos na sétima série. Certo dia, o nosso Professor de Matemática nos apresentou a famosa “*Fórmula de Bhaskara*” e utilizou de uma didática nada peculiar. Ele escreveu aquela fórmula no quadro e procedeu com a “tradução” para o Português: “ x é igual a menos b , mais ou menos raiz quadrada de delta, dividido por dois vezes a , sendo delta igual a b ao quadrado, menos quatro vezes a , vezes c ”. Em seguida, mandou que cada um dos alunos a repetisse dez vezes, um de cada vez, em alto e bom tom. Se alguém gaguejasse ou baixasse o tom, ele utilizava um bambu para dar uma *bambuzada* no aluno. Quando todos os alunos terminaram essa tarefa, ele ordenou que cada fila de alunos refizesse o mesmo exercício. Quando chegou na minha fila, eu levantei a mão, pedi licença, e questionei o Professor:

“— Professor, eu já decorei que x é igual a menos b , mais ou menos raiz quadrada de delta, dividido por dois vezes a , sendo delta igual a b ao quadrado, menos quatro vezes a , vezes c . Mas, por que “ x ” é dado por essa fórmula?”

O Professor me olhou com um olhar ameaçador e, gritando, me disse:

“— SE VOCÊ INTERROMPER MINHA AULA MAIS UMA VEZ, VOU TE MANDAR PARA A DIRETORIA.”

E, claro, me deu uma *bambuzada*.

A turma toda riu e a aula seguiu até que a última fila de alunos concluísse a tarefa. Nesse instante, o Professor liberou todos os alunos para o recreio, exceto eu. Adlareg ficou do outro lado da porta, espiando pelo buraco da fechadura e ouvindo tudo. O Professor me perguntou se eu realmente queria saber por que o “ x ” era dado por aquela fórmula ou se eu tinha feito aquela pergunta só para atrapalhar a aula. Eu respondi que queria mesmo saber o motivo de “ x ” ser dado por aquela fórmula. Então ele fez, no quadro, a demonstração da referida fórmula para mim. Quando ele terminou, me perguntou se eu tinha entendido tudo aquilo. Eu lhe disse que sim. Ele me falou que eu deveria pensar em seguir a profissão de Professor de Matemática. E foi assim que, lembrando esse ocorrido, acabou a minha dúvida sobre qual curso iria fazer na faculdade. Ao me fazer lembrar desses acontecimentos,

Adlareg me fez perceber que eu parecia ter vocação para ser Professor de Matemática. E não tive mais dúvida sobre para qual curso eu iria tentar uma vaga no vestibular.

Mas, voltando a minha rotina para conciliar trabalho e estudos para o vestibular, comecei a otimizar todos os meus horários vagos para estudar. Como cobrador de ônibus, utilizava os momentos em que subiam poucos passageiros para ler livros de História e Geografia e fazer resumos que me ajudaram a superar minhas dificuldades com essas disciplinas. Eu também aproveitava para puxar conversa com os universitários que subiam nas paradas de ônibus da universidade, identificava-os pelos uniformes escolares dos cursos ou mesmo pelos livros que carregavam a mostra. Buscava aprender com essas conversas e após as pessoas descerem, fazia resumos sobre o que tinha aprendido. Também fazia resumos sobre as aulas que tinha assistido na noite anterior e, sempre que me surgia alguma dúvida, anotava para perguntar aos Professores assim que chegasse ao cursinho.

As aulas no cursinho terminavam às vinte e duas horas e quinze minutos, mas muitas vezes, alguns Professores ficavam até as vinte e três horas tirando minhas dúvidas. Eu perguntava se eu não estava sendo inoportuno e eles respondiam, gentilmente, que queriam que mais alunos tivessem esse comprometimento que eu estava demonstrando com os estudos. Quando eu chegava em casa, passava a limpo tudo

o que tinha visto na aula daquela noite. Algumas vezes, eu me sentia cansado e pensava que podia diminuir um pouco o ritmo, mas, logo em seguida, me recordava que se tratava de algo muito mais importante, eu tinha que realizar o último desejo do meu Pai.

No final da tarde de um domingo, após ter estudado por umas três horas, eu cochilei sobre o caderno. Minha Mãe me acordou e me pediu que eu fosse dormir na minha cama, eu disse que não podia dormir naquela hora, que precisava continuar estudando e que bastava tomar um café que estaria pronto para voltar aos estudos. Enquanto ela fazia o café, me perguntou se eu me lembrava como eu tinha feito para conseguir trabalhar como patinador naquele grande supermercado perto de casa e completou dizendo que tinha certeza de que eu manteria a mesma determinação para conseguir minha vaga na universidade.

A minha Mãe se referia ao fato de que, quando eu tinha acabado de completar meus dezenove anos, tentei uma vaga de operador de caixa num grande supermercado que havia perto de nossa casa. No dia da entrevista de emprego, ela tinha me dado umas dicas, disse-me que bastava que eu demonstrasse que, realmente, queria o emprego, que eu não deixasse nenhuma dificuldade atrapalhar minha contratação. E, assim, fui cheio de convicção para a entrevista.

Era uma manhã de sexta-feira, a entrevista iniciou pontualmente às dez horas, entretanto, por mais que eu tivesse ensaiado para a entrevista, fui surpreendido com a primeira fala do entrevistador: “— *Sinto informar que não temos mais a vaga de operador de caixa. Pensamos até em ligar e cancelar as entrevistas, mas preferimos mantê-las e organizarmos um cadastro de reserva.*” Eu, em um tom beirando o desespero, disse-lhe que queria muito ser operador de caixa, mas que queria mais ainda começar logo a trabalhar, então, se eu pudesse entrar em qualquer outra função, até que a vaga de operador de caixa surgisse, eu me disponibilizaria a trabalhar em qualquer coisa. O entrevistador aparentou ter gostado da minha proatividade e disse que, no momento, só dispunha de vagas para A.S.G. e para patinador. Prontamente, disse-lhe que toparia começar em qualquer uma dessas duas funções e fui logo perguntando quais eram as atribuições de um A.S.G.. O entrevistador me explicou o significado da sigla, Assessor de Serviços Gerais, disse-me que eu teria a responsabilidade de manter tudo limpo na loja, inclusive lavando os banheiros. Não titubeei e me coloquei à disposição para o cargo.

Então ele me perguntou se eu não tinha interesse em ocupar a outra função, a de patinador, pois achava que eu tinha mais perfil para aquela função. Perguntou-me se eu sabia andar de patins e me disse que achava mais fácil, depois de um tempo, eu ser promovido para operador de caixa, se

eu fosse patinador, pois ambos eram subordinados ao mesmo setor. Nesse instante, não me orgulho, menti! Eu disse que sabia andar de patins, que já tinha sido até campeão de uma corrida de patins lá do bairro, sendo que, na verdade, eu nunca tinha colocado um bicho daqueles nos pés. De supetão, a entrevista acabou, o entrevistador me deu os parabéns e as boas-vindas à empresa, me mandou entrar na próxima sala à esquerda e solicitar o preenchimento de minha ficha de contratação, bem como a minha farda e os meus patins, me recomendou que eu fizesse isso bem rápido porque me queria iniciando no trabalho às quatorze horas daquele mesmo dia.

Naquele momento, experimentei uma mistura de emoções, felicidade por ter sido contratado e preocupado, na verdade, apavorado, por ter mentido. Como era uma sexta-feira, tinha imaginado que eu poderia passar o final de semana treinando para aprender a andar de patins, todavia, de repente, me restavam somente pouco mais de duas horas para essa proeza. Se você já tentou calçar um par de patins, deve lembrar que não é nada fácil se equilibrar sobre aquelas rodinhas. Caso você nunca tenha tentado, pode acreditar piamente, é muito difícil.

Nesse dia, eu não almocei, peguei os patins e a farda no setor de pessoal e me dirigi para o estacionamento do supermercado. Fiz minha primeira tentativa de me levantar com os patins e, imediatamente, voltei a me sentar, bateu um

desespero. Não parecia possível que eu pudesse aprender a andar de patins naquele tempo tão curto. Fechei os olhos e me lembrei do que minha Mãe tinha me dito, que eu não deveria deixar nenhuma dificuldade me impedir de conseguir o que eu queria tanto, no caso, o emprego. Quando abri os olhos, como se fosse um sinal de Deus, uma senhora me entregou um carrinho de compras que ela tinha acabado de usar e me pediu que o guardasse. Prontamente, recebi aquele carrinho e ela me agradeceu no exato momento em que eu agradeci também. Aquele carrinho foi a mão de Deus que eu precisava para me apoiar no momento difícil, foi quando ganhei confiança e renovei minha fé de que eu conseguiria me apresentar pronto para o trabalho no horário marcado. Dessa forma, apoiando-me no carrinho de supermercado, fui ganhando equilíbrio e logo consegui andar de patins sem precisar mais me segurar. E, assim aconteceu, às treze e quarenta e cinco me apresentei para meu primeiro dia de trabalho como patinador.

Com a história dos patins que minha Mãe tinha me feito recordar, vi que eu podia conseguir o que eu quisesse desde que me esforçasse o suficiente. Voltei aos estudos, naquela noite de domingo, após jantar e agradecer mais uma vez à minha Mãe por tudo o que ela já fizera por mim. Segui em busca da minha aprovação no vestibular de 2003. Eu estava

confiante de que, dessa vez, na minha segunda tentativa, eu conseguiria passar no vestibular.

Nos dias das provas do vestibular, eu estava muito tranquilo, pois sabia que tinha feito o meu melhor e era só manter a calma, fazer o que eu sabia e esperar a data do resultado. Entretanto, a minha amiga Adlareg, que também faria a prova na mesma escola, estava muito nervosa, sendo mais claro, ela estava aos prantos, chorando copiosamente, dizendo que não aguentaria ser reprovada mais uma vez nesse exame de seleção. Eu pedi que ela se acalmasse e dei-lhe uma dica que acho valiosa, falei que quando ela encontrasse uma questão na prova que soubesse que tínhamos estudado, fechasse os olhos por uns instantes e se imaginasse de volta ao momento em que estávamos estudando, tentasse ouvir em seus pensamentos as explicações que nossos Professores nos deram e tivesse a confiança de marcar a alternativa correta. Também disse que, na hora em que ela encontrasse uma questão que não lembrasse de ter estudado, deixasse essa questão para o final e que, talvez, o natural desenvolvimento da prova a fizesse ter uma ideia de como resolver a questão. Graças a Deus, ela se acalmou e no dia seguinte me agradeceu muito pelas dicas, pois tinha gostado da prova e estava confiante.

Chegou o tão esperado dia do resultado do vestibular e, somente nesse momento, fiquei nervoso, com medo de não ter sido aprovado. Procurei primeiro pelo resultado de Adlareg e

me bateu um desespero quando não achei o nome dela na lista dos aprovados. Eu a achava muito bem preparada e a única coisa que podia impedir a aprovação da Adlareg seria o seu nervosismo e, infelizmente, esse parecia ter sido o resultado. Perdi a coragem de olhar meu resultado, achei melhor começar a me preparar psicologicamente para um resultado negativo e, só depois, ver se tinha passado. Foi aí que recebi uma ligação no celular, um Nokia que herdara do meu Pai, era Adlareg, me parabenizando pela minha aprovação no vestibular. Eu fiquei sem voz, porque tinha acabado a minha aflição a respeito da minha aprovação ou não, mas continuava aflito por eu não ter visto o nome da Adlareg na lista dos aprovados. Sem que eu perguntasse, ela me disse que não tinha sido aprovada, mas que ainda tinha esperança, pois havia ficado na primeira suplência e achava que ia dar certo, pois, nos anos anteriores, a universidade acabou convocando candidatos até a quinta suplência. Dias depois, ela foi convocada.

Assim, em 2004, aos 26 anos de idade, comecei meu curso de Licenciatura Plena em Matemática na UFRN.

O meu primeiro dia na universidade foi marcante, pois já na primeira aula conheci a Professora Arlete Brito, aquela que mais tarde eu consideraria a minha Melhor Professora na Universidade e, ressaltado, não foi uma escolha fácil, pois tive a felicidade de ter aulas com excelentes Professores na

universidade, como o Antônio Roberto e o Carlos Gomes, entre tantos outros.

A Professora Arlete, após nos dar as boas-vindas, pediu que formássemos duplas para realizarmos um teste de sondagem. Notei que perto de mim havia um estudante com aparência física de asiático, então o convidei para formarmos a dupla e fui logo dizendo: acho que você deve ser fera em Matemática. Ele me respondeu que tinha pensado o mesmo de mim, por eu usava óculos com lentes “grossas”. Na época, eu tinha sete graus de miopia! O teste era composto de três questões que, hoje, considero fáceis, mas, naquele dia, não tinha nem noção de que eu não sabia resolver. Quero enfatizar isso, não é simplesmente que eu não soubesse resolver aquelas questões, é mais grave, eu não sabia nem que não tinha a maturidade necessária para tentar resolver as questões, pois eram questões que pediam demonstrações e eu pensava que bastava apresentar alguns exemplos e isso seria suficiente para concluir a demonstração. Bem, assim fizemos, apresentamos exemplos numéricos e entregamos o teste achando que tínhamos nos saído bem.

Na aula seguinte, a Professora Arlete nos entregou o teste corrigido e apresentou as soluções no quadro. Fiquei impressionado com a destreza, a segurança e o domínio com que a Professora Arlete deu aquela aula. Apesar de eu

ter errado as três questões, havia compreendido o motivo pelo qual tinha errado e também tinha entendido tudo o que ela explicara. Ao final da aula, me dirigi à Professora para dizer que eu pensava que tinha acertado as questões do teste, mas que após a explicação dela, tinha percebido que o que fizera tinha sido somente escrever exemplos numéricos, mas havia entendido a necessidade de fazer a demonstração da maneira como ela nos apresentou. Ela foi bem atenciosa e me deu alguns conselhos que foram valiosos para que eu fosse bem-sucedido durante meu curso. Entre os conselhos, o principal foi *“não queira aprender somente para tirar boas notas, queira ter uma aprendizagem sólida que possa te ser útil ao longo de sua vida, profissional e particular”*. Segui esse conselho à risca e tenho a certeza de que isso tem sido um dos meus diferenciais.

Na primeira prova que a Professora Arlete passou para nossa turma, tirei uma nota muito baixa e fiquei meio sem chão, eu havia compreendido bem as aulas e havia estudado tudo o que ela nos ensinara, mas na prova caíram questões muito diferentes daquilo que tínhamos estudado em sala. De fato, eu não fui exceção, muitos da sala foram mal nessa primeira prova. Mais uma vez, ao final da aula, me dirigi à Professora Arlete e tentei justificar minha péssima nota pelo fato de que a prova não parecia estar de acordo com o que tínhamos visto em nossas aulas. Cordialmente, ela me disse:

“— Luciano, lembra do conselho que te dei nos primeiros dias de aula? Então, vou complementar aquele conselho. Para que você aprenda de maneira mais consistente, você tem que se aprofundar mais do que o assunto que estudamos aqui em sala. Pense em nossas aulas como um norte para onde você deve caminhar, mire no norte e saiba que é sempre possível ir mais e mais ao norte.”

Mais uma vez, agradei à Professora e foquei em seguir os seus conselhos. Nas duas provas seguintes, me dei bem, consegui recuperar minhas notas e fui aprovado sem precisar de prova de recuperação, mas, acima de tudo, aprendi para a vida, tudo o que a Professora Arlete tinha me ensinado.

Naquele semestre, tive ainda aulas de Geometria Analítica com o Professor Carlos Gomes. Ele é “O Cara”! É o tipo de Professor de Matemática em que todos deveriam se espelhar e tentar fazer um trabalho parecido. Eu tento.

Com o Professor Carlos Gomes, toda a turma também tirou nota baixa na primeira prova. Todavia, quando ele foi aplicar a segunda prova, aconteceu algo inusitado. Ele nos entregou a prova e saiu da sala. Eu só percebi quando me incomodei com o barulho que a turma estava fazendo e vi que muitos colegas estavam se ajudando a resolver a prova. Como eu já tinha recebido aquele conselho da Professora Arlete e, por isso, encarava aquela prova como uma oportunidade de

testar meus conhecimentos, voltei a me concentrar em fazer minha prova sem a ajuda de ninguém.

Quando o Professor Carlos Gomes voltou, explicou que, sem que soubéssemos tinha deixado um tutor observando nosso comportamento em sala e este lhe passara uma lista com os nomes daqueles que tinham auxiliado uns aos outros. Isso me fez lembrar de outra lição valiosa. Anos, antes, quando participei do processo seletivo para trabalhar como cobrador, éramos umas quarenta pessoas numa sala e a coordenadora da seleção nos instruiu a fazer tracinhos verticais, com cerca de um centímetro de altura e com cerca de meio centímetro entre eles. Ela disse que tentássemos ser rápidos para que fizéssemos a maior quantidade de tracinhos durante o tempo que durasse a tarefa. Após essas instruções, disse-nos, entretanto, que não começássemos ainda, pois teria que ir na sala ao lado para pegar o cronômetro. Assim que ela saiu da sala, algumas pessoas começaram a fazer os tracinhos para levar alguma vantagem em relação aos demais, entre elas, uma pessoa que tinha levado uma Bíblia. Quando voltou, a coordenadora perguntou se todos estavam prontos para começar a atividade, assim que todos deram a resposta positiva, disse-nos que iria passar mais uma vez por cada candidato para ver se todos tinham obedecido à regra de não começar antes. Mais de vinte pessoas foram desclassificadas por terem descumprido a regra e foram convidados a se retirarem da

sala. A mulher que estava com uma Bíblia caiu em prantos e se recusou a sair, disse que só fez os tracinhos porque viu outras pessoas fazendo e não queria ser prejudicada. A coordenadora então deixou que fizesse a atividade, mas, na etapa seguinte, comunicou-nos que aquela mulher fora desclassificada assim como os outros que agiram com desonestidade.

Voltando às aulas de Carlos Gomes, ele não desclassificou os alunos que se ajudaram na prova, mas fez uma correção muito mais rigorosa de suas provas. E, com o ocorrido, eu me convenci uma vez mais de que não compensava tirar boas notas se eu realmente não as merecesse, pois o profissional que eu me tornaria dependia muito de que eu fizesse um bom curso de graduação.

Já no segundo semestre do curso, mesmo continuando a trabalhar como cobrador de ônibus, comecei a trabalhar como Professor de Matemática em uma pequena escola. Era uma escola de bairro, situada no bairro Bom Pastor, perto da minha casa, na época. Essa escolinha era bem amadora. Hoje, fico sem acreditar como ela funcionava, pois tinha poucos alunos e as turmas eram misturadas. Em uma mesma sala havia dois quadros, um em cada canto da sala, voltados para um deles havia cerca de oito alunos de quinta e sexta série, e voltados para o outro, mais cinco alunos de sétima e oitava série. Isso mesmo, você não entendeu errado, em uma mesma sala, eu tinha somente um total de treze alunos, mas de diferentes níveis

de escolaridade. Dar aulas de Matemática nessas condições era muito desafiador, entretanto, pelo pouco que já sabem de mim, sabem que aceitei o desafio e aprendi muito com ele.

Não demorei muito nessa escola e logo fui contratado por uma outra escola onde havia deixado currículo, por saber que estava com vaga, uma escola em um bairro da zona norte de Natal, no Igapó. Nessa escola, tive a minha primeira experiência normal de sala de aula, pois os alunos estavam bem distribuídos, cada um na sua série. A dificuldade da vez era que, além das aulas de Matemática, eu tinha que dar aula de Desenho Geométrico. Até aquele momento, eu nem conhecia essa vertente da Matemática, só mais tarde, na faculdade, teria a disciplina de Fundamentos Epistemológicos da Matemática. Foi nessa disciplina que tomei conhecimento de que os antigos matemáticos usavam apenas régua e compasso para fazerem desenhos meticulosos, e com uma riqueza de detalhes baseados em teoremas e postulados.

Passei um ano naquela escola em Igapó, até que resolvi tentar uma vaga em um programa do governo que nos permitia dar aulas como estagiários em escolas públicas. Assim consegui uma vaga para lecionar na Escola Estadual Professora Maria de Lourdes Souto, no bairro do Gramoré. Nessa escola, ao mesmo tempo em que continuava trabalhando como cobrador de ônibus, vi se materializar a missão a que meu Pai

se referia naquela conversa em que dizia que minha missão estaria ligada à minha volta aos estudos.

Os adolescentes que conheci na Escola Lourdes Souto eram muito carentes, não só de bens materiais, mas também de suprimentos de necessidade básica, comida. Além disso, como se já não bastasse, pareciam não ter sonhos, a realidade era tão dura que o único sonho que lhes importava era se teriam a próxima refeição. Minha experiência nessa escola foi enriquecedora em todos os sentidos, exceto no financeiro, pois não posso deixar de destacar que o programa de governo que me colocou naquela escola só me garantia o pagamento de todos os salários ao final do contrato. Aceitei a ideia de trabalhar sem receber por imaginar que eu estava fazendo uma poupança forçada. Mas, voltando ao aprendizado nessa escola, percebi que antes de ensinar qualquer coisa sobre Matemática, eu precisava ensinar os alunos a acreditarem neles mesmos e a acreditarem em mim, como uma pessoa que estava ali para impulsionar seus sonhos. Não foi fácil, pois me deparei com situações como: ter alunos de quinta série que ainda não sabiam ler, muito menos escrever corretamente. Foi desafiador ter que ensinar Matemática para alunos que ainda não sabiam nem ler. Mas, ao final do ano letivo, a sensação de dever cumprido foi enorme ao ouvir relatos como *“Professor, antes eu não gostava de Matemática, mas agora ela é minha disciplina favorita”*. Em contrapartida, também ouvi

relatos de queixa por eu estar saindo e deixando de ensiná-los, já que meu contrato havia acabado e não era possível renová-lo. Tentei plantar a semente da mensagem de que o verdadeiro agente da mudança de vida, de que cada um precisava, estava em cada um deles, que bastava que acreditassem no seu próprio potencial que conseguiriam realizar seus sonhos. Eu precisava seguir... em busca dos meus próprios sonhos.

Nessa altura, eu precisava tomar uma decisão muito importante. Tinha que optar por pedir demissão do meu cargo de cobrador de ônibus. Era necessário para poder me dedicar integralmente ao sonho que meu Pai sonhou para mim e do qual eu já estava completamente convencido, era isso que eu queria ser pelo resto de minha vida. Mas essa decisão não era tão fácil de ser tomada. Eu já era Pai, ou seja, eu tinha obrigações financeiras com o sustento de minha filha e, de imediato, meu salário iria diminuir. De toda forma, não havia realmente muito o que pensar, era chegada a hora de dar um passo sem volta para realizar o último desejo da vida de meu Pai. Assim, após 6 anos de trabalho como cobrador de ônibus, pedi demissão na empresa em que trabalhava e de lá só me restaram as saudades das grandes amizades que fiz.

Com parte do dinheiro que recebi referente ao tempo em que trabalhei como cobrador de ônibus, resolvi comprar uma motocicleta para poder me locomover mais rapidamente para a universidade e para as escolas em que eu iria trabalhar.

De fato, comprar um meio de transporte foi uma decisão importante que me propiciou ter mais tempo para me dedicar aos estudos na universidade, bem como me possibilitou trabalhar em diferentes escolas ao mesmo tempo.

Na universidade, ainda cursando o terceiro semestre da Licenciatura em Matemática, surgiu uma oportunidade para que eu desse aulas no Cursinho do DCE, Diretório Central dos Estudantes, uma espécie de Grêmio Estudantil. Fiz o processo seletivo e tive a surpresa de ser avaliado pelo meu Professor do cursinho que eu fizera para entrar na universidade, Professor *Tchio Lipe*. Ao final da minha prova prática, perguntei se ele se lembrava de mim, ele disse que não se lembrava, mas que se sentia orgulhoso de mim, por eu ter dado uma aula parecida com a maneira que ele costumava ensinar aquele conteúdo. Assim, aos 28 anos de idade, fui aprovado para trabalhar no Cursinho do DCE da UFRN e essa foi uma das minhas experiências mais incríveis como Professor, pois eu dava aula para turmas com mais de cem alunos. Por si só, turmas numerosas assim são extremamente heterogêneas, em todos os aspectos, idades, pretensões, afinidades, conhecimentos, etc. Meu principal desafio era preparar e apresentar aulas que pudessem motivar os que sabiam menos Matemática a avançar com confiança de que eles podiam aprender. Em seguida, eu tentava convencê-los de que podiam ir além, apresentando gradativamente questões mais elaboradas

até culminar em questões que já tinham sido cobradas em vestibulares anteriores. Sem dúvida, essa foi uma das épocas em que mais aprendi Matemática para poder ensinar.

Ainda no cursinho do DCE, também tive a experiência de participar de aulões que aconteciam nas vésperas da prova do vestibular. Eu ainda sinto um frio na barriga só de lembrar de ocasiões em que ensinei Matemática para cerca de trezentos alunos que lotavam o auditório da UFRN. Era uma aula diferenciada em que tudo devia ser planejado com bastante antecedência, pois não dispúnhamos de quadro no auditório. Todas as anotações de minha aula eram previamente registradas em *slides*. Eu precisava planejar algo muito didático e prever todas as perguntas que eventualmente surgissem para que as respostas já estivessem prontas nos *slides*. Claro, para uma coisa ou outra que não tivesse sido contemplada nos *slides* a saída era ter jogo de cintura para superar e lançar mão da oratória. Com algumas falas de efeito que eu já tinha ensaiado, consegui me sair bem nas vezes em que foi necessário. Também sinto muitas saudades desses aulões, felizmente, eventualmente ainda sou convidado para participações especiais nos aulões do cursinho do DCE.

Mas aquele programa de governo que nos permitia fazer estágios de prática docente, me trouxe outra oportunidade, consegui uma vaga na Escola Municipal Manoel Machado, no Distrito Industrial de Parnamirim. Essa escola também

era composta por jovens muito carentes, estudantes do ensino fundamental. Tive o mesmo desafio de primeiro ganhar a confiança deles para só depois conseguir ensinar algo de Matemática. Meu foco com eles era fazê-los acreditar que eram capazes de aprender Matemática para passarem na prova do exame de seleção do então CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica). Eles logo me apelidaram de Professor CEFET, porque eu sempre falava algo no sentido de motivá-los a passar nessa prova. Nessa escola, passamos por momentos difíceis, entre eles, uma reforma na qual os alunos tinham que ouvir minha voz em meio ao som das marretas da obra. Mas o pior mesmo foi quando um dos alunos da escola morreu por causa de uma briga entre gangues travestidas de torcedores. Mesmo com todas essas dificuldades, fizemos um bom trabalho e no final do ano tivemos alguns alunos aprovados no CEFET.

Então, o coordenador dessa escola municipal me apresentou para a diretora de uma escola particular das imediações. Ele queria que eu desenvolvesse meu trabalho nessa escola para que também lá tivéssemos alunos aprovados no CEFET no ano seguinte. E foi assim que iniciei mais uma etapa como Professor.

Vale salientar que não era nada fácil conciliar a graduação com as atividades docentes e com a educação de minha filha. Contudo, eu não desanimava e buscava a todo instante unir o útil ao agradável, como por exemplo, quando eu estava em

sala de aula, atuando como Professor, buscava na medida do possível apresentar aos meus alunos algumas das questões que eu estava estudando na universidade, mas evidentemente, eu fazia as devidas adequações para que os alunos pudessem acompanhar. Em outro cenário, eu costumava brincar com minha filha de escolinha e na medida em que eu passava algumas atividades bem lúdicas para ela, tais como, cobrir ou pintar, eu já aproveitava para planejar alguma aula. Já na universidade, sempre que surgia a oportunidade, eu buscava participar das aulas trazendo situações que eu havia vivenciado com meus alunos e até mesmo com minha filha e que eu julgava pertinente ao que estávamos estudando naquele momento e essa atitude, por diversas vezes, me pareceu ser bem aceita pelos Professores e pelos meus colegas de curso.

Voltando a falar da escola particular do Distrito Industrial de Parnamirim, me recorro de uma situação curiosa. Cheguei com *status* de ser um Professor capaz de preparar os alunos para aprovação no exame de seleção do CEFET, apesar de ainda não ser um Professor formado, pois eu ainda não tinha concluído minha graduação. Por causa do *status*, alguns alunos tentavam continuamente me testar com perguntas capciosas, e eu com simplicidade ia respondendo as perguntas e aos poucos ganhando a confiança deles. Entretanto, certa vez, uma aluna não se convenceu com minha resposta a uma das várias perguntas que me fizeram. E, por mais que eu tenha

tentado, a aula terminou sem que eu a convencesse de que a minha resposta estava correta. A aluna, então, levou o caso até a direção da escola e, de repente, me vi tendo que explicar para a coordenadora pedagógica tudo o que acontecera e tendo que provar por A mais B que a minha resposta estava correta. Felizmente, eu consegui convencer a coordenadora e a aluna de que eu estava certo. E esse caso foi algo marcante no período de um ano em que trabalhei naquela escola. Ao final do ano, também conseguimos um bom resultado aprovando um número considerável de alunos no exame de seleção da escola técnica.

Mas os desafios inerentes a graduação continuavam, às vezes com desfechos até mais engraçados. Certa vez, meus colegas de turma reclamaram pelo fato de que eu não os ajudava durante as provas. Ora, eu encarava as provas como um momento em que eu podia testar meus conhecimentos e os resultados me serviam como um indicador do meu desempenho, para que eu soubesse se podia manter o ritmo ou se precisava estudar ainda mais. Um deles insistiu que não custava nada se eu desse alguma dica em alguma questão da prova. Disse-lhe que não achava uma boa ideia e que ele não contasse com isso. Mesmo assim, em uma prova de cálculo, ele sentou atrás da minha cadeira e ficou me perturbando, me perguntando coisas bestas que eu nem achei que ajudariam muito se eu lhe respondesse. Em uma das questões discursivas,

ele me perguntou o que tinha que fazer e eu respondi com uma só palavra: “— *Derive!*” Alguns minutos depois, ele me disse que não tinha dado certo, me pediu que eu olhasse direitinho a questão e insistiu em me perguntar o que ele deveria fazer. Olhei e vi que se tratava de uma questão em que ele precisava usar uma integral simples, então eu lhe disse: “— *Integre, basta integrar!*” E, imediatamente, ele se levantou da cadeira, se dirigiu ao Professor e entregou a prova. Minha surpresa foi enorme, pois eu havia falado para ele integrar a função e o cara entendeu que podia entregar a prova. Mais tarde, rimos muito de tudo isso.

No terceiro ano da graduação, cursei as disciplinas de Estatística e Física, dentre outras disciplinas, mas em relação a essas duas tenho algo curioso para contar. Estatística só tinha cinco alunos, muitos não puderam cursar a disciplina, pois no quarto período tinham sido reprovados em outra que era pré-requisito para Estatística, ou seja, eu estava começando a vivenciar o afunilamento de que tanto falavam do curso de Matemática e dos cursos da área de exatas de um modo geral. Diziam que era um curso fácil de entrar, mas difícil de sair. Eu aprendi Estatística sem nem saber que no futuro essa disciplina me seria muito útil, pois várias vezes fui escalado para dar essa disciplina quando me tornei Professor do IFRN. Em relação à disciplina de Física, tivemos aula com um Professor que tinha fama de maluco. Contava-se na universidade a história

de que, certa vez, durante uma aula desse Professor, começou uma chuva torrencial e ele parou a aula para ir para o meio da chuva. Ficou meio inclinado, dali a pouco voltou para a sala e disse que precisava refazer os cálculos que o tinham levado a achar que se conseguisse ficar inclinado em um determinado ângulo, não se molharia naquela chuva. Bem, eu não acreditei muito nessa história, mas por via das dúvidas, me preparei para o fato de que esse Professor pudesse aprontar alguma. As aulas iniciais transcorreram normalmente e quando eu já estava praticamente esquecendo da fama desse Professor, numa determinada noite, durante a aula dele, faltou energia. Naturalmente, nós começamos a nos preparar para sair da sala, pois como a aula era no turno da noite, não achamos que haveria condições da aula prosseguir. Foi então que ouvimos o Professor falar em alto e bom tom que, se alguém saísse da sala, podia se dirigir no dia seguinte para a coordenação e pedir o trancamento da disciplina, pois ele automaticamente reprovava todos que tivessem saído. Imediatamente voltamos a nos acomodar em nossas carteiras e o Professor nos disse: “— *Se até um cego pode aprender Física, não vai ser uma falta de energia que vai no impedir.*” E assim ele deu continuidade na aula. Fato ainda mais curioso foi que ele cobrou na prova algo sobre esferas gaussianas e ele só nos falou dessas esferas nessa aula feita às escuras. Infelizmente, não é incomum nos depararmos, no ensino superior, com professores com

posturas didáticas inadequadas, verdadeiros contra exemplos de profissionais da educação.

Eu já estava iniciando o quarto ano de curso, sem nenhuma reprovação e sem nenhum trancamento de disciplina. Cheguei até a reta final sem nenhum revés, agindo naturalmente, assistindo a todas as aulas e, seguindo o conselho da Professora Arlete, buscando me aprofundar em direção ao norte apontado pelas aulas. Nesse último ano da faculdade, meus amigos já alardeavam que as disciplinas de Análise Matemática e Linguagem de Programação eram os verdadeiros funis do curso, diziam que muitos alunos reprovavam nessas disciplinas e que, até mesmo, desistiam do curso por não conseguirem superar as dificuldades impostas por essas disciplinas, e por acumularem reprovações sucessivas. De certa forma, esses avisos me fizeram encarar essas disciplinas com uma maior seriedade, a ponto de eu conseguir passar nas duas disciplinas com média maior que noventa. Reforço que, com isso, eu não me mostrava como um aluno brilhante, inteligente acima da média, nada disso, meu diferencial era a determinação. Eu não estudava com o objetivo somente de tirar boas notas, mas sim, com o objetivo de me tornar um bom profissional e aquelas disciplinas estavam me forjando nesse sentido.

Enfim, conclui meu curso sem nenhuma reprovação e sem nenhum trancamento. Isso é muito incomum para os cursos da área de exatas. Em geral, dos cerca de 50 alunos que

ingressam em um curso dessa área, cerca de 5 conseguem finalizar em tempo regulamentar (naquela época, quatro anos). Recebi a honra de ser o orador de minha turma e vi muitos olhos lacrimejando enquanto contava a história daquela conversa com meu Pai, a conversa que me fez dar uma guinada na minha vida. No dia da minha formatura, pedi minha namorada em casamento, noivamos. Aliás, eu a conheci na universidade, ela fazia Matemática para poder aproveitar as disciplinas que eram equivalentes no curso de Engenharia Civil, seu verdadeiro sonho. Certamente, a história de vida dela renderia mais um belo capítulo para esse livro.

No ano seguinte, em 2009 e aos 32 anos de idade, já formado, deixei currículo em várias escolas. Eu tinha a proposta de continuar trabalhando na escola privada do Distrito Industrial de Parnamirim, inclusive, até com aumento de salário. Entretanto, eu estava disposto a encarar novos desafios, buscava uma escola maior e com renome, eu sabia que ainda tinha muitos degraus para subir e foi assim que consegui ser contratado por outras duas escolas particulares, uma delas, por sinal, com mais de 30 anos de mercado e na qual, por coincidência, eu havia estudado quando criança nas séries da pré-escola. Essa escola situa-se no bairro Cidade da Esperança. Lá, fui escalado para dar aulas de Matemática nas turmas de primeiro ano do Ensino Médio. Fiquei sabendo da necessidade dessa escola de contratar um Professor de Matemática através

de um colega de turma da UFRN. Esse meu colega havia feito todo o Ensino Médio no CEFET e, por isso, eu o achava muito inteligente, no entanto, ele ainda não se sentia preparado para dar aulas em uma escola de Ensino Médio e tinha medo de “queimar o nome”. Eu lhe disse que eu não tinha esse medo e, por princípios, perguntei se ele se incomodaria se eu fosse lá deixar meu currículo. Apesar de dizer que não via problemas, tentou me desencorajar, dizendo que se ele não era capacitado, então eu que não era mesmo. E ainda enfatizou que se eu queimasse meu nome, nenhuma outra grande escola iria querer me contratar. Esse conselho entrou por um de meus ouvidos e saiu pelo outro, eu já tinha a convicção de que era capaz de superar qualquer desafio nesse sentido, eu tinha em mente que se alguém podia fazer, eu também podia. Ainda em relação a essa primeira escola, ela contava com sete Professores de Matemática e, um deles, era também o Coordenador do Ensino Médio. Esse Coordenador tinha fama de ser muito *caxias* e me aconselharam, veementemente, que eu andasse na linha para que ele não tivesse qualquer motivo para reclamar do meu desempenho. Eu levei essa sugestão muito a sério e ficava me policiando constantemente, fazendo o seguinte exercício mental: se eu fosse o Coordenador, que defeitos eu iria encontrar no meu trabalho como docente? Dessa forma, trabalhei com afinco e dedicação, conseqüentemente, nunca fui chamado atenção, só recebi elogios. A propósito, no dia

da aplicação da minha primeira avaliação, eu não estava na escola, pois lá, era de praxe que o Professor de uma turma não aplicasse as provas nessa turma, com o objetivo de que os alunos não tivessem a menor possibilidade de quererem tirar dúvidas com seu Professor durante o exame. Para meu azar, o referido Coordenador *caxias* foi o responsável por aplicar a minha prova na minha turma e ele demonstrou muita indignação por ter que anular uma das questões da prova que eu elaborei, pois, segundo ele, estava faltando um dado na questão que impedia sua resolução. Quando me apresentei para trabalhar no dia seguinte, o Coordenador me chamou em sua sala e de maneira contundente me disse que não admitia que questões de provas fossem canceladas, que eu deveria ter tido mais cuidado e que se isso voltasse a acontecer, eu não poderia mais continuar trabalhando naquela escola. Eu, calmamente, peguei uma das provas, analisei a questão que foi cancelada e em um gesto ríspido destaquei uma folha da outra. O Coordenador se assustou e arregalou os olhos, mas antes que ele tivesse qualquer outra reação, eu mostrei para ele que o dado que ele achou que estivesse faltando, estava lá o tempo todo entre os grampos que prendiam as duas páginas. Ele pediu desculpas, do jeito dele, e direcionou a raiva para o setor de impressão das provas e que foi responsável por grampear em cima do número que faltava para validar a questão.

Na outra escola, situada no bairro do Amarante na Zona Norte de Natal, também só tive elogios, muitos deles oriundos dos projetos que desenvolvi para preparar os alunos para o exame de seleção do IFRN e para participarem da Olimpíada Brasileira de Matemática, assim, no final do ano fui convidado para assumir a coordenação do ensino fundamental no ano seguinte. Entretanto, essa experiência na coordenação não se concretizou, pois o destino havia reservado algo muito melhor para mim.

Passei somente um ano nessas duas escolas e pretendia passar muito mais, contudo, fiz o concurso para ser Professor substituto do IFRN e fui aprovado. Como os horários não se encaixaram, tive que sair das duas escolas para assumir como Professor do IFRN. Dessa forma, em março de 2009, aos 31 anos de idade, eu iniciava como professor substituto em uma das maiores instituições educacionais do Rio Grande do Norte.

Aqui, abro um importante parêntese para falar de uma pessoa muito relevante na minha vida e que considero responsável por eu ter tomado a decisão de trocar as duas escolas por um contrato de Professor substituto do IFRN, minha atual esposa, na época minha noiva, Luciana Nóbrega. Foi ela quem tomou conhecimento da existência desse concurso e me incentivou a fazê-lo. Inclusive, a prova prática desse concurso seria em um horário no qual eu deveria estar em sala de aula na escola do Amarante e a Luciana se propôs a me render nesse dia, ou seja, ela foi dar aula no meu lugar.

Ao final daquela manhã, Luciana me disse que não sabia como eu conseguia me manter tranquilo dando aulas para aquela meninada. Segundo ela, eles pareciam não parar quietos nas cadeiras. Expliquei-lhe que, com jeitinho, era possível conseguir a atenção deles e dar continuidade nas aulas. Um detalhe curioso, na época, ela atuava como Engenheira Civil, atualmente, ela também se rendeu a ser Professora e leciona no curso de edificações no IFRN, campus São Paulo do Potengi.

Foi a Luciana quem me fez deixar de ter medo de largar as duas escolas particulares em que eu trabalhava antes de ingressar como professor substituto no IFRN. Ela dizia com convicção que eu não me arrependeria de ter a experiência de trabalhar como Professor no IFRN e foi exatamente isso o que aconteceu. Logo me vi em uma realidade muito diferente da que eu tinha vivenciado até então. E foi assim que surgiu o meu mais novo objetivo: *ser Professor efetivo do IFRN*.

Todavia, quando iniciei como Professor substituto no IFRN, outras portas se abriram e eu acredito, firmemente, que o motivo dessas novas oportunidades terem surgido se deve ao fato de eu estar trabalhando como Professor do IFRN. Assim, fui convidado a trabalhar em outras duas instituições privadas de ensino, uma de ensino fundamental e outra de ensino superior. Naquele ano eu trabalhei como nunca, em uma escola dava aulas de quinta a oitava série, já na faculdade particular lecionava cinco disciplinas diferentes em cursos de graduação (Pré-Cálculo,

Cálculo Diferencial e Integral, Álgebra Linear, Estatística e Cálculo Numérico). Além disso, ministrava aulas do primeiro ao terceiro ano no IFRN. Foi com esse ritmo de trabalho que passei a me preparar para o concurso de Professor efetivo do IFRN.

No dia da prova do concurso, como no vestibular, eu estava tranquilo, pois estava trabalhando com todos os níveis de ensino de Matemática. Fiquei ainda mais tranquilo quando percebi que já tinha visto muitas das questões da prova na época da graduação. Consegui um excelente resultado na prova objetiva, fiquei em primeiro lugar, havia acertado dezenove das vinte questões de Matemática e quatro das cinco questões de Didática.

Entretanto, na segunda fase, na qual tínhamos que dar uma aula, eu cometi um erro que quase me custou caro. Perdi preciosos pontos por não ter feito o direcionamento correto conforme pedia o edital. Eu deveria dar uma aula voltada para alunos do Ensino Médio, mas acabei dando essa aula muito semelhante àquelas que eu dava para meus alunos do curso superior. Mas, felizmente, ainda assim consegui minha aprovação e em janeiro de 2011 comecei como Professor efetivo do IFRN.

Como o IFRN exige exclusividade de seus docentes, ou seja, contratação no regime de dedicação exclusiva, tive que me desligar de todas as outras escolas em que atuava e assumi como Professor efetivo no campus de Ipanguaçu (RN). Apesar da distância do IFRN Ipanguaçu para minha casa, cerca de

três horas de carro, eu me sentia muito à vontade de trabalhar lá. Eu e os outros Professores vivíamos como em uma grande família, até mesmo, dividíamos uma mesma casa. Lá, éramos quatro Professores de Matemática e tínhamos reuniões semanais nas quais socializávamos estratégias de ensino, acertos e dificuldades. Nesse período surgiu a oportunidade de fazermos uma prova para tentarmos uma vaga no mestrado profissionalizante em Matemática, o PROFMAT da UFRN. Inscrevi-me para o polo de Natal e consegui uma das vagas após participar do processo seletivo e ser aprovado.

Comecei o mestrado PROFMAT na UFRN e esse foi também um dos momentos de rico aprendizado, aprendi muita sobre Matemática nesse mestrado. A turma de quinze alunos era muito boa, nos ajudávamos marcando dias para estudarmos juntos e assim conseguirmos ir avançando em meio às dificuldades inerentes ao mestrado. A maior dificuldade com que me deparei foi quando realizei a segunda prova para o exame de qualificação (a qualificação também pode ser uma defesa prévia da dissertação ou tese, isso depende do programa de pós-graduação), eu já havia sido reprovado na primeira, pois descuidei do fator tempo e não tive sequer tempo de fazer todas as questões da prova. Já na segunda prova, eu me concentrei em não cometer o mesmo erro, embora a prova insistisse em me levar para o mesmo caminho, pois parecia elaborada de modo a ter o dobro do

tamanho da primeira. Em resumo, também fui reprovado nessa segunda prova e, como estava no regimento do mestrado que duas reprovações em provas de qualificação implicavam no *jubilamento*, eu estava praticamente deixando escapar o título de mestre. Por sorte, o índice nacional de reprovações nessa segunda prova foi enorme e a coordenação nacional do curso decidiu realizar uma nova prova. Nessa terceira prova, coloquei a “*faca nos dentes*” e consegui uma nota noventa e cinco. Depois, foi só passar nas disciplinas que faltavam e escrever a minha dissertação. Assim, me tornei mestre em Matemática com uma dissertação intitulada por “Princípio da Indução Matemática no Ensino Médio”.

No início do ano de 2012, fui remanejado para o campus Natal Zona Norte do IFRN, onde tenho atuado até hoje. Nesse campus, assim como no anterior, também ministrava aulas de Desenho Geométrico. Dessa vez, por ter aprofundado meus conhecimentos em matemática ao longo do mestrado e por contar com mais anos de experiência em sala de aula, pude desenvolver minhas aulas como nunca antes tinha feito. Resolvi fazer um canal no *YouTube*, cujo nome é **Professor Luciano Nóbrega**¹, onde posto as minhas videoaulas. De um modo geral, observo que essa ferramenta tecnológica tem se mostrado muito eficaz para auxiliar professores

¹ Link do Canal do Professor Luciano Nóbrega: <https://www.youtube.com/channel/UCQG1kpGrGsKhLbBp8KhhVQ/featured>. Acesso em: 23 nov. 2019.

e alunos na revisão do conteúdo e no contato diferenciado de outras estratégias de ensino.

Hoje, aos 42 anos de idade e após 13 anos de carreira como docente, lecionando antes mesmo de formado, observo o quanto foi importante acreditar que havia outros horizontes para além daquele em que eu e a própria sociedade me enquadravam. O mais importante foi acreditar que era possível alcançá-los, batalhando diariamente para conquistá-los. De patinador de supermercado e cobrador de ônibus a professor de matemática em uma instituição federal de ensino. Voltei aos estudos assim como um dia desejou meu Pai, hoje sou professor com muito orgulho. Espero que minha história possa servir para motivá-los e, talvez o mais importante, possa ajudar na desconstrução de preconceitos e no fortalecimento da fé em nós mesmos. Não é fácil e cada um possui obstáculos, limites e oportunidades próprias, que só quem as vivencia as conhece verdadeiramente. Contudo, é possível! Sigam em busca de seus sonhos. Se você quer muito algo, transforme esse desejo em determinação e busque realizar seus sonhos, acreditando que você é capaz.

Oficinas mecânicas e salas de aulas: trilhas da minha jornada

Jandson Rafael

*Educação não transforma o
mundo. Educação muda as pessoas.
Pessoas transformam o mundo.*

Paulo Freire

Meu nome é Jandson Rafael Pessoa da Silva, sou natural de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Sempre estudei em escolas públicas. Meus pais, Eliene e Jorbitan, não tinham condições de me matricular em uma escola privada. Na verdade, eles sempre se esforçaram para me dar o melhor que podiam, mas para uma família de classe média baixa que morava na zona oeste da cidade, e com a chegada da minha irmã mais nova, não foi uma época fácil. Eles viveram um

dilema, investir em apenas um dos filhos ou oferecer uma vida igual para os dois? Optaram pelos dois filhos terem as mesmas oportunidades e nos matricularam em escolas públicas por todo ensino fundamental e médio. Eles sempre foram muito presentes na nossa educação, na minha e na de Jayane, minha irmã. Minha mãe conseguiu concluir o Ensino Médio e o meu pai terminou apenas o ensino fundamental. Meus pais sempre nos cobraram bons resultados e um bom comportamento na escola.

A realidade para quem mora em uma região periférica de uma grande cidade é muito difícil, pois as oportunidades que são oferecidas são poucas, e os exemplos que encontrávamos na comunidade não eram, em sua maioria, dos melhores. Apesar de viver em um bairro com muitas pessoas de bem, as drogas eram uma realidade que assombrava. E continuam a assombrar, até hoje, as famílias que desejam que seus filhos sigam um caminho no qual possam vencer pela educação. Não é uma crítica pessoal para quem usa drogas, lícitas e ilícitas, isso é apenas um relato baseado em experiências próprias, perdi muitos amigos para o mundo do tráfico, mas isso já é outra discussão. Eu nunca utilizei drogas, não por falta de oportunidades para isso, pois muitos colegas que usavam me ofereciam na rua, na escola, em festas, mas nunca tive interesse ou curiosidade em saber como era usar.

Contudo, por não ter um histórico, em minha família, de parentes que tenham ingressado no ensino superior, ter um diploma universitário tampouco era um objetivo na minha infância ou adolescência, menos ainda chegou a ser uma possibilidade cogitada pela minha família. **Eu nem sabia que existia esse caminho**, não imaginava que eu poderia chegar a me tornar alguém que fosse considerado “importante para a sociedade” através de um curso superior. E não usei esse termo para desmerecer quaisquer profissões, meu pai já foi porteiro, cobrador de transporte coletivo, dentre outras funções, as quais exerceu com muita dignidade, eu mesmo fui, por um bom período, mecânico automotivo, mas disso falarei mais adiante. Usei o termo “importante para a sociedade” e entre aspas para me referir ao exercício de uma função que não seja vista com preconceito por ninguém e que tenha até mesmo a admiração das pessoas. Mas preciso reconhecer, todas as oportunidades que tive durante minha trajetória de vida foram acontecendo de forma quase que natural. Aconteciam e eu, ainda sem saber, ia escrevendo o caminho para a história que estou vivendo hoje. Muitas lições foram aprendidas pelo caminho, como se tudo que deu certo ou errado em minha vida tenha acontecido como uma preparação, como se com o propósito de me preparar para o hoje.

Eu sempre fui o responsável por buscar para minha vida alguma coisa que fosse além de frequentar o ensino básico.

Minha primeira experiência nesse sentido foi no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), que na época se chamava CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica). Como havia dito anteriormente, eu não tinha muita noção das coisas e fui no embalo de fazer a prova, pois meus amigos também faziam. Fiz minha inscrição sem saber muito o que significava ingressar naquela instituição que tantos desejavam. Cheguei a fazer alguns cursinhos preparatórios, mas não dei a devida importância, não me empenhava nos estudos fora das salas de aulas. Eu conseguia acompanhar bem os conteúdos ministrados pelos professores, mas não tinha maturidade o suficiente para fazer algumas renúncias e me dedicar aos estudos, o resultado foi que acabei não sendo aprovado naquele ano. Até aí não havia muita surpresa, levando em consideração que na época eram disponibilizadas pouquíssimas vagas, considerado o tamanho da cidade. E se não estou enganado, aquela era a única instituição federal do estado para cursos técnicos, na época, algo próximo de duzentas vagas. Não lembro o número exato de vagas, mas me lembro de algo que me marcou nesse episódio, a quantidade de questões que faltaram para que eu pudesse ser aprovado, duas questões. Isso mesmo: duas questões, isso me marcou muito, pois eu não havia dado a devida importância e acabei perdendo para mim mesmo. Caso eu tivesse estudado mais, me dedicado mais, feito renúncias, teria obtido um resultado

melhor. Eu me lembro quando fui verificar o resultado, ele ficava exposto na parede da entrada do próprio CEFET, percebi que a distância entre a nota de corte e a minha foi de apenas 0,25 pontos. Como disse, isso foi marcante para mim, e me fez prometer a mim mesmo, que, se eu chegasse a ter outras oportunidades, eu não desistiria, iria me dedicar e ser o melhor que conseguisse ser, e ficaria feliz com o resultado, independente de qual fosse.

Assim, após não ter conseguido o ingresso no CEFET, cursei o Ensino Médio em escolas públicas da cidade. Na primeira série do Ensino Médio, estudei no Colégio Estadual Atheneu Norte-Riograndense que fica no bairro do Tirol. Apesar de ser reconhecidamente uma grande escola no estado, não tenho muitas lembranças boas desse período. Na época, me deparei com falta de professores e com o descaso por parte de alguns deles, o que dificultou minha caminhada. Porém, um fato ocorrido nessa época também foi relevante para meu aprendizado sobre o ser humano e para minhas escolhas futuras. Houve uma aula de campo no CTGás (Centro de Tecnologia do Gás), e lá estava ocorrendo a Olimpíada do Conhecimento, vários alunos de todo o Nordeste estavam colocando à prova suas habilidades técnicas em várias áreas, e, nós, alunos do Atheneu Norte-Riograndense tivemos a satisfação de presenciar alguns desses momentos. Durante o passeio, nos foi informado que futuramente haveria uma

prova para que alunos que estivessem cursando o Ensino Médio pudessem participar e concorrer a vagas em alguns dos cursos lá oferecidos. Fiquei muito empolgado com a ideia, desejei estar lá dentro, exercendo algumas daquelas funções. Mas eu acabei esquecendo do período das inscrições, e um colega de sala, que sabia do meu interesse em fazer a prova, fez sua inscrição e propositalmente não me informou sobre as datas, no intuito de diminuir a concorrência. Isso me deixou bem abalado, pois, ao mesmo tempo em que não consegui o que desejava, também senti o que uma pessoa pode fazer com um colega quando decide enxergar somente seu próprio interesse.

Como no Ensino Médio eu já desejava conciliar trabalho e estudos para poder ajudar nas despesas de casa, e isso passou a ser uma necessidade, fui estudar em uma escola localizada no bairro onde eu morava, Cidade da Esperança, na Escola Estadual Lauro de Castro, para que isso fosse possível. Lá fiz boas amizades e, apesar da escola não ser tão grande quanto a anterior, mostrou-se bastante organizada e tive muitos professores marcantes por lá. Marcantes como a minha professora de Física chamada Ana Karla, não só por ter despertado meu interesse em Física, mas por ter tido a sensibilidade de me notar em sala de aula. Ela percebeu que eu tinha interesse pela disciplina e que tinha um bom desempenho também; por coincidência, por Deus,

pelo destino, depende de em que você acredita. Ela trabalhava lá no CTGás, e quando houve uma nova prova, já no ano seguinte, me informou e me disse as seguintes palavras: “faça que você passa, eu acredito em você!”. Isso me deixou muito motivado e decidi fazer a prova. Decidi também não cometer os mesmos erros do passado, diferentemente do meu colega da escola anterior, divulguei a informação entre meus colegas da escola. Eles eram muito bons e saber que eles estariam concorrendo comigo era um fato que não me deixava relaxar nos estudos, e me obrigava a dedicar-me intensamente. Nós nos reuníamos para estudar juntos, nem sempre dava muito certo, de vez em quando rolava um *videogame* ou um *rolê* de bicicleta até a praia, pois éramos jovens e cheios de energia, mas após esses momentos o foco era total.

Entre os cursos oferecidos escolhi o de mecânica automotiva, a escolha deveria ser feita antes da realização da prova. Mesmo sabendo que esse curso era mais disputado do que o de eletricidade predial e o de usinagem, eu o escolhi por me trazer uma perspectiva de entrada mais rápida no mercado de trabalho. E assim fiz, sempre acreditei que aquela vaga poderia ser minha e que eu realizaria meu desejo de estudar naquela instituição. Depois da prova e de algum tempo de espera, chegou o grande dia, fui descobrir se realmente havia sido aprovado ou não... meu nome e o de outros dezenove jovens estavam na lista para a disputa por dezesseis vagas

que só seriam preenchidas após uma entrevista. Isso me causou uma grande ansiedade, porque eu não sabia quais seriam os critérios utilizados para essa seleção. Decidi ser o mais autêntico possível, por entender que eu não precisava tentar mostrar ser quem eu não era para ser aceito. A entrevista foi tranquila e, aos meus 16 anos de idade, consegui estar entre os dezesseis escolhidos para começar o curso de mecânica automotiva. Faltava apenas realizar a matrícula, parecia uma tarefa simples, mas se tornou bem complicada. Eu acabei sofrendo muito nesse momento, pois essa matrícula deveria ser feita por um responsável maior de idade e eu tinha dezesseis anos, na época; meus pais estavam trabalhando e eu estava confiando na presença do meu tio nesse momento, só que ele havia sido convocado a comparecer na empresa em que trabalhava e não pôde vir em casa para me acompanhar. Eu entrei em pânico, depois de tanto estudar, de tanto sacrifício, depois de tantas noites mal dormidas, de crises de ansiedade aguardando os resultados, eu não faria a matrícula por não ter alguém maior de idade para poder assinar a matrícula por mim. Saí na rua procurando alguém que pudesse me ajudar, pedi a uma vizinha, e ela, com os seus motivos, informou que não poderia ir; sua sogra, Dona Tereza, que já tinha uma idade mais avançada não conseguiria me ajudar também. Nesse momento caí em prantos, *nadei, nadei e estava prestes a morrer na praia*, nem conseguia entrar em casa, sentei na

calçada a chorar, imaginando uma possível solução para resolver o problema, mas meu tempo era curto. Quando decidi entrar em casa, várias coisas passaram em minha cabeça, muitos questionamentos sobre o porquê daquilo estar acontecendo comigo. Não parei de chorar, até que João, genro de Dona Tereza, após esta lhe contar o motivo de eu estar chorando, sem pensar duas vezes, foi até a minha casa, me chamou e disse-me que iria comigo fazer a matrícula. Isso me deixou muito feliz, não sabia como agradecer, não entendia muito bem na época, mas hoje percebo que ele acreditava que era possível mudar a realidade através dos estudos. Ele percebeu que naquela escola eu teria oportunidades, que poderia crescer como pessoa e como profissional, que não seguiria por maus caminhos. Depois disso, já cursando mecânica, sempre que eu o encontrava na rua fazia questão de contar sobre as coisas novas que eu havia aprendido, e sobre as oportunidades que estavam surgindo. Havia em mim uma necessidade de demonstrar-lhe minha gratidão em forma de esforço.

No curso de mecânica automotiva, vários professores ministravam as disciplinas iniciais, algumas eram didáticas para promover a interação entre o grupo de alunos, e outras, técnicas, voltadas a conceitos básicos e usinagem. Mas o professor principal, o que realmente iria ministrar a parte referente à mecânica automotiva era o Edilson Alves, e eu não o considero um professor, mas sim um mestre. Não só por ter

me ensinado o conhecimento técnico, mas também por ter me dado orientações que serviram para toda a minha vida. A primeira, e a maior delas, foi quando entrou, no primeiro dia de aula, na nossa turma, entrou sem falar nada, com cara de poucos amigos, contou os alunos e disse as seguintes palavras: “Dezesseis alunos... Terminam uns quatro. Alguns irão reprovar, outros irão desistir e outros eu colocarei para fora”. Na mesma hora eu olhei para o restante da turma e me peguei pensando quais seriam os outros três, pois eu certamente estaria entre os que conseguiriam. Esse sentimento que me ocorreu foi como um alerta, de que muitos iriam dizer que eu não conseguiria, de que eu não era forte, mas eu não deveria baixar minha cabeça diante de nada disso. Eu deveria me superar, não buscar ser melhor que ninguém, mas fazer o melhor de mim.

No curso fiz grandes amigos, com quem continuo mantendo contato. Cada um deles tem uma história para compartilhar, eu sabia que deveria me esforçar, pois alguns deles já tinham contato com a mecânica automotiva e eu era totalmente leigo no assunto. Decidi tentar alguma oportunidade em alguma oficina ainda durante o curso. E, ao lado da minha casa, tinha uma oficina mecânica, eu sempre ficava olhando os mecânicos trabalharem, ficava impressionado com o conhecimento deles, sabiam exatamente o que fazer, podiam diagnosticar e concertar os defeitos dos carros, e aos poucos foram permitindo, cada vez mais, a minha aproximação,

até o ponto de me permitirem fazer pequenos serviços. Eu, curioso, sempre contava tudo o que via e fazia ao meu professor, ele me perguntava se eu já estava trabalhando, eu respondia que não, que era tudo voluntário, pois eu tinha muita vontade de aprender. Isso me ajudou muito, pois o professor me escolheu primeiro para estagiar em uma grande concessionária de veículos aqui em Natal. Na mesma época, os mecânicos que trabalhavam vizinhos a minha casa abriram uma oficina para eles e me chamaram para ser o auxiliar. Eu começava finalmente a conciliar trabalho, curso e escola.

No primeiro dia na concessionária, conheci a equipe de mecânicos com quem iria estagiar. Achei a estrutura da empresa fantástica. Apesar de ser uma oficina mecânica, era um lugar muito limpo e organizado, me senti muito privilegiado de poder fazer parte daquela equipe e algo me dizia que passar por lá seria um importante passo na minha história. No início, eu ainda não tinha muito conhecimento de mecânica, estava no começo do curso, e também não tinha muita habilidade para manusear as ferramentas, mas com o tempo eu fui melhorando. Todos foram muito atenciosos comigo, estavam dispostos a me ensinar tudo o que eu precisava saber para poder evoluir. Com o tempo, minha relação com o pessoal ficou mais estreita e conheci várias histórias, desde profissionais que fizeram cursos técnicos e foram admitidos pela empresa, até histórias de mecânicos

que começaram lá como faxineiros, foram demonstrando interesse em aprender mecânica, e com o auxílio e orientação dos profissionais mais antigos conseguiram se tornar até líderes mecânicos. Lá os profissionais eram divididos por equipes e um dos mecânicos era escolhido como responsável para coordenar os demais, fazer a comunicação com os recepcionistas e tratar assuntos diretamente com os clientes. Para mim, saber que uma pessoa pode receber oportunidades por demonstrar interesse em aprender me fez pensar que eu deveria fazer o mesmo, caso eu tivesse realmente o desejo de crescer naquela empresa. E assim o fiz, meu estágio tinha a seguinte carga horária: sextas e sábados das 08h00 às 12h00, mas com o tempo comecei a ficar voluntariamente por mais tempo, ia às quintas-feiras pela manhã, nas sextas ficava na concessionária durante todo o dia, das 08h00 às 18h00, e ainda ia aos sábados pela manhã. Como isso era de grande ajuda para os mecânicos comissionados, eles começaram a pagar meu almoço, e, dependendo da semana, também me davam gratificações, isso me empolgou bastante, não só pelo dinheiro, mas por saber que estava havendo reconhecimento e que meu trabalho estava sendo visto. Além disso, ficar mais tempo lá me fez adquirir mais experiência e segurança e, com o tempo, já estava fazendo grandes serviços sozinho. Isso chamou a atenção do gerente, que percebeu minha evolução naquele curto espaço de tempo e deu-me a oportunidade

de poder fazer parte do quadro de funcionários da empresa após o término do estágio.

Nessa minha trajetória de vida, não posso deixar de agradecer às pessoas que me foram muito importantes. Portanto, sou grato ao Wgnelson um mecânico que me ensinou muito, com sua humildade e sua vontade de aprender, éramos da mesma equipe. Inclusive mais a frente, contarei como ele também contribuiu na minha trajetória como professor. Outra pessoa muito importante na minha história foi Emanuel Melo. Ele era o líder da equipe com quem que eu trabalhava, também me ensinou muito, assim como o Elisvan que era o chefe da oficina, todos sempre dispostos a me ajudar no que eu precisasse. Também tenho muito a agradecer a Antônio Santos, o gerente da assistência técnica, por ter me dado a oportunidade de permanecer na empresa após o término do estágio. E esse foi inclusive um momento muito marcante para mim. Eu já estava um pouco pensativo de como seria após o término do estágio, muitos diziam que eu seria contratado, tinha inclusive perfil para me tornar um líder mecânico um dia, mas naquele momento não havia nenhuma informação oficial ou contrato assinado, tudo era uma incógnita. Como eu estava no último ano do Ensino Médio, estava me preparando para a prova do vestibular. Ainda não havia decidido para qual curso eu iria concorrer, estava em um cursinho preparatório oferecido pela própria UFRN. Pela manhã eu trabalhava

na concessionária, durante a tarde ia para a o cursinho na universidade e à noite ia para a escola. Um dia o gerente me chamou em sua sala, me perguntou o que eu fazia durante a tarde e eu lhe expliquei o que acabo de contar, disse-lhe ainda que eu não poderia mudar meus horários, pois eu havia ganhado uma bolsa. Mas quando ele me informou que estava disposto a me dar uma oportunidade e me contratar, eu não pensei duas vezes, era o momento que eu tanto esperava. Aceitei! Todavia, como eu não tinha como fazer um curso pré-vestibular a noite, abandonei o curso.

Aquele para mim era o meu momento, eu havia vencido na vida. De onde eu vim, conseguir um trabalho em uma grande empresa, após fazer o curso técnico era uma grande vitória. Não havia muitas perspectivas e eu não via sentido em ingressar na universidade para passar anos estudando e só após conseguir um emprego. Portanto, além de abandonar o cursinho, coloquei uma vírgula na busca pelo ingresso na universidade. Eu até achava que era um ponto final, mas não sabia o que ainda me aguardava pela frente.

Naquele momento, me lembrei do fato ocorrido um ano antes de ter realizado a prova seletiva do CTGás. No ano anterior a minha admissão, não tivera nem mesmo a chance de tentar entrar no curso em razão da atitude do meu colega de escola. Percebi, entretanto, que havia um propósito para tudo, pois se eu tivesse ingressado um ano antes, talvez não

pudesse ser contratado pela empresa ao final do estágio, já que estaria terminando o curso com dezessete anos. Mas, como só entrei no curso em 2004, estava terminando o curso técnico com dezoito anos completos, tendo inclusive pedido dispensa das forças armadas para poder continuar trabalhando.

Com o passar do tempo, fui me acomodando, era uma zona de conforto que me trazia a sensação de estabilidade, e mesmo muito jovem, cheguei a me tornar a principal fonte de renda em minha casa por um tempo. E isso me impedia, ou posso dizer até que me prendia, e eu não dava continuidade aos meus estudos. O tempo passou e comecei a crescer dentro da empresa, ocupei os cargos de menor aprendiz, ferramenteiro e auxiliar de mecânico antes de finalmente me tornar um mecânico aos 18 anos de idade. Às vezes, começava a pensar como seria a minha vida, caso eu tivesse ingressado na universidade, e me batia certa tristeza por não ter tido essa experiência, mas ninguém em minha família me cobrava isso, então acabei aceitando. Nesse tempo, conheci Cássia e decidi dividir minha vida com ela. Depois de um tempo namorando, decidimos noivar e logo após casamos. Passamos alguns apertos com a vida a dois, pois surgiram obrigações pelas quais, antes, não éramos os responsáveis, mesmo assim conseguimos levar a vida. Então veio meu filho, o pequeno Samuel, e aquela zona de conforto, as amarras que me seguravam e impediam que eu pudesse me dedicar somente aos estudos, acabaram ficando

mais fortes. Fiquei muito dependente do meu salário, o que era bem óbvio, sabendo que tudo depende do dinheiro para funcionar. Nessa época, já não alimentava a esperança de ingressar na universidade.

Certo dia, no ano de 2013, alguns funcionários da empresa, colegas meus, estavam comentando sobre a prova do ENEM, sobre o período de inscrição, sobre quais cursos desejavam fazer e sobre quais as perspectivas de alguns cursos no mercado de trabalho. Eu acabei me empolgando a fazer também, mesmo sem saber como ou o que faria depois, talvez fosse mais por curiosidade, mas fiz minha inscrição no ENEM. Mal sabia eu que essa seria uma das maiores decisões que eu iria tomar na minha vida.

Como eu trabalhava durante todo o dia, se eu desejasse me preparar para a prova, isso deveria ocorrer durante o turno da noite. Mas eu não me sentia mais disposto a passar por essa rotina, havia terminado o Ensino Médio em 2005. Já fazia quase oito anos que eu não tinha rotina de estudos. Eu até desejava frequentar algum cursinho preparatório, mas o orçamento apertado e a atenção que eu devia à minha família se tornaram obstáculos para isso. Então decidi fazer a prova sem me preparar, não queria estudar sozinho em casa, temia não estudar corretamente sem orientação. Decidi, portanto, fazer a prova e, supondo que não passaria, planejava me preparar melhor no ano seguinte, para quem sabe,

entrar em algum curso. Portanto, durante todo aquele ano não me senti tomado pela ansiedade, nem por qualquer medo ou quaisquer cobranças, estava muito tranquilo para realizar a prova. Isso pode ter me ajudado muito, e mesmo sem estudar eu sabia que estava com uma oportunidade nas mãos, então por que não encará-la com seriedade?

No dia da prova, confesso que fiquei muito assustado. Muitos jovens reunidos em um só lugar, fiquei muito intimidado por saber que eles estavam com um bom ritmo de estudos e eu havia parado durante muito tempo. Alguns jovens inclusive estavam vestindo a camisa de grandes escolas daqui de Natal, o que me fez me sentir muito pequeno diante de tudo aquilo, mesmo assim fui encarar a prova com seriedade.

Após o toque da entrada, fui para a minha sala e fiquei aguardando o momento de iniciar a prova. Durante esse tempo, eu já estava ficando com vontade de desistir, comecei a achar que desistir daquilo não mudaria nada para mim, mas aguentei firme e me mantive por lá. Quando a prova chegou, algumas questões eu até lembrava, mas outras eu não fazia ideia por onde começar, mas o principal vilão para mim foi o fator tempo, perceber que outros candidatos estavam finalizando a prova e eu ainda estava lá, já estava me angustiando. Comecei a notar que o tempo estava ficando bem curto, e que não daria tempo de analisar todas as questões, então decidi me apressar um pouco. Acabei terminando

as provas, nos dois dias, faltando poucos minutos para o fim do tempo estabelecido. Apesar de não estar devidamente preparado, eu estava me sentindo confiante em um bom resultado, mesmo depois de ter conferido o gabarito oficial e de ter percebido que não havia acertado um número tão grande de questões, ainda assim continuei confiante que algo de bom viria dali. Mas agora só me restava esperar, pois o resultado só sairia no início do ano seguinte, nesse meio tempo continuei minha vida rotineira.

No início de 2014, saíram os resultados das provas e os estudantes já poderiam acessar o SISU e se candidatar a inúmeros cursos em várias universidades pelo Brasil a fora. Para mim não havia muitas opções, eu não estava disposto a, até aquele momento, abandonar meu emprego para me dedicar à universidade e muito menos estava disposto a mudar de estado para isso. Então deveria me candidatar a cursos oferecidos no turno da noite, em sua maioria são cursos voltados para a licenciatura, e não me via fazendo um curso que não fosse voltado para a área das Ciências Exatas ou Ciências da Natureza, pois me identificava muito com essas disciplinas na escola. Fiquei com uma grande dúvida entre Licenciatura em Química, Física ou em Matemática. Química foi o primeiro curso que saiu dessa disputa, Matemática ficou como primeira opção até os quarenta e quatro minutos do segundo tempo, então decidi mudar para Física, pensava em

conhecer melhor como funciona a natureza, mesmo que eu não fosse seguir a profissão, pensava em curtir o curso.

Quando saiu o resultado, fiquei sem acreditar na aprovação. Aos meus 25 anos de idade tinha sido aprovado para ingressar em uma universidade pública federal, de grande prestígio no nordeste brasileiro. Quando contei para a minha família não houve muita empolgação, pois se tratava apenas de um curso, nem eu tinha noção de que ele mudaria a minha vida. Eu havia me candidatado por intermédio das cotas, por ter estudado toda a minha vida em escola pública, e mesmo assim a nota que obtive foi a nota de corte no curso, ou seja, de sessenta alunos que foram classificados na primeira chamada, minha colocação foi a de número sessenta. Isso já me mostrou qual era o meu lugar na turma, pois eu estava fora da faixa etária que mais comumente ingressa na universidade, e não estudava há tempos, havia vários jovens que vinham de boas escolas de Natal, principalmente do IFRN. Eu sabia que para me sustentar no curso teria que me esforçar mais do que os demais, pois não tinha só que dar conta da universidade, também teria de cuidar da minha família.

Quando organizei minha documentação para realizar minha inscrição, *a ficha ainda não havia caído*. Eu praticamente não sentia nenhuma emoção, nenhum tipo de euforia, só estava em uma fila para fazer uma inscrição. Mas a partir do momento em que consegui realizar minha inscrição,

uma felicidade enorme surgiu dentro de mim. Saí do local da inscrição e fui direto raspar a cabeça, quem me conhece hoje, sabe que sou careca, mas naquela época eu ainda tinha alguma coisa, um sorriso inexplicável tomou conta do meu rosto. Já estava ansioso para o início das aulas, eu já estava sonhando em viver a universidade pública. No primeiro dia de aula, eu ainda estava procurando as salas de aula, passava pelos corredores com um sorriso que era impossível evitar, eu estava muito feliz, pois um dia eu estivera triste achando que aquele dia não iria chegar nunca, mas chegou.

No início do primeiro semestre, o ritmo não era tão pesado, e eu ainda não estava sentindo as dificuldades, até que surgiram dois problemas que poderiam ter me prejudicado bastante, quem sabe até poderiam ter ameaçado minha permanência no curso. Um deles foi um problema de saúde que poderia me exigir repouso por tempo indeterminado, mas esse problema não se mostrou tão grave e logo foi resolvido. Já o outro problema foi com o próprio curso, mesmo tendo feito a matrícula, se fazia necessário confirmar o vínculo, o que significava ir à secretaria do departamento, informar meu nome, curso e confirmar o vínculo pessoalmente. O pessoalmente é que era o problema, já que eu passava o dia todo no trabalho, mesmo assim eu consegui ir até a secretaria e acreditava que tinha confirmado o vínculo com a universidade. Depois disso continuei assistindo as aulas normalmente. Eu não tinha

o hábito de verificar meu e-mail frequentemente, por isso não havia lido uma mensagem enviada pela coordenação do curso de que minha confirmação de vínculo não ocorrera, até que um aluno da turma, chamado Yuri, veio até mim e me perguntou se meu nome era Jandson. Quando confirmei, ele me disse que havia recebido um e-mail chamando a atenção dos alunos que ainda não tinham confirmado o vínculo, e que meu nome estava entre os nomes desses alunos e, ainda, que o prazo para confirmação iria expirar, naquele mesmo dia ou no dia seguinte, eu não recordo exatamente. E a informação que me tinha sido passada era a de que o aluno que não confirmasse o vínculo no prazo estabelecido perderia a vaga no curso. Novamente eu perderia uma grande oportunidade por um desleixo, eu não queria passar por uma situação assim novamente, e fui, no mesmo momento, até a secretaria e resolvi de vez a situação, estava finalmente confirmado no curso de Física da UFRN.

Nos primeiros quinze dias de aula, algumas disciplinas estavam envolvidas em eventos acadêmicos e ficamos em alguns momentos sem aula, isso foi o suficiente para começarmos a interagir entre nós e aproveitarmos para conhecermos juntos alguns ambientes da universidade, a biblioteca, por exemplo. Fizemos grandes amizades assim. Nossa turma, apesar de alguns alunos terem mudado de curso, era muito unida. Vários foram convocados em outras chamadas, pois a Física

era para alguns a segunda opção de curso, mas era mesmo uma turma unida e isso foi uns dos fatores que influenciou, durante todo o curso, a minha permanência. Louize, Bruno, Túlio, Manoel, Luanna, Luan, Fabíola, Jacinto e Renan são alguns dos muitos que me acompanharam ao longo do curso e aos quais sou grato pela amizade, em verdade sou grato pela amizade de todos.

Quando as aulas já apresentavam um ritmo normal, eu comecei a sentir e expressar minhas dificuldades. Eu sequer lembrava das relações trigonométricas básicas de um triângulo retângulo (Teorema de Pitágoras) ou de alguns conceitos mais básicos de Física. Cheguei até a falar em uma aula que na Lua não havia gravidade... era uma concepção de mundo que eu tinha, por ver situações em que astronautas não eram “puxados” com muita força até o chão, como ocorre aqui na Terra. O professor, na época, até esboçou uma reação de “Como assim?”. Isso é óbvio! — achava eu! Então vi que ninguém na turma concordava com minha afirmação, mas eu pensava realmente estar certo naquela situação. Hoje, eu carrego uma lição desse dia, nunca considerar nenhuma dúvida do aluno como óbvia, sempre ser atencioso com todos e procurar a melhor forma de explicar.

Como eu estava há muito tempo longe das salas de aula, e tinha que trabalhar durante todo o dia, deixava para estudar nos finais de semana. Resultado: muito tempo de estudos

nos finais de semana, mas pouco rendimento. Não conseguia compreender quase nada, o que resultou em algumas notas baixas e na diminuição drástica da minha vida social para tentar acompanhar o ritmo do curso e ainda me manter no trabalho.

Ainda no primeiro semestre, duas coisas foram fundamentais para que eu começasse a mudar a minha opinião sobre o que eu realmente queria para mim. Uma delas foi uma visita de alguns bolsistas de um programa de iniciação à docência chamado PIBID. Nessa visita foi divulgada a abertura de algumas vagas para alunos do curso de Física para as quais eu não poderia me candidatar, pois as vagas eram para atividades durante o dia, no horário em que eu trabalhava. Mas um dos bolsistas, chamado Fábio, me disse que havia largado seu antigo trabalho para se dedicar à universidade e ao PIBID. Até ouvir aquilo, pensava que ninguém teria coragem para fazer isso, e que possivelmente aquilo não fosse verdade. Mas ocorreu sim, o que me deixou bem reflexivo, já que praticamente todos da turma iriam se candidatar e eu estava privado de viver aquilo. Acabei não me candidatando daquela vez, e continuei com a minha rotina normal. O segundo fato que me levou a uma reflexão mais profunda sobre o que eu queria ocorreu durante uma aula da professora Andréia Mendes. Eu admiro muito a professora Andréia e agradeço muito por tudo que ela fez por mim. Muito além dos conteúdos de sala de aula, ela acabou me instigando para

algo maior. Como eu dizia, em uma de suas aulas, ela citou as falsas zonas de conforto, explicou-nos que algumas vezes o sistema capitalista aparentemente dá oportunidades para ingressarmos rapidamente no mercado de trabalho, mas tais “oportunidades” são em verdade falsas zonas de conforto. Os indivíduos parecem bem resolvidos e estáveis, mas na verdade estão sendo induzidos a ficar estagnados, sem a possibilidade de mudança, privados do direito de tentar evoluir. Naquela aula, eu me identifiquei muito com essas palavras, e comecei a pensar se haveria possibilidades de mudanças, se eu poderia e teria coragem de mudar, de arriscar, de sair da minha zona de conforto, se tentaria evoluir. E esse pensamento foi sendo alimentado e cresceu dentro de mim, à ponto de eu me questionar se o que me faltava era coragem e um pouco mais de firmeza para poder concretizar eventuais planos de crescimento e evolução que eu já cogitava.

Mesmo com todas as dificuldades, eu consegui passar em todas as disciplinas no primeiro semestre. Já no segundo semestre, decidi mudar minha forma de estudar, comecei a estudar os conteúdos das disciplinas no dia em que eram ministrados. Com isso aumentei meu rendimento acadêmico, ainda que com menos horas de estudos. Nasceu em mim um sentimento de necessidade de mudança, eu já não mais desejava ser mecânico, esse sentimento crescia a cada dia, enquanto eu começava a compreender mais a Física

e a Matemática. E o meu gosto pela Física começou a virar paixão, comecei a conversar com alguns professores sobre a possibilidade de mudança, de me dedicar exclusivamente a minha formação. E o professor Raphael Tromer não hesitava em me incentivar e torcer por mim, e isso aumentava ainda mais minha confiança de encarar o desconhecido. Mas faltava algo que pudesse me garantir financeiramente, afinal de contas eu tinha que sustentar a mim e a minha família. Quando comecei a conversar com minha esposa sobre essa possibilidade, ela sempre me apoiou, esteve ao meu lado, até porque antes que eu ingressasse na universidade, ela também decidiu focar no curso de técnica de enfermagem, e, para ajudar a manter a casa, ela preparava uns lanches que eu levava para vender no meu trabalho, e assim conseguir uma renda extra. Sou grato até hoje por esse companheirismo que sempre tivemos.

Portanto, comecei a conversar com o chefe da oficina onde trabalhava sobre a possibilidade de sair da empresa e tentar uma nova vida. Até porque fazia pouco tempo que eu havia chegado ao cargo de líder mecânico, algo que sempre busquei dentro da empresa, e, depois que alcancei essa meta, sentia o desejo de buscar algo a mais, e isso não viria de dentro da empresa nem a curto nem a médio prazo. Foi então que surgiu, no final daquele ano, uma seleção para novos bolsistas para o PIBID, e eu decidi me candidatar. Conheci na ocasião a professora Auta Stella, que juntamente com o

professor Ciclamio Barreto eram os coordenadores do projeto, e ambos estavam presentes no momento da entrevista para a seleção. Entre as perguntas feitas na tarde da entrevista, uma delas era sobre o meu tempo livre. Eu respondi que teria muito, caso fosse selecionado, pois eu estava disposto a sair do trabalho para me dedicar ao meu curso e a minha formação como docente. Eles se mostraram surpresos com meu posicionamento e me perguntaram se realmente eu estava disposto a tomar aquela atitude. Respondi que sim e depois de mais algumas perguntas a entrevista foi finalizada. Saí de lá com a convicção de que eu teria a oportunidade, mas que ela só viria depois de terem escolhido outro candidato, pois em minha mente a oportunidade primeiramente seria passada para algum aluno que já tivesse mais tempo livre ou que não tivesse nenhuma fonte de renda naquele momento. Entretanto, para minha surpresa, eu fui o selecionado. Esperei por esse momento e ele chegou, a porta foi aberta, agora era respirar fundo e entrar.

Era hora de sair da oficina na concessionária. Lembrem quando, contratado pelo gerente da concessionária, eu disse que havia colocado uma vírgula na minha caminhada rumo à universidade? Eu estava prestes a voltar novamente para a sua sala, falei inicialmente com o chefe da oficina, para que ele pudesse preparar o terreno para essa importante conversa. Mas a decisão de sair só foi tomada após a confirmação da bolsa

do PIBID, pois precisava de pelo menos uma garantia de renda, e quatrocentos reais já era um início. Quando cheguei à sala do gerente Antônio Santos, contei-lhe sobre o meu sentimento, sobre o meu desejo de crescer para uma área além do que a empresa poderia me proporcionar, e sobre minha decisão de arriscar. Ele ficou triste com minha saída, pois eu não era um mau funcionário, e trazia bons números para a empresa, mas também se alegrou e torceu muito para que eu fosse bem sucedido na minha nova jornada. Saí de lá aliviado, pois sempre imaginei como seria, após quase dez anos trabalhando como mecânico, como seria minha saída? E ela ocorreu na melhor das formas, através de uma conversa, e o acordo que fizemos, juntamente com o seguro desemprego, me permitiu me manter até que conseguisse alguma coisa na área da docência.

Eu saí do emprego em dezembro, aos meus 26 anos de idade, o PIBID estava entrando em seu recesso, e as escolas também estavam entrando em período de férias, eu até poderia ter me mantido na empresa até fevereiro do ano seguinte, mas a emoção e a ansiedade falaram mais alto. Por causa disso, no início da minha busca por aulas, não havia procura por professores porque não havia aulas nessa época do ano. Quando o ano letivo estava próximo de começar, eu comecei a distribuir meus currículos em algumas escolas e em alguns centros de reforço pedagógico. Todavia, meu currículo não era um dos mais interessantes para me candidatar à vaga

de professor, pois só tinha experiência e cursos voltados para a mecânica automotiva, e constava também que eu havia concluído apenas o segundo semestre do curso de Física, o que não era muita coisa. Eu já esperava uma busca difícil, e já me preparava para aproveitar qualquer oportunidade que surgisse. E assim fiz, cheguei até a colar panfletos em postes, oferecendo aulas de reforço de Física e de Matemática pelos bairros próximos da minha casa. Demorou um pouco, mas depois surgiram alguns alunos, então comecei com um valor baixo de hora aula, pois mais valia a experiência inicial do que o lucro. Eu estava precisando muito começar a praticar dar aulas, para que quando surgisse uma oportunidade eu estivesse preparado para ela.

Quando iniciou o ano letivo e se passaram as primeiras provas, dois centros pedagógicos de reforço escolar acabaram me chamando para ministrar algumas aulas. Não eram muitas no início, mas era uma ajuda para complementar a renda e cumprir minha meta: não sentir a necessidade de voltar para a mecânica automotiva.

Mais perto do meio do ano, uma grande escola de Natal me convidou para ser monitor, não era um grande valor, mas era uma grande oportunidade e eu não poderia deixar passar. A renda que vinha do seguro desemprego era o que realmente estava me sustentando, mas eu precisava ter uma boa receita das aulas, pois o seguro não duraria para sempre.

Como o reforço escolar tem maior intensidade no final do ano, eu estava começando a me preocupar, por isso, eu e minha esposa fomos buscar uma outra alternativa para gerar um capital e algum lucro. Minha esposa teve a ideia de tentar vender sapatilhas femininas e fomos em busca de fazer um bom negócio, enquanto isso eu estava tentando me manter bem nas disciplinas da universidade. Quando minha esposa achou o que desejava, usei parte do dinheiro que tínhamos guardado e investimos. Entretanto, inicialmente as vendas ficaram restritas às pessoas que já conhecíamos. Isso não ajudava tanto, e foi aí que eu comecei a usar as redes sociais para divulgar os produtos, nossas sapatilhas. A quantidade de pessoas interessadas aumentou, e começamos a ver a luz no fim do túnel. Mas com o aumento das vendas das sapatilhas, eu estava voltando para o início da história, já que estava me dedicando tanto a venda das sapatilhas que só estava conseguindo manter, e muito mal, as atividades da universidade, cheguei até a deixar de ministrar muitas aulas para poder manter a renda com a venda das sapatilhas. Inclusive chegamos a ter um ponto fixo para a venda das sapatilhas, o que ia no sentido contrário do que eu havia projetado. Eu precisava repensar minhas estratégias e esperava ansiosamente uma oportunidade para que pudesse não mais depender da venda das sapatilhas.

No final do ano letivo de 2015, o dono da escola em que eu havia assumido a monitoria disse-me que haveria

a oportunidade para que eu pudesse assumir três turmas no ano seguinte. Apesar de não me sentir 100% preparado, aceitei o desafio. Era o que eu estava precisando naquele momento. Fiquei muito empolgado com a notícia, porém mais coisas ainda estariam por vir, um dos mecânicos que me ajudou muito no início da minha trajetória profissional, Wgnelson, ainda contribuiria muito para o meu êxito como professor. Em uma das visitas que fiz a minha “antiga casa”, ele me perguntou se eu desejava que ele falasse de mim para o diretor de uma escola tradicional na cidade. Esse diretor era seu cliente. Na verdade, Wgnelson era o mecânico de confiança dele. Claro, que eu disse sim. Depois de alguns dias, fui chamado para entregar meu currículo e fazer uma entrevista naquela escola. Fiquei muito feliz, pois muita coisa estava acontecendo ao mesmo tempo.

Fui à entrevista com o diretor da escola. Quando lá cheguei, fui convidado a entrar em sua sala, me apresentei, disse-lhe que conhecia Wgnelson. Ele falou que já tinha ouvido falar de mim e pediu meu currículo. Entreguei-lhe o currículo e ficou um silêncio na sala, então resolvi falar um pouco de mim e de meus objetivos, ele encerrou a entrevista e disse que entraria em contato depois. Saí de lá um pouco triste e abalado, pois não percebi muito interesse em ouvir o que eu tinha para falar. Liguei para Wgnelson e lhe falei que o Diretor da escola ou tinha pego meu currículo só para fazer a média com ele,

ou tinha confiado plenamente na referência que Wgnelson havia lhe passado. Wgnelson confirmou a segunda opção e, para a minha surpresa, fui chamado após algumas semanas. Estava prestes a começar minha caminhada profissional na área da docência.

Mesmo sem a segurança ou experiência de sala de aula, comecei meu ano letivo. Eu me dividia entre a docência e as atividades acadêmicas. Não foi fácil, no início, apresentar o conteúdo de forma que os alunos compreendessem, mas fui me lapidando, como um diamante, aprendendo a cada dia. Algumas turmas me assustaram no início, devido ao grande número de alunos, e ao perfil de alguns. Acredito até que esse meu preconceito inicial aconteceu devido à inexperiência e a insegurança. Como no início eram poucas turmas, três em cada uma das escolas em que comecei, consegui conciliar com o PIBID e com a Universidade. Tudo estava caminhando com muita tranquilidade até a vida de professor começar a mostrar suas particularidades: elaborar aulas, corrigir provas, preencher diários de classe eram tarefas que consomem para além do tempo que ficamos em sala de aula, literalmente trazemos trabalho para casa. Isso fez com que minha vida acadêmica ficasse com um rendimento um pouco mais baixo. Comecei a pensar em estratégias para poder produzir boas aulas e também ir bem na universidade, afinal eu precisava disso para continuar trabalhando.

No primeiro semestre de 2016, eu consegui equilibrar meu trabalho nas escolas com o tempo necessário de dedicação à universidade, mas depois logo surgiram outras dificuldades e conflitos. Eu poderia diminuir a quantidade de disciplinas cursadas por semestre, o que me faria terminar o curso em um tempo maior, em compensação isso me traria uma certa paz de que eu precisava naquele momento. Mas adivinha o que fiz? Isso mesmo! Não abri mão de nada, queria muito terminar o curso no tempo previsto de quatro anos, e assim segui, cansado, estressado e achando que estava fazendo bem para mim, mas aquilo estava me consumindo. Os conflitos surgiam e, percebi que estava sem paciência com o meu filho, isso não era bom. Eu já estava apresentando sintomas físicos de stress, cheguei a tomar alguns calmantes para melhorar, mas eles só fizeram um efeito considerável após mais de duas semanas. Um dos auge do estresse pelo qual passei foi quando eu estava cursando uma disciplina chamada Eletromagnetismo Clássico. Na primeira prova, eu havia tirado 7,5, uma boa nota, principalmente por me deixar em uma situação mais ou menos confortável no início de semestre, mas com o passar do tempo as atividades na escola foram aumentando e eu comecei a deixar o conteúdo da disciplina acumular, e na segunda avaliação eu não tive um bom desempenho, acabei tirando 2,0 na prova. Isso era muito ruim, pois me colocava direto na quarta prova (prova substitutiva, uma espécie de recuperação

final), por ter tirado uma nota abaixo de 3,0. Resolvi me dedicar mais a essa disciplina para que eu não fosse reprovado. O professor trouxe uma proposta de um seminário na terceira unidade, a oportunidade perfeita para tirar uma boa nota e ir para a quarta prova sem precisar de muitos pontos, só que eu não esperava um artigo tão técnico e difícil de interpretar como tema do seminário, era algo sobre relatividade. O artigo escolhido pelo professor era de uma fonte primária, com uma matemática e com termos muito mais técnicos do que eu estava acostumado a ver, e isso estava me deixando extremamente estressado. Cheguei a chorar bastante ao pensar na possibilidade de fracassar. Todavia, como disse no início desse texto, ninguém, absolutamente ninguém, além de eu mesmo estava me cobrando isso. Em um momento de quase desistência, decidi sair para uma corrida na rua, eu gostava muito de correr e acreditava que aquilo me faria bem. E fez, depois de mais de uma hora de treino, fui organizando as ideias e tracei uns planos, entre eles o de buscar o mesmo assunto em outras fontes, e isso deu resultado, acabei conseguindo organizar uma boa apresentação. E a maior das surpresas ainda estava por vir, o que me ensinou mais uma lição: de que nunca devemos desistir de nossos objetivos e de que a recompensa sempre irá chegar se nos esforçarmos bem. Durante a apresentação, eu sempre olhava para o professor e via uma expressão de satisfação a cada exemplo, esse era o sinal de que fizera boas escolhas.

Quando terminei a apresentação, quem assistia aplaudiu! Só me restava esperar a divulgação da nota. Para a minha surpresa, eu tirei 10,5 nesse seminário, (risos)... eu sei que isso não existe... deixe-me explicar. Como nota da terceira unidade fiquei com 9,5, mas o professor teve a sensibilidade de olhar meu desempenho como um todo e me deu um ponto na segunda unidade, logo 10,5! Entretanto, mais do que ensinar só o conteúdo ou dar um ponto, aquele professor me ensinou que o olhar para cada aluno deve ir além das notas em uma planilha, e hoje levo isso para as minhas salas de aula também. Vejo como isso contribui para excelentes resultados de superação também em minhas salas.

Depois de cursar essa disciplina, continuei organizando meus horários. Mas chegou um momento em que eu estava dando mais prioridade ao trabalho do que à universidade. Por isso, a reta final do curso foi um pouco conturbada, com altos e baixos nas notas, devido à carga horária nas escolas ter aumentado e, principalmente, porque ainda tinha que cursar as disciplinas optativas. Acabei optando por cursar essas disciplinas no semestre seguinte, o que se mostrou mais tranquilo para mim. E enfim chegou o momento de colar grau, a ficha ainda não havia caído. Foi somente no dia da colação de grau (formatura), aos meus 30 anos de idade, que entendi que finalmente havia concluído o curso e que aquela jornada chegava ao fim.

Chegou, portanto, o dia da minha colação de grau. A recompensa após tanto tempo de trabalho duro, de dedicação aos estudos, de sacrifícios e de renúncias feitas ao longo de quatro anos e meio. Foi um momento único para mim. Não sabia explicar de onde vinha tanta felicidade, estava anestesiado, um sorriso que não saía do meu rosto, afinal eu merecia aquilo, não só eu como também todos os que estavam colando grau naquele dia. Convidei minha família e amigos para estarem comigo naquele momento. Muitos puderam estar presentes. Eu estava conquistando aquilo que muitos diziam que não era para mim, era mais do que uma graduação, mais do que a conclusão do ensino superior, aquela era a vitória da minha vida, que eu dedico aos meus pais, à minha família e aos colegas de curso que me apoiaram e que estiveram juntos comigo nessa caminhada. O tempo que passei no curso foi incrível. Tive um sentimento de que parecia ter entrado ontem no curso, ao mesmo tempo um sentimento de ter vivido uma vida inteira ali, foram muitas experiências, muitas novas amizades, um crescimento pessoal indescritível. No dia da colação de grau fui escolhido para fazer o juramento, isso me deixou ainda mais feliz, pois foi um momento marcante e cada palavra dita ali, naquele momento e naquele lugar, levarei para toda a minha vida.

Após a conclusão do curso, achei que teria mais tempo livre, achei que poderia entrar em outra graduação, mas

não foi isso que aconteceu. Percebi que não adiantava só me preparar, que não adiantava só aparecer a oportunidade, é necessário estar preparado para as oportunidades e aproveitá-las. E foi o que aconteceu comigo, tive muita sorte de terem surgido as oportunidades certas nos momentos certos. Toda a minha trajetória, o que deu certo e o que deu errado me trouxeram até aqui, compõem a minha história. Com o passar do tempo, fui cada vez mais solicitado, meu trabalho ficou mais conhecido e reconhecido, e estou aproveitando o momento, tentando aprender e evoluir a cada dia.

A minha certamente não é a única nem a maior história de superação que você lerá aqui, mas ao contá-la tenho o único desejo de inspirar você a não desistir, a continuar, a arriscar, a sair de sua zona de conforto. Muitos influenciaram a minha trajetória e me inspiraram a ser o professor que quero ser. Espero um dia ouvir, seja como professor em sala de aula ou através do relato de alguém que leu esse livro, que fizemos a diferença entre a desistência e a persistência, na construção de sonhos que se tornaram realidade.

Para além do *bullying*: desafios para voos mais altos

Milton Schivani

*Você escolhe, recolhe, elege, atrai,
busca, expulsa, modifica tudo
aquilo que te rodeia a existência.
Teus pensamentos e vontades são a
chave de teus atos e atitudes.
São as fontes de atração e repulsão
na jornada da tua vivência.
Não reclame, nem se faça de vítima.
Antes de tudo, analisa e observa.
A mudança está em tuas mãos.
Reprograma tua meta,
busca o bem e você viverá melhor.
Embora ninguém possa voltar
atrás e fazer um novo começo,
qualquer um pode começar
agora e fazer um novo fim.*

Francisco do Espírito Santo Neto

A minha mais remota memória que consigo resgatar já sinalizava que uma das principais fagulhas que iluminava meu espírito era a ciência. Uma das mais antigas lembranças que tenho da infância é a tentativa eloquente de descobrir qual o mistério por detrás do som que provinha de um velho brinquedo em formato de telefone. *O que havia dentro daquela “caixa-preta”? Quem ou o que estava emitindo tal som?* Não me lembro bem ao certo se era som de discagem ou de uma voz. Sei que, na tentativa desesperada de saciar minha *curiosidade ingênua*, bati várias vezes esse brinquedo no chão até conseguir abrir e ver o que tinha dentro. Resultado? Um brinquedo quebrado que não fazia mais nada!

As atividades experimentais no Ensino de Ciências sempre foram muito atrativas para mim desde o ensino fundamental. Participar das tradicionais feiras de ciências escolares era como estar em um verdadeiro parque de diversão, especialmente quando demandava construir protótipos e maquetes. Além do aspecto praticamente artesanal dessa atividade, me instigava poder lidar experimentalmente com fenômenos da natureza observados em diferentes mecanismos e ambientes, isso quando conseguia vislumbrar essas correlações! Também me intrigava o que estava por detrás das coisas, ou seja, qual era o princípio básico para seu funcionamento. Como era possível um determinado “artefato”, especialmente tecnológico, fazer isso ou aquilo?

Eu era estimulado constantemente pelo ambiente que me cercava. Desde minha infância, meu pai sempre manteve uma oficina mecânica de refrigeração e de automóveis. Além disso, morei boa parte da minha infância em um terreno da família no qual, além da nossa casa, havia mais três nas quais moravam alguns dos irmãos da minha mãe e seus familiares. Todos sempre surgiam com alguma novidade, como equipamentos de caça e aparelhos eletrônicos da época, ou construíam algo que despertava minha curiosidade, como barquinhos com latas de óleo e labirintos de choque elétrico.

A propósito, sou natural do Guarujá, município do litoral sul do estado de São Paulo. Nasci em dia de *halloween*, 31 de outubro de 1981. Como lembra minha mãe, herdei do meu primo uma caixa de papelão como berço, customizada pela minha tia Lice com muito carinho, amor e criatividade. Aliás, herdar roupas e correlatos de primos e irmãos mais velhos já era praticamente uma tradição familiar.

Minha mãe foi feirante de tecidos e doméstica por um bom tempo antes do meu nascimento. Meu pai, natural de São Tomé, interior do Rio Grande do Norte (RN), partiu para São Paulo ainda muito jovem em caminhões de *pau-de-arara*, seguindo o grande fluxo da migração de nordestinos para o sul e sudeste brasileiro daquela época. Em São Paulo, ele foi auxiliar de electricista e cobrador (função na qual conheceu minha mãe em uma das viagens dela para o trabalho), manobrista

e motorista de ônibus. Minha mãe, filha de caminhoneiro, é natural de Cafeara, município do estado do Paraná. Devido à profissão do meu avô e a sua inquietação, sempre viajando e se mudando, a família da minha mãe praticamente viu nascer e cuidou dos filhos em cada um dos estados do sudeste e centro oeste do Brasil. Meus pais tiveram apenas dois filhos, minha irmã Juliana e eu, mas ambos são de famílias numerosas.

Aos meus seis anos de idade ingressei na educação formal. Não fiz jardim de infância ou coisas do tipo, ingressei direto na então primeira série do 1º grau. Não foi por nenhuma questão de inteligência precoce, muito pelo contrário, foi mais por fatores econômicos e porque não era algo incomum, naquela época, ir direto para a primeira série sem fazer o pré-escolar.

Eu detestava ir para a escola! Diversas vezes fugia, me agarrava no portão para não entrar e/ou falsificava a assinatura da minha mãe ao responder bilhetes da direção. Cheguei ao ponto de reprovar a terceira série do ensino fundamental. Quase que diariamente tinha consultas com dois “terapeutas”, muito requisitados pelos pais naquela época, chamados *chinelos* e *ripa*. Apanhava muito! Como se diz popularmente, eu era *uma criança do tipo que faz os pais pagarem os pecados*. Agradeço aos meus pais pela educação que recebi. Certamente não foi uma educação ideal, mas creio ter sido a educação necessária para me ajudar a vencer alguns obstáculos e a não cair em certas armadilhas da vida.

Em minha defesa, preciso enfatizar que não era uma rebeldia gratuita, uma simples pirraça por não querer estudar. O ambiente escolar e a sala de aula eram para mim extremamente hostis e desagradáveis. Lembro do cheiro do cigarro de algumas professoras que fumavam na porta da sala. Ainda sinto o gosto do lápis preto quando recordo de uma professora tentando me fazer falar corretamente. Eu não conseguia, e ainda não consigo, pronunciar corretamente palavras como, por exemplo, barata, laranja e aceleração. Ela colocava o lápis de modo atravessado e debaixo da minha língua, em sala de aula e no meio da turma, e pedia que eu falasse as palavras com as quais eu tinha dificuldades. Se sem nada na minha boca já é difícil, imagina com um lápis atravessado na boca e com o vexame da exposição. Creio que ela pensava se tratar de um problema de *língua presa*, algo que descobri recentemente não ser o meu caso. Sentia-me quase claustrofóbico, sendo obrigado a ficar naquele ambiente fechado e formal, com tantas outras crianças, a maioria cruel e querendo ser mais que as outras. O *bullying*, na época, não era algo a que se dava tanta atenção, perdi as contas das vezes em que me humilhavam por diferentes razões. Acredito que o ápice do *bullying* comigo ocorreu quando ingressei na segunda escola em que estudei no ensino fundamental, ocasião que quase me custou a visão do olho direito.

Devia estar na quarta ou na quinta série do ensino fundamental. Havia saído da Escola Estadual Pastor Francisco

Paiva de Figueiredo e passara a estudar na Escola Municipal Giusfredo Santini, localizada próximo da minha nova casa no bairro Morrinhos II, em Guarujá-SP. Seguia no ambiente de hostilidade na escola e na sala de aula, só os personagens e a aparência do espaço físico tinham mudado. Certo dia, entre uma hostilidade e outra, um aluno brincava com meu chinelo até que consegui pegá-lo de volta, depois cismou com o pacote de plástico (um saco de arroz, daqueles de 5 quilos) que eu usava, na ocasião, para transportar meu caderno e livros, ele queria saber se ainda havia grãos de arroz lá dentro. Nesse momento, acabou pegando uma espécie de estilete que eu havia construído, era um tubo de caneta com uma das extremidades derretidas para prender uma lâmina de apontador. Era um material escolar relativamente comum que os próprios estudantes faziam. Na tentativa de me livrar dele (chamar a professora era algo que geralmente não resolvia ou só resolvia momentaneamente) fiz um movimento brusco com o meu braço que acabou conduzindo a mão dele, de posse do meu estilete, em direção ao meu rosto. Em um movimento diagonal de baixo para cima, a lâmina passou a milímetros do meu olho direito e acabou atingindo o canto do meu supercílio.

Apesar de relativamente pequeno, foi um corte profundo. Foi tão rápido que, no momento, recordo não ter sentido nada. Mas me lembro que logo percebi a cara de espanto do menino e dos demais alunos que estavam próximos, sentia o sangue escorrer

em grande quantidade. A professora, até então indiferente, quase entrou em pânico. Lembro-me dela perguntando o que tinha acontecido e me levando para lavar o rosto no banheiro. Não cheguei a levar pontos, mas até hoje é visível a cicatriz.

Meu único estímulo para ir para a escola eram mesmo as aulas e demais atividades relacionadas com ciências. Eu considerava os professores de ciências da escola como meus verdadeiros amigos. Tanto é que, depois que me mudei para o nordeste, no início da minha oitava série, ainda mantive correspondência por um tempo com minha ex-professora de Biologia (Profa. Rosimeire Bastos Lima). Fora da escola, eu tentava montar meu próprio laboratório, sonhando e brincando de ser cientista. Certa vez, por volta dos meus 13 anos de idade, adoeci e fiquei internado por cerca de duas semanas. Tive um sério problema renal. Toda vez que a enfermeira vinha coletar meu sangue para os exames, meus olhos brilhavam vendo aquela maleta que ela carregava cheia de vidraria e de itens hospitalares. Inventava uma desculpa qualquer e lhe pedia um tubo de ensaio com tampa, uns tubos pequenos de vidro que ela usava para coletar o sangue dos pacientes. Sei que saí do hospital feliz da vida, não porque havia recebido alta médica, mas sim porque tinha conseguido juntar cerca de 10 tubos de ensaio para fazer meus experimentos.

Quase nessa mesma época, com a situação financeira já um pouco melhor, a oficina mecânica que meu pai abriu

começava a conquistar cada vez mais clientes (ele já não trabalhava mais como motorista de ônibus), consegui comprar meu primeiro microscópio óptico. Era um microscópio com aumento de aproximadamente 100 vezes, comprado através de uma revista de catálogo cuja representante de vendas era a mãe de um grande amigo meu de infância, Anderson Pereira. Em alguns meses, eu já havia construído uma espécie de maleta para inserir aquele microscópio, formando um tipo de kit básico de investigação com pinças de manicure, lupa, tubos de ensaio e frascos com produtos diversos. Nessa mesma época, me inscrevi por correspondência no *Projeto Ciranda da Ciência*, um projeto criado em 1986, pela iniciativa privada, e que visava estimular entre os jovens o gosto pela pesquisa científica. Nunca cheguei a ganhar um kit de laboratório didático e não consegui formar/participar de um clube de ciências, mas a emoção de receber do carteiro as correspondências da “Ciranda da Ciência” era algo indescritível.

Aproximava-me do final do meu Ensino Fundamental, quando sofremos alguns abalos familiares. Minha avó materna havia falecido e cerca de seis meses depois meu tio faleceu de forma trágica. Minha mãe, que já sofria um pouco de depressão, piorou de vez. Foram duas pancadas fortes em menos de um ano. Somado a isso, morávamos em um bairro de alta periculosidade. Não era incomum eu ver consumo de drogas ilícitas e manejo de armas de fogo entre as idas e vindas

para a escola ou quando andava pela rua. Com isso, meus pais resolveram se mudar novamente, dessa vez, para uma outra cidade em outro estado, em outra região do país, Natal-RN.

Para a mudança, precisávamos nos desfazer de algumas coisas e acabei trocando meu microscópio (acompanhado do “kit de investigação”) por um outro, mais potente, com amplificação máxima de 900 vezes. Era um lindo microscópio vermelho, de boa marca e que acompanhava alguns itens bem interessantes, pertencia a um colega de turma da sétima série. Em contrapartida lhe dei minha primeira bicicleta, tinha sido presente do meu tio e padrinho, tio Wilson. Eu vivia fazendo escambos e trocas de brinquedos, geralmente para adquirir coisas como livros de ciências ou objetos eletroeletrônicos. Décadas mais tarde, eu ainda carregava resquícios desse hábito que era, na verdade, uma necessidade econômica.

O processo de mudança do Guarujá para Natal foi bem difícil por diversos fatores, especialmente pelos de ordem econômica. Meus pais tinham agora que começar quase tudo do zero e estavam dependendo do dinheiro que recebiam do aluguel da nossa antiga casa em Guarujá (que foi vendida anos mais tarde). Ficamos morando alguns meses na casa da minha avó paterna, enquanto construíamos uma casa em um bairro da zona norte de Natal-RN. Em pouco tempo conseguimos construir uma casa de alvenaria com três cômodos (quarto dos meus pais, cozinha e uma sala-quarto). Não havia reboco

nas paredes e o chão era cimentado, sem piso de cerâmica. Basicamente fizemos somente subir as paredes de tijolos e cobrimos com as “confortáveis” telhas de amianto. Uma casa ao estilo do sudeste, mas localizada no calor nordestino. Para piorar, minha irmã e eu dormíamos em um beliche, ela embaixo e eu em cima, perto da tóxica telha de amianto.

Já em Natal, concluí o ensino fundamental no Instituto Padre Miguelinho, uma escola estadual localizada no centro comercial da cidade. O simples fato de poder pegar ônibus e andar pela cidade sozinho me alegrava muito, algo praticamente impensável na época de São Paulo. Construir novas amizades acabou não sendo tão difícil como eu imaginava que seria. Em geral, meus colegas de turma eram bem mais amigáveis. Logo no primeiro dia de aula, na nova escola, fiz amizades que perduram até hoje, Sidney Bezerra e Herbert França são alguns dos bons amigos que mantenho desde aquela época. Também mantinha contato por correspondência com alguns amigos que ficaram em São Paulo.

Até o término do Ensino Fundamental, confesso que gostava muito do Ensino de Ciências, adorava aquelas aulas. Entretanto, ao ingressar no Ensino Médio, mais especificamente, no antigo *magistério pedagógico* (conhecido também como *curso normal* ou *magistério de 1º grau*), não sentia mais satisfação em aprender as disciplinas científicas, agora separadas em Química, Física e Biologia.

Os motivos eram diversos, desde mudanças dos métodos de ensino e do corpo docente, até o próprio conteúdo disciplinar, que se mostrava maçante e burocrático, sem sentido. Somado a isso, por se tratar de um Ensino Médio profissionalizante, meu contato com essas disciplinas foi reduzido drasticamente em termos de carga horária e conteúdo.

Pelo que me recordo, foi por intermédio do meu amigo de infância, Anderson Pereira, que ouvi pela primeira vez sobre o curso de magistério. Além do fator econômico — poder sair do Ensino Médio com uma profissão e com a esperança de um emprego — também me estimulava a carreira de docente, o poder compartilhar com o outro o que eu sabia. Lembro bem de alguns momentos do meu estágio supervisionado no magistério. Fiz o estágio em dupla, com outro grande amigo daquela época, o Paulo Rodrigo Fricelli. Foi em uma quarta série e, modéstia à parte, a criançada gostava das minhas intervenções didáticas. Simulava feiras livres, trabalhava com dinheirinho escolar e fazia algumas práticas experimentais com os alunos.

Apesar de, na época, não simpatizar com as disciplinas escolares, meu tesão pela ciência, especialmente por seu componente experimental, ainda “corria em minhas veias”. A ciência não havia deixado de ser interessante para mim, porém, meu Ensino Médio não me estimulava nem um pouco a me aventurar nesse caminho. Como, então, me tornei professor de Física?

Durante os últimos anos da minha educação básica, costumava “matar aula” para visitar a UFRN, especialmente a biblioteca central e o então *Departamento de Física Teórica e Experimental* (DFTE) que continha painéis informativos e aparatos experimentais expostos em alguns corredores. Também gostava de passear pelo Centro de Biociências, ver aqueles laboratórios de aparência sombria transportava meu ser para dentro dos filmes de ficção científica, que adorava, e para dentro dos jogos eletrônicos que eu adorava jogar. Nesse *intercâmbio acadêmico-cultural clandestino*, meu espírito era alimentado, por exemplo, por inúmeros devaneios de moto-perpétuos e princípios da invisibilidade, chegando a ponto de procurar alguns professores para discutir minhas ideias mirabolantes e tirar algumas dúvidas técnicas. Em um desses encontros e escapadas das aulas da educação básica, conheci o professor Ciclamio Leite Barreto, professor de Física do DFTE. Fui muito bem recebido em sua sala e ele imprimiu alguns textos sobre óptica e me deu para estudar. Também me convidou para assistir a alguns seminários que ocorriam periodicamente no departamento. Ao final da conversa, ele me indagou para qual curso pretendia prestar o vestibular. Era o ano de 2000 e eu estava concluindo o Ensino Médio. Respondi que seria para Biologia. Até então, era a disciplina mais próxima do que eu conhecia na área científica. A Física que eu conhecia se resumia ao conteúdo de vetores

e cinemática e com a qual só tive contato no primeiro ano do Ensino Médio. Notei que ele estranhou minha resposta e então me indagou o porquê daquela escolha. Eu lhe disse que era porque queria desvendar o mistério das coisas, que tinha algumas ideias “científicas” e que queria ser cientista. Ele falou-me então que a Física parecia ser a área muito mais próxima das minhas questões e de minhas vontades de investigação. Bem, eu não podia falar nada, afinal, eu mal sabia o que era Física. Entre um argumento e outro, fui motivado por ele a prestar meu primeiro vestibular para o curso de Física. Somado a isso, nessa mesma época, tomei conhecimento de um grupo de astronomia amadora que desenvolvia diversas atividades de divulgação científica no então Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-RN). Foi quando comecei a atuar na Associação Norte-Riograndense de Astronomia (ANRA), presidida pelo professor Antônio Araújo. Em pouco tempo fui “adotado” pelo professor Araújo. Ele e a sua esposa, Nanci, me ajudaram muito, especialmente com a doação de livros, me ajudando nos estudos para o vestibular, e financeiramente, quando fui para São Paulo cursar o mestrado.

Como era mais do que esperado, não fui aprovado em minha primeira tentativa de vestibular para ingressar no curso de Física da UFRN. Mesmo se tratando de um curso tradicionalmente com baixa concorrência, independente da instituição, não consegui obter a nota necessária na segunda

fase, ou seja, nas provas discursivas de Matemática, Química e Física. Terminei o Ensino Médio e precisava trabalhar. Onde eu conseguiria emprego e como iria me preparar para outro vestibular?

Após nossa mudança para Natal, meus pais ficaram cerca de sete anos com a renda familiar centrada em uma pequena lanchonete que construímos na frente de casa. Vendíamos salgados e pequenas refeições para os funcionários de uma fábrica de roupas que havia próximo da nossa casa. Seguimos com essa tarefa até a fábrica fechar as portas, foi quando meu pai retomou de vez a oficina com foco na manutenção de geladeiras. Com a lanchonete, se ganhava o suficiente para manter a casa e comermos juntos. Usei o fato dos meus pais terem essa lanchonete como artifício em uma espécie de entrevista de emprego para garçom. Meu amigo Paulo já trabalhava como garçom em um bar da zona sul de Natal. Surgiu uma vaga naquele estabelecimento e ele me indicou. Aleguei aos meus futuros patrões (Dona Vera e Sr. Luciano) que tinha um pouco de experiência na lanchonete dos meus pais e acabei conseguindo a vaga como garçom. Na verdade, não tinha a mínima ideia de como era trabalhar como garçom, acabei aprendendo tudo na prática mesmo, especialmente o nome das bebidas que eram muitas e as quais não conhecia quase nenhuma.

Fiquei trabalhando como garçom por cerca de 10 meses, enquanto me preparava para o meu segundo vestibular.

Era um estabelecimento de esquina, em frente à Praça das Mangueiras, uma pracinha onde era posicionada a maioria das mesas e cadeiras. Tínhamos que atravessar a rua para atender os clientes na praça e voltar ao bar para pegar os pedidos. Nos primeiros meses, eu acordava em casa gritando de dor em razão das câimbras nas pernas. A jornada de trabalho era de sexta-feira até domingo. Pegava na sexta das 17h até umas 2h da manhã, a depender do movimento. No sábado, já iniciava às 11h e seguia até umas 21h. No domingo também iniciava por volta das 11h, mas terminava mais cedo, por volta das 18h. Considerando o tempo de deslocamento até minha casa na zona norte, havia poucas horas de sono e o cansaço físico era considerável. Ao menos eu tinha a semana livre para estudar.

E, para estudar, adotei a seguinte estratégia. Eu sabia que seria muito difícil fazer um cursinho pré-vestibular, além do valor considerável das mensalidades (naquela época meu salário era R\$ 35,00 por semana), eu não me sentia preparado para acompanhar as aulas. Acreditava que cursinhos pré-vestibulares demandariam uma certa base que eu não possuía devido ao magistério. Por alguma razão, naquela época, eu desconhecia o *Cursinho Popular do Diretório Central dos Estudantes*¹, um importante cursinho da UFRN, ainda hoje em atividade, que favorece centenas de estudantes de baixa renda.

¹ Para saber mais, acesse: <http://www.cursinhododce.com.br>. Acesso em: 06 fev. 2020.

Então busquei alguém que desse aulas particulares de reforço, ao menos das matérias principais das quais eu mais precisava.

Em um classificado de jornal, encontrei o anúncio de um professor (Manoel) que se enquadrava muito bem no perfil que eu procurava. Liguei para o professor Manoel e acertamos os detalhes. Sou imensamente grato pela atenção que ele devotou e pela ótima qualidade das aulas dele. O problema era que as aulas ocorriam na casa da namorada dele, num bairro no extremo oposto ao bairro em que eu morava, precisava pegar dois ônibus para chegar até lá. Em uma época em que não havia integração, com poucas opções de trajetórias e de linhas de ônibus onde eu morava, e sem direito a carteira de estudante para pagar meia passagem, aquela opção estava se mostrando complicada demais. Todavia, para obter uma carteira estudantil, consegui uma bolsa com o então vereador Aluísio Machado para estudar em uma escola de inglês. Assim, além de ter direito a carteirinha e conseguir pagar meia passagem, eu poderia me preparar melhor para mais uma das matérias do vestibular. Havia fechado meu roteiro de atividades para aquele ano. Trabalhava aos finais de semana e estudava durante a semana. As aulas de reforço aconteciam em três dias da semana. Meu salário correspondia praticamente aos valores que eu precisava, sobravam dez reais por mês mais as gorjetas, que eu usava para algum entretenimento ou simplesmente guardava.

Ao longo daquele ano de trabalho, enquanto garçom, conheci algumas pessoas interessantes e que me apoiaram muito. Um dia, minha patroa apontou para um cliente que estava com a esposa e o filho pequeno e disse que ele era professor da UFRN, disse-me que fosse falar com ele. Então descobri que esse professor era justamente professor de Física e que também já havia trabalhado como garçom para poder estudar. Tratava-se do professor Ranilson Carneiro Filho, eu nem imaginava que, no ano seguinte, ele seria meu professor na universidade e que o filho dele, aquele menininho que brincava de bicicleta ao redor das mesas, seria meu colega de turma em um curso de inglês mais de uma década depois. Alguns dos clientes que eu atendia no bar, que conheciam meus interesses por temas científicos e minha vontade de ingressar na universidade, me presentearam com alguns livros. Certa vez, estava conversando sobre temas de astronomia com um cliente. Minha patroa achava que os dois estavam devaneando. Foi então que ele me disse de supetão: *“Vou te dar um livro que tenho lá em casa!”*. E saiu. Confesso que não levei a sério e continuei com meus afazeres. Em alguns minutos, ele reaparece segurando uma edição capa dura e de luxo do livro “Cosmos”, de Carl Sagan. Apesar de ser uma edição de 1992, o livro cheirava a novo e estava extremamente bem conservado. Fiquei sem graça e não sabia como reagir, até me passou rapidamente pela cabeça a ideia de deixar aquele livro

guardado no bar, para o caso dele querer de volta. Por garantia e também pela alegria do momento, pedi-lhe uma dedicatória. No dia 22 de junho de 2001, o senhor Amilton (quase meu xará), escreveu: “*Milton, eu espero que você ultrapasse o seu conhecimento sobre o universo!*”.

Nessa minha época de garçom, havia momentos desagradáveis também. Chegava sempre em casa cheirando a queimado da fumaça do churrasquinho e, diversas vezes, com a calça suja de cerveja derramada por algum cliente. Ainda enfrentava o *bullying*, dessa vez por ser praticamente o único daquele meio, especialmente entre os funcionários, que não tinha interesse em ir para shows e festas, por não beber ou fumar, por ser “careta”.

Aquele ano de 2001 foi surpreendente para mim, com o perdão do trocadilho, foi o ano da minha *odisseia no espaço*. Foram tantos os desafios e aprendizados que atingi o limite do meu corpo físico e entrei em colapso, literalmente! Tive um surto epilético que me deixou alguns dias sem poder falar e andar direito. Era um domingo de agosto, voltava do trabalho e parei como de costume em um fliperama, próximo da minha casa, me distraía jogando videogame. Recordo apenas da tela do fliperama ficando cada vez mais branca, com uma luz cada vez mais intensa. Virei o rosto falando que “*tinha muita luz*” e apaguei. Acordei um tempo depois, no mesmo local em que havia desmaiado, já com os

meus pais ao meu redor perguntando o que tinha acontecido. Totalmente desorientado, eu não sabia o que responder, sentia o corpo totalmente duro e tinha a fala embolada por conta da língua inchada. Acabara de ter uma convulsão e no processo havia mordido fortemente a minha língua. Acho que os dias seguintes foram mais desagradáveis, me sentia como se tivesse levado um choque elétrico e não conseguia andar direito. Consegui fazer um eletroencefalograma e na consulta o médico, já com os resultados do exame em mãos, me disse: “*Tá vendo isso aqui?*” — apontava para uma região avermelhada do exame — “*Você sobrecarregou o seu sistema.*”

Era mais do que esperado meu corpo pedir socorro em algum momento. Privações de sono, má alimentação, cansaço físico e o stress do vestibular foram a combinação perfeita para prejudicar minha saúde. A tensão no fliperama naquele dia, como o médico bem nos explicou, foi apenas o gatilho para disparar o colapso. Logo após aquele evento, fiquei tomando remédios tarja preta por seis meses. Nunca mais tive outra convulsão. Interessante observar que eu apaguei justamente faltando cerca de 1 ou 2 meses para o vestibular. Parece que era minha mente implorando para desacelerar na reta final. Como havia pago o caução no início das aulas de reforço e como também tinha um pouco de dinheiro guardado das gorjetas, as boas e velhas moedinhas, resolvi não voltar ao trabalho como garçom e me concentrei na prova do vestibular.

Prestei novamente o vestibular para o curso de Física bacharelado da UFRN. Passei “raspando”, mas passei! Não conseguia conter a alegria daquela notícia, vista na televisão em um programa especial voltado para divulgar a lista de aprovados no vestibular. Meus amigos do conjunto vizinho, Luiz Carlos e Joab Silvestre, fizeram as honras do trote e capricharam no corte do meu cabelo (ao estilo moicano) e nas pinturas tribais (feitas em meu corpo com tintas diversas que depois me causaram algumas queimaduras!). A felicidade era tamanha, a jornada havia sido tão árdua até aquele momento, que aquela ardência pelo corpo e as queimaduras na pele não significavam nada.

Ingressei na universidade no início de 2002, aos meus 20 anos de idade. Logo no primeiro semestre de curso procurei vários professores para atuar de forma voluntária em algum grupo de pesquisa ou projeto; não via a hora de “colocar a mão na massa”! Lembro-me como se fosse hoje, Marcos Vinícius (outro grande amigo meu do tempo da graduação) e eu batendo de porta em porta das salas dos professores do Departamento de Física, nos apresentando como voluntários para trabalhar em algum projeto. Acabamos conseguindo uma oportunidade para ingressar em um grupo de pesquisa em Física Estatística e Sistemas Complexos, sob a coordenação do professor Liacir dos Santos e orientação do professor Gilberto Corso, dois grandes professores que nos estimularam

muito, desde o início do curso. Iniciava-se ali, mesmo enquanto bolsista voluntário, ou seja, não remunerado, meu primeiro contato e formação profissional no campo da pesquisa científica. Consegui até colaborar com a publicação de um artigo internacional intitulado “*The complex network of the Brazilian Popular Music*”. Eu trabalhava usando computadores da biblioteca da universidade ou do meu amigo e vizinho, Anchieta (outra pessoa que me ajudou muito, ensinando-me várias coisas em informática). Com o tempo e graças a diversas doações de componentes e periféricos, consegui montar e ir melhorando meu primeiro computador pessoal.

Apesar do meu engajamento e da minha proatividade na universidade, não consegui obter uma bolsa de estudos ou alguma atividade remunerada, especialmente devido às reprovações em disciplinas como Cálculo e Física, logo no primeiro semestre do curso. Foi então que questões de ordem econômica forçaram-me a repensar o caminho a ser seguido.

Não me era mais possível continuar em um curso universitário diurno. Havia inúmeras exigências, especialmente a necessidade de horas de estudos extras para além do habitual, devido ao ensino deficiente que recebi na educação básica em disciplinas da área de exatas. Ao mesmo tempo, precisava trabalhar para complementar a renda familiar e me manter no curso. Na verdade, confesso que nunca tinha pensando no lado prático da minha escolha. Devo admitir que,

naquela época, só havia avaliado o prazer associado à possibilidade de estudar Física. Tal qual um artista, queria continuar ligado a algo que me tocava profundamente, sem pensar muito em questões materiais, como salário, emprego, etc.

No início do curso de graduação, consegui um emprego como auxiliar de cozinha, auxiliava na produção de batatas fritas em um empreendimento que meu velho amigo Sidney Bezerra tentava iniciar. Em poucos meses, o negócio foi finalizado e eu precisava buscar novas fontes de renda. Nesse período, outra paixão conflitava em meu ser, o *Ensino*. Estar imerso em um grupo de pesquisa e colaborando com publicações nacionais e internacionais era algo que me realizava profundamente, porém, sentia que faltava algo. Foi quando percebi que poderia unir as duas coisas, Física e Ensino, através da licenciatura. Por já ter certa experiência na área educacional, devido ao curso de magistério, e pelo fato da licenciatura ocorrer em período noturno, possibilitando-me trabalhar durante o dia e, ao mesmo tempo, continuar minha formação acadêmica, decidi mudar de habilitação, ou seja, ir para a licenciatura. Foi então que, nesse período, um dos maiores divisores de água de minha carreira acadêmica aconteceu.

Após alguns meses dessa mudança de habilitação do curso de Física, com o auxílio do marido da minha tia Ducineide, o artista plástico Vatenor de Oliveira, consegui um estágio de meio período em uma galeria de artes (a *Capitania das*

Artes). Além disso, consegui nessa mesma época, por indicação do professor José Ferreira Neto (também um grande amigo, eu o auxiliava voluntariamente em diversos trabalhos técnicos, especialmente no campo da informática) uma bolsa de iniciação científica (IC) na área de ensino de astronomia sob a orientação do professor Luiz Carlos Jafelice. Essas duas oportunidades foram determinantes para me manter no curso, financeiramente conseguia respirar muito mais aliviado. De um modo geral, as bolsas de estudos obtidas durante a graduação, sejam elas de pesquisa, extensão ou de ensino, são verdadeiras boias de salvação que possibilitam aos estudantes continuarem em seus cursos. Ao longo do período de vigência daquela bolsa, fui, aos poucos, tendo cada vez mais contato com diferentes projetos e pesquisas na área de ensino de Ciências. Cheguei a participar de um projeto muito interessante denominado “Turismo Pedagógico”, sob a coordenação da professora Keila Brandão. Viajávamos para algumas cidades do Rio Grande do Norte, analisando o potencial educacional dos pontos turísticos e das particularidades de cada lugar. Foram experiências únicas, agradeço imensamente pela oportunidade que a professora Keila me possibilitou e também pela sua ajuda quando retornei para São Paulo para fazer minha pós-graduação. Foi também nesse período de transição para a licenciatura que conheci o *espiritismo*, codificado pelo educador francês Hippolyte Léon Denizard

Rivail (1804-1869). Agradeço imensamente ao professor Gilvan Luiz Borba por essa porta pessoal que ele abriu em minha jornada e pela amizade que carregamos até hoje.

Durante o dia, trabalhava e pesquisava, durante a noite, fazia o curso de licenciatura em Física. Desde o término do meu Ensino Médio, sempre trabalhei e estudei ao mesmo tempo. Realmente é muito cansativo, fisicamente e mentalmente, ainda mais quando é necessário passar cerca de 3 horas diárias dentro de um transporte coletivo, geralmente lotado. Mas, dessa vez, os meus trabalhos não eram tão estafantes, exceto pelo período como recepcionista na galeria *Capitania das Artes*, todos os demais foram dentro da minha área de atuação, o que me permitiu ganhar experiência e me destacar profissionalmente. Entretanto, apesar de ser com bem menos intensidade e frequência, o *bullying* ainda se fazia presente em minha vida. Dessa vez eram mais as “brincadeiras” com a minha dificuldade de pronunciar corretamente certas palavras, alguns perguntavam em tom irônico: — *Como é que você vai dar aulas falando (...)* [Então imitavam meu jeito de falar]? Não obstante segui em frente.

A experiência que tive na graduação possibilitou-me delinear meus passos subsequentes enquanto pesquisador, pois vislumbrava na área da pesquisa em ensino um campo vasto a ser explorado, uma vez que percebia mais claramente as especificidades e complexidades envolvidas no ensino de Ciências.

Assim, reafirmei minha opção pela licenciatura em Física e por tornar-me professor e pesquisador desse campo do saber. Mas eu não pensava em voos tão altos, queria continuar em Natal, lecionar em alguma escola local (especialmente pública, pois havia sido aprovado em concurso para professor estadual no Rio Grande do Norte) e tentar mestrado na própria UFRN. Em outras palavras, pretendia continuar na minha zona de conforto. Foi então que conheci o professor André Ferrer, me apontando horizontes que eu considerava inatingíveis.

Ainda na graduação, fui colaborador de diversas publicações e participei de alguns congressos e eventos na minha área de formação. O professor André conhecia um pouco essas minhas atuações e eu também fui seu aluno em duas disciplinas no final do curso. Ao término de uma das suas aulas, ele me chamou e perguntou onde eu pretendia fazer mestrado, me questionou se eu não tinha interesse em tentar ingressar na Universidade de São Paulo (USP), onde ele havia se formado. Confesso que, até então, em nenhum momento eu havia pensado naquela possibilidade, que passava a ecoar profundamente em meu ser. Alguns amigos que iniciaram o curso comigo e que já haviam se formado (eu estava um ano atrasado no curso por conta das reprovações iniciais) já tinham partido para outros estados para fazer a pós-graduação. Eu não me via capaz daquela façanha, especialmente por não ter a mínima condição financeira para me manter em outro

estado. Minha autoestima também não era tão elevada ao ponto de achar ser capaz de ingressar na USP. Mas aquela ideia mexeu comigo, não podia ignorar.

Alguns dias depois, o professor André me trouxe algumas informações sobre o processo seletivo, especialmente sobre as datas e etapas da seleção. Um dos maiores problemas era o tempo total que levava o processo seletivo, cerca de 20 dias. Era preciso esperar concluir uma etapa para participar da outra, caso fosse aprovado na anterior. Bem, eu fui ponderando cada problema e analisando as possíveis soluções. O que realmente guiava minhas decisões era o medo de ficar ecoando na minha mente a seguinte indagação: *E se eu tivesse ido?* Não queria ter que carregar o fardo da dúvida e do arrependimento. Então antecipei o que podia das provas que ainda me restavam para concluir as disciplinas da graduação, ficou faltando apenas uma que eu poderia fazer ao retornar. Ao longo da graduação havia conseguido juntar cerca de R\$ 900,00, foi o suficiente para comprar as passagens de ida e volta do meu primeiro voo de avião e cobrir alguns gastos que tive para participar daquele processo seletivo. Minha amiga Amanda Vivian ajudou na compra das passagens, fazendo uso do seu cartão de crédito. Luciano Anderson Frois, outro grande amigo que tive ao longo da graduação e que me ajudou em diversos momentos, me levou para o aeroporto.

A primeira etapa do processo seletivo foi a prova de proficiência, uma prova de inglês. Achei que eu nem passaria daquela etapa, já estava feliz o suficiente só em poder voar de avião pela primeira vez e conhecer a USP. Fiquei hospedado na casa dos meus tios em Guarujá e viajava para São Paulo nos dias de prova ou entrevista. Quando divulgaram o resultado final, já estava de volta à Natal. Quando vi meu nome entre os aprovados, acredite, minha primeira reação foi de desespero.

Quase todo o dinheiro que eu havia juntado foi gasto para poder participar do processo seletivo, não tinha como comprar nova passagem. Também não conhecia ninguém em São Paulo onde pudesse ficar (a distância e os gastos com transporte entre a casa dos meus tios e a USP tornava inviável fazer esse percurso várias vezes na semana). Foi então que entrei numa maratona de contatos para coletar o máximo de informações possíveis. Contatei o serviço social da USP e até alguns dos aprovados dos quais havia conseguido o e-mail pela *internet*. Por fim, criei uma vaquinha solidária e disparei um e-mail para praticamente todos os meus conhecidos, amigos e familiares. Ao final de tudo consegui quase mil reais em dinheiro por meio daquela vaquinha, uma passagem de ônibus de ida para São Paulo e alguns contatos de conhecidos que estudavam na USP ou trabalhavam lá. Parti para São Paulo de ônibus, olhando pela janela e vendo minha mãe e minha irmã chorando, se despedindo. Foi difícil, mas necessário.

Não tenho como agradecer a todos aqueles que me ajudaram naquele momento pessoal e profissional decisivo.

Os primeiros anos em São Paulo, morando dentro da própria Universidade, no Conjunto Residencial da USP (CRUSP), localizado entre a Faculdade de Educação e o Instituto de Física (minhas outras duas casas), foram marcados por grandes oportunidades e desafios. Morei 3 anos no CRUSP e 3 anos nas proximidades da USP. Anos incríveis aqueles, os melhores da minha vida até o momento, só essa fase renderia um outro capítulo inteiro. Naquela vida acadêmica, me sentia constantemente como uma espécie de ator figurante enquanto cenas e acontecimentos fantásticos se desenrolavam perante os meus olhos. Admirado, acompanhava presencialmente e semanalmente palestras de vários dos autores que eu havia estudado na graduação, os observava agora tomando cafezinho na mesma lanchonete em que eu estava, conversando os mais diversos assuntos na mesa ao lado. Sem contar as aulas que eram ministradas por esses mesmos autores que eu havia estudado outrora. Mas o início foi bem turbulento, houve desencontro de informações do serviço social que quase me fizeram desistir e voltar para Natal. Um pouco de emoção e sacrifícios necessários para valorizarmos as coisas. A possível vaga que eu iria ocupar no alojamento não foi liberada de imediato e eu precisei aguardar um mês (descobri depois que havia 11 vagas livres no alojamento durante aquele período). Estava usando o

alojamento da Educação Física, custava R\$ 15,00 a diária. Como estava me mantendo lá com o dinheiro de uma vaquinha, cada dia sem uma fonte de renda representava um risco para minha permanência. Cheguei até a esconder uma mala com minhas roupas e itens pessoais em uma das salas reservadas para os estudantes do programa de mestrado. Como tinha cópia das chaves e acesso 24h a essa sala, planejava fingir que estava estudando lá até tarde, para então poder dormir na própria sala. Foi quando o professor João Vital, na época estudante de pós-doc no IAG e ex-estudante da UFRN (na época da minha graduação, eu só o conhecia de vista), me ofereceu ajuda. Demais colegas e amigos do DFTE ajudaram nesse contato com o João Vital, dentre eles um grande amigo em comum, o Chiquinho (Francisco Carlos de M. Jr.). Junto com outros dois colegas com os quais dividia apartamento, fui acolhido pelo João como hóspede, até sair o resultado para o alojamento da USP. Aquela ajuda foi uma força fundamental para continuar minha caminhada. Poucos meses depois, quando já estava no alojamento da USP, um quarto com dois beliches ocupado por quatro estudantes de pós graduação, enfrentei algo que não pensava que seria problema. O frio! Passamos muito frio naquele ano em São Paulo e naquele alojamento, a maioria de nós provinha do nordeste e não estávamos bem supridos com vestimentas adequadas. Certa vez os termômetros do campus (no Butantã, região oeste) registraram algo em torno de 7,0 °C,

sem contar a sensação térmica que era ainda mais baixa. Naquele dia, dentro do quarto (que não tinha bom isolamento térmico) e sem me mover na cama (se virasse para um lado o outro rapidamente esfriava), observei admirado o ar expelido pelos meus pulmões sendo condensado. Para enfrentar aquela situação, eu ganhei de alguns professores e de colegas da pós algumas roupas adequadas para o frio. Também ganhei um envelope cheio de vale refeição para o restaurante universitário. Muito obrigado aos meus colegas, professores e amigos do “corredor de Ensino” da Ala II do IFUSP por tamanha atenção e generosidade. Eu estava sendo ajudado por pessoas que ainda mal me conheciam. Novamente, não tenho como agradecer verdadeiramente toda a solidariedade que tiveram comigo.

Por não conseguir, de imediato, uma bolsa de estudos na pós-graduação, fui obrigado a encontrar outras alternativas para me manter em São Paulo e dar continuidade ao mestrado. Devo admitir que meu projeto de pesquisa submetido ao programa não estava maduro o suficiente para conquistar aquela bolsa, sem contar o escasso número de bolsas disponíveis naquele momento, cerca de cinco para uma lista de aproximadamente trinta candidatos. Já prevendo esse cenário, ainda na fase de inscrição do processo seletivo, em 2006, fiz a inscrição para prestar o concurso para professor da educação básica (PEBII) do estado de São Paulo, no qual fui aprovado e tomei posse em 2008. Nesse meio tempo, entreguei currículo em busca de estágio na

Estação Ciência e cheguei até a procurar por anúncios em busca de uma vaga para garçom nas proximidades da USP, exerceria novamente minha antiga função sem problema algum (não me sentia confiante para ministrar aulas particulares de Física, mas se surgisse essa oportunidade eu não recusaria). Foi quando procurei e conheci o professor Maurício Pietrocola, por indicação do professor Ivã Gurgel, pois ele estava precisando de alunos para trabalhar com edição de vídeos e construção de sites, duas áreas que eu dominava razoavelmente bem. Após uma entrevista com o professor Maurício, consegui, em março de 2007, uma bolsa de apoio técnico para atuar no Laboratório de Pesquisa em Ensino de Física (LAPEF), na Faculdade de Educação da USP (FEUSP). Anos mais tarde Maurício seria meu orientador no doutorado. Ele acompanhou meus desafios pessoais desde quando cheguei a São Paulo e sempre me incentivou a alçar voos cada vez mais altos, o tenho como um grande amigo desde aquela época.

Tanto as atividades de ensino, enquanto professor concursado do estado de São Paulo, quanto as atividades de pesquisa e extensão, enquanto bolsista e colaborador do LAPEF, ocorreram paralelamente ao mestrado. O professor João Zanetic foi meu orientador no mestrado e me fez (re)conhecer a importância dos trabalhos do educador brasileiro Paulo Freire (1921–1997), além de apontar como eu poderia aprofundar meus estudos em uma perspectiva educacional freiriana. Foram incríveis aqueles anos sob sua

orientação, não tenho como expressar e descrever em palavras meu sentimento de gratidão ao professor Zanetic.

Em 2008, minha trajetória acadêmica foi marcada pela experiência no magistério na educação básica. Após aprovação em concurso, fui convocado para ministrar aulas de Física para alunos do primeiro e do segundo ano do Ensino Médio, em período noturno, na Escola Estadual Professor João Evangelista Costa, localizada em uma periferia da zona sul da cidade de São Paulo. Os desafios enfrentados foram, até então, sem iguais. Deparava-me com questões que envolviam desde indisciplina e rebeldia, até o uso e o tráfico de drogas nos horários de intervalo (apesar do empenho e intenso combate de toda a direção da escola), sem contar as diferenças de faixa etária entre alunos de uma mesma turma, chegando a diferenças de mais de 40 anos de idade. O contato com esse universo, real e tangível, da sala de aula de uma escola pública, localizada em uma região de periferia de uma grande capital, possibilitou-me identificar de forma clara e concisa muito dos elementos que condenam os alunos ao fracasso escolar, independente do conteúdo disciplinar. Pela primeira vez, eu sentia, na pele, que para ensinar não basta saber o conteúdo. Compreendia cada vez mais que para ser um professor, dominar o conhecimento em Física (ou de qualquer outro campo do saber) é necessário, mas não suficiente. Questões de ordem social, psicológica, cultural, econômica, política e até mesmo religiosa entram em

jogo quando se trata da Educação, um cenário extremamente complexo e delicado que exige a presença e a participação de todos os atores da sociedade (pais, alunos, corpo docente, representantes legais, etc.) e em diferentes esferas (familiar, escolar, comunitária, estadual, federal, dentre outras).

Em 2009, devido ao tempo necessário de descolamento para ministrar minhas aulas, somado ao desgaste físico nesse período, precisei solicitar exoneração do cargo de professor do estado de São Paulo, para dar continuidade às pesquisas e às atividades que desenvolvia na USP. Concluí o mestrado em 2010 e não houve pausa para o doutorado, cheguei até a antecipar algumas disciplinas como aluno especial antes mesmo de iniciar o processo seletivo. Saí da residência universitária no ano em que terminei o mestrado, fui morar junto com a minha noiva na época, Paula Bezerra, em uma casa alugada próximo da USP. Casamos no ano seguinte e permanecemos casados por 8 anos. Obrigado também, Paula, por fazer parte dessa etapa importante da minha jornada.

No período em que finalizava o mestrado, por intermédio da minha amiga Lena (Alrenice Cunha de Castro²) e do professor João Arruda, fui indicado para lecionar na

² Lena desencarnou em 09 de novembro de 2021, há alguns anos ela lutava contra um câncer. Ficaram o seu marido, um filho pequeno e muitos amigos conquistados com a sua amizade verdadeira e incondicional. Deixo aqui registrado o meu profundo agradecimento e honra por você, Lena, ter feito parte da minha jornada. *Mande notícias quando puder, minha amiga.*

Faculdade de Engenharia São Paulo (FESP). Foi minha primeira experiência em docência no ensino superior. Sou imensamente grato pela oportunidade e pela confiança que o professor Arruda, a Lena e todo o corpo administrativo da FESP depositaram em mim. Iniciei com algumas aulas de nivelamento em Física Básica aos sábados, uma espécie de aulas de reforço. Aos poucos ganhava mais experiência e me firmava como professor, chegando a lecionar em turmas regulares de Física. Foi então que surgiu uma outra grande oportunidade, um concurso público na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus, Bahia. O concurso exigia apenas o título de mestre e eu já estava finalizando a fase das disciplinas do doutorado, o que implicava em poder continuar a pesquisa do doutorado estando fora da USP. Além disso, alguns dos meus colegas da pós-graduação haviam sido aprovados em concursos anteriores e já lecionavam na UESC, eu não estaria em um território totalmente desconhecido.

Apesar do excelente ambiente de trabalho, de um considerável corpo estável de docentes e funcionários, e do ótimo valor da hora-aula que eu recebia naquela época na FESP, sempre havia o risco de demissão ou de redução do número de turmas, especialmente em decorrência de alguma instabilidade financeira do mercado. Além disso, eu também queria centrar mais em pesquisas acadêmicas na minha área de formação. Assim, me preparei muito para aquele concurso.

Foram cerca de dez temas e montei previamente uma apresentação e um texto síntese para cada um deles. Era apenas uma vaga e houve sete participantes, a maioria muito forte, com excelentes currículos e histórico acadêmico. Acabei não conseguindo boa pontuação na prova didática e no currículo, mas me destaquei na prova escrita que tinha maior peso. Ao contabilizarem os pontos, consegui obter nota final para ser aprovado em primeiro lugar, conquistando aquela vaga.

Permaneci na UESC por dois anos, enquanto simultaneamente dava continuidade ao meu doutorado. Foi um período de grande aprendizado e crescimento profissional, também formei grandes amizades que mantenho até hoje. Já próximo de concluir minha tese, surgiu uma vaga em concurso público na UFRN para professor da área de Ensino de Física. Era algo com que eu já vinha sonhando e para o qual vinha me preparando. Então, me esforcei para concluir o doutorado em tempo de poder participar daquele concurso tão aguardado por mim. Foi um momento bem intenso, ao mesmo tempo precisava dar continuidade às aulas e aos demais compromissos assumidos na UESC, finalizar e defender o doutorado e me preparar para o concurso da UFRN. Defendi o doutorado em 10 de outubro de 2014, em novembro já estava em Natal para prestar as provas do concurso.

Já havia participado de outros concursos antes, em instituições federais e estaduais, mas esse apresentava uma carga emocional maior. Estava de volta ao meu ambiente familiar e à universidade que outrora tão bem me acolhera, minha *alma mater*. Novamente, minha aula didática e currículo não obtiveram pontuações elevadas, mas fiz uma boa prova escrita. Cada etapa era eliminatória e consegui chegar até o final.

Cerca de dois meses depois do processo seletivo da UFRN e de homologada minha aprovação, eu já estava me apresentando para tomar posse do cargo. Ao descobrir qual seria a sala que eu iria ocupar, levei um susto, um susto de felicidade. Ocuparia uma sala ao lado da sala do professor Ranilson, o cliente que eu atendia na época em que eu era garçom. Além de meu cliente e ex-professor na disciplina de Física 1, seria agora meu colega de trabalho e vizinho de sala. Ficamos emocionados com essa “ironia” do destino. Outra “traquinagem” do destino foi quando assumi parte da coordenação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na Física, até então coordenado pela professora Auta Stella. A professora Auta foi também outra pessoa especial que muito me estimulou e me apoiou. A outra parte do PIBID era coordenada pelo professor Ciclamio, aquele mesmo professor que havia me recebido em sua sala e que me convenceu a ingressar no curso de Física, na época do meu Ensino Médio, quando eu matava aulas para visitar a UFRN. Desde que ingressei na

UFRN, como professor, continuo trabalhando com o professor Ciclamio em diversas outras demandas do departamento. Ao se aposentar, o professor Ranilson entregou a sua sala, a qual passou a ser ocupada pelo professor Ciclamio. Dois nomes que no passado me estimularam a ingressar na UFRN e, com o passar dos anos, acabei sendo colega de trabalho e vizinho de escritório. Coincidentemente (ou não), escrevo as últimas linhas desse capítulo justamente no dia em que completa cinco anos da minha posse como docente da UFRN.

Cada indivíduo enfrenta os desafios que lhe surgem de maneira diversa, com base em seus valores, sentimentos, história de vida e etc. Aprendi que não podemos esperar que o outro reaja à determinada situação da mesma forma que nós reagiríamos. O fardo pode até ser o mesmo, mas a forma como cada um o carrega é particular. Inclusive, podemos até escolher não carregá-lo, é um direito nosso, nosso livre arbítrio. Além disso, como li certa vez em uma postagem (autor desconhecido), *“o fato de uma pessoa carregar muito bem um fardo, não quer dizer que ele não esteja pesado”*.

Finalizo esse capítulo com o desejo enorme em meu coração de que o pouco que contei da minha história possa indicar que os diversos tipos de preconceitos, aqueles que tendem a nos limitar e a nos reduzir, não são insuperáveis. Mas nunca esqueça, isso é praticamente impossível se estivermos sós,

isolados, sem as devidas e necessárias oportunidades geradas por familiares, governos (principalmente!), entidades sociais, amigos e demais agentes sociais. Lógico que isso demanda também uma parcela considerável de esforço próprio, quero dizer: de ações verdadeiras que sinalizem o merecer da atenção e do apoio daqueles que estão de prontidão para nos ajudar de diferentes maneiras.

É enorme a lista de pessoas que me ajudaram e às quais sou imensamente grato, basta ler os agradecimentos da minha dissertação de mestrado³ e da minha tese de doutorado⁴. Certamente que, ao longo da minha jornada que apenas se inicia, vários outros nomes ainda serão inclusos nessa lista. Fiz e faço questão de mostrar certas ocasiões pelas quais passei e apontar as diferentes pessoas que me auxiliaram na jornada, para enfatizar esse ponto, ou seja, ***a caminhada deve ser solidária, não solitária***. Não tenha vergonha ou receios de aparentar ser fraco ao precisar de determinada ajuda. Claro, irá se deparar com muitos “Não!”. Mas se puder aproveitar bem a oportunidade de um eventual e escasso “Sim!”, por mais singelo que possa lhe parecer, poderá ser o necessário para lhe erguer e para lhe fazer alcançar voos cada vez mais altos.

³ Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/81/81131/tde-27092010-095727/pt-br.php>. Acesso em: 12 fev. 2020.

⁴ Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-01122014-104322/pt-br.php>. Acesso em: 12 fev. 2020.

EIXO V

É POSSÍVEL!

Conversas sobre o estudar: desafios e possibilidades

Poliana Carneiro de Medeiros Aguirre González

Todo ser humano nasce com potencial para a aprendizagem, todos adquirimos novos saberes, desenvolvemos competências e mudamos de comportamento em qualquer idade ou tempo. As histórias reais contadas neste livro são para você que acredita que não é possível ir muito longe e que seu futuro está fadado ao insucesso ou que a sua vida não pode mudar; é para você que se encontra sem perspectivas e sem rumo profissional; é também para você que tem sonhos a serem realizados, propósitos de vida a serem alcançados e que busca seguir em frente, lutando pelos seus objetivos. Lembre-se: este livro é para você se conectar com a vida, com as possibilidades e se permitir (re)pensar e construir novos caminhos.

Tenho andado pelas escolas públicas e privadas do Rio Grande do Norte, escutando e compartilhando experiências educacionais com estudantes, professores e gestores. Como psicóloga, tanto na área clínica quanto na Educação, atuando há 16 anos com jovens e adultos, concordo com Lo Bianco (2019) quando diz que a Escola também é lugar para discutir e entender sentimentos. Ela é e sempre será lugar de conflitos. E quando falo em escola me refiro a toda e qualquer instituição educativa e de formação humana e profissional.

Escolas, institutos e universidades não são somente lugares de aprender conteúdos para ir bem nas provas. Esse modelo educacional encontra-se ultrapassado diante das novas discussões na Educação sobre a importância e a necessidade dos jovens expressarem e entenderem os sentimentos, a fim de melhorarem a forma como vão lidar com os desafios que a vida vai lhes impor.

O aluno não vai para a escola só para absorver o que o professor escreve na lousa. Ele vai como um ser humano completo, com problemas familiares, dúvidas e emoções. Hoje, um ótimo currículo não consiste em necessariamente só ter boas notas na faculdade ou no colégio. É necessário também ser criativo, ter pensamento crítico e saber trabalhar em equipe. Isso se constrói desenvolvendo as habilidades socioemocionais.

Neste capítulo final, trago algumas orientações, dicas e sugestões para que hábitos saudáveis para o estudo possam ser consolidados e possibilitem não só obter bons resultados, mas principalmente abrir portas e vencer barreiras, as quais, muitas vezes, lhe impedem de enxergar seu verdadeiro potencial.

Esses escritos são recortes de minha história profissional na Psicologia Educacional, considerando o que venho estudando, escutando, acolhendo e produzindo junto aos estudantes universitários participantes do Programa Hábitos de Estudo (PHE) da UFRN, um programa que idealizei e que vem sendo desenvolvido há 8 anos na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. O PHE, a partir de 2019, também começou a desenvolver ações preventivas nas Escolas de Ensino Fundamental e Médio do Rio Grande do Norte.

Durante esse processo, nas conversas com os jovens e adultos, tenho escutado algumas frases corriqueiras, tais como:

- Qual a melhor forma de estudar?
- Estou estudando de maneira correta?
- Meus colegas parecem estudar muito mais do que eu!
- Gostaria de estudar muito mais do que estou estudando!
- Nunca vou passar nessa prova!
- Esta prova/esse desafio não é para mim!
- Não sei nada dessa matéria!

- Meu irmão/primo/amigo entrou na faculdade/se formou/ etc. muito antes de mim!
- Minha família vive me comparando com os outros!
- Como eu queria ser diferente nos estudos!
- Como eu faço para gostar de estudar?

Você se identificou com alguma(s) delas? É muito comum, entre os estudantes, haver essas perguntas ou comparações sobre seus estudos. Em muitos momentos os pensamentos não param e a organização é feita de forma exclusivamente mental. No entanto, é importante registrar o que se está pensando sobre os estudos e também a forma como irá desenvolvê-los. Serão apresentadas a seguir algumas dicas práticas, organizadas de forma objetiva, com quadros de horários, lembretes e conceitos que são importantes para este momento de sua vida.

Estudar, por que e para quê?

Estudamos para aprender o que não sabemos e através do estudo vamos buscar o conhecimento necessário. Quando adquirimos saberes, ninguém nos tira, é eterno. Hoje vivemos num mundo globalizado e rápido, tão rápido que, se não quisermos ficar perdidos no tempo tecnológico, precisamos buscar formação, atualização sobre fatos cotidianos, uma vez que vivemos em uma sociedade competitiva na qual não só o conhecimento é avaliado, mas também a formação obtida.

O estudo faz parte da especialidade que cada ser humano quer atingir. Onde e com quem é possível buscar este caminho, que não seja na escola? Sim, há vários meios para se alcançar nossos objetivos e metas de aprendizado, mas a escola é um caminho que pode nos dar sustentação e amparo, com educadores comprometidos com o futuro dos educandos, preparando-os para a vida, mostrando-lhes a realidade do mundo lá fora.

É preciso entender que o estudo é o melhor investimento que o ser humano pode se dar, sem ele, não teremos “educação”, “qualificação”, “disciplina” e “conhecimento”. Estudamos porque é preciso, porque temos a necessidade de aprender mais e para obter maiores e melhores oportunidades na vida e no trabalho. Dessa forma, estudar traz muitos benefícios para o corpo e para a mente. Dentre os vários benefícios gerados pelo Estudo, eis alguns dos quais considero mais importantes:

- 1. Aprimoramento das habilidades interpessoais:** Quando estudamos, aperfeiçoamos nossa capacidade de dialogar, discutir e de interagir com as outras pessoas. Acessamos informações que permitem entender outros pontos de vista, ampliando ou modificando o nosso. Além disso, estudar permite-nos muitas vezes ampliar nossa percepção de mundo, tornando-nos menos ingênuos e menos preconceituosos em relação à realidade a nossa volta. É entendendo a história do outro que começamos a respeitá-lo;
- 2. Melhoria na capacidade de organização:** Os cálculos matemáticos, por exemplo, ensinam a medir, exatamente, a

velocidade e a distância necessária dos objetos para construir algo significativo, como um edifício. Da mesma forma, os estudos sobre as leis que regem o nosso país nos ajudam a entender melhor como as pessoas vivem dentro de uma sociedade. Se não existissem leis e pessoas dedicadas a elas, a nossa vivência coletiva seria um grande caos. Então, por mais que possamos não perceber, estudar os conteúdos em sequência, com regularidade, revisando e incrementando o conhecimento nos ajuda a entender sobre organização. Não é só no quarto ou no armário que ela aparece, há organização em quase tudo a nossa volta, inclusive em rotinas, como na de ir à aula, por exemplo;

3. **Obter maior nível de resiliência:** Estudar aumenta a nossa capacidade de adaptação. Isso porque a aprendizagem nos capacita a lidar com eventuais adversidades e a superar obstáculos da vida cotidiana. Além de podermos aprender com nossos erros e poder replicar os acertos dos nossos antepassados. As informações que aprendemos podem nos ajudar a ser mais criativos para pensarmos em coisas que ainda não foram feitas;
4. **Aumento da capacidade de interpretação:** Um dos motivos que mais revelam a importância de estudar é o aumento da nossa capacidade de interpretação. Os estudos nos permitem compreender melhor o mundo e todos ao nosso redor. Também conseguimos unir informações de diferentes áreas para construir essa capacidade. Conseguimos entender como elementos, fatos, fenômenos se conectam, e, ainda, perceber quando não fazem sentido; e
5. **Desenvolvimento do pensamento crítico:** Por fim, estudar desenvolve o nosso pensamento crítico, já que é a partir

da aprendizagem que obtemos a capacidade de refletir e, assim, termos opiniões próprias. Sem os estudos para desenvolvermos o nosso pensamento crítico, podemos ser manipulados facilmente, o que é algo bastante prejudicial às nossas vidas. Em resumo, os estudos também ampliam a nossa visão de mundo, aumentam a nossa autoestima e fazem bem à saúde. Sendo assim, mantenha o foco e a organização para criar uma rotina de estudos proveitosa, o que certamente fará a diferença em sua vida.

Como criamos hábitos de estudo?

O livro “O Poder do Hábito” de Charles Duhigg (2012) apresenta resultados interessantes de sua pesquisa sobre a ciência da formação e transformação dos hábitos os quais, segundo o autor, possuem quatro partes:

- **A sugestão:** é o gatilho que, conforme a situação, faz você entrar no modo piloto automático. Pode ser qualquer coisa, como o sinal da escola (é hora do recreio ou terminou a aula!), ou o aroma de comida (é hora do almoço!);
- **A rotina:** é o seu modo piloto automático — o hábito em si, a ação que o seu cérebro costuma executar quando ele recebe a sugestão. As ações no modo piloto automático” podem ser inofensivas, úteis ou em casos extremos, destrutivas;
- **A recompensa:** aqui está a razão para um hábito se desenvolver e permanecer “vivo”, a gratificação imediata. Por exemplo, o hábito de adiar os estudos — procrastinar — é um hábito fácil de desenvolver porque recebemos a recompensa rapidamente. O que é mais agradável, num curto período de tempo, estudar ou bater um papo com o amigo via mensagens no celular?

Com efeito, para evitar a procrastinação nos estudos é imprescindível encontrar formas de recompensar bons hábitos; e

- **A crença:** criamos e desenvolvemos hábitos porque acreditamos neles, é por isso que eles têm poder sobre nós. Por exemplo, você pode achar que nunca será capaz de ter disciplina nos estudos, simplesmente porque acredita nisso. Portanto, para mudar um hábito, você precisará mudar a crença por trás dele. São as pequenas modificações que você faz nesses quatro aspectos dos hábitos, sobretudo, na rotina, que podem transformar sua vida.

E por que é preciso concentrar mais atenção na rotina?

Porque desse modo você usa a força de vontade o menos possível. Ao identificar a rotina, você deve usar a sua força de vontade para mudar sua reação à sugestão. Essa etapa é a única em que você usa a força de vontade.

Imagine que, ao invés de estudar, muitas vezes você muda sua atenção para algo menos penoso, como navegar pela internet. No instante em que você recebeu a sugestão, seu cérebro deseja entrar nessa rotina. Então esse é o ponto crítico no qual você deve usar sua força de vontade para mudar.

A sugestão e a recompensa — para alguns hábitos — podem permanecer inalteradas, mesmo que a rotina mude. No entanto, desenvolver novos gatilhos e recompensas será de grande utilidade para dominar seus hábitos.

Toda mudança de Hábito depende da crença de que você pode fazê-la. Confiar que sua nova forma de agir funciona é obrigatório para criar hábitos de estudo.

Por isso é tão importante conhecer em detalhes os quatro elementos da formação de um hábito e refletir sobre os seguintes aspectos:

- Qual é a sugestão que dispara o gatilho do seu hábito?
- O que você faz (ou pensa) após a sugestão? (rotina)
- O que você tanto deseja? (recompensa)
- Por que você acredita nesse hábito? (crença por trás)

Tenha consciência do momento exato em que você começa a mergulhar no mesmo tipo de atitude (ou pensamento) e anote. Ao identificar esses momentos, você tem a possibilidade de criar um plano eficiente para mudar hábitos de estudo.

Com esses conceitos em mente, você conseguirá organizar seu planejamento com maior qualidade e precisão para obter sucesso, seja no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em provas específicas ou em qualquer outro desafio acadêmico para o qual você esteja se preparando para enfrentar.

Etapas para organizar seus estudos

Passo 1: Identifique seus pensamentos

Existem diversos pensamentos, sentimentos e emoções que passam diariamente pela nossa cabeça. Tudo acontece tão rápido que, muitas vezes, não conseguimos identificá-los. Colocar no papel o que pensamos ajuda a identificar nossos pensamentos e avaliar os que precisam ser modificados. Registrá-los ajuda a distinguir diferentes situações na vida que ativam diversos pensamentos, gerando diferentes emoções e comportamentos.

A seguir apresento o **Exercício A-B-C** como sugestão para que você possa aplicá-lo em seu dia a dia (**Figura 1**).

Figura 1 – Modelo do Exercício A-B-C.

A Situação ativadora ↓ Gatilhos	B Pensamentos automáticos ↓ Crenças	C Consequências emocionais, comportamentais e físicas
Estudar	Será que vou conseguir?	Não estudar
Ir à aula	Será que sou competente?	Não prestar atenção

Fonte: Adaptado do Planner do Estudante (JOSÉ, 2019).

- A** – Estudar, discutir a matéria com um amigo, assistir a uma aula são situações ativadoras, os “gatilhos” que acionam os pensamentos. Um **A** é o que uma filmadora captaria se estivesse filmando a cena. A filmadora não interpreta o que vê, simplesmente filma.
- B** – Todo e qualquer momento da vida faz a gente ter os mais variados pensamentos, os quais podem ser agradáveis, desagradáveis ou neutros. Segundo o modelo cognitivo são os pensamentos que levam às emoções, isto é, as emoções são decorrentes ou, no mínimo, influenciadas pelos pensamentos.
- C** – São as consequências, o que decorre do que pensamos. Normalmente é mais fácil identificar as emoções, especialmente as negativas ou desagradáveis.

Agora é com você! Analise as situações em sua vida, suas crenças e o que você sente. Monte um quadro como o modelo acima e você conseguirá identificar muitos dos seus pensamentos e modificá-los.

Passo 2: Visualize seus objetivos

Ter metas e objetivos de vida é fundamental para o crescimento tanto profissional quanto pessoal. São eles que norteiam nossas rotinas e nos motivam no dia a dia. Também é a maneira mais eficaz de transformar os sonhos em realidade.

Entretanto, só defini-los não basta. É essencial trabalhar para alcançá-los. E é justamente neste ponto que muita gente se perde. Quantas vezes você fez listas com novas metas e objetivos de vida para o próximo ano ou próximo mês, e, no fim, nem sequer lembrou onde guardou as anotações para acompanhar o seu progresso?

De forma geral, toda meta constitui um objetivo, mas nem todo objetivo é uma meta. A principal diferença entre os dois é que as metas são quantitativas, já os objetivos são qualitativos. Se ter metas específicas e desafiadoras é o que nos dá motivação no dia a dia, qual, afinal, é o propósito de ter objetivos? Assim como as metas, os objetivos são responsáveis por dar sentido à vida.

Temos infinitas opções do que fazer na vida e também do que ser na vida: a escolha da profissão durante o colégio, por exemplo, é um objetivo. Criamos o objetivo de nos tornarmos juízes, jornalistas, psicólogos, bombeiros, policiais... Às vezes nos desviamos do caminho escolhido e fazemos escolhas ruins, mas, mesmo assim, continuamos com nosso livre-arbítrio para tomarmos novos rumos.

Por serem tão relevantes e terem uma infinidade de alternativas, metas e objetivos por vezes causam angústia às pessoas. É importante não fugir dessas escolhas e conseguir tomar o rumo da própria vida. Se precisar de ajuda, recorra ao suporte de um profissional.

Agora que você compreendeu a diferença conceitual entre metas e objetivos, chegou a hora de dar o próximo passo e definir alguns objetivos para a sua vida. Mas em meio a tantos sonhos e projetos, como definir aqueles que merecem de fato se tornar metas? No **anexo 1**, há um modelo do PHE, González (2019), para traçar objetivos e metas nas áreas de sua vida. A seguir, veja as orientações que podem lhe ajudar no processo (**Quadro 1**).

Quadro 1 – Orientações que podem auxiliar na definição das metas.

1. Conheça seus princípios.	Busque entender a razão pela qual você traçou tais metas e objetivos.
2. Saia da zona de conforto.	Se permita ousar em seus objetivos. Não tenha medo de assumir o que deseja. Muitas das criações inovadoras da humanidade não teriam saído da cabeça de seus criadores, se eles tivessem se contentado com a zona de conforto
3. Saiba do que você está disposto a abrir mão.	Entender o que é prioridade para você é importante para manter a disciplina necessária para alcançar os objetivos.

<p>4. Tenha clareza ao estabelecer suas metas.</p>	<p>Encontrados os objetivos, dedique algum tempo para estabelecer suas metas com clareza. Fica muito mais fácil visualizar o futuro quando há uma ideia clara daquilo que se deseja.</p>
<p>5. Divida as metas em curto, médio e longo prazo.</p>	<p>Pense em prazos de 1, 5 e 10 anos para as suas metas. Isso ajudará a dar um rumo às suas ações e a definir prioridades. Com o tempo, suas metas podem mudar e podem precisar de um novo prazo, desde que não seja resultado da procrastinação.</p>
<p>6. Defina as metas entre <i>Ser</i>, <i>Fazer</i> e <i>Ter</i>.</p>	<p>As metas <i>Ser</i> são fundamentais para o sucesso das metas <i>Fazer</i> e <i>Ter</i>. As metas <i>Fazer</i> são simples: fazer exercício físico, cursos, estudar mais... envolvem planejamento de custos e de tempo, além de um prazo. Elas estão ligadas a pessoa que você é, então não deixe de priorizar as metas <i>Ser</i> antes das metas <i>Fazer</i>.</p>
<p>7. Faça um quadro de visão.</p>	<p>Nesta etapa você deverá ter traçado suas metas entre <i>Ser</i>, <i>Fazer</i> e <i>Ter</i>. Encontre imagens que simbolizem os três tipos de metas descritas acima e deixe-as em um local visível. O quadro de visão fará com que você tenha mais foco para atingir suas metas. Crie também um quadro reunindo imagens de todas as metas na sua casa, para encará-las no dia a dia.</p>

Fonte: Autoria própria.

Passo 3: Planeje e organize seus estudos

No planejamento e na organização dos estudos é fundamental levar em consideração:

- Os conteúdos das disciplinas, avaliando de quais você mais gosta, bem como aqueles de que menos gosta e os que lhe são neutros. É recomendável que se faça uma análise por disciplinas, avaliando os pontos fortes e fracos, afinidades e dificuldades;
- Registre o que você realmente está conseguindo estudar e avalie, durante uma semana, sua rotina de estudos, anotando o tempo de estudo, o conteúdo que você está estudando, os intervalos e assim por diante. É importante também observar os pensamentos e sentimentos que teve durante o processo. Tais informações podem ser inseridas em um quadro como o ilustrado a seguir. A partir dele você poderá comparar o real com o ideal.

Dia	Tempo de Estudo	Conteúdo	Pensamentos e Sentimentos
Segunda			
Terça			
Quarta			
Quinta			
Sexta			
Sábado			
Domingo			

- A forma de estudar é individual, pois cada um tem seu jeito de produzir mais. O planejamento deve ser feito a partir de duas matérias por dia. Dessa forma, você terá um melhor rendimento. O importante é que tenha bem claro qual é a sua organização para cumpri-lo. Cabem aqui algumas perguntas para nortear seu planejamento:

✓ Conferi todas as matérias de acordo com o edital do concurso ou provas? Em quais eu vou precisar mais de ajuda? Este conteúdo, vou dividi-lo em quantas partes? Ele cabe no meu horário de estudo? Minhas metas são viáveis? Já sei quais são as duas matérias que irei alocar por dia? Estou bem planejado? Tarefa dada será tarefa cumprida? Como irei me “gratificar” após cada meta atingida? Por que estou estudando? Quero ou não quero passar? Este planejamento é meu ou alguém o impôs a mim?

ATENÇÃO! Muitas vezes nos cobramos um grande volume de estudos sem levar em consideração o tempo previsto para tal. Pense na sua rotina e seja realista para que você não se sinta desmotivado(a)! No Programa PHE/UFRN, utilizamos como sugestão, nos acompanhamentos individuais, três métodos de estudos organizados por González (2019), podendo o aluno optar por um deles para incluir no seu Plano de Estudos (diário, semanal ou mensal) ou utilizar qualquer outro método de sua preferência (**Figura 2**).

Figura 2 – Três métodos de estudos para acompanhamentos individuais.



Fonte: González (2019).

Passo 4: Diário de estudos – Hora de praticar

Esse é o momento de colocar o planejamento em prática, criando um diário de estudos como sugere Azzi e colaboradores (2012) para que você tenha uma visão clara do seu desempenho e possa verificar o que realmente conseguiu produzir no dia, semana ou mês. Esteja atento às técnicas que funcionam melhor para você, os horários em que é mais produtivo e os pensamentos disfuncionais que possam estar se repetindo, como, por exemplo: “Este estudo não é para mim”; “Não vou dar conta de todo o conteúdo”; “Nunca vou passar nessa prova”; “Todos passam, menos eu!”; “Os outros são mais inteligentes!”; “As pessoas conseguem estudar durante 12 horas, e eu não consigo!”; “Não adianta, não tenho foco!”. Como diz Rosário, Núñez e Conzález-Pienda (2017) e

Zimmerman (1986; 2008) tenha sempre em mente seus objetivos **CRAVA** - **C**oncretos, **R**ealistas e **A**valiáveis, porque desta forma você poderá transformar seus pensamentos disfuncionais em funcionais para que o seu planejamento possa ser cumprido.

Outras dicas importantes

- Alimente-se de forma saudável. Estudos mostram que alguns alimentos contribuem para a saúde do cérebro, e que podem contribuir na fixação de conteúdo e potencializar o rendimento (CARVALHO, 2015). Existem alimentos que auxiliam na concentração e no bem estar, e outros que trazem fadiga, ansiedade e até desconforto, por isso é preciso saber escolher para ter disposição durante o período de estudo;
- Dormir bem é essencial, uma vez que durante o sono restabelecemos a capacidade de estudos. Nele você não somente descansa, como também equilibra o seu humor. Então, durma o suficiente para você descansar e ter um bom rendimento no outro dia;
- Faça alguma atividade física. O estudo faz com que você fique muito sentado, algumas vezes em posição incômoda. Fazer alongamento entre os turnos de estudo ajuda muito na melhoria da qualidade do processo de aprendizado. Manter atividade física regula e auxilia no equilíbrio; e
- Melhorar a memória ainda é um grande desafio para os pesquisadores, mas o que sabemos é que alimentação, sono e atividade física são fundamentais para um aumento da sua capacidade de memorização. Grande parte das pesquisas mostra a necessidade de se fazer pausas durante os períodos de estudo. No PHE recomendamos intervalos 10 a 15 minutos

para descanso ativo como: fazer alongamento, ir ao banheiro, comer algo, entre outros.

No momento do descanso é importante não ficar pensando nem mexendo em material de estudos. O objetivo é desviar o foco de pensamento para que a sua memória continue absorvendo aquilo que foi estudado. Esse descanso é como se estivesse salvando na memória o conteúdo estudado. Muitas vezes, o costume é ir estudando sem muito tempo para descansar, mas o que ficará memorizado, provavelmente, será o que você leu no início e no final, e o “recheio” se perderá.

Não é necessário ser rígido com esse tempo de estudos e de descanso ativo, mas é sim necessário fazer essas paradas.

1. Dividir as tarefas em partes menores torna mais fácil seu gerenciamento;
2. Estabelecer prazos internos para você mesmo parece funcionar melhor do que os limites impostos externamente;
3. Eliminar os *distratores* internos e externos contribui para manter o foco;
4. Tente encarar o que precisa fazer pelo lado positivo que a atividade tenha ou do que dela possa advir como consequência; e
5. A hora de começar é agora. Então mãos à obra!

Para finalizar, fica a mensagem: para vencer é necessário aprender, ou seja, por mais que o caminho seja cansativo ou, aparentemente, sinta que não vai te levar a lugar nenhum, **estudar é a chave** para grande parte das oportunidades que surgirão no seu futuro. Simplesmente, faça! Por mais que você se sinta perdido no início, não desista. Lembre-se: mesmo que a sua meta não funcione do jeito que você imaginava, não significa que fracassou. Aprenda com o que deu errado, trace um novo caminho e continue em frente!

Sugestão de aplicativos e sites para organizar e auxiliar os estudos

Estudar nem sempre é uma tarefa fácil. Na maioria das vezes, exige muita dedicação, pesquisa e, especialmente, força de vontade. Em todas as listas sobre dicas de estudos, a organização aparece como um dos principais itens. Criar um cronograma que inclua revisão dos conteúdos, leitura e realização de exercícios é uma atitude simples, que traz grandes resultados no aproveitamento dos estudantes.

Para facilitar esse momento da vida de estudante, alguns aplicativos podem ajudar no momento de fazer tarefas, estudar para provas, para concursos públicos, estudar idiomas, fazer simulados de Enem e muitas outras opções. Para isso, confira a seguir algumas sugestões de aplicativos gratuitos que podem ser utilizados como aliados no processo de estudo.

Segue também sugestão de dois sites (*YouTube Edu* e *Khan Academy*) que disponibilizam gratuitamente videoaulas e materiais diversos que podem auxiliar nos estudos. Todos indicados por ordem alfabética.

APROVADO: Disponível para Android e iOS, é um aplicativo gratuito para concursos, Enem e demais vestibulares. A plataforma permite que o usuário gerencie as suas horas de estudos, tenha acesso a gráficos e relatórios da sua evolução e crie cronograma de estudos. Além disso, o estudante pode compartilhar o seu histórico de estudo, programar alarmes para ser avisado sobre atividades que devem ser finalizadas e visualizar seu histórico no celular ou computador. Disponível em: <https://aprovadoapp.com/>. Acesso em: 05 abr. 2020.

EASYSTUDY: Disponível para Android e iOS, este é um aplicativo para organizar os estudos em português, com funções que auxiliam o estudante em sua rotina. Na plataforma é possível criar um planejamento diário de estudos e também organizar os estudos por sessões, matérias ou temas. O app possui um sistema de notificações que sempre avisa o quê e quando o aluno precisa estudar. Disponível em: <http://www.easystudy.com>. Acesso em: 05 abr. 2020.

EVERNOTE: é um aplicativo que funciona em Smartphones e computadores. A plataforma auxilia na organização dos

estudos, trabalho e rotina pessoal. O aplicativo possibilita criar tarefas, anotações, agendar compromissos além de disponibilizar um espaço para armazenamento e organização de fotos, documentos e arquivos. O Evernote é gratuito e está disponível para Android e iOS. Disponível em: <https://evernote.com/intl/pt-br>. Acesso em: 05 abr. 2020.

EXAM TIME: é um aplicativo gratuito que tem como objetivo oferecer ferramentas de plano de estudos gratuitas, organização de notas e questionários sobre conteúdos de diferentes matérias. Outra funcionalidade interessante do app é a possibilidade de discussão de ideias e dúvidas em grupo, com outros usuários da plataforma. Disponível em: <https://www.goconqr.com/pt-BR/examtime/>. Acesso em: 05 abr. 2020.

GOOGLE DRIVE: Vida de estudante é ter arquivos espalhados pelo e-mail, pastas no computador e Pen drives. Administrar tantas plataformas sempre causa alguma confusão e a solução pode ser o Google Drive. A ferramenta pode ser acessada no celular ou computador e o usuário pode organizar pastas com diferentes tipos de arquivos, criar documentos, planilhas e apresentações a partir do aplicativo e ter acesso a eles sempre que necessário. Disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.google.android.apps.docs&hl=pt_BR. Acesso em: 05 abr. 2020.

KHAN ACADEMY: A Khan Academy oferece exercícios, vídeos de instrução e um painel de aprendizado personalizado que habilita os estudantes a aprender no seu próprio ritmo dentro e fora da sala de aula. Abordamos Matemática, Ciência, Programação de computadores, História, História da arte, Economia e muito mais. Nossas missões de Matemática guiam os estudantes do jardim de infância até o Cálculo, usando tecnologias adaptativas de ponta que identificam os pontos fortes e lacunas no aprendizado. Também temos parcerias com instituições como a NASA, o Museu de Arte Moderna, a Academia de Ciências da Califórnia e o MIT para oferecer conteúdo especializado. Disponível em: <https://pt.khanacademy.org>. Acesso em: 05 abr. 2020.

MYSTUDY LIFE - SCHOOLPLANNER: O aplicativo conta com funções versáteis para facilitar a vida dos estudantes. Na plataforma o usuário pode armazenar aulas, agendar trabalhos e exames, criar calendário de estudo, entre outros. O aplicativo é gratuito, mas só está disponível em inglês. No entanto, conta com um ambiente intuitivo e de fácil acesso. Disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.virblue.mystudylife&hl=pt_BR. Acesso em: 05 abr. 2020.

PARTIU REVISAR: Quem nunca teve a sensação de esquecer os conteúdos estudados? O Partiu Revisar possui um sistema de agendamento de revisões de diferentes conteúdos relacionados

a concursos públicos, Enem e demais vestibulares, OAB, entre outros processos. Disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=info.andersonsoares.partiurevisar&hl=pt_BR. Acesso em: 05 abr. 2020.

YOUTUBE EDU: O projeto é uma parceria entre a Fundação Lemann e o Google, para a criação de uma página exclusiva do YouTube, na qual professores, gestores e alunos podem encontrar conteúdos educacionais gratuitos e de qualidade, em Português. Os conteúdos disponíveis são voltados para os níveis de Ensino Fundamental e Ensino Médio, englobando as disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências (Química, Física e Biologia), História, Geografia, Língua Espanhola e Língua Inglesa. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCs_n045yHUiC-CR2s8AjIwg/about. Acesso em: 05 abr. 2020.

Alguns filmes também podem ajudar

Manter uma rotina de estudos é um desafio e, muitas vezes, nos vemos inclinados a desistir no meio do caminho. Nesse caso, nada mais vantajoso do que aproveitar seus momentos de lazer para, de quebra, se motivar. Pensando nisso, sugiro a apreciação de filmes motivacionais que vão lhe ajudar a descansar e, ao mesmo tempo, darão ânimo e força para que você continue firme em seu propósito de vida nos estudos.

Confira a seguir algumas sugestões de filmes (listados por ordem alfabética).

- A menina que roubava livros (2013)
- À procura da felicidade (2006)
- A Teoria de Tudo (2014)
- Apenas uma chance (2013)
- Coach Carter – Treino para a vida (2005)
- Corrida para lugar nenhum (2010)
- Dois filhos de Francisco (2005)
- Escritores da liberdade (2007)
- Estrelas além do tempo (2016)
- Homens de honra (2000)
- Invictus (2009)
- Na natureza selvagem (2007)
- O homem que viu o infinito (2015)
- O jogo da imitação (2014)
- O menino que descobriu o vento (2019)
- Quem quer ser um milionário? (2008)
- Radioactive (2019)
- Sociedade dos poetas mortos (1990)
- Um sonho Possível (2009)
- Uma lição de vida (2010)

- Uma mente brilhante (2002)
- Vidas cruzadas (2011)
- Whiplash: em busca da perfeição (2014)

Referências Bibliográficas

AZZI, R. G.; DANTAS, M. A.; BENASSI, M. T.; GUERREIRO-CASANOVA, D.; MACIEL, A. C. **Conversas do Elpídio sobre o estudar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

CARVALHO, Mayra. Saúde – **Alimentação Saudável**: uma aliada aos estudos. Conheça os alimentos que podem ajudar na fixação de conteúdo e potencializar o seu rendimento. 2015. Disponível em: <https://www.estrategiaconcursos.com.br/blog/saude-alimentacao-saudavel-uma-aliada-aos-estudos>. Acesso em: 10 jul. 2019.

DUHIGG, Charles. **O Poder do Hábito**: Por que fazemos o que fazemos na vida e nos negócios. Tradução de Rafael Mantovani. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GONZÁLEZ, P.C. de M. A. (Org.). **Cadernos de Orientação Educacional para universitários**: materiais de intervenção do Programa Hábitos de Estudo. Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFRN, 2019.

JOSÉ, Fernando Elias. **Planner do estudante**: agenda cognitivo-comportamental para o sucesso em provas. Nova Hamburgo: Sinopsys, 2019.

LO BIANCO, Caio. “Escola também é lugar para discutir e entender sentimentos”. 2019. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento.escola-tambem-e-lugar-para-discutir-e-entender-sentimentos-diz-educador,70002676074>. Acesso em: 12 out. 2019.

ROSÁRIO, P.; NÚÑEZ, J. C.; CONZÁLEZ-PIENDA, J. **Cartas de Gervásio ao seu Umbigo**: comprometer-se com o estudar na universidade. Coimbra: Almedina Editores, 2017.

ZIMMERMAN, Barry J. Goal Setting: A Key Proactive Source of Academic Self-Regulation. In D.H. Schunk, B. J. Zimmerman (Eds). **Motivation and Self-Regulated Learning**. Theory, Research, and Applications, p.267-295. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2008.

ZIMMERMAN, B. J. & MARTINEZ-PONS, M. Development of structured interview for Assessing Student use of Self-Regulated Learning Strategies. **American Educational Research Journal**, v.23, p. 614-628, 1986.

ANEXO 1 - MODELO DE PLANO DE OBJETIVOS E METAS

Áreas profissional, pessoal, familiar, espiritual

Para cada área (Profissional, Pessoal, Familiar e Espiritual) é colocado um objetivo e planejadas as metas à curto, médio e longo prazo. O modelo abaixo, desenvolvido por González (2019) é um exemplo para a área profissional. Você pode utilizar o mesmo modelo para as outras áreas e também alterar o tempo para mais anos, quando necessário.

Objetivo: <input type="text"/>		
CURTO PRAZO - 15 DIAS	MINHAS METAS	Área: <input type="text"/>
Meta:	Data:	Missão cumprida <input type="checkbox"/>
Tarefas para alcançá-la:		<input type="checkbox"/>
<hr/>		<input type="checkbox"/>
Autoavaliação:		

MÉDIO PRAZO - 6 MESES

Meta:	Data:	Missão cumprida <input type="checkbox"/>
Tarefas para alcançá-la:		<input type="checkbox"/>
_____		<input type="checkbox"/>
Autoavaliação:		

LONGO PRAZO - ACIMA DE 1 ANO

Meta:	Data:	Missão cumprida <input type="checkbox"/>
Tarefas para alcançá-la:		<input type="checkbox"/>
_____		<input type="checkbox"/>
Autoavaliação:		

Fonte: Adaptado do material desenvolvido pelo Programa Hábitos de Estudo.

POSFÁCIO

Quando me desespero, lembro-me de que em toda a História a verdade e o amor sempre venceram. Houve tiranos e assassinos e, por um tempo, pareciam invencíveis mas, no final, sempre caíram. Pense nisso! Sempre.

Mahatma Gandhi

Prezada leitora, Prezado leitor,

Esta obra envolveu relatos autobiográficos de pessoas que me foram aparecendo de forma ocasional. Algumas delas me foram apresentadas por indicação de outras pessoas, próximas ao meu meio pessoal ou profissional. Algumas das histórias e pessoas eu só conheci após o início desse

projeto de resgate da memória de egressos da UFRN (um dos critérios que adotei para selecionar os relatos). Assim, não posso deixar de agradecer expressamente à Izabel Souza do Nascimento, Ivanise Cortez de Sousa Guimarães, Nathália Caroline dos Santos Rosa, Jeanete Alves Moreira, André Ferrer P. Martins, José Maria Caldas, Antônio Luiz e à Márcia Gorette Lima da Silva. Obrigado pelas contribuições para que eu pudesse iniciar a construção desta rede de colaboradores e a organização desta obra.

Agradeço também à Patrícia Adna Eschevani Takehisa, pelo inestimável trabalho de revisão textual, e ao cartunista Marcos Manzi, pela criação e autorização de uso da expressiva e significativa caricatura do educador brasileiro Paulo Freire, com a qual abro esta obra. A meu ver, essa caricatura de Paulo Freire ilustra muito bem a importância da educação como prática da liberdade, da luta para romper as algemas da ignorância e da estupidez humana. Não posso deixar de agradecer ainda ao nosso secretário do PPGECONM, Daniel Carvalho Soares. Muitas vezes confundido como o nosso verdadeiro “chefe”, Daniel sempre está de prontidão para nos auxiliar nas mais diferentes demandas administrativas e burocráticas.

Não pretendo limitar o projeto apenas à publicação deste livro. Em parceria com os demais autores, pretendo promover

palestras e conversas de orientação e de valorização dos estudos para estudantes de diferentes faixas etárias e regiões, com destaque para escolas da periferia e do interior do Rio Grande do Norte. A meu ver, essa ideia se mostrou muito mais necessária e urgente após falas do atual e de ex-ministros da educação do atual governo brasileiro que, direta ou indiretamente, desestimulam os estudantes (especialmente os de maior vulnerabilidade social) a seguir nos estudos.

As histórias de vida e relatos autobiográficos que você pôde conhecer ao longo dos capítulos desta obra representam uma parcela diminuta de um universo de pessoas que lutaram ou que ainda lutam para conquistar suas metas pessoais e/ou profissionais. Os desafios e as oportunidades mudam constantemente, marcando épocas e locais. Atualmente, no contexto educacional público brasileiro, por exemplo, o ano letivo de 2020 foi praticamente extinto, com precárias e improvisadas aulas em modo remoto, na maioria das escolas.

Seguimos para o término da primeira metade do ano de 2021 também com o ensino público em uma espécie de apagão, desde a educação básica ao ensino superior. As desigualdades sociais e de oportunidade foram ainda mais aprofundadas. Para a atual geração, principalmente as das classes sociais menos favorecidas, estudar nunca foi tão desafiador. As feridas deixadas pela pandemia causada pelo vírus SARS-CoV2, em

países como o Brasil, são profundas e tudo indica que vão demorar a cicatrizar, especialmente no cenário educacional.

Infelizmente, os índices de evasão e de abandono escolar aumentam cada vez mais, em todos os níveis de escolaridade e faixas etárias. No “Dia da Educação”, em 28 de abril de 2021, a presidente-executiva e cofundadora da organização “Todos Pela Educação”, Priscila Cruz, postou o seguinte *twitter*: “União pela educação. Evasão escolar explodindo, aprendizagens perdidas, vínculo com as escolas enfraquecido, desigualdade educacional ampliando. Quem mais paga esse preço? Os alunos mais pobres. Quem vai pagar por gerações? As famílias mais pobres.”¹. Enfrentar essa situação demanda esforços de todas as esferas da sociedade.

Conforme notamos claramente em diversas das narrativas desta obra, as políticas públicas de apoio social e educacional foram cruciais para que a jornada daqueles que nos contam suas histórias não fosse interrompida. É necessário que esses projetos permaneçam e sejam aperfeiçoados, ampliando as oportunidades e o impacto social.

O futuro próximo da educação no Brasil não é animador. Todavia, não podemos esquecer das palavras de Paulo Freire em sua obra “Pedagogia da Autonomia” ...

¹ Fonte: <https://twitter.com/PriscilaFCruz/status/1387520067596849159>. Acesso em: 28 abr. 2021.

O que devo pretender não é a neutralidade da educação mas o respeito, a toda prova, aos educandos, aos educadores e às educadoras. O respeito aos educadores e educadoras por parte da administração pública ou privada das escolas; o respeito aos educandos, assumido e praticado pelos educadores não importa de que escola, particular ou pública. É por isto que devo lutar sem cansaço. Lutar pelo direito que tenho de ser respeitado e pelo dever que tenho de reagir a que me destratem. Lutar pelo direito que você, que me lê, professora ou aluna, tem de ser você mesma e nunca, jamais, lutar por essa coisa impossível, acinzentada e insossa que é a neutralidade. Que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez, mas hipócrita, de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? “Lavar as mãos” em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele. Como posso ser neutro diante da situação, não importa qual seja ela, em que o corpo das mulheres e dos homens vira puro objeto de espoliação e descaso?



Natal, RN. Brasil.
28 de abril de 2021.

Prof. Dr. Milton Schivani
Departamento de Física da UFRN
(Organizador)



Este livro foi produzido
pela equipe da EDUFRN
em janeiro de 2022.

